

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

VICTOR SÁ RAMALHO ANTONIO

PASSE PARA TRÁS!
OS PRIMEIROS ANOS DO RÚGBI EM SÃO PAULO
(1891-1933)

VERSÃO CORRIGIDA

ORIENTADOR: Prof. Dr. Flávio de Campos

São Paulo, 2017

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTORIA SOCIAL

PASSE PARA TRÁS!

OS PRIMEIROS ANOS DO RÚGBI EM SÃO PAULO

(1891-1933)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em História Social

VICTOR SÁ RAMALHO ANTONIO

ORIENTADOR: Prof. Dr. Flávio de Campos

São Paulo, 2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

A635p Antonio, Victor Sá Ramalho
Passe para trás! Os Primeiros Anos do Rúgbi em São Paulo (1891-1933) / Victor Sá Ramalho Antonio ; orientador Flávio de Campos. - São Paulo, 2017. 208 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de História. Área de concentração: História Social.

1. História do Esporte. 2. Primeira República. 3. História do Brasil. 4. Rugby. I. Campos, Flávio de, orient. II. Título.

Agradecimentos

Esta pesquisa de mestrado está intimamente ligada ao meu percurso dentro da Universidade de São Paulo, muito além dos estudos acadêmicos. Na minha formação como historiador e cidadão, a Faculdade de História e o rúgbi desempenharem ambos papéis fundamentais que sinto retribuir unindo, de forma crítica, nestas páginas.

Agradeço ao Prof. Dr. Flávio de Campos, meu orientador, por todo o apoio, incentivo, confiança e carinho neste percurso como pesquisador, desde muito antes de iniciar este trabalho. A oportunidade de trabalhar no LUDENS, o Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol e Modalidades Lúdicas da USP, e fazer parte de projetos relacionados ao esporte, como o “Brasil na Arquibancada”, foram determinantes para que eu iniciasse esta pesquisa.

Com isso, agradeço a todos os membros do LUDENS pelo apoio e amizade neste período importante de minha vida, sempre alimentando minha pesquisa com ideias e questionamentos essenciais. Em especial, agradeço aos professores Marco Antonio Bettine de Almeida, Sérgio Settani Giglio, João Manuel Casquinha Malaia e Enrico Spaggiari pela proximidade com esta pesquisa, ao Willian Maranhão, por sempre dar todo o suporte dentro do laboratório, essencial para o andamento deste trabalho, e a todos os pesquisadores que iniciarem comigo esta trajetória, desde o “Brasil na Arquibancada” ou não: Breno Macedo, Bruno Jeuken, Guilherme Manzoni, Luiz Burlamaqui e todos(as) os(as) que dividiram conosco grandes momentos no LUDENS.

Agradeço também aos meus colegas e amigos do LEIR-MA, o Laboratório de Estudos sobre o Império Romano e Mediterrâneo Antigo da USP, sob a coordenação do Prof. Dr. Norberto Luiz Guarinello, com quem comecei minha trajetória acadêmica, na Iniciação Científica e no início de um trabalho de mestrado que me instigava muito, sobre a cidade de Pompeia, que, infelizmente, tive que interromper para dar mais atenção à vida familiar, em momento incontornável. Devo muito ao LEIR-MA.

Neste percurso não posso deixar de agradecer e, inclusive, de dedicar este trabalho a Thiago Kater Pinto, o “Taubaté”, grande amigo do rúgbi, historiador e membro do LUDENS, sem o qual nada desta pesquisa seria possível. Junto de Thiago, percorri um longo caminho de coleta de documentação para trabalhar a história do rúgbi no país e, certamente, parte deste trabalho também é dele.

Nessa trajetória, agradeço também em especial outros dois amigos do esporte, Diego Gutierrez e Renan Galiano, que participaram ativamente desse processo de coleta de materiais e de discussão sobre o tema deste trabalho. Igualmente, agradeço ao amigo geógrafo Gerson de Freitas, meu ex capitão nos tempos que jogava rúgbi, que me auxiliou na produção cartográfica. Evidentemente, junto deles, alimentando diariamente minha paixão pelo esporte, agradeço a Daniel Venturole, amigo especial, abnegado no trabalho pela memória do rúgbi brasileiro, a Pedro Mantovani, Luis Kolle e a outros parceiros e dedicados colaboradores do “Portal do Rugby”, bem como a todos meus amigos do Rugby FFLCH-USP e aos amigos de outras partes do mundo “ovalado”.

Nada disto seria possível em Virgílio Franceschi Neto, outro amigo do rúgbi, que me incentivou desde o início a estudar a história do esporte e que abriu as primeiras portas com os primeiros contatos na busca de documentação. Foi Virgílio que me apresentou a César Alves, veterano do rúgbi brasileiro, e uma das pessoas mais importantes para que este trabalho fosse possível. César, sempre me dizendo para “buscar mais de um ponto de vista sobre tudo”, inclusive sobre o que ele próprio viveu no rúgbi, me presenteou com sábias palavras e muitas estórias, que expandiram meus horizontes sobre a modalidade. E sem César Alves eu não teria conhecido Jean Rheims, esposa do falecido Leon William Rheims. Jean abriu as portas de sua casa por meses para que eu, Thiago e Renan pudéssemos vasculhar os arquivos de “Bill” em busca da documentação da antiga Associação Brasileira de Rugby. Este trabalho é dedicado a “Bill” e Jean, sem os quais documentos valiosos sobre o passado do rúgbi no Brasil estariam provavelmente perdidos. Parte do material que “Bill” guardava foi doada por Jean ao LUDENS, abrindo portas para que novos trabalhos sejam feitos no futuro.

O problema de todas as páginas de agradecimento é a injustiça de esquecer pessoas e instituições. Tive o apoio de muito mais pessoas nesse período, sobretudo de veteranos do rúgbi, como João Nogueira, Jairo Pastorelli, Diego Padilla, Robert “Bob” Smith, Ian Turnbull, Timothy Baines, Beto Gouvêa, entre outros. E ao amigo Tércio Corá, fundador do *site* Rugby Mania, que também trabalhou pela memória do rúgbi nacional.

Agradeço também ao apoio que veio de dentro das instituições – e de seus funcionários – onde trabalhei, isto é, da FFLCH, da Confederação Brasileira de Rugby e da ESPN (um agradecimento especial a Gabriela Andrade, que me levou para a emissora e inclusive produziu uma série de reportagens que mostraram o trabalho sobre o rúgbi desenvolvido no LUDENS), e onde pesquisei, como o Museu do Futebol (com uma nota

especial de agradecimento a Ademir Tanaka, da biblioteca do Centro de Referência do Futebol), o São Paulo Athletic Club, o Club Atlético Paulistano, as várias bibliotecas e arquivos (FFLCH, da EEFÉ, da EACH, a Mário de Andrade). Agradeço também o SESC Belenzinho, onde tive a oportunidade de contribuir com uma exposição sobre a história do rúgbi no Brasil, no início de 2016, expondo parte da documentação desta pesquisa.

Ao final, e da forma mais especial, deixo minha gratidão à minha família. Camila, que esteve comigo durante todos os momentos, felizes ou tristes, sendo a primeira sempre a guiar minhas ideias. Minha mãe, fonte eterna de inspiração, a pessoa mais virtuosa e minha fonte primeira de pensamento crítico. Meu pai, que me ensinou a amar a busca pelo conhecimento, pelas Ciências Humanas e que, mesmo não estando hoje aqui para dividir este momento, foi quem me conduziu até aqui. Meus avós, em especial meu avô corintiano, que pode ter tido um neto palmeirense, mas que lhe ensinou nas mais singelas atitudes o que é o amor ao esporte em sua melhor faceta. “Tenha sempre espírito esportivo”, falava ele dirigindo seu táxi todos os dias. Aos meus sogros e cunhado, que me acolheram sempre com carinho. E aos meus amigos mais íntimos, Cadu, Fábio e Fabio, Sang, Bruna, Nat, Bia e Ana, que são desde a infância os irmãos e irmãs que não tive.

Resumo

Esta pesquisa teve por objetivo analisar a prática do rúgbi em São Paulo em seu período inicial (1891-1933) e fornecer elementos para se questionar as barreiras à sua difusão durante o período da Primeira República, em contraste com o futebol. O trabalho consistiu na identificação e análise de fontes jornalísticas e de documentos de arquivo privado que lançaram luz sobre a prática da modalidade no período. Buscou-se compreender a introdução do rúgbi na cidade num período caracterizado pelo desenvolvimento das práticas esportivas ditas modernas numa sociedade em constante transformação, na qual o esporte desempenhava papel importante na modernização da vida urbana. A história do rúgbi mundial, de suas origens às intensas disputas do fim do século XIX às primeiras três décadas do século XX, foi também objeto de análise, com suas disputas internas – profissionalismo versus amadorismo, massificação e espetacularização – sendo compreendidas, em diálogo com as mesmas disputas ocorridas dentro do futebol paulista.

Palavras-chave: Rúgbi (Rugby); História do Esporte; História do Brasil; Primeira República;

Abstract

This research aimed to analyse the practice of Rugby Football in São Paulo in its initial, emerging period (1891-1933) and provide elements to question the barriers to the game's expansion during the period of Brazil's First Republic, in contrast to football. The research identifies and analyses journalistic sources and private archives that shed light on the practice of the sport during the period. These sources were sought to understand the introduction of Rugby Football in the city, in a period characterised by the development of modern sport's practices; in a society in constant transformation, in which sport played an important role in the modernisation of urban life. The history of global rugby, from its origins to the intense disputes of the late nineteenth century and early twentieth century, was also analysed through its internal struggles - professionalism versus amateurism, massification and spectacularisation - being understood, in dialogue, with similar disputes occurring within local football in São Paulo.

Keywords: Rugby; Sports History; Brazilian History; Brazilian First Republic;

Lista de Siglas

AAMC – Associação Atlética Mackenzie College

AAP – Associação Atlética das Palmeiras

ABR – Associação Brasileira de Rugby

APSA - Associação Paulista de Sports Athleticos

CAP – Clube Atlético Paulistano

CBD – Confederação Brasileira de Desportos

COB – Comitê Olímpico Brasileira

COI – Comitê Olímpico Internacional

CON – Comitê Olímpico Nacional

FBF – Federação Brasileira de Futebol

FBS - Federação Brasileira de Sports

FIFA - Fédération Internationale de Football Association

FIRA – Fédération Internationale de Rugby Amateur

IRB / IRFB – International Rugby (Football) Board

LAF – Liga de Amadores de Futebol

LPF – Liga Paulista de Football

RCAA - Rio Cricket e Associação Atlética

RFU – Rugby Football Union

SAC – Santos Athletic Club

SCG – Sport Club Germania

SCI – Sport Club Internacional

SPAC – São Paulo Athletic Club

SPRFC – São Paulo Rugby Football Club

URB – União de Rugby do Brasil

USFSA - Union des Sociétés Françaises de Sports Athlétiques

Lista de Imagens

Imagem 1 - Ação em partida entre os selecionados de São Paulo e Rio de Janeiro - Taça Beilby Alston - Data desconhecida - Arquivo LUDENS - Leon William Rheims	25
Imagem 2 – Selecionado francês contra Escócia – Paulo do Rio Branco de pé, primeiro à esquerda. Fonte: Chiesi, Z. The Sketch. Paris, 22 de Abril de 1896.....	69
Imagem 3 - São Paulo Athletic Club – 1911. Fonte: Acervo do Clube Atlético São Paulo (SPAC)	85
Imagem 4 - Futebol Americano retratado como rúgbi. Cf. Folha da Manhã, 03 de dezembro de 1925.....	102
Imagem 5 - São Paulo entrando em campo contra Santos. Platéia em cadeiras de praia. 1926 - Arquivo LUDENS	103
Imagem 6 – Gordon Rule e Bensuzan. Capitães de São Paulo e Santos, 1926. Arquivo LUDENS	112
Imagem 7 – Equipe do Rio de Janeiro pela Taça Beilby Alston de 1926. Arquivo LUDENS.....	113
Imagem 8 - Equipe de São Paulo pela Taça Beilby Alston de 1926. Arquivo LUDENS	113
<i>Imagem 9 - Ficha de São Paulo contra Santos, 1926 - Arquivo LUDENS.....</i>	<i>115</i>
<i>Imagem 10 - Acima, a formação mais comum de 3-2-3 do scrum. Abaixo, como se posicionava a formação 2-3-2 diante da 3-2-3. Fonte: GALLAHER, David. STEAD, William. The Complete Rugby Footballer on the New Zealand System, 1906.</i>	<i>118</i>
<i>Imagem 11 - Contas do São Paulo Rugby Football Club em 1927 - Arquivo LUDENS</i>	<i>123</i>
<i>Imagem 12 - Taça Beilby Alston de 1927 - Arquivo LUDENS</i>	<i>125</i>
<i>Imagem 13 – O Malho, 30 de julho de 1927</i>	<i>126</i>
<i>Imagem 14 - Equipe do Club Atlético Paulistano vencedora da Taça Wilson de 1928 - Arquivo LUDENS.....</i>	<i>129</i>
<i>Imagem 15 - Ficha técnica do jogo entre Palmeiras e Paulistano de 1928 - Arquivo LUDENS</i>	<i>130</i>
<i>Imagem 16 - Taça Beilby Alston de 1928, time de São Paulo. Arquivo LUDENS</i>	<i>132</i>
<i>Imagem 17 - Taça Beilby Alston de 1928, time do Rio de Janeiro. Arquivo LUDENS.....</i>	<i>132</i>
<i>Imagem 18 - Fotografia do combinado paulista contra o navio Despatch, 1929. Cópia cedida por Mário Freire. Arquivo do CAP.....</i>	<i>134</i>
<i>Imagem 19 - Taça Beilby Alston de 1929 - Equipe de São Paulo. Arquivo LUDENS</i>	<i>136</i>
<i>Imagem 20 - Taça Beilby Alston de 1929 - Equipe do Rio de Janeiro. Arquivo LUDENS</i>	<i>137</i>

<i>Imagem 21 – Equipe de Santos, 1930. Arquivo LUDENS.....</i>	<i>140</i>
<i>Imagem 22 – Equipe de São Paulo, 1930. Arquivo LUDENS.....</i>	<i>140</i>
<i>Imagem 23 - Selecionado do Rio de Janeiro de 1930 - Taça Beilby Alston - Arquivo LUDENS</i>	<i>144</i>
<i>Imagem 24 - Junior Springboks em Niterói em 1932 - Arquivo LUDENS</i>	<i>145</i>
<i>Imagem 25 - The British Rugby Touring Side versus Brazil Selection XV - 1936 - Arquivo LUDENS</i>	<i>147</i>
<i>Imagem 26 – Charge retratando o rúgbi. In: Revista Fon-Fon, 18 de fevereiro de 1933, p. 17.....</i>	<i>149</i>
<i>Imagem 27 - Ação de um scrum em 1932 em partida entre o Rio Cricket e o navio Dauntless – Cf. O Malho, 19 de novembro de 1932.....</i>	<i>167</i>
<i>Imagem 28 - Apresentação de aspectos do jogo de rúgbi pela revista Careta, no Rio de Janeiro, em 1927. Cf. Careta, 23 de abril de 1927.....</i>	<i>169</i>
<i>Imagem 29 - Campo de Rúgbi - World Rugby Laws of Rugby, 2017. Acessível em: http://laws.worldrugby.org.....</i>	<i>172</i>
<i>Imagem 30 - Equipe britânica de 1936 - "The British Rugby Touring Side versus Brazil Selection XV - Arquivo LUDENS.....</i>	<i>187</i>
<i>Imagem 31 - Equipe brasileira de 1936 - "The British Rugby Touring Side versus Brazil Selection XV - Arquivo LUDENS</i>	<i>193</i>

Sumário

1. Introdução: O Rúgbi como campo de estudo	9
2. Rúgbi e os atos fundacionais	
2.1 – William Webb Ellis e o mito de fundação do rúgbi	26
2.2 – Charles Miller e o mito de fundação do rúgbi brasileiro	37
2.3 – Os caminhos da bola oval pelo mundo	55
3. Ingleses, franceses, paulistas: o rúgbi na Primeira República	
3.1 – O rúgbi e a São Paulo das oligarquias	68
3.2 – O incipiente rúgbi britânico na São Paulo da modernidade (1891-1914)	76
3.3 – Transformações do pós-Guerra: o mundo oval, as Olimpíadas e o Brasil (1919-1924)	88
3.4 – O rúgbi “ <i>coffee and milk</i> ” (1925-1929)	99
3.5 – O rúgbi ainda mais britânico em tempos de mudança (1930-1933)	139
4. Rúgbi entre práticas e representações	
4.1 – As representações do rúgbi pela imprensa esportiva.....	149
4.2 – Rúgbi: mais físico ou mais violento?	155
4.3 – Entre o espetáculo e o amadorismo	166
5. Considerações finais	188
6. Referências bibliográficas	195

1. Introdução – O Rúgbi como campo de estudo

“[...] não cremos que o cestobol possa competir com o futebol [...] O mesmo, porém, não se dá com o rugby [...] quando surgir em São Paulo a Federação de rugby [...], com seus campeonatos regularmente disputados, estamos a profetizar, senão a decadência, pelo menos a perda de parte da popularidade do futebol associação”¹

Rugby, Rúgbi ou Râguebi². Regulado pela primeira vez em 1845, na Escola de Rugby (*Rugby School*), na Inglaterra, o rúgbi tem seu desenvolvimento intimamente ligado à Inglaterra da Revolução Industrial, ao “processo civilizador”, como teorizado por Norbert Elias, e ao contexto da pedagogia inglesa do século XIX, como defendem Eric Dunning e Kenneth Sheard no célebre *Barbarians, Gentlemen and Players: a Sociological Study of the Development of Rugby Football*³, debruçando-se sobre os esportes no século XIX inglês.

No Brasil, o rúgbi tem longo histórico de prática, ainda que tímida. Fazendo uso do já exaustivamente revisitado Tomás Mazzoni,

“O segundo clube surgido em terra carioca foi o do Clube Brasileiro de Futebol Rugby, o primeiro a cultivar esse esporte no Brasil, fundado em 12 de setembro de 1891 pelos srs. Alfredo Amaral Fontoura, Vírgilio Leite, Oscar Vieira de Castro, Edwin Ral, Sidney Cox, Augusto Amaral e Luiz Leonel Moura, este jovem brasileiro, recém-chegado da Inglaterra, onde fôra educado no ‘Elizabeth College’, da ilha de Guernsey, na qual aprendera o ‘rugby’ e o futebol ‘soccer’. Foi por sua iniciativa que se introduziu no Rio, o ‘rugby’, que logo encontrou adeptos, enquanto que o

¹ Cf *A Gazeta*, Suplemento Esportivo. 18 de março de 1929.

² “Rúgbi” é a forma utilizada em português no Brasil para o inglês “Rugby”, ao passo que “Râguebi” é a forma utilizada em Portugal. Neste trabalho, o termo utilizado será “Rúgbi”.

³ DUNNING, Eric. SHEARD, Kenneth. *Barbarians, Gentlemen and Players. A sociological study of development of rugby football*. 2ª edição. London: Routledge, 2005.

futebol ‘association’, tentado pelos rapazes do Clube Brasileiro de Cricket e reeditado por Moura, entre 92 e 93, foi depois esquecido”⁴

O crescimento do rúgbi no Brasil nos últimos anos vem sendo acompanhado pelo florescimento da modalidade como tema de trabalhos acadêmicos em todo o país, de artigos científicos a dissertações de doutorado, com trabalhos, por exemplo, nas áreas de educação física e ciências da atividade física, comunicação, gestão esportiva e relações públicas. Não obstante tal difusão de trabalhos, a realização de pesquisas no campo da História Social ainda se encontra em estágio embrionário⁵, com a notável ausência de estudos que se aprofundem no período de introdução do rúgbi no Brasil, no período da Primeira República.

Se para Norbert Elias o estudo do esporte não se restringiria a entender a modalidade intrinsecamente, mas compreender o contexto social no qual o fenômeno da prática esportiva se insere e lhe confere⁶, a compreensão da introdução do rúgbi no Brasil, sob o viés de um processo contrastante com o do futebol, ganha sentido, sobretudo ao problematizar a adoção de práticas esportivas europeias pela sociedade brasileira da Primeira República que, como aponta Elias Saliba, era marcada por um “repúdio difuso à vida rotineira e aos arcaísmos, que seriam a própria negação do progresso, [...] uma atmosfera ansiosa por cosmopolitismo [...] percorre o país, num desejo sôfrego da europeização e da modernização [...] inspirada nos modelos de sociabilidades europeias”⁷.

A vasta literatura nas áreas da História Social, da Sociologia e da Antropologia acerca do futebol no Brasil, sua difusão, popularização, profissionalização e apropriação cultural processadas entre a última década do século XIX até o presente contrastam com

⁴ De acordo com o mesmo autor, o primeiro clube teria sido o Paysandu Atlético Clube, que também tivera alguma prática do rúgbi. MAZZONI, Tomás. *História do Futebol no Brasil*. Edições Leia, 1950.

⁵ Entre os trabalhos já feitos objetivando uma história do rúgbi estão: CENAMO, Gabriel. *História do Rugby*. São Paulo: EEF/USP, 2010; AGUIAR, Rodrigo. *Os brutos também jogam*. Salvador: URBA, 2011; e MORENO, Tomás. SOUZA, Paulo Henrique Xavier de. *O rugby catarinense e sua trajetória*. Florianópolis, 2011.

⁶ DUNNING, Eric; ELIAS, Norbert. *Em busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992, pp. 14-20.

⁷ SALIBA, Elias. “A dimensão cômica da vida privada na República”. In: NOVAIS, Fernando A. e SEVCENKO, Nicolau (orgs.). *História da vida privada no Brasil*. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 292.

a ausência de pesquisas acerca do rúgbi no país, mas oferecem uma gama de reflexões e análises para nortear o trabalho que se volte para o rúgbi.

Se, como aponta Luiz Henrique de Toledo, os trabalhos acadêmicos acerca do futebol no Brasil, nos últimos vinte anos, já não apresentam mais a velha ressalva da ausência de trabalhos anteriores acerca do tema⁸, o motivo foi a onda de pesquisas produzidas desde os anos 90 acerca do futebol, sob os mais diversos prismas. A publicação, em 1994, do “Dossiê Futebol”, na *Revista USP*⁹, “trouxo uma decisiva visibilidade à temática do futebol dentro das ciências sociais. A maioria dos artigos procurou investigar os significados do futebol para a sociedade brasileira por meio de diferentes aspectos: o desenvolvimento histórico do futebol no Brasil, aspectos e leituras artísticas do jogo, torcidas e torcedores do futebol”¹⁰.

O início das pesquisas sobre esportes no Brasil é, evidentemente, muito anterior, com trabalhos sem caráter acadêmicos sendo publicados desde a primeira década do século XX, como é o caso das obras de Mario Cardim, *Guia do Football*, de 1903, de Antonio Figueiredo, *História do Football em São Paulo*, de 1918, e, do mesmo ano, de Leopoldo Santana, o *Football em São Paulo*, que trataram de sistematizar a memória dos primeiros anos de prática do futebol. De 1930, a obra de Fernando Azevedo, *A evolução do Esporte no Brasil*, segue a mesma tônica, mas se estendendo a outras modalidades.

No campo da História, a criação de um campo de estudos da “História do Esporte” pode ser creditada aos desenvolvimentos da Nova História Cultural, sobretudo a partir dos anos 1970, a partir de diálogos com a antropologia, como credita Peter Burke:

“Práticas” é um dos paradigmas da Nova História Cultural: a história das práticas religiosas e não da teologia, a história da fala e não da lingüística, a história do experimento e não da teoria científica. Graças a essa virada em direção às práticas, a história do esporte, que antes era tema de

⁸ TOLEDO, Luiz Henrique de. Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira (1982-2002). *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*. São Paulo, n.52, p. 135.

⁹ UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Coordenadoria de comunicação social. *Dossiê futebol*. São Paulo: Editora USP, 1994 (Revista USP).

¹⁰ GIGLIO, Sérgio; SPAGGIARI, Enrico. “A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009)”. In: *Dossiê futebol. Revista de História da USP*. São Paulo: Editora USP, 1994 (Revista USP), p. 298.

amadores, tornou-se profissionalizada, um campo com suas próprias revistas, como *International Journal of History of Sport*”¹¹

Nos anos 80, no entanto, o futebol já vinha sendo tomado como objeto de estudo nas ciências humanas, sobretudo a partir das clássicas obras organizadas e publicadas por José Carlos Sebe Meihy e José Sebastião Witter, *Futebol e Cultura: coletânea de estudos*¹², e por Roberto DaMatta, *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*¹³, que abriram portas para a inserção do futebol dentro dos debates acadêmicos e criaram terreno para a proliferação de estudos nas ciências humanas. A partir dos anos 90, as pesquisas sobre futebol se tornaram sistemáticas e, decisivas para tal, estão as criações de grupos de trabalho, de eventos acadêmicos nacionais e latino-americanos, e de núcleos de pesquisas em universidades brasileiras. Em 1990, nasceu na UERJ o Núcleo de Sociologia do Futebol, coordenado por Maurício Murad e decisivo na solidificação do espaço no meio acadêmico ao futebol. Dentre as iniciativas do grupo estão a criação de uma disciplina de pós-graduação e uma revista voltadas ao futebol, que criariam terrenos para que iniciativas análogas tivessem lugar em outras universidades.

As iniciativas se replicaram e o escopo de estudos foi ampliado. A partir dos anos 2000, foi lançada luz para novos trabalhos sistemáticos que não teriam mais apenas o futebol como centro, mas outras modalidades lúdicas. Em 2005, foi criada a revista *Esporte e Sociedade*, abrindo espaço para estudos não somente de futebol, mas de outros esportes, ainda que de forma tímida. Foi com o surgimento, em 2008, da *Revista Recorde*, vinculada ao Programa de Pós-Graduação Comparada da UFRJ e ao grupo Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer, que os estudos sobre práticas corporais lúdicas, dentro do leque das ciências humanas, tiveram seu espaço consolidado. Na USP, a criação do Centro de Estudos Socioculturais do Movimento Humano, na Escola de Educação Física e Esporte, em 2004, e do LUDENS (o Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas), em 2010, expandiu o universo de pesquisas acerca de outras modalidades esportiva e práticas lúdicas, assegurando novo espaço para o debate e o intercâmbio de pesquisas. Entretanto, ainda que novos espaços

¹¹ BURKE, Peter. *O que é história cultural?*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p. 78.

¹² MEIHY, José Carlos Sebe Bom; WITTER, José Sebastião. *Futebol e cultura: coletânea de estudos*. Imprensa Oficial, Arquivo do Estado, 1982.

¹³ DA MATTA, R. *Universo do futebol. Esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro, Pinakothek, 1982.

tenham sido abertos para a investigação de outras modalidades esportivas dentro das universidades, ainda resta outros temas, como é o caso do rúgbi, consolidarem de forma sistemática a sua produção e debate, deixando de serem objetos esporádicos de investigação. Em outras palavras, ainda que o crescimento no número de trabalhos sobre os mais variados esportes no Brasil sob a ótica das ciências humanas tenha crescido vertiginosamente nesta década, resta ainda à maioria das modalidades esportivas no Brasil trilhar o caminho que fez o futebol, passando de tema marginal a objeto recorrente de estudo.

Se, consensualmente, é preciso tributar aos trabalhos pioneiros de Roberto DaMatta, José Sérgio Leite Lopes e Simoni Guedes, produzidos entre os fins da década de 1970 e início dos anos 1980, o marco inicial da sistematização de pesquisas que buscavam a compreensão da sociedade brasileira a partir das práticas desportivas e suas representações socioculturais – cabendo ao campo da Antropologia o pioneirismo na formação propriamente de um campo de conhecimento acerca do esporte –, a centralidade do futebol nos estudos deixava pouco exploradas outras práticas corporais e modalidades esportivas como janelas para se entender processos maiores de transformação social, nos quais o esporte estaria inserido. Caberia a estudos, realizados mormente a partir dos anos 90, a quebra definitiva de uma tendência monotemática no Brasil, com a ecletização dos estudos sobre esportes. Tomou-se de forma sistemática e ampla a difusão de esportes como turfe, automobilismo, ciclismo, remo e ginástica como janelas para o entendimento do fenômeno esportivo nas cidades, inseridos nas temáticas da construção de um ideário de modernidade na sociedade brasileira, em acelerado processo de urbanização, no período do fim do século XIX e início do século XX¹⁴.

Estudos sobre práticas como artes marciais e capoeira – e seu entendimento como cultura de resistência e meio de afirmação identidade afro-brasileira –, surf e skate – os dois últimos marcados fortemente como espaços de resistência urbana e contracultura¹⁵ – vem ganhando maior projeção, sobretudo nas Ciências Sociais, nos últimos anos,

¹⁴ DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de (org). *História do Esporte no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

¹⁵ MELO, Victor Andrade de. “Por uma Revista Brasileira do Esporte? Breves palavras sobre este periódico”. In: *Revista Recorde, volume 1, número 1, junho de 2008*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008, pp. 1-6.

expandindo o universo de reflexão sobre as dimensões simbólicas do esporte, bem como sua própria definição¹⁶.

Uma das portas de entrada para trabalhos que busquem sair do futebol como tema central, a obra *História do Esporte no Brasil*, de 2009, de Victor de Melo e Mary del Priore, pode ser entendida como um marco da investigação no campo da História Social, por assumir, em momento de expansão das investigações, o papel de “lançar um olhar panorâmico sobre o objeto no país”¹⁷. O livro em questão condensa algumas das discussões e estudos que ganharam maior espaço a partir dos anos 2000, sobretudo com proliferação de números voltados à História do Esporte em revistas acadêmicas e à própria edição de revistas próprias para tais investigações.

É o intercâmbio maior entre distintas disciplinas, com o diálogo crescente entre pesquisadores de Educação Física e Esporte, Ciências Sociais, História, Geografia e Comunicação que vem possibilitando a abertura do leque de linhas de pesquisa acerca do esporte moderno, possibilitando, não apenas vieses e questionamentos diferentes dentro do tema clássico do futebol, como a abertura de novas frentes de investigação em outras modalidades, ora menos estudadas. Com a criação de núcleos e laboratórios de pesquisa voltados ao esporte sob o prisma das ciências humanas, o diálogo entre as pesquisas – e a crítica multidisciplinar – vem sendo, conseqüentemente, ampliado.

A ausência de trabalhos sobre a história do rúgbi é confirmada pelas poucas exceções identificadas¹⁸, ligadas em boa medida ao domínio da memória¹⁹; além de outras

¹⁶ MACHADO, Giancarlo M. C. *De “carrinho” pela cidade: A prática do street skate em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, 2011.

¹⁷ DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de (org). *História do Esporte no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 12.

¹⁸ O trabalho de maior destaque é o pioneiro *História do Rugby*, de Gabriel Cenamo, um TCC da EEFEE-USP que é a primeira tentativa de uma História do Rugby no Brasil. Outros trabalhos identificados no início da escrita deste trabalho foram o TCC da PUC-SP dedicado ao *rugby feminino Rugby de Calcinha: a mulher dentro do uniforme*, de Teresa Bastos; *Os brutos também jogam*, um livro-reportagem sobre o *rugby baiano*, de Rodrigo Aguiar, da UFBA; e o artigo *O rugby catarinense e sua trajetória*, Tomás Moreno e Paulo Henrique Xavier de Souza.

¹⁹ Memória aqui entendida pela via apontada por Guarinello: “a contraposição entre história e memória não é um mero capricho de historiadores muito zelosos, mas um dos fundamentos mesmos do próprio discurso historiográfico, da instituição história como um espaço de saber [...] a história se funda, abre espaço para si, opondo-se às demais representações coletivas do passado. Define-se como um saber crítico, ao mesmo tempo modesto, porque se contenta com aquilo que pode ser comprovado, mas também ambicioso, na medida em que visa relatar a verdade e que se crê capaz de produzi-la [...] reconhecer que a história que produzimos é filha de seu tempo e que cada época ou momento produz sua própria representação do passado significa admitir, igualmente, que as verdades que a história produz são relativas, provisórias, que são verdade de e para sua época [...] Memória, em primeiro lugar, é algo que não está em lugar algum, porque ocupa e preenche todos os lugares. É um substrato repositório dos produtos de nosso passado que

breves abordagens acerca do esporte por autores que se debruçam sobre outros esportes, notadamente o futebol²⁰.

Este trabalho se propõe a realizar um estudo sistemático e crítico acerca da introdução e difusão inicial do rúgbi no Brasil, dialogando com os estudos sobre os processos análogos relativos ao futebol. Trata-se do questionamento norteador do porquê da ampla difusão da prática do futebol no Brasil em oposição a outras práticas esportivas coletivas introduzidas no mesmo contexto, tomando por foco o rúgbi, cuja origem britânica e período de introdução no Brasil estão intimamente conectados ao futebol.

Para que seja construída uma proposição mais consistente acerca do processo que levou à restrição da prática do rúgbi a determinados círculos sociais, diametralmente em oposição ao decorrido com o futebol, sem que se caia em análises anacrônicas, e, igualmente, fugindo da tendência a se naturalizar o sucesso de popularização do futebol, é necessário partir do questionamento mais pontual: quais mecanismos de incorporação e negação, seleção e exclusão, podem ser identificados e associados à adoção do futebol e à rejeição do rúgbi?

O trabalho se restringirá ao contexto específico da cidade de São Paulo – ainda que levados em consideração paralelos que possam ser traçados com outras cidades com registros de prática da modalidade identificados, em especial Santos e Rio de Janeiro, de intenso intercâmbio com São Paulo no cenário do rúgbi – e buscará compreender o espaço e o papel destinados ao rúgbi nos *clubs* esportivos paulistanos.

Temporalmente, o período selecionado vai dos anos 1890 – a partir da instauração da República no Brasil e dos primeiros documentos identificados que atestam a prática do rúgbi no Brasil – a 1933 – data que coincide com a oficialização do profissionalismo no futebol brasileiro e com mudanças políticas significativas no Brasil, com a formação da Assembleia Constituinte e o fim da Primeira República.

sobrevivem no presente, condição mesma do tempo presente [...] A memória é, assim, uma forma de ação, uma ação representativa, parte da atividade auto-representativa que uma sociedade, grupo ou indivíduo produzem de si, para assumirem e defender sua identidade e apara orientarem sua ação individual ou coletiva”. GUARINELLO, Norberto. “Memória coletiva e história científica”. In: *Espaço Plural*, Revista Brasileira de História, ANPUH, 1994, volume 14, número 28, pp. 181-188.

²⁰ Ainda merece menção o excelente verbete de Carlos José Barcelos de Oliveira e Fernando Luís Oliveira sobre o rúgbi no Brasil para o *Atlas do Esporte no Brasil*, de 2003, organizado por Lamartine da Costa. O verbete traz um mapa da prática do rúgbi no país naquele ano e informações retiradas da internet, da obra de Mazzoni e da revista *Terceiro Tempo*, periódico especializado em rúgbi que criado em 2002, de breve duração.

Tal escolha espacial e temporal se fez necessária a fim de restringir o trabalho a um período já muito estudado acerca do futebol e dos esportes no país, associando as práticas aos projetos modernizadores das elites brasileiras e às transformações que as cidades sofreram no período. São Paulo, nessa perspectiva, se torna um espaço privilegiado e acessível para a investigação, pela forte presença de imigrantes, pelo poder econômico e por suas intensas transformações urbanas.

Como aponta Ricardo Lucena, a introdução no Brasil do esporte moderno – oriundo da Europa industrial e urbana, onde a busca pela disciplina e controle dos corpos sob regramentos bem estabelecidos se fazia em negação aos velhos padrões de conduta – esteve intimamente relacionada à busca pelo distanciamento, inclusive moral, do passado agrário e escravista, em consonância com o projeto de setores da intelectualidade nacional de construção de uma identidade brasileira moderna²¹. A ascensão das elites urbanas foi acompanhada pela elevação do novo modelo burguês, caracterizado pelo arrivismo social, que se tornava possível em um momento de profundas mudanças que passava o país, como coloca Nicolau Sevcenko²². A prática dos *sports* europeus, mormente aqueles de origem britânica, está inserida, portanto, dentro de uma lógica muito mais ampla de adoção de práticas culturais, sanitárias – explicitadas pelas grandes reformas urbanas durante a República Velha – e de sociabilidade.

O esporte moderno, nesse sentido, ganhou entre tais segmentos sociais *status* de prática “civilizada” em contraposição aos jogos ligados ao período colonial – fazendo uso da teoria eliasiana. O esporte – entre outras práticas – ganhou significação de elemento de expressão e posicionamento social ligado a uma modernidade europeia, parte de uma preocupação eugênica com a constituição de um novo modelo de homem brasileiro, com novas preocupações estéticas corporais, como aponta Victor de Melo.²³ Parte-se, pois, para a valorização dos tipos físicos fortes, dentro da releitura contemporânea da premissa greco-romana de *mens sana in corpore sano* – à qual o próprio olimpismo, expoente da “civilidade moderna”, está vinculado.

²¹ LUCENA, Ricardo de Figueiredo, *O esporte na cidade: Aspectos do esforço civilizador brasileiro*, Campinas, SP: Autores Associados, chancela editorial CBCE, 2001.

²² SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República* 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras 2003.

²³ MELO, Victor de. *Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001, p. 51.

Nesse contexto, a formação e a importância dos clubes esportivos transcende o próprio futebol e estudos que versam sobre outras práticas esportivas, como os esportes hípicas e náuticos, por exemplo, apontam para a complexidade dessas instituições, cuja importância não está apenas nos esportes nelas praticados, mas no espaço de sociabilidade criado e forjado nelas. Na visão de Wilson Gambeta, “uma atividade cultural importada só se incorpora quando a sociedade receptora decodifica e atribui sentido social a sua simbologia, para praticantes e espectadores, ainda que seja através de ressignificações²⁴”. De acordo com Gambeta, a prática do futebol na virada do XIX para o XX dividia espaço dentro dos clubes com outras modalidades, apontando para uma grande diversidade esportiva nos anos iniciais da República,

“Não procede a ideia de que o futebol atraiu público numeroso logo após a sua chegada ou que um gosto natural pelos jogos de chutar bola tenha desencadeado a construção de estádios para acomodar às plateias que se reuniam espontaneamente. O futebol só se tornou a principal atração esportiva alguns anos depois, por escolha da elite dirigente. Os clubes fundados em São Paulo entre os últimos anos do Império e a primeira década de República eram poliesportivos, mesclavam exercícios ginásticos, disputas individuais e jogos entre equipes”²⁵

Apesar de seu caráter inicial restrito, o futebol não tardou a ser incorporado pelas camadas populares ainda durante a Primeira República, com a explosão nas cidades brasileiras de uma diversidade exuberante de clubes e de formas variadas de se jogar futebol. Como coloca Odette Seabra,

“A existência dos clubes indicava uma estruturação de base na sociedade que reunia clubes de colônia, clubes de fábrica, clubes de bairro, clubes da

²⁴ GAMBETA, Wilson Roberto. *A bola rolou. O Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol. 1895 – 1916*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014, p. 124.

²⁵ Idem, p. 126.

cidade [...] Crônicas da época não cansam de relatar que as ruas foram transformadas em campos de futebol”²⁶

O rúgbi, por outro lado, apesar das previsões d’A *Gazeta*, não teve o mesmo destino. Dada a ausência de trabalhos sistemáticos acerca da história do rúgbi no Brasil, sob qualquer viés, e o ineditismo da abordagem, esta pesquisa se pautará exclusivamente por fontes primárias e secundárias. As fontes básicas às quais se aterá este trabalho são jornais e revistas da época que contenham citações e reportagens acerca do rúgbi, a fim de compor um cenário melhor delineado acerca da dispersão e da natureza da prática do esporte no país que ainda não foi traçado.

Nesse sentido, os jornais fornecem importantes relatos acerca do rúgbi, uma vez que indicam – ainda que não com toda a precisão – os locais de prática da modalidade e a frequência com que o rúgbi realizava seus eventos – sem dúvida, as ausências e os vazios na divulgação são significativos, indicando ou a inexistência da prática ou, no mínimo, a falta de divulgação jornalística dela. Para além da própria documentação da prática, são frequentemente incluídas escalações das equipes, que revelam a nacionalidade (ou a ascendência) dos praticantes e que podem servir de plataforma para que seja identificada a origem social desses praticantes.

Como pontuam Victor de Melo e Bernardo Buarque de Hollanda, em *Esporte na Imprensa e a Imprensa Esportiva no Brasil*, “os periódicos foram a base que historiadores e cientistas sociais pudessem se debruçar sobre as suas temáticas mais caras”, sendo que “a condição de legítimo receptáculo das informações fragmentárias do dia a dia urbano fez do jornal um suporte inestimável para uma reconstituição pormenorizada dos grandes acontecimentos sociais, dentre ele os relativos ao próprio Esporte”²⁷. Entretanto, como ressalvam Maria Lígia Prado e Maria Helena Capelato acerca da condição documental da imprensa, “nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero ‘veículo de informações’, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da

²⁶ SEABRA, Odette. Futebol: do ócio ao negócio. In: DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira; MARTINS, Maria de Fátima Almeida; MARTINS, Sérgio, (org). *Infâncias na metrópole*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 141.

²⁷ HOLLANDA, Bernardo B. B.; MELO, Victor A. *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012, p. 12.

realidade político-social na qual se insere”²⁸. Nessa perspectiva, ao atribuir centralidade às fontes jornalísticas, deve-se tomar por condição central do documento o fato de “o conteúdo em si não pode ser dissociado do lugar ocupado pela publicação na história da imprensa, tarefa primeira e passo essencial das pesquisas com fontes periódicas”, como pontua Tânia Regina Luca²⁹.

Volume importante de fontes documentais utilizadas é composto de jornais pesquisados na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional³⁰, pela qual foi possível constatar a prática do rúgbi em regiões que boa parte da historiografia sobre o futebol não se debruçava³¹. Soma-se à consulta de vinte e dois títulos nos quais foram encontradas referências ao rúgbi entre as décadas de 1890 e 1930, a busca por todos os anos de publicação dos jornais *Jornal do Brasil*³², *O Estado de S. Paulo*³³ e a *Folha de S. Paulo* por meio de seus arquivos digitais³⁴.

Em adição ao referido *corpus* documental, fez-se uso do acervo pessoal de Jean Rheims, viúva de Leon William Rheims, ex-presidente da ABR (*Associação Brasileira de Rugby*, fundada em 1973), falecido em 2007 e possessor de boa parcela da documentação oficial da entidade e de sua antecessora, a URB (*União de Rugby do Brasil*, fundada em 1963). O acervo contém um grande número de jornais, revistas e fotografias, parte dos quais faziam dos arquivos pessoais de Jimmy McIntyre e Harry Donovan (fundadores da URB).

O acervo de Rheims é marcado pela heterogeneidade. Trata-se de uma miscelânea de documentos de cunho oficial, que ficaram em sua posse por conta da ausência de um arquivo institucional da *Associação Brasileira de Rugby* – que, em parte de sua existência, sequer possuiu uma sede física – com documentos e artefatos pessoais, dos mais variados, colecionados ao longo de sua vida como praticante e amante do esporte, tendo uma função

²⁸ CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria L. *O Bravo Matutino*. São Paulo: Editora Alfa-Romeu, 1980, p. 19.

²⁹ LUCA, Tânia Regina. “A história dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 139.

³⁰ Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>

³¹ GIGLIO, Sérgio; SPAGGIARI, Enrico. “A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009)”. In: *Dossiê futebol*. São Paulo: Editora USP, 1994 (Revista USP), p. 309.

³² Disponível em: <http://www.jb.com.br/paginas/news-archive>

³³ Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br>

³⁴ Disponível em: <http://acervo.folha.com.br>

memorial – mistura essa típica de arquivos pessoais, acumulando tanto documentação escrita como fotos e objetos, respeitando sua lógica própria. Como colocado por Ana Maria de Almeida Camargo,

“Na teoria arquivística, as definições de arquivo têm enfatizado, por isso mesmo, a ideia de correlação, ou mesmo de equivalência, entre a atividade, de um lado, e o documento que a viabiliza e comprova, de outro: os documentos de arquivo são a materialização ou corporificação dos fatos; os documentos de arquivo são os próprios fatos; o arquivo é a representação persistente de funções, processos, incidentes, eventos e atividades. Como resultado natural e necessário do processo que lhes deu origem, os documentos de arquivo obedecem a uma lógica puramente instrumental, ligada às demandas imediatas do ente produtor”³⁵

Dessa forma, o acervo de Rheims fora montado a fim de responder a seus anseios de compor uma história do rúgbi no Brasil, de acordo com sua própria visão de história. A compilação exaustivamente feita por Rheims de recortes de jornal, tanto entre 1967 e 1986, anos que esteve diretamente envolvido com a ABR (e a antiga URB), como de materiais anteriores a tal período (coletando material que esteve em posse de outras pessoas), está na origem do acervo. Como analisa Camargo:

“Um exemplo de fatia pouco apreciada no conjunto de documentos acumulados por pessoas físicas é o dos chamados recortes. A rubrica compreende notícias e outras matérias que, uma vez destacadas dos periódicos em que foram publicadas, passam a formar séries dotadas de funcionalidade diversa: a própria colaboração do titular como articulista ou a apreciação crítica de sua obra, caso em que os documentos são invariavelmente preservados; a cobertura sistemática de eventos de que

³⁵ CAMARGO, Ana Maria de Almeida. “Arquivos pessoais são arquivos”. In: *Revista do Arquivo Público Mineiro*, volume 45, número 2. Belo Horizonte: Arquivo Público Mineiro, 2009, pg. 28.

participou ou que julgou relevantes; e os diferentes assuntos pelos quais manifestou interesse, por dever de ofício ou gosto”³⁶

Tal acervo fora parcialmente doado em 2013 ao LUDENS - Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol e Modalidades Lúdicas – por Jean Rheims. Parcialmente porque foi doado somente o conjunto de jornais, revistas e alguns materiais gráficos produzidos pela ABR, ficando sob posse da família outros documentos institucionais, correspondências, fotografias e outros artefatos ligados ao esporte – camisas, bolas, broches, chaveiros, flâmulas, adesivos, entre outros – os quais, no entanto, puderam ser digitalizados ou fotografados pelos pesquisadores.

Para a composição deste trabalho, a importância do acervo em questão pode ser dividida em dois aspectos: o primeiro, a existência de jornais da época aqui tratada, bem como alguns materiais gráficos (programação de jogos), correspondências e fotografias que “Bill” Rheims herdou de Jimmy McIntyre; e segundo, pelo fato de alguns textos identificados no material de anos posteriores tratarem do período aqui visitado, com destaque para a publicação a comunidade anglo-brasileira *Times of Brazil* e para o antigo jornal *Rugby*, publicado pela ABR entre agosto de 1982 e dezembro de 1985, que contém entrevistas com personagens que vivenciaram o rúgbi entre os anos 1920 e 1960 trazendo suas memórias.

Ao se debruçar sobre tais fontes, é necessário ter em mente que, como defende Wilson Gambeta,

“Não faria sentido estudar a história do esporte se isso não pudesse revelar mais do que fatos curiosos. Quando o olhar de um historiador se distancia dos acontecimentos singulares, outros contextos ficam configurados. Ao transitar constantemente entre os micro-fatos e a visão macro é possível descortinar relações sociais amplas e complexas”³⁷

³⁶ Idem.

³⁷ GAMBETA, Wilson Roberto. *A bola rolou. O Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol. 1895 – 1916*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014, p 12.

Para compreender as relações sociais que envolveram a prática do rúgbi na República Velha e sua restrita difusão no Brasil será essencial trazer para a análise conceitos da sociologia do esporte que sirvam à perspectiva histórica. Aqui, tanto a sociologia configuracional de Elias, colocando a institucionalização do esporte, e suas constantes mutações, como aspecto essencial para se compreender as relações entre a penetração e significação do rúgbi dentro dos círculos de praticantes, quanto a teoria dos *campos* de Pierre Bourdieu, objetivando identificar e trazer à crítica os objetivos dos agentes sociais envolvidos e as disputas entre os mesmos, colocando o rúgbi dentro de uma perspectiva maior no *campo sportivo* daquele momento.

Para Norbert Elias e Eric Dunning, a preocupação com o estudo do esporte impõe como questão central, como ambos já ressaltavam no *Em busca da excitação*, que:

“Pode-se dizer que qualquer variedade de desporto possui uma fisionomia própria. Ele atrai as pessoas segundo as características específicas de sua personalidade. Isso acontece porque possui uma certa autonomia em relação não só aos indivíduos que jogam num determinado momento, mas, também, à sociedade onde se desenvolveu. É por esta razão que alguns dos desportos que se desenvolveram, inicialmente, em Inglaterra, puderam transferir-se e ser adotados por outras sociedades como se fizessem parte delas. O reconhecimento deste fato abre um vasto campo de futuras investigações. Porque é que, por exemplo, algumas das variedades iniciais de desportos ingleses, tais como o futebol e o ténis, foram adotadas por muitas sociedades diferentes, em todo o mundo, enquanto a expansão do críquete se confinou principalmente a um círculo exclusivo dos países da Commonwealth? Porque é que uma variedade do futebol, o rúgbi, não se expandiu tão largamente como o futebol? Porque é que os EUA, sem abandonarem por completo as variantes do desporto inglês, desenvolveram sua própria variedade de futebol? A compreensão da relativa autonomia do desporto pode contribuir para uma análise mais correta da sociogênese de fenômenos equivalentes³⁸”

³⁸ DUNNING, Eric; ELIAS, Norbert. *Em busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992, p. 67.

Para Bourdieu, os agentes sociais no interior de um campo travam uma disputa pelo capital simbólico produzido no decorrer das lutas sociais ao longo do tempo dentro daquele campo. Tratam-se de disputas assimétricas de legitimação, conservação ou transformação do capital simbólico construído:

“O campo das práticas esportivas é o lugar de lutas que, entre outras coisas, disputam o monopólio de imposição da definição legítima da prática esportiva e da função legítima da atividade esportiva, amadorismo contra profissionalismo, esporte-prática contra esporte-espetáculo, esporte distintivo – de elite – e esporte popular – de massa”³⁹

Em uma análise que busca manter a preocupação com a historicidade⁴⁰, a busca por momentos de ruptura em Bourdieu distingue-se da busca por continuidades de Elias⁴¹. O desafio a ser empreendido neste estudo é de trabalhar tanto com as disputas internas ocorridas no campo esportivo paulista, como compreender como as transformações no rúgbi em escala global podem se relacionar com o desenvolvimento do rúgbi no Brasil – focando-se em seu desenvolvimento em terras paulistas. Com o escopo de se entender o porquê dessa restrição da disseminação do rúgbi, este trabalho se segmenta em mais três capítulos, que buscarão explorar perspectivas distintas sobre o fenômeno da prática do rúgbi no período em questão.

No primeiro capítulo, a introdução, foi feita a justificativa para o estudo do rúgbi no Brasil no período. No segundo capítulo, o objetivo será explorar os discursos fundadores tanto do rúgbi na Inglaterra quanto no Brasil, problematizando as escolhas de mitos fundadores e buscando pautar a análise do início do rúgbi no Brasil dentro das discussões acerca da introdução do futebol e dos esportes modernos na Primeira República. Esse capítulo será dividido em três partes: na primeira, será trabalhado o mito

³⁹ BOURDIEU, Pierre. “Como é possível ser esportivo?”. In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p.136-153.

⁴⁰ BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1992.

⁴¹ GARRIGOU, A. “O ‘grande jogo’ da sociedade”. In: GARRIGOU, A.; LACROIX, B. (orgs.). *Norbert Elias: a política e a história*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001. p. 65-88.

de fundação do rúgbi na Inglaterra, a história de Williams Webb Ellis, e a discussão clássica acerca dele; na segunda parte, o olhar se voltará para a problematização do mito de Charles Miller como introdutor do rúgbi o Brasil e para a apresentação de fontes que apontam para múltiplos discursos fundadores da prática do rúgbi no país. Aqui, será realizado um primeiro encadeamento de fatos dos primeiros anos da prática do rúgbi no Brasil, todavia, sem cair em análises metódicas acerca dos objetos e sem negligenciar as dimensões da vida social das épocas tratadas. O capítulo será fechado com uma problematização da dispersão do rúgbi pelo mundo no fim do século XIX e início do século XX, a fim de se localizar a chegada do rúgbi ao Brasil dentro de um quadro mais amplo de difusão da modalidade.

No terceiro capítulo, o olhar se voltará para as características dos praticantes do rúgbi no Brasil no período estudado. Primeiramente, com a contextualização da prática esportiva na cidade de São Paulo no período estudado, levando à problematização da dispersão do rúgbi no país e sua centralidade em São Paulo e Rio de Janeiro, assim, justificando a escolha pelo contexto paulista para a análise. Na sequência, serão discutidas as características da prática do rúgbi dentro do contexto esportivo em São Paulo, dividindo a análise em períodos com manifestações distintas dessa prática. A periodização escolhida para tal foi:

- 1891-1914: o momento inicial da prática da modalidade até a Primeira Guerra Mundial, tomada como momento importante pelo seu efeito na comunidade britânica;

- 1919-1924: um segundo momento de prática ainda incipiente da modalidade, mas importante sob o aspecto dos Jogos Olímpicos;

- 1925-1929: período de maior solidez do rúgbi em São Paulo e de sua difusão por clubes destacados da elite paulistana, em momento de intenso debate sobre o profissionalismo no futebol;

- 1930-1933: o início do governo Vargas e o abandono do rúgbi nos clubes paulistanos;

Por fim, no Capítulo 4, os discursos sobre o rúgbi serão trazidos ao questionamento, analisados a partir da imprensa e sempre levando em consideração a dinâmica própria da modalidade, com suas leis e estética sendo trabalhadas em paralelo aos aspectos a ela atribuídos externamente. Para tal, três questões sobre o rúgbi foram selecionadas, sendo elas:

- Sua imagem de esporte violento;
- Sua relação com o espetáculo esportivo;
- Sua relação com o amadorismo e o profissionalismo;

As duas últimas questões serão trabalhadas em conjunto, pela relação íntima que têm entre si, terminando a análise no contexto de 1933, quando o futebol tem sua profissionalização liberada legalmente no Brasil. Nesse sentido, ao longo de todo o trabalho, o futebol será sempre tomado como referencial para as discussões.

O trabalho se encerra com as considerações finais, em busca de uma síntese que ofereça um panorama abrangente da difusão e natureza da prática do rúgbi em São Paulo na Primeira República, em contraste com o futebol, e as conexões que ele estabeleceu com a sociedade da época em sua tentativa de consolidação.



Imagem 1 - Ação em partida entre os selecionados de São Paulo e Rio de Janeiro - Taça Beilby Alston - Data desconhecida - Arquivo LUDENS - Leon William Rheims

2. Rúgbi e os atos fundacionais

2.1 – Rúgbi, mito fundador e diferenciação de classes

A origem do rúgbi na Inglaterra está intimamente ligada às origens do futebol moderno, o *Football Association*. Ambos fazem parte de um mesmo processo de transformação e regramento de prática lúdicas empreendido nas Ilhas Britânicas do fim do século XVIII até meados do XIX.

Como apontam os autores, as práticas de *folk-football*, prática lúdica, contingente e desregrada de jogo com bola, cuja recorrência entrara em declínio no fim do século XVIII e início do XIX na Inglaterra, foram incorporadas e permaneceram como prática corrente nas *public schools*⁴² inglesas no mesmo período. Quando confinado ao espaço fechado das escolas, o *folk-football* não apresentava ameaça à ordem pública para as autoridades, como ocorria quando era praticado nas ruas das cidades e no campo, favorecendo a sua preservação e posterior evolução – no sentido de contínua alteração em sua práxis – dentro desses espaços⁴³. Nestes, a tensão entre a permissão à prática e a sua proibição, por conta da violência envolvida – e exacerbada pela ausência de sistematização de regras – se deu em todas as instituições aonde o *football* fora levado pelos alunos.

A resolução ao conflito encontrada na Escola de Rugby, durante a direção de Thomas Arnold, nos anos 1840, buscou, acima de tudo, obter maior estabilidade nas relações sociais dentro da comunidade escolar – em acordo com os ideais da burguesia ascendente. Como parte das reformas, foram incentivadas as atividades coletivas e a transformação do ideal de cavalheiro – que valorizava a contenção emocional, a redução e controle da violência física, dentro daquilo que Elias chama de processo civilizatório, tornando cada vez mais complexa a prática do *football* e criando a necessidade de sua codificação escrita⁴⁴.

A explicação sociológica para o advento do rúgbi contrasta com a bem conhecida história contada em prosa e verso pelos aficionados pelo esporte. É a história de William

⁴² Internatos secundários particulares, de altos custos, que educavam as classes mais abastadas nas Ilhas Britânicas.

⁴³ DUNNING, Eric; ELIAS, Norbert. *Em busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992, p. 40

⁴⁴ Idem, p.55.

Webb Ellis, jovem estudante da Escola de Rugby que, em 1823, durante uma disputa de *football*, teria apanhado a bola com as mãos e corrido com ela, ato que não era usual de acordo com as regras orais do jogo praticado na escola pelos alunos. O conto de Webb Ellis aparece enunciado pelo próprio *World Rugby* – antigo IRFB, ou IRB, *International Rugby (Football) Board*, a entidade máxima do rúgbi mundial – em suas apresentações do esporte. Lançado em 2015, o atual sítio de internet da entidade ainda traz justamente a história de Webb Ellis como a origem do esporte.

“A lenda afirma que em 1823, durante uma partida de football escolar na cidade de Rugby, na Inglaterra, um jovem rapaz chamado Williams Webb Ellis apanhou a bola com as mãos e correu até a linha de gol adversária. Dois séculos depois, o Rugby Football se transformou em um dos mais populares esportes do mundo, com milhões de praticantes, espectadores e apreciadores. No coração do Rugby está um ethos único preservado por anos. O esporte não é apenas praticado de acordo com as leis, mas pelo espírito das leis. Através de disciplina, controle e respeito mútuo, o companheirismo e o senso de jogo justo (*fair play*) são forjados, definido o rugby como o esporte que é”⁴⁵

O ato transgressor e fundacional de Webb Ellis apresenta-se como um semióforo (fecundo, do qual brotam significados múltiplos), no sentido que tal termo, como definido por Marilena Chauí, designa:

“[...] um acontecimento, um animal, um objeto, uma pessoa ou uma instituição retirados do circuito do uso ou sem utilidade direta e imediata na vida cotidiana porque são coisas providas de significação ou de valor

⁴⁵ Tradução livre. “Legend has it that in 1823, during a game of school football in the town of Rugby, England, a young man named William Webb Ellis picked up the ball and ran towards the opposition’s goal line. Two centuries later, Rugby Football has evolved into one of the world’s most popular sports, with millions of people playing, watching and enjoying the Game. At the heart of Rugby is a unique ethos which it has retained over the years. Not only is the Game played to the Laws, but within the spirit of the Laws. Through discipline, control and mutual self-respect, a fellowship and sense of fair play are forged, defining Rugby as the Game it is”. Disponível em: <http://www.worldrugby.org/welcome-to-rugby/faq> Acesso em: 31 de julho de 2015.

simbólico, capazes de relacionar o visível e o invisível, seja no espaço, seja no tempo, pois o invisível pode ser o sagrado (um espaço além de todo espaço) ou o passado ou o futuro distantes (um tempo sem tempo ou eternidade), e expostos à visibilidade, pois é nessa exposição que realizam sua significação e sua existência. É um objeto de celebração [...]”⁴⁶

E a origem da história de Webb Ellis é bem conhecida pela literatura acadêmica acerca do rúgbi.

Em 1876, o jornal londrino *The Standart* escreveu sobre a disseminação do *Rugby Football* dentro das universidades inglesas, recebendo, em resposta à curiosidade gerada pela matéria, uma série de cartas de leitores, com testemunhos de *Old Rugbeians* (ex-alunos da escola de Rugby) sobre a prática do jogo na instituição. Diante da afirmação de um dos leitores de que o *football* de Rugby nada mais seria do que o refinamento dos velhos jogos de *football*, adaptado e transformado gradualmente, o antiquário e arqueólogo amador Matthew Bloxam, ex-aluno da escola, refutou a teoria de transição, afirmando que, enquanto ele próprio estivera na escola, de 1813 a 1820, as características distintas do jogo ainda não haviam emergido.

O pensamento antiquário de Bloxam deu vida à história de William Webb Ellis, sem se preocupar em reportar as fontes, apenas apresentando ao leitor sua “reliquia” memorial, a fim de transformá-la em verdade. Bloxam deu, em 1880, seu testemunho ao *The Meteor*, jornal da referida escola, sobre as origens do *Rugby Football*,

“Um garoto de nome Ellis, William Webb Ellis, garoto cidadão e ‘foundationer’⁴⁷, que, aos nove anos de idade, entrou na escola, após as férias de verão de 1816, e que na segunda metade do ano de 1823 fora, acredito, ‘praeposter’⁴⁸; enquanto, no meio do ano, jogava football da

⁴⁶ CHAÚÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011, p. 12.

⁴⁷ Indivíduo de família que fundou uma instituição, no caso a Escola de Rugby, ou que é doadora de fundos à instituição. In: WEBSTER’S NEW DICITIONARY. New York: Black Dog &Leventhal Publichcers, 1995.

⁴⁸ “Praeposter” ou “prefect” eram alunos mais velhos que assumam nas *public schools* a condição de representantes do corpo discente. In: WEBSTER’S NEW DICITIONARY. New York: Black Dog &Leventhal Publichcers, 1995.

‘Bigside⁴⁹’, apanhou a bola com as mãos. De acordo com as regras, ele deveria ter se retirado para trás o quando quisesse, sem partir com a bola, sendo que os oponentes só poderiam avançar até o local onde ele havia apanhado a bola e só poderiam avançar a partir do momento que ele tivesse chutado a bola ou a apoiado no chão para que outro jogador a chutasse. Era dessa maneira que a maior parte dos “goals” era marcada, e no momento em que a bola tocava o chão o time adversário podia avançar. Ellis, pela primeira vez, a despeito dessa regra, quando apanhou a bola, ao invés de se retirar para trás, correu com ela nas mãos para cima do time adversário até o gol adversário, tendo como resultado o jogo que conheço, mas não sei como foi o desdobramento da transgressão de uma regra bem conhecida e nem quando ela se tornou uma regra aceita⁵⁰

Com o intuito de atestar que correr com a bola nas mãos durante uma partida de *football* não era uma tradição antiga da escola, Bloxam serviu de referência à criação e consolidação do mito fundador do rúgbi: William Webb Ellis e sua transgressora jogada. Sem ter presenciado a suposta ação e norteado por uma fonte desconhecida (já que o próprio Ellis falecera em 1872), Bloxam seguiu a tendência da época, de uma história factual e metódica dos grandes homens e grandes feitos. Na busca por uma história científica, a filosofia social de John Stuart Mill, de grande influência no pensamento da Era Vitoriana, defendia a identificação dos grandes personagens da história:

⁴⁹ “Bigside” era uma das quatro organizações estudantis da Escola de Rugby, as “Levés”, cada qual organizava suas atividades de *football* com suas próprias regras orais. In: DUNNING, Eric. SHEARD, Kenneth. *Barbarians, Gentlemen and Players. A sociological study of development of rugby football*. 2ª edição. London: Routledge, 2005, p. 67.

⁵⁰ Tradução livre. “A boy of the name of Ellis, William Webb Ellis, a town boy and a founder, who at the age of nine entered the school after the midsummer holidays in 1816, who in the second half year of 1823, was, I believe, a praeposter, whilst playing Bigside at football in that half year, caught the ball in his arms. This being so, according to the then rules, he ought to have retired back as far as he pleased, without parting with the ball, for the combatants on the opposite side could only advance to the spot where he had caught the ball, and were unable to rush forward till he had either punted it or had placed it for someone else to kick, for it was by means of these placed kicks that most of the goals were in those days kicked, but the moment the ball touched the ground, the opposite side might rush on. Ellis, for the first time, disregarded this rule, and on catching the ball, instead of retiring backwards, rushed forwards with the ball in his hands towards the opposite goal, with what result as to the game I know not, neither do I know how this infringement of a well known rule was followed up, or when it became as it is now, a standing rule”. In: BLOXAM, Matthew. *The Meteor, número 157, 1880*. Apud: DUNNING, Eric. SHEARD, Kenneth. *Barbarians, Gentlemen and Players. A sociological study of development of rugby football*. 2ª edição. London: Routledge, 2005.

“[...] aqueles que afirmam que a evolução da sociedade depende exclusivamente, ou quase exclusivamente, de causas gerais, sempre incluem entre estas o conhecimento coletivo e o desenvolvimento intelectual da raça. Mas se da raça, porque não também de algum monarca poderoso ou de um pensador ou da parte dominante de uma sociedade política agindo através de seu governo? [...] Além disso, por quanto é manifesto, as volições de pessoas excepcionais, ou as opiniões e os propósitos dos indivíduos que em dada altura constituem um governo, podem ser elos indispensáveis na cadeia de causalidades [...] e eu creio ser esta a única forma defensável da teoria”⁵¹

O mito de Webb Ellis ficou restrito aos leitores do *The Meteor* por alguns anos, o que é evidenciado pela ausência de citações sobre a suposta jogada em fontes dos anos 1880 que trataram da história do *football*⁵². Foi apenas em 1897, com a publicação *The Origin of Rugby Football*⁵³, que Ellis foi conduzido a personagem fundador de uma distinta forma de se jogar *football*.

O momento da oficialização de Ellis como o herói mítico fundador do rúgbi era de uma turbulenta crise institucional no esporte. Os anos 1880 e 1890 foram marcados dentro da RFU – *Rugby Football Union*, o órgão regente do rúgbi na Inglaterra e entidade organizadora mais antiga da modalidade, fundada em 1871 – como de disputas ferrenhas com relação ao estatuto e à ética amadora do esporte.

Em plena crise, a RFU estabeleceu um comitê, a *Old Rugbeian Society*, formado por ex-alunos da Escola de Rugby, para investigar as origens do esporte. Mesmo sem

⁵¹ MILL, John Stuart. *A System of Logic*, 1872. Apud: GARDINER, Patrick. *Teorias da História*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964, p. 125.

⁵² “Firmly fixed in the minds of proud Old Rugbeian readers of *The Meteor*, the myth of William Webb Ellis was little known outside Rugby School circles. A history of football, co-authored by J.E. Vincent and Montague Shearman in 1885, ignored Ellis altogether.⁹ Two years later, Shearman's *Athletics and Football*, a book in the popular Badminton Library series on English sports and pastimes, similarly explained Rugby's unique style of football as the result of open grassy grounds where handling and tackling were possible, unlike the walled-in cloisters of Eton, Charterhouse, and Westminster. Again omitting any reference to William Webb Ellis, Shearman concluded that Rugby football was ‘essentially the same game which evoked the wrath of Stubbes’ the puritan divine of the sixteenth century”. BAKER, William J. “William Webb Ellis and the Origins of Rugby Football: The Life and Death of a Victorian Myth”. In: *Albion: A Quarterly Journal Concerned with British Studies*, Vol. 13, No. 2 (Summer, 1981), pp. 117-130.

⁵³ *Idem*.

identificar ex-alunos que testemunharam o suposto feito de Ellis, o conto de Bloxam foi tomado como verdadeiro⁵⁴. Em 1900, Ellis ganhou uma placa de homenagem na escola, sacramentando a adoção oficial do mito.

A reificação de um mito fundador se tornou necessária naquele momento como afirmação das origens do rúgbi dentro das *public schools* como esporte amador, perpetuando um ato de criacionismo e de opção por uma teoria da história dos “grandes homens”, na Grã-Bretanha inspirada por Thomas Carlyle e seu *On Heroes, Hero-Worship, and The Heroic in History*, e em contraposição ao rol de ideias novas surgidas na esteira do Darwinismo⁵⁵. Se para Clifford Geertz⁵⁶ a cultura pode ser definida pelas estruturas de significado através das quais os homens dão forma às suas experiências, o mito fundador desempenha papel na organização dessas experiências, transformadas em ações simbólicas.

A disseminação do rúgbi pelo Norte da Inglaterra, cuja economia estava fortemente ligada à indústria, em especial a indústria têxtil no Lancashire e no Yorkshire, foi notável nos anos 1870 e 1880, com quase metade dos 331 clubes filiados à RFU estando localizados na região. Como pontua Tony Collins, em seu *Social History of English Rugby*, os clubes de rúgbi no período foram fundados com o intuito de se prover atividades físicas e sociais a jovens homens de classe média que passam boa parte do dia encerrados entre quatro paredes. A opção desses indivíduos pelo rúgbi conferia certo prestígio social ao esporte, mas a realidade do Norte era polarizada na economia industrial. O intenso espírito competitivo do capitalismo industrial foi expressado entre a classe média inglesa também na forma de orgulho cívico. A rivalidade entre as cidades do Norte criava competições: quem tinha o maior prédio da prefeitura? Quem possuía o maior parque? Quem contava com o maior teatro? O esporte, naturalmente, e tanto o futebol como o rúgbi entraram para esse quadro competitivo⁵⁷.

A partir dos anos 1870, os clubes de rúgbi da região passaram a contar cada vez mais com jogadores oriundos de uma classe média baixa, que buscava se expressar por meio do rúgbi. O resultado foi, no Yorkshire, a criação da *Yorkshire Cup* (Copa do

⁵⁴ COLLINS, Tony. *A Social History of English Rugby*. London: Routledge, 2009, p. vii.

⁵⁵ WILLIAMS, Gareth. “Rugby Union”. In: MASON, Tony (ed.). *Sport in Britain, a social history*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011, p. 308.

⁵⁶ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.

⁵⁷ COLLINS, Tony. *Op. cit.* p 25.

Yorkshire) em 1877, e a tendência de criação de copas regionais se espalhou pelo país, com as cifras de público nos estádios aumentando⁵⁸. O rúgbi prontamente se espalhou entre a classe trabalhadora no Norte os primeiros rumores de remuneração a atletas já surgiam antes da virada da década, evidenciado pela proibição às remunerações imposta pelos organizadores da Copa do Yorkshire já em 1879. Nos 1890, a proliferação de pagamentos por horas perdidas de trabalho a atletas operários, os subsídios às viagens, as ofertas de emprego nos clubes e presentes em mercadorias a atletas já alarmava as autoridades no Norte.

Como argumenta Collins, enquanto parte da burguesia industrial do Norte era tolerante – ou mesmo incentivava – as práticas de beneficiamento material a atletas de origem operária, os dirigentes no Sul, especialmente em Londres, se alarmavam com o processo desencadeado no coração industrial do país. A popularidade do rúgbi já era vista como preocupante para a manutenção do *ethos* amador. “Aqueles que trabalharam duro para fazer do jogo um passatempo honrável – um ao qual o cavalheiro possa se dedicar e a dama prestigiar – terá ou que afastar o mal [o profissionalismo] com a mão firme ou abandoná-lo ao seu destino”, escreveu o *Yorkshire Post*, em 1886⁵⁹.

Em 1886, a RFU tomou a frente e iniciou sua luta contra o profissionalismo redigindo as primeiras regras que banissem a prática. A entidade já tinha no precedente aberto pelo futebol um quadro do que poderia acontecer, uma vez que a *FA Cup* (Copa da Inglaterra de Futebol) já vivia a ascensão dos atletas da classe trabalhadora, que cada vez mais jogavam em igualdade ou superavam os clubes de *gentlemen*. No próprio congresso da RFU de 1886, Arthur Budd, futuro presidente da entidade, já argumentava que o não banimento do profissionalismo levaria à “submissão do amador da classe média ao profissional da classe trabalhadora⁶⁰”.

O que era preconizado por Budd já se tornava realidade no Lancashire e no Yorkshire, e a legislação da RFU de 1886 dera o estopim para uma guerra civil que duraria

⁵⁸ Público registrado de 12.000 torcedores para a final da Copa do Yorkshire de 1877, superior ao público da final da FA Cup (a Copa da Inglaterra de futebol). COLLINS, Tony. *A Social History of English Rugby*. London: Routledge, 2009, p 25-30.

⁵⁹ Tradução livre. “Those who have worked hard to make the game an honourable pastime – one which gentlemen can indulge in and ladies patronise – will either have to stamp out the evil [o profissionalismo] with a strong hand or abandon the sport to its fate”. In: COLLINS, Tony. *A Social History of English Rugby*. London: Routledge, 2009, p 26.

⁶⁰ Idem, p. 27

cerca de uma década no rúgbi inglês. Entre demandas para a liberação de pagamentos por horas perdidas de trabalho – que, como argumentavam, não significavam a transformação do jogador em profissional, mas apenas a criação de condições para atletas da classe trabalhadora, fiel entusiasta do rúgbi no Norte da Inglaterra, poderem praticar o rúgbi em igualdade com os gentlemen⁶¹ – e a manifestação de clubes a favor da criação de uma liga, aos moldes da competição criada no futebol em 1871, o braço de ferro entre os clubes do Norte e a RFU, comandada por homens fortemente ligados aos clubes da burguesia londrina, foi resolvido com o cisma. Em 29 de agosto de 1895, no Hotel George, em Huddersfield (Yorkshire), representantes de vinte e um clubes, todos de Yorkshire ou Lancashire, fundaram uma entidade dissidente, a *Northern Rugby Football Union*, a qual prontamente passara a regular o pagamento de bonificações por horas perdidas de trabalho aos atletas de seus clubes. O grupo ganhou novas aderências nos meses e anos seguintes, com mais de duzentas agremiações, todas do Norte, pedindo filiação à entidade ao longo de uma década após sua formação. A separação não teve volta e levou à mudança sistemática e progressiva das leis do jogo pela NRFU, dando origem a um esporte distinto, posteriormente denominado *Rugby League*⁶².

A existência do rúgbi entre as classes trabalhadores no Norte da Inglaterra, que levou à divisão institucional – e depois quanto às regras do jogo – tem como paralelo de difusão similar entre a classe trabalhadora em Gales. Todavia, a transformação do rúgbi como veículo de seu próprio nacionalismo celta e tornado “o grande passatempo do povo”

⁶¹ Em 1893, na Assembleia Geral da RFU, James Miller, presidente da *Yorkshire Rugby Union*, propôs formalmente que os jogadores fossem compensados com bonificações por horas perdidas de trabalho, argumentando que a RFU, ao proibir a prática, reforçava a injustiça, fazendo trabalhadores perderem parte de seus salários ao jogarem por seus clubes e seleções dos seus condados, e não permitia que eles jogassem em igualdade com os indivíduos das classes abastadas. Por outro lado, a vizinha *Lancashire Rugby Union* passava no mesmo ano a suspender clubes que praticassem quaisquer tipos de remuneração a atletas, mostrando a divisão interna mesmo no Norte inglês. Digno de nota ainda é o fato de, na década que antecedeu o cisma, nada menos que quarenta e quatro atletas que defenderam a seleção inglesa de rúgbi serem de origem operária do Norte. COLLINS, Tony. *A Social History of English Rugby*. London: Routledge, 2009, pp. 28-34.

⁶² O *Rugby League* se desenvolveu como esporte profissional nos anos seguintes no Norte da Inglaterra, mas se manteve restrito à sua região de origem, salvo algumas tentativas de expansão, que incluíram incursões em Londres e Gales. Internacionalmente, o *Rugby League* teve adesão significativa somente na Austrália, onde teve a aderência igualmente da classe trabalhadora nos estados de Nova Gales do Sul e Queensland; na Papua Nova Guiné, território administrado pela Austrália entre 1905 e sua independência, em 1975; na Nova Zelândia, onde se manteve restrito como esporte minoritário, sobretudo na região de Auckland; e na França, onde teve uma disseminação conflituosa com o *Rugby Union* na década de 1930 e se tornou também uma modalidade de difusão menor. A separação institucional e a constante alteração nas regras tornaram o *Rugby League* um esporte distinto do *Rugby Union*, ainda que ao longo da história e até hoje haja significativo intercâmbio de atletas entre as duas modalidades. Para mais: COLLINS, Tony. *Rugby League in Twentieth Century Britain*. London: Routledge, 2006.

galês e o “mito unificador do povo” cria a Gales seu lugar dentro do império, o que fazia sentido com a permanência do rúgbi do país dentro da estrutura do Union amador, convergindo com o interesse da elite galesa⁶³. Com aponta Gareth Williams, “a classe média que controlava o jogo [rúgbi] em Gales estava igualmente resolvida em lutar contra o profissionalismo. Eles estavam, no entanto, mais preparados para tolerar cerca quantia de encoberta remuneração a fim de manter a função amadora do rúgbi em Gales como foco de uma perceptiva comunidade interesses”.

O reforço ao amadorismo e sua ética se tornaram prioritários para a RFU e para o IRFB (fundado em 1886, ao qual a RFU apenas se filiou em 1890). E o mito de Webb Ellis se tornou instrumental para a afirmação da identidade amadora do esporte. Tony Collins expõe que, após a separação da NRFU, a RFU se focou em, antes de mais nada, definir o que era profissionalismo, e não o contrário. Nas regras do rúgbi de 1896, a RFU explicita detalhadamente quais são os atos de profissionalismo, mas não define amadorismo⁶⁴.

A definição de amador seria, pois, vaga e ambígua, baseada na negativa, isto é, definindo-se pelo que “não é ser amador”. Cabia, em última instância, à RFU julgar na Inglaterra quem era amador.

“A União deve ter o poder de lidar com todos os atos que possa considerar como atos de profissionalismo e que não estejam especificamente explicitados pelas regras”⁶⁵

O “espírito amador” era diretamente associado ao *gentleman* cujo caráter fora forjado nas *public schools*, e caracterizado, não apenas pela dedicação aos esportes e à cultura do corpo (o “corpo amador” tido como idealizado, e em consonância com a busca por um passado greco-romano, expressado também pela ênfase nos estudos clássicos, sem

⁶³ HOLT, Richard. *Sport and the British: a modern history*. Oxford: Clarendon Press, 1992, pp. 246-51.

⁶⁴ ROBINSON, Bertram Fletcher, *Rugby Football*. The Isthmian Library, nº 1. London: Ad Innes & Co, 1896. In: SPIRING, Paul R (org.). *Rugby Football during the Nineteenth Century. A collection of contemporary essays about the game by Bertram Fletcher Robinson*. Oxford: MX Publishing, 2010, pp. 327-334.

⁶⁵ Tradução livre. “The Union shall have the power to deal with all acts which it may consider as acts of professionalism and which are not specifically provided for [by the rules]”. In: COLLINS, Tony. *A Social History of English Rugby*. London: Routledge, 2009, p. 36.

aplicação prática no mundo do trabalho, mas “formadores de caráter” de uma elite que dirigiria o império⁶⁶), mas pela negação do trabalho manual, dado que o esforço físico deveria ser, acima de tudo, voluntário, e não uma forma de “ganhar a vida”. O esporte, portanto, era entendido pelas classes mais abastadas como uma atividade gratuita e desinteressada e, logo, amadora (isto é, praticada pelo amor ao jogo, e não pelo interesse material).

Eric Dunning e Kenneth Sheard asseveram, o conceito do *ethos* amador fora desenvolvido dentro das *public schools* e, até aos anos 1880, assumia um caráter amorfo e desarticulado, o que mudará na última década do século XIX, quando ganha aspecto ideológico e se cristaliza, tornando-se, pois, um fato social, uma representação coletiva, com os autores fazendo uso de um conceito “durkheimiano”⁶⁷. O jogo pelo prazer, desinteressado, e a competição pelo orgulho de sua escola, de sua “casa”, norteavam o espírito amador das *public schools*, e muito do código de conduta valorizado se tornam parte do código de conduta esperado para o jogador de rúgbi até hoje, como a contenção das emoções mesmo na comemoração em campo de pontos ou da vitória ou na repressão à dor⁶⁸.

Webb Ellis e sua história ofereciam uma narrativa que solidamente calcava as origens do rúgbi nas *public schools* e separava as origens do esporte do universo de jogos populares, atribuíam uma procedência social para o jogo distinta e associado à classe média, e não às camadas populares. A necessidade era evidente, com a ascensão dos clubes do Norte e seus jogadores de origem operária, cada vez mais esportivamente influentes⁶⁹. Legitimava-se, assim, o controle do rúgbi por ex alunos das escolas de elite – a sombra da Escola de Rugby era persistente nos primeiros anos, pois os cinco primeiros presidentes da RFU era ex alunos da escola, assim como o primeiro capitão da seleção inglesa e metade do primeiro comitê formado pela entidade⁷⁰ – e o ideal amador do esporte.

⁶⁶ DUNNING, Eric. SHEARD, Kenneth. *Barbarians, Gentlemen and Players. A sociological study of development of rugby football*. 2ª edição. London: Routledge, 2005.

⁶⁷ Idem, p. 131.

⁶⁸ Ibidem, p. 132.

⁶⁹ COLLINS, Tony. *A Social History of English Rugby*. London: Routledge, 2009, p. 35.

⁷⁰ WILLIAMS, Gareth. “Rugby Union”. In: MASON, Tony (ed.). *Sport in Britain, a social history*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011, p. 309.

O período para a disseminação do rúgbi entre a classe operária do norte inglês, a pressão pelo profissionalismo e a secessão da NRFU foi marcado pela conjuntura da Grande Depressão e pela expansão imperial vitoriana, ambas inseridas dentro do longo período da chamada *Pax Britannica*. No espaço de tempo compreendido entre 1873 e 1896, a economia dos países industrializados vivera a chamada Grande Depressão, período extensamente debatido na história econômica que, apesar de se caracterizar pelo contínuo processo de acumulação, produção e investimento, foi marcado na Inglaterra por uma longa conjuntura de deflação e baixos lucros, como apresenta Giovanni Arrighi⁷¹. Nas palavras de Eric Hobsbawm, “se ‘depressão’ indica um estado mental generalizado – e, para a geração de 1850, novo – de inquietação e desânimo ante as perspectivas da economia britânica, a palavra é exata⁷²”.

Ainda mais significativo para a compreensão da criação do mito de Webb Ellis e a ferrenha oposição da classe dirigente do esporte com relação à ascensão dos jogadores da classe trabalhadora era a crescente organização sindical, iniciada legalmente já nos anos 1870, e ganhando dimensões em escala nacional nos anos 1890, com os conflitos trabalhistas ganhando a forma de lutas organizadas em escala nacional e articulada⁷³. Quando o ato “transgressor” de Webb Ellis é ressaltado, por trás está a mensagem de que a ele, por ser um *gentleman*, a transgressão fora aceitável, pois se tratou de um ato criativo, tomado entre seus pares, e prontamente sujeito às regras, à contenção – que se deu com a codificação do jogo e sua regulação pela escola. Para a classe trabalhadora, no entanto, a transgressão não era tolerável.

Dunning e Sheard, em *Barbarians, Players and Gentlemen*, analisam que, ao contrário do futebol e do críquete, que também viveram a crise pela permissão ao profissionalismo, mas saíram das disputas sem um cisma interno, o rúgbi foi incapaz de acomodar os interesses, e parte da explicação está na origem social dos praticantes dos principais clubes e colégios. Ao passo que o críquete tinha forte apelo dentro de uma aristocracia bem estabelecida e o futebol inglês era dirigido por indivíduos oriundos das escolas de maior prestígio, o rúgbi provinha de uma classe média em ascensão, de

⁷¹ ARRIGHI, Giovanni. *O Longo Século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo*. UNESP, Rio de Janeiro, 1995, pp. 163-179.

⁷² HOBSBAWM, Eric. *Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1979, pg 104.

⁷³ HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Impérios*. São Paulo: Paz e Terra, 2009, pp. 184-186.

aburguesamento mais recente, que, entre outras características, seria mais sensível quanto a seu status social⁷⁴. Em outras palavras, a transferência de mais poder à classe trabalhadora teve como efeito uma luta mais ferrenha pela preservação da estrutura e de uma ideologia forjada justamente dentro das *public schools*, para a qual a figura de Webb Ellis era mais um ingrediente.

2.2. O rúgbi brasileiro e suas múltiplas fundações

Se o rúgbi inglês cultivou a historieta de William Webb Ellis como seu paradoxalmente transgressor e conservador mito fundador, o rúgbi brasileiro também cultivou o seu, mas nada original. É na trajetória de Charles Miller como agente central na organização do futebol em São Paulo que o rúgbi ainda busca se inserir, tendo adotado o mesmo mito fundador do futebol brasileiro. Porém, tal adoção, como aqui será demonstrado, é um tanto posterior e a trajetória dos eventos transformados em fundacionais é, decerto, irregular.

Nascido em São Paulo, no bairro do Brás, em 1874, Charles Miller era filho do engenheiro escocês John Miller, que se radicou no Brasil como funcionário da São Paulo Railway, trabalhando na estrada-de-ferro Santos-Jundiaí (inaugurada em 1867), e de Carlota Alexandrina Fox, nascida no Brasil e filha de ingleses (seu pai, Henry Fox, era relojoeiro e comerciante em São Paulo). Aos nove anos de idade, Miller fora enviado por seus pais à Inglaterra para seguir seus estudos, dada a ausência de escolas britânicas em São Paulo. Junto de seu irmão John Henry e de seu primo William Fox Rule, Charles Miller se mudou para Southampton, onde estudou na *Banister Court School*, permanecendo lá até 1894.

Como era praxe para um estudante de escola privada na Inglaterra, Miller foi desde cedo em sua vida acadêmica introduzido nos esportes. A *Banister Court School* era uma pequena escola de elite, fundada para prover educação aos filhos dos altos funcionários da *Peninsular and Oriental Steam Navigation Company*, isto é, para jovens de uma classe média britânica ligada ao comércio exterior. Se a tradição do esporte britânico privilegiava o críquete como prática de verão, no inverno eram as formas de

⁷⁴ DUNNING, Eric. SHEARD, Kenneth. *Barbarians, Gentlemen and Players. A sociological study of development of rugby football*. 2ª edição. London: Routledge, 2005, p. 160.

football que prevaleciam. Na Banister Court, o entusiasmo maior era *pelo Association Football*, ainda que o *Rugby Football* também fosse jogado.

Inglês radicado no Brasil e autor de *Charles Miller - o pai do futebol brasileiro*⁷⁵, John Mills em momento algum de sua investigação sobre a trajetória de Miller na Inglaterra e em São Paulo confere destaque à atuação do anglo-brasileiro na disseminação do rúgbi. Miller tinha no futebol seu esporte favorito e se dedicou à sua organização no Brasil desde o momento que retornou ao país em 1894, portando bolas, chuteiras, apito e livro de regras do jogo da bola redonda. Acerca do material que trouxera para a prática do rúgbi, nenhuma menção é feita pela literatura que se debruçou sobre ele.

Não obstante, os indícios de que Miller em alguma medida desenvolveu o rúgbi em São Paulo são irrefutáveis. Quando retornou à sua terra natal, Miller se associou ao *São Paulo Athletic Club* (SPAC), fundado em 1888 (isto é, depois da ida de Miller à Inglaterra) para fomentar esportes ingleses na capital paulista. O SPAC, no entanto, voltava-se naquele momento à prática do críquete, assim como o *São Paulo Railway Cricket Club* (SPRCC), dos funcionários da companhia inglesa que construiu a primeira ferrovia de São Paulo. Ambos eram restritos à comunidade britânica, assim como o *Santos Athletic Club*, no Rio de Janeiro, e o *Rio Cricket e Associação Atlética* (RCAA)⁷⁶, em Niterói. Tais clubes se apresentavam como espaços para a colônia britânica praticar seus esportes e socializar, ao passo que os sócios desses clubes frequentemente transitavam entre as agremiações⁷⁷.

O indício de maior credibilidade encontrado sobre a prática do rúgbi no SPAC, organizada por Miller, está contida em duas fontes distintas. A primeira é relativa a um jornal editado pela e para a colônia inglesa, mais especificamente, aquela que residia no Rio de Janeiro, o *The Rio News*, onde se noticiou a realização da primeira partida

⁷⁵ MILLS, John Robert. *Charles Miller o pai do futebol brasileiro*. São Paulo: Panda Books, 2005.

⁷⁶ O Rio *Cricket* apresentou-se como o principal centro de prática do rúgbi no Rio de Janeiro durante todo o período anterior à Segunda Guerra Mundial. “O Rio Cricket foi o primeiro clube fundado por britânicos em Niterói no ano de 1897. O surgimento desta instituição resultou de uma crise interna vivida pelo Rio Cricket Club, situado na capital da República. No final do século XIX, o terreno onde se localizava o clube carioca era alugado, gerando, entre seus sócios, o desejo de adquirir uma sede própria. Todavia, devido aos altos preços dos terrenos na cidade do Rio de Janeiro, a realização deste sonho se tornara de difícil concretização. Neste contexto, alguns britânicos, moradores de Niterói, tiveram a ideia de adquirir um terreno na capital do Estado que servisse à criação de um novo clube”. In: BEZERRA, Maria Cristina Caminha. *Britânicos e alemães em Niterói: um estudo de imigração urbana*. Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2015, p. 221.

⁷⁷ Tal aspecto pode ser notado pelas escalações das equipes de origem inglesa.

documentada do rúgbi em solo brasileiro, que data de 1898, entre o SPAC e o São Paulo Railway, inclusive com a participação de Charles Miller: “Rugby Football. S. Paulo Athletic Club v. S. Paulo Railway. These clubs met for a friendly game played at Chácara Dulley on July 24th [...]”⁷⁸.

A reportagem ainda traz uma resenha da partida e a lista de atletas, que inclui Miller atuando pelo SPAC. Miller, inclusive, anotou o primeiro *try* do SPAC, que foi ao intervalo vencendo por um *try* a zero. No segundo, Miller ainda fez o segundo *try* e deu assistência para o terceiro, fechando o placar em três tries a zero para o “Club”, como foi chamado o SPAC na matéria. As equipes entraram em campo apenas com atletas com sobrenomes em inglês, refletindo o fato de todos os jogadores em campo serem estrangeiros ou, no mínimo, de ascendência anglo-saxã. A exceção fica por conta de Biereubach, do SPAC, cujo sobrenome é provavelmente germânico. Entretanto, a lista de nomes fornecida pelo jornal nomeia catorze atletas para o SPAC e doze para o SPR, porém uma partida de rúgbi à época – e ainda hoje – é disputada por duas equipes com quinze atletas. Como nada é dito acerca da disparidade numérica, deixa-se em aberto a dúvida se houve apenas omissão dos nomes ou se o jogo foi disputado por um número irregular de participantes.

“SPAC

Back: F. Sparks;

$\frac{3}{4}$ “ S. Crowther Smith, F. Blacklock; C. Miller; J. J. Wilson;

$\frac{1}{2}$ “ H. Kirkman, M. King;

Forwards: H. R. Pennington, P. Cumber, J. Biereubach, S. Weigall, E. Hume, W. Jeffery⁷⁹, T. Happe.

⁷⁸ Cf. *The Rio News*, 2 de agosto de 1898, p. 7.

⁷⁹ Walter Jeffery (1881-1964) era inglês de nascimento e fora um dos fundadores da Associação Atlética Mackenzie, tendo feito nome como jogador de futebol, sendo campeão pelo SPAC. Jeffery participou de um grupo de dissidentes do SPAC que fundou o Concórdia FC, em 1906, e se transferiu para o Clube Atlético Paulistano no mesmo ano. Era dentista e, como profissional liberal, teve notável circulação entre os clubes da época. GAMBETA, Wilson Roberto. *A bola rolou. O Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol. 1895 – 1916*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014, pp. 242-315.

S. P. Railway

Back: E. Wyatt;

$\frac{3}{4}$ E. A. Duffield, J. Shaw, E. G. Knight, J. S. Webster;

$\frac{1}{2}$ L. M. Howe, J. Mawson;

Forwards: W. J. Ingoldby, F. C. Fforde, W. F. Ware, J. Finlayson, R. V. King”

A outra fonte é a carta de Hans Nobling, fundador do *Sport Club Germânia*, que relata em 1937 ao jornalista Paulo Várzea a realização de um jogo anual de rúgbi pelo clube dos ingleses.

“Unicamente na colônia inglesa paulistana jogava-se a cada ano, pelo que pude apurar, duas partidas de futebol, entre quadros do São Paulo [Athletic] Club, e se não me engano, do São Paulo Railway Cricket Club, sendo uma partida de futebol association e outro de futebol rugby. Lembro-me que junto de uns poucos membros da colônia inglesa assisti um desses jogos, o de rugby, que se realizou, se não me engano, em Setembro de 1897, num campo do Bom Retiro, que era provavelmente do SPRCC”⁸⁰

Que Miller e os demais sócios do SPAC praticavam esporadicamente, mas com alguma regularidade, o rúgbi na virada do século XIX para o XX, não há dúvida, mesmo com clara preferência pelo futebol. Entretanto, sua escolha como mito fundador do rúgbi no Brasil é mais problemática. Sua história associada à introdução do rúgbi no Brasil, assim como a história de Webb Ellis, não é encontrada nas primeiras vozes sobre o início do rúgbi no país.

Entre a citação de 1898 do *Rio News* e a carta de Nobling, de 1937, uma sucessão de publicações em jornais atribui a alguma partida realizada no espaço entre a virada do

⁸⁰ NOBLING, Hans. “Primórdios e dados históricos da implantação do futebol em São Paulo”. In: GAMBETA, Wilson (org.). *Primeiros passes: documentos para a história do futebol em São Paulo (1897-1918)*. São Paulo: Edições LUDENS, 2014, pp. 35-48.

século e 1926 como sendo a primeira realizada em solo brasileiro, sem remontar a Miller o pioneirismo ou a condição de fundador.

Em 1905, o *Jornal do Brasil* noticia a realização de uma reunião no Velódromo de São Paulo com representantes do *São Paulo Athletic Club*, do *Club Atlético Paulistano* e “de outros clubs” sobre o estabelecimento de *teams* de rúgbi⁸¹, sem referência a Miller, e cujo desfecho não fora relatado pelos periódicos. Em 1910, em 23 de junho, o mesmo *Jornal do Brasil* volta a destacar a realização de uma partida de rúgbi, envolvendo os tripulantes do cruzador *Amethyst* e os britânicos do Rio de Janeiro:

“No próximo domingo será jogado no Rio o primeiro match de ‘rugby esporte inteiramente desconhecido no nosso paiz [...] O teams do Amethyst não está definitivamente organizado, devendo se-lo hoje [...] O team inglez do Rio acha-se composto dos excelentes elementos que jogam na Inglaterra e alguns mesmo em scratch representando suas cidades [sic]”⁸²

O jogo envolvendo o *Amethyst* também fora citado pelo *Correio Paulistano*, acrescentando que o time de ingleses radicados no Brasil era formado por indivíduos que trabalhavam em bancos, na *Western Telegraph* e na *Leopoldina Railway*, com a partida sendo disputada “em benefício do Hospital dos Inglezes”.

As atividades não cessam e no ano seguinte é noticiada a primeira partida interestadual de rúgbi no Brasil, envolvendo as representações de Rio de Janeiro e São Paulo no campo do Fluminense, na rua Guanabara, com público de cerca de duas mil pessoas, de acordo com o *Correio Paulistano*. O embate, realizado em 17 de julho, terminou em empate de três a três, com as equipes entrando em campo com quinze atletas cada, sendo que um nome paulista não foi identificado (“A. N. Other”, em inglês, “outro”).

“Rio de Janeiro

⁸¹ Cf. *Jornal do Brasil*. 17 de agosto de 1905.

⁸² Cf. *Jornal do Brasil*. 23 de julho de 1910.

Back: T. O. Robinson

$\frac{3}{4}$ backs, S. Reynolds, Davis, Goldthorpe, Foy

$\frac{1}{2}$ backs, Muriel, Douglas

Forwards: Norris, Parker, Wood, Wilson, Richardson, Baxter, Bailey, Wyard.

São Paulo

Back: Hinds

$\frac{3}{4}$ backs, Williams, Banks, Wyatt e Swaine

$\frac{1}{2}$ backs, Rushton, T. Morrow

Forwards: O. Morrow, Burns, Colston, Reed, Montandon, Smith, Tomkins, A. N. Other”⁸³

A matéria do *Correio Paulistano* atesta que “pela segunda vez na história do football rugby encontraram-se hontem duas equipes fim de disputar um match deste interessante sport”. O texto relembra o jogo com o Amethist da parte da equipe carioca e resta a procedência de atletas do São Paulo Athletic Club no time paulista:

“Do lado dos Paulistas sobressahiam pela agilidade os jogadores do São Paulo Athletic Club mais treinados que seus companheiros, e entre eles destacamos Colston, Morrow, Banks e Burns [...] No team Carioca destacamos: Tom Robinson, cujo excelente jogo já conhecíamos do match contra os do Amethist”

Em 1916, o *Correio Paulistano* já registra a realização de um treino de rúgbi na *Associação Atlética das Palmeiras*⁸⁴, ao passo que em 1920, em texto sobre a construção

⁸³ Cf. *Correio Paulistano*. 17 de julho de 1910.

⁸⁴ Cf. *Correio Paulistano*, 03 de julho de 1916.

do novo estádio do Palestra Itália, a possibilidade do campo receber jogos de rúgbi é levantada⁸⁵.

Os jornais paulistas e cariocas consultados não voltam a relatar partidas de rúgbi em nenhuma das duas cidades até 1921, quando o *Jornal do Brasil* publica em 05 e junho uma foto de um time uma equipe francesa e destaca que:

“Entre nós, a prática do Rugby é quasi nulla, pois, apenas, no que se sabe, existem três equipes desse sport, uma da Light, outra do Rio Cricket, em Nictcheroy, e a outro do S. C. Brasil, da Liga Metropolitana, que conta em seu quadro social com grande número de sportsmen ingleses, entre os quaes muitos que praticam o Rugby”⁸⁶

Todavia, nenhuma partida é relatada. Em 1922, no entanto, novamente aparece o discurso afirmativo de uma “primeira partida de rúgbi no Brasil”, na *Gazeta de Notícias*, em 8 e novembro, entre tripulantes do navio estadunidense “Nevada”:

“Na Exposição [Internacional], foi hontem realizada pela primeira vez no Brasil uma partida de Rugby”⁸⁷

Acerca da mesma partida, contudo, o jornal *O Paiz* não lhe atribui a condição de primeira partida⁸⁸.

Em fontes oficiais, como no antigo jornal da *Associação Brasileira de Rugby*⁸⁹, o marco para a organização do rúgbi no Brasil é a chegada ao país do escocês Jimmy McIntyre, em 1924, que organizaria o primeiro clube de rúgbi de São Paulo, juntamente com o aviador inglês Gordon Fox Rule, o *São Paulo Rugby Football Club (SPRFC)*, constituído, sobretudo, por britânicos. Nas palavras do próprio McIntyre, no entanto, “não

⁸⁵ Cf. *Jornal do Brasil*, 31 de agosto de 1920.

⁸⁶ Cf. *Jornal do Brasil*. 05 de junho de 1921.

⁸⁷ Cf. *Gazeta de Notícias*, 09 de novembro de 1922.

⁸⁸ Cf. *O Paiz*, 11 de novembro de 1925.

⁸⁹ Cf. *Rugby*. Agosto de 1982 até dezembro de 1985.

podemos nos esquecer da contribuição dada por alguns sírios, alemães e franceses, que também faziam parte do time”. O clube não possuía ligações com o SPAC, de Miller, e iniciara suas atividades em um campo alugado atrás do Monumento do Ipiranga⁹⁰. O nascimento posterior do *Britannia Football Club* – fundado também por McIntyre e Rule – criou oposição local ao SPRFC.

No Rio de Janeiro, em 1925, nasceu o chamado *The Club*, incorporado logo ao *Rio Cricket* (RCAA), segundo o *Correio da Manhã*⁹¹, com uma partida entre os funcionários da *City Improvements* e da *Western Telegraph*.

A data para a primeira partida oficial no Brasil reconhecida pela ABR é 1926⁹², com a realização de uma partida entre as representações de São Paulo e Santos, em 16 de maio, seguida por uma partida entre as representações de São Paulo e Rio de Janeiro, no dia 23 do mesmo mês, inaugurando a série de confrontos anuais entre os dois estados, com uma taça sendo colocada em disputa em 1927: a já extinta *Taça Beilby Alston*, oferecida pelo serviço diplomático inglês e batizada em homenagem ao embaixador Sir Beilby Alston. E a partir de 1926, o rúgbi passa a ter sua prática documentada sem intermitências, a não ser durante parte do período Segunda Guerra Mundial, quando há ausência de jogos de rúgbi documentados em jornais e outras fontes – apontando para uma ligação ainda profunda do rúgbi no Brasil com a comunidade britânica.

Charles Miller é lembrado possivelmente pela primeira vez em 1926, em um jornal de circulação interna da comunidade britânica, em inglês, o *Times of Brazil* que, em 15 de maio, publica uma matéria prévia para o jogo entre São Paulo e Santos na qual relembra Miller, “esta partida é a primeira de rúgbi disputada em São Paulo desde 1895, quando o time de C. W. Miller enfrentou o time da São Paulo Railway”⁹³.

Os eventos de 1925 e 1926 serão reiterados como demarcadores do início da prática do esporte no país pelos anos seguintes, sem que Miller fosse novamente lembrado. Em 1928, o *Estado de S. Paulo* atribui à *Associação Atlética das Palmeiras* e ao *Clube Atlético Paulistano* a responsabilidade pela introdução do rúgbi na cidade,

⁹⁰ Cf. *Rugby*. Março de 1983.

⁹¹ Cf. *Correio da Manhã*. 11 de julho de 1925.

⁹² Cf. *Rugby*. Junho de 1985.

⁹³ Tradução livre. “This match is the first Rigger match played in São Paulo since 1895, when C. W. Miller’s team played a team of the São Paulo Railway”. Cf. *Times of Brazil*, 15 de maio de 1926.

“Damos algumas informações sobre o futebol ‘*Rugby*’ que está sendo introduzido em S. Paulo pelo Palmeiras e pelo Paulistano e que hoje na Europa ameaça roubar a popularidade do ‘Association’”⁹⁴

Em 1936, no campo do *Rio Cricket*, em Niterói, o Brasil – chamado de “Brazilian Selection XV”, recebeu a seleção de mais destaques a já ter vindo ao país: o selecionado britânico⁹⁵, que fazia naquele ano uma excursão pela Argentina. Em seu retorno à Europa, os britânicos realizaram uma pausa em Niterói e enfrentaram o time brasileiro no dia 31 de agosto. Originalmente, a partida deveria ter ocorrido em Santos, com o *Santos Athletic Club* tendo se preparado para receber o jogo internacional. Entretanto, as más condições climáticas levaram a partida a ser postergada e remarcada para Niterói. Ainda assim, fora publicado para a partida em Santos um programa da partida com um texto acerca da história do rúgbi no Brasil. O texto não é assinado pelo seu autor, mas atesta que:

“O jogo de rúgbi vem sendo jogado no Brasil, segundo mostram as fontes, pelos últimos 25 anos, mas é sabido que partidas *foram* realizadas antes de 1911, ainda que nenhuma fonte possa provar isso. Foi somente em 1925 que o jogo se firmou com a fundação de clubes de Rugby Football tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo [...] O clube de São Paulo começou com o Palmeiras, e os primeiros jogos foram disputados em seu campo na Ponte Grande⁹⁶”

⁹⁴ Cf. *O Estado de S. Paulo*. 01 de agosto de 1928.

⁹⁵ A equipe britânica de 1936, o “Great Britain XV”, chamada no Brasil de “British Rugby Touring Side”, fora um combinado com uma base de atletas ingleses reforçada de alguns irlandeses e escoceses. Hoje a equipe de 1936 é reconhecida como uma das equipes dos atuais *British and Irish Lions*, a famosa seleção composta por atletas de Inglaterra, Gales, Escócia e Irlanda, que são formados periodicamente (desde 1989, a cada quatro anos) para partidas contra selecionados do Hemisfério Sul (desde a Segunda Guerra Mundial, os *tours* dos *Lions* têm como destinos principais sempre África do Sul, Austrália ou Nova Zelândia, com eventuais jogos em outros países. O conceito dos selecionados britânicos começou com o tour à Oceania em 1888, porém somente a partir de 1949 os *Lions* receberam sua atual denominação e passaram a ser organizados diretamente por um comitê formado pelas federações inglesa, galesa, escocesa e irlandesa. Até a Segunda Guerra Mundial, as iniciativas, como a de 1936, eram autônomas e só foram posteriormente reconhecidas como parte da história dos *Lions*. Os *Lions* não visitam a América do Sul desde justamente 1936.

⁹⁶ Tradução livre. “The Rugby game has been played in Brazil, as far as records show, for the past 25 years. But it is known that games were played before 1911 though no actual records can bear proof of this. It was only in 1925 that the game found a firm footing by the formation of Rugby Football Clubs both in Rio de Janeiro and São Paulo“, 1936. A cópia do documento encontra-se no arquivo do LUDENS-USP.

O autor anônimo não comenta acerca de Miller explicitamente, tampouco discorre sobre outros personagens dos primeiros anos. A citação acerca de indivíduos que teriam sido os patronos do esporte no país reaparece apenas em 1950 com a exaustivamente citada obra do jornalista d'A *Gazeta Esportiva* Thomaz Mazzoni, *História do Futebol no Brasil*, o qual, decerto, teve grande influência do também jornalista Paulo Várzea e outros autores, mas que, no entanto, peca ao referenciar as fontes de suas afirmações⁹⁷.

Contido na obra, mas sem uma comprovação documental confiável, a fundação do *Clube Brasileiro de Futebol Rugby*, no Rio de Janeiro, em 1891, teria sido a primeira formalização de um clube dedicado ao rúgbi no Brasil, precedendo as iniciativas de Miller em São Paulo. Segundo Tomás Mazzoni,

“O segundo clube surgido em terra carioca foi o do Clube Brasileiro de Futebol Rugby, o primeiro a cultivar esse esporte no Brasil, fundado em 12 de setembro de 1891 pelos srs. Alfredo Amaral Fontoura, Vírgilio Leite, Oscar Vieira de Castro, Edwin Ral, Sidney Cox, Augusto Amaral e Luiz Leonel Moura, este jovem brasileiro, recém-chegado da Inglaterra, onde fôra educado no ‘Elizabeth College’, da ilha de Guernsey, na qual aprendera o ‘rugby’ e o futebol ‘soccer’. Foi por sua iniciativa que se introduziu no Rio, o ‘rugby’, que logo encontrou adeptos, enquanto que o futebol ‘association’, tentado pelos rapazes do Clube Brasileiro de Cricket e reeditado por Moura, entre 92 e 93, foi depois esquecido”⁹⁸

Entre os nomes citados da fundação do *Clube Brasileiro de Futebol Rugby* está Sidney Cox, irmão de Oscar Cox e filho de George Cox, fundador, em 1875, do *Paysandu Cricket Club*, posteriormente *Paysandu Athletic Club*. Mazzoni cita Várzea como fonte para afirmar que o próprio Oscar Cox teria praticado rúgbi e o introduzido de forma casual no Paysandu. O fato teria ocorrido em 1896 quando, interessado na prática do futebol, mandou trazer da Suíça uma bola da marca Dupont que, contudo, não pode ser utilizada

⁹⁷ GAMBETA, Wilson Roberto. *A bola rolou. O Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol. 1895 – 1916*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014, p. 124.

⁹⁸ MAZZONI, Tomás. *História do Futebol no Brasil*. Edições Leia, 1950.

para o futebol *Association* devido à irregularidade do terreno, sendo, não obstante, usada para jogar rúgbi⁹⁹.

Oscar e Sidney estudaram na Suíça, em Lausanne, onde, desde a década de 1850, as práticas de jogos ingleses ganhavam lugar nos colégios suíços. Atraídos pelo cenário alpino e pela qualidade de ensino oferecido pelos colégios privados locais, jovens da burguesia inglesa afluíram à Suíça e logo se estabeleceram em cidades como Lausanne, Genebra e Zurique, onde os primeiros clubes de críquete, futebol e rúgbi foram fundados no país¹⁰⁰. Dessa forma, o contato dos irmãos Cox com o rúgbi é plausível a ponto de justificar a opção pelos exercícios de rúgbi no Paysandu, ainda que sem continuidade atestada. Apesar da prática do rúgbi ainda hoje não ser de grande difusão na Suíça, o extinto *Lausanne Rugby Football Club* foi o mais antigo clube da modalidade na Europa Continental, remetendo as suas origens a 1869. O *Association*, todavia, ganharia maior projeção no país alpino, com a federação local sendo formada em 1895, em contraste com o rúgbi, que só formou uma federação em 1972.

Ainda acerca dos fundadores do *Clube Brasileiro de Futebol Rugby*, Virgílio Leite foi outro *sportsman* de renome no Rio de Janeiro, sendo também um dos fundadores do *Fluminense Foot-ball Club* e presidente do *Clube de Regatas Flamengo* por três mandatos, incluindo de 1901 a 1903 e de 1906 a 1911, quando o clube ainda não possuía futebol. Foi justamente no mandato de Virgílio Leite que o Flamengo incorporou a prática do *Association* às suas atividades.

Em paralelo à citação sobre o *Clube Brasileiro de Futebol Rugby* há outra curiosa citação sobre o rúgbi no Rio de Janeiro na virada do século. Na obra *Rugby: The History of Rugby Union Football*, escrita em 1977, o autor, o ex jogador escocês e historiador Chris Rea¹⁰¹, comenta haver uma “história lendária de como o rúgbi chegou ao Brasil: um grupo de teatro de Bristol [Inglaterra] estava em turnê pela América do Sul na virada do século e, enquanto estavam no Rio de Janeiro passavam as tardes jogando rúgbi na Praia de Copacabana¹⁰²”. Nada mais natural, certamente, e sem maiores desdobramentos.

⁹⁹ IORIO, Vitor; IORIO, Patrícia. *Paissandu Atlético Clube*. Rio de Janeiro: PAC, 2001.

¹⁰⁰ GOLDBLATT, David. *The ball is round*. London: Penguin Books, 2007, p. 138.

¹⁰¹ Rea se formou em história na Universidade de St. Andrew's em 1966 e trabalhou na BBC no departamento de esportes. Como jogador, atuou 13 vezes pela seleção da Escócia.

¹⁰² REA, Chris. *Rugby: The History of Rugby Union Football*. London: Hamlyn Publishing Group, 1977, p. 183.

Em sua obra, Mazzoni cita entre os pioneiros do rúgbi em São Paulo Augusto Shaw e Charles Miller. “Em 1896 regressava dos Estados Unidos o Sr. Augusto Shaw, professor do *Mackenzie College*, que passou a desenvolver grande propaganda do Bola ao cesto e do rugby”¹⁰³.

Shaw era missionário presbiteriano, nascido e criado nos Estados Unidos, onde estudou Artes pela Universidade de Yale e logo tomou interesse pelos esportes. No Brasil, Shaw introduziu os jogos com bola na Escola Americana de São Paulo, engajando os alunos e a comunidade presbiteriana no basquetebol, recém-inventado, no rúgbi e no futebol – seu cunhado, René Vanorden, desempenhou ativo papel na organização do futebol em São Paulo no período, tomando a frente da Associação Atlética, fundada em 1898 por alunos da Escola Americana e do Mackenzie College. Como registrado por Mário Cardim, em seu *Guia de Football*¹⁰⁴, outros colégios de origem anglo-saxã, como o *Hydecroft College* e o *Gymnasio Anlo-Brazilian School* também tiveram a prática do futebol. Os colégios em questão foram precedidos pelo *Collegio São Luiz*, baseado em Itu, cuja prática do futebol escolar já era desenvolvida ao menos desde 1894, quando o padre-reitor Luiz Yabar Arteta introduzira o jogo entre os alunos seguindo os preceitos que conhecera quando estudante na Itália e na França¹⁰⁵, tendo posteriormente também levado o futebol para o *Collegio Anchieta*, em Nova Friburgo (RJ). A prática de jogos escolares com bola também é relatada nos colégios jesuíticos do Rio Grande do Sul¹⁰⁶, entretanto, em nenhum dos casos a menção ao rúgbi explicitamente é feita, deixando Shaw como o único entre os educadores religiosos a, aparentemente, desenvolver atividades dessa modalidade, mas, como o caso anterior do *Clube Brasileiro de Futebol Rugby*, sua continuidade não fora assegurada.

Em São Paulo, a presença inglesa fora maior que em outras partes do Brasil no fim do Império, em momento que a mesma entrava em declínio em outras partes do país, como sugere Gilberto Freyre no seu clássico *Ingleses no Brasil*¹⁰⁷. Em 1886, eram

¹⁰³ MAZZONI, Tomás. *História do Futebol no Brasil*. Edições Leia, 1950.

¹⁰⁴ CARDIM, Mário; FONSECA, Luiz. *Guia de Football*. In: GAMBETA, Wilson (org.). *Primeiros passes: documentos para a história do futebol em São Paulo (1897-1918)*. São Paulo: Edições LUDENS, 2014, pp. 243-434.

¹⁰⁵ SANTOS NETO, José Moraes. *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, pp. 22-23

¹⁰⁶ TESCHE, L. *Turnen: transformações de uma cultura corporal europeia na América*. Ijuí: Unijuí, 2011, pp. 164-170.

¹⁰⁷ FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001, pg 21.

somente 255 britânicos morando em São Paulo, de acordo com o censo daquele ano¹⁰⁸, e a primeira escola britânica fora fundada somente em 1889, o já citado *Gimnasyo Anglo-Brazilian School*, localizado na Alameda dos Andradas, com somente 14 alunos, e depois transferido para a Avenida Paulista¹⁰⁹. O que ajuda a entender a opção de famílias como a de Miller em enviar seus filhos ao exterior.

A comparação com a Argentina ressalta, no entanto, que apesar da influência britânica ser mais significativa em São Paulo, ela reduzida¹¹⁰. Buenos Aires contava com a maior parcela dos 21.790 britânicos radicados na Argentina, de acordo com o censo de 1895. Apesar da penetração da cultura britânica, era a influência e os modismos franceses que estavam em voga entre a elite brasileira da época¹¹¹.

Filho de uma francesa e do reconhecido diplomata brasileiro Barão do Rio Branco, Paulo do Rio Branco foi hexacampeão francês de rúgbi pelo *Stade Français*, tradicional clube francês. Além de jogar pelo clube parisiense, Paulo defendeu a seleção francesa devido a origem materna. Seu pai, em carta de 7 de abril de 1896, escrita de Paris ao político Silveira Martins, após enfatizar os efeitos positivos do esporte, professava:

“Esse gênero de esporte [rúgbi] deveria ser introduzido no seu Rio Grande [do Sul], em Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Minas Gerais, onde o clima permite tais exercícios”¹¹²

¹⁰⁸ *Memória urbana: a grande São Paulo até 1940*. v.2. São Paulo: Arquivo do Estado: Emplasa: Imprensa Oficial, 2001, p. 45.

¹⁰⁹ GAMBETA, Wilson Roberto. *A bola rolou. O Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol. 1895 – 1916*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014, p. 25.

¹¹⁰ O primeiro campeonato argentino de clubes de rúgbi, o *River Plate Rugby Championship*, teve início em 1899, com cinco clubes, todos britânicos, ao passo que o primeiro campeonato de futebol começou em 1891, com cinco clubes, todos britânicos igualmente. No futebol, seria preciso mais de uma década para os primeiros clubes criollos emergissem. GOLDBLATT, David. *The ball is round*. London: Penguin Books, 2007, pp. 127-128.

¹¹¹ SANTOS, Ricardo P. *Futebol e história: uma jogada na modernidade. Uma história comparada entre o desenvolvimento do futebol no Rio de Janeiro e em Buenos Aires (1897-1924)*. Dissertação (Mestrado em História). Rio de Janeiro: IFCS-UFRJ, 2007, p. 41-47.

¹¹² VASCONCELLOS, D. W. *Esporte, poder e relações internacionais*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011, p. 184.

E ainda, comentários técnicos sobre o jogo que o filho tivera num jogo contra os ingleses:

“Meu filho Paulo, estudante de Medicina, é o arrière (zagueiro) da equipe francesa, sendo tido como o melhor do país. No mundo dos esportes atléticos, aqui, chamam-no Da Sylva, estando-lhe confiada a última defesa do campo quando os ingleses forçarem – como hão de forçar – as três linhas de avantes, demais e trois-quarts [...] ontem o Paulo atirou ao chão todos os ingleses que pôde, até cansar, mas eles são muito superiores aos franceses em disciplina e na arte de passar o balão. Aquele que era atirado ao chão pelo Paulo lançava o balão a outro inglês muito distante, e este, sem encontrar franceses, porque todos perseguiram o primeiro, fazia o ponto¹¹³”

A França era um dos países que já no fim do século XIX e início do século XX o rúgbi já se disseminado com alguma porosidade, ao menos entre as classes dirigentes. O rúgbi recebera entusiástico apoio dentro dos liceus, instituições de ensino secundário que, até os anos 1930, por serem pagas, eram frequentadas por indivíduos de família abastadas. O rúgbi fora incorporado na França à *Union des Sociétés Françaises de Sports Athlétiques* (USFSA), federação nacional, de caráter laico, que passou a coordenar todas as modalidades atléticas e a divulgá-las no meio escolar.

O futebol, por outro lado tardara, se disseminara posteriormente ao rúgbi. A sua dispersão se deu proeminentemente pelas cidades industriais do norte e leste do país, por meio das relações entre as burguesias industriais locais com o Reino Unido. O outro vetor importante de desenvolvimento, a partir dos portos da Provença, foi impulsionado pela ação de suíços, grandes disseminadores do futebol na Europa continental no fim do século XIX e início do XX, que fundaram os primeiros clubes na Córsega e em Marselha. Já o desenvolvimento no oeste do país, a difusão do futebol, em vantagem sobre o rúgbi, se deu pela ação de educadores da Igreja, que enxergaram no futebol importante força de

¹¹³ VASCONCELLOS, D. W. *Esporte, poder e relações internacionais*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011, p. 184.

sociabilidade e agregação das comunidades rurais¹¹⁴. Ao passo que a Igreja promovera o futebol – e a experiência de Yabar é ainda mais significativo por isso – o rúgbi cresceu de forma desigual, deixando os ciclos de elite para se massificar somente no sudoeste do país, onde se tornou importante marco identitário regionalista a partir dos anos 1910, quebrando as divisões classistas no Sudoeste, marcado por intensa competição entre as cidades e pela violência ritualizada¹¹⁵.

Voltando a Mazzoni e a Charles Miller, sua menção acerca do paulistano de origem inglesa já fora exaustivamente citada. O autor afirma que, “além de futebolista, Charles Miller foi ‘cricketer’ famoso, consagrado tenista e temível ‘rugby player’. Em 1895 organizara o primeiro time de rugby em São Paulo”¹¹⁶.

Os ecos da obra de Mazzoni foram tímidos. O rúgbi seguira restrito às comunidades britânica, sobretudo, e em menor extensão japonesa, francesa e argentina nos anos seguintes à Segunda Guerra Mundial¹¹⁷. Mesmo retomada sua prática pelo menos desde 1947¹¹⁸, o rúgbi seguiu atraindo muito pouca atenção para que qualquer exercício de retomada de sua memória fosse feito. Ao contrário dos primeiros anos da Primeira República, quando a imprensa ainda tinha como pauta esporádica a origem do futebol e suas diferenças com o rúgbi, para a sociedade brasileira dos anos 40 em diante, dentro da qual o futebol já criara suas sólidas raízes, o tema não era mais de grande interesse, e a preocupação em se contar uma história do rúgbi – e o estabelecimento de uma genealogia, com eventos fundadores e seus patronos no país – saiu dos jornais. O tema reaparece nos anos 60 e 70, já com o esporte tendo uma entidade organizadora no país – a *União de Rugby do Brasil* (URB), fundada em 1963 e transformada em *Associação Brasileira de Rugby* (ABR) em 1972. Nesse período, o aumento no número de jogos e de matérias jornalísticas, seguido nos anos 80 pela fundação inclusive de um

¹¹⁴ DIETSCHY, Paul. *Histoire du Football*. Paris: Éditions Perrin, 2010, pp. 400-409.

¹¹⁵ DINE, Philip. *French Rugby Football: A Cultural History*. Oxford: Berg, 2001, pp. 61-73.

¹¹⁶ MAZZONI, Tomás. *História do Futebol no Brasil*. Edições Leia, 1950.

¹¹⁷ Em São Paulo, o *Aliança Rugby Football Club*, cujas atividades se encerraram em 1969, e o Colégio Liceo Pasteur, cujas atividades de rúgbi se iniciaram em 1964, levando em 1981, à fundação do *Pasteur Athlétique Club*, ativo até hoje, têm suas origens ligadas à comunidade francesa, ao passo que o *São Paulo Rugby Football Club*, que participou das competições até 1971, o *Nippon Country Club*, que inicia atividades no rúgbi em 1973, e a breve equipe dos funcionários da USIMINAS, ativo em 1966, tinham ligações com a comunidade japonesa. O *Círculo Argentino de São Paulo* participou por um ano das competições, em 1973.

¹¹⁸ Rio contra São Paulo noticiado como realizado pelo segundo ano seguido no pós-Guerra. Cf. *Brazil Herald Sunday*. 15 de agosto de 1948.

jornal da entidade, criaram um discurso comum acerca das origens do esporte no país, retomando os eventos de 1925 como a história oficial do início do rúgbi no Brasil.

Apesar dos anos após 1933 não estarem no escopo deste trabalho, paralelos podem ser traçados entre as “histórias” do rúgbi publicadas no período da Primeira República e as histórias contadas após a fundação da URB. Há que se ponderar a influência de indivíduos que praticaram rúgbi no país antes e depois da Segunda Guerra Mundial, o que garantiu a rememoração dos eventos anos 20 e 30 posteriormente e a criação de uma tradição oral acerca da história do rúgbi em São Paulo e no Brasil, transmitida dentro da comunidade.

O jornal da ABR, em junho de 1985, foi diligente ao retomar Mazzoni e suas passagens sobre o *Clube Brasileiro de Futebol Rugby*, Augusto Shaw e Charles Miller, mas deixa claro que “contudo, o rugby começou a ser jogado regularmente no Brasil, mais precisamente em São Paulo, por volta de 1925¹¹⁹”. Antes, o jornal já havia trazido entrevistas com personagens que vivenciaram o rúgbi nos anos 1920. Em março de 1983, Jimmy McIntyre fora entrevistado pela publicação, contando sobre sua participação na fundação da equipe de 1925 e seu retorno ao Brasil após a Segunda Guerra, auxiliando na retomada das atividades, bem como na formação do primeiro selecionado brasileiro pós-Guerra, em 1950, para enfrentar o Uruguai¹²⁰. McIntyre participaria ainda da criação da URB em 1963. No número seguinte, em junho, o periódico entrevistou Sydney Smith, da mesma geração de McIntyre, que também participou do rúgbi nos anos 1920 e retornou ao Brasil após o conflito, fazendo sua última partida como jogador de rúgbi em 1947¹²¹. Ambos se apresentam, pois, como elos de continuidade entre os dois períodos.

Charles Miller reaparece com força a partir dos anos 1990. Em 06 de outubro de 1991, *a Folha de S. Paulo* publica uma matéria abrangente acerca do esporte, por motivo da realização da Copa do Mundo de Rúgbi naquele ano. Com o pretexto de abordar o amadorismo vigente no rúgbi, a matéria intitulada “Rúgbi enfrenta dilema do amadorismo”, que, na realidade, apresenta-se como um dossiê acerca do esporte, é seguida da reportagem “Esporte chegou ao Brasil com o futebol, trazido por Charles Miller”, que atribui, sem maior aprofundamento ou argumentação, a introdução do rúgbi

¹¹⁹ Cf. *Rugby*. Junho de 1985, pp. 4 e 5.

¹²⁰ Cf. *Rugby*. Março de 1983, pg. 3.

¹²¹ Cf. *Rugby*. Junho de 1983, pg. 3.

no Brasil a Miller, datando de 1894 o feito. De todos os artigos que trataram das origens do rúgbi no Brasil publicados na *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e *A Gazeta Esportiva*¹²², do início do século XX aos anos 1980, este apresenta-se como o primeiro discurso que atribui a Miller tal pioneirismo.

A confusão com relação a Miller e as datas anteriormente fixadas por fontes diversas se mostram pela página de internet da ABR, que possuía, em sua descrição sobre o que é o rúgbi, a seguinte afirmação, cuja fonte da afirmação aparenta ter sido Mazzoni:

“O rúgbi chegou ao Brasil no século retrasado, e segundo o historiador Paulo Várzea, Charles Miller teria organizado em 1895 o primeiro time de rúgbi brasileiro, em São Paulo; e o primeiro clube a praticar o esporte, o Clube Brasileiro de Futebol Rugby, teria sido fundado em 1891”¹²³

Nela, a atribuição do pioneirismo a Miller conflita com a lembrança do *Clube Brasileiro de Futebol Rugby*, anterior. A influência da ideia de que Miller fora também o “pai” do rúgbi se faz presente na redação, ainda que a contestação seja nela própria implícita.

A ideia reaparece em matérias jornalísticas que tematizaram o rúgbi desde então, inclusive com declarações oficiais. Exemplos podem ser citadas brevemente. Em matéria de 2010 da *Revista ESPN* (significativo ainda pelo fato de, desde 2003, a *ESPN* ser a principal veiculadora de rúgbi na televisão especializada em esportes), Miller é lembrado:

“Mais alucinate ainda é saber que o mesmo introdutor do futebol nestas plagas também é tido como o pai do rúgbi. Em 18 de fevereiro de 1894, após uma estada de estudos na Inglaterra, Charles Miller trouxe na mesma valise em que vinha a bola de futebol uma outra, de formato oval. Enquanto a primeira foi logo sendo chutada de um lado para outro assim

¹²² Consultas realizadas por meio dos acervos online e do acervo LUDENS.

¹²³ Sítio oficial da Associação Brasileira de Rugby, em 16 de abril de 2004. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20040602234651/http://www.brasilrugby.com.br/Rbrasil.htm>

que Miller a apresentou aos amigos, a segunda acabou provavelmente esquecida num baú qualquer¹²⁴”.

O mito de Charles Miller como fundador do futebol em São Paulo fora objeto de debate já exaustivo pelos últimos quinze anos. José Moraes dos Santos Neto¹²⁵ já trabalhara para evidenciar que Miller não fora o introdutor do futebol, trazendo à luz o Padre Yabar, do colégio jesuíta São Luís, de Itu, e a ação de outros ex alunos de colégios do exterior que desenvolveram o futebol de volta ao Brasil, enquanto, em resposta a Santos Neto, o biógrafo John Mills defendeu o pioneirismo de Miller no sentido de institucionalizar a prática do futebol no Brasil¹²⁶. Ambos têm seus méritos na abordagem, ao mesmo tempo que deixam de lado, não apenas o fato de estarem trabalhando apenas com São Paulo, como também a perspectiva de que as duas abordagens não são concorrentes. Ambos se inserem no mesmo contexto da circulação de ideias acerca da importância da educação física e dos jogos com bola, cuja matriz da educação vitoriana inglesa já influenciava instituições da Europa Continental e iniciava sua viagem para outros continentes, seja pela influência direta de britânicos, seja pela circulação dos jovens de outras elites nacionais que tiveram seus estudos em escolas britânicas, como o caso de Miller, ou que foram influenciados pelas ideias vindas das mesmas, como o caso de Yabar.

Como defende Wilson Gambeta, “a localização de um ato fundador pouco esclarece sobre a dinâmica desse fenômeno. As ações individuais devem ser pensadas sempre nas suas inter-relações com a sociedade¹²⁷”. Nesse sentido, até aqui, este trabalho buscou fazer para o rúgbi aquilo que já havia sido feito para o futebol. Primeiro, tratando de identificar de onde vem o mito de Miller como fundador do rúgbi no Brasil para, enfim, a seguir, problematizar o fenômeno social mais complexo envolvido na adoção – e rejeição – do esporte no Brasil no fim do século XIX e início do século XX.

¹²⁴ FUJITA, Fábio. “A outra bola de Charles Miller”. *Revista ESPN*. São Paulo: F451 Mídia, maio de 2010. Disponível em: http://espn.uol.com.br/noticia/123541_a-outra-bola-de-charles-miller

¹²⁵ SANTOS NETO, José Moraes. *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

¹²⁶ MILLS, John Robert. *Charles Miller o pai do futebol brasileiro*. São Paulo: Panda Books, 2005.

¹²⁷ GAMBETA, Wilson Roberto. *A bola rolou. O Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol. 1895 – 1916*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014, p. 12.

A criação recente de uma tradição de se atribuir a Miller a fundação no rúgbi no Brasil pode ser entendida como a criação de uma história de identidade, no sentido da invenção das tradições sugerida por Eric Hobsbawm¹²⁸. Uma identidade que suplantasse a condição de esporte de um círculo restrito de praticantes para se associar ao esporte de massa, como estratégia, por meio de perspectivas da comunicação social e do *marketing*, para sua popularização. Evidente que a compreensão para a adoção do novo discurso de fundação nos anos 1990 se diferem do mesmo uso nos anos 2010, pois seria anacrônico entender como próximos os contextos e as motivações que o rúgbi apresenta em cada um desses momentos, assim como os meios disponíveis para tal.

Caberá no próximo capítulo retornar ao objeto central deste trabalho, o período da Primeira República e a introdução do rúgbi naquela sociedade. Para tal, entretanto, é preciso traçar os movimentos que o rúgbi tomou no mundo para sair da Grã-Bretanha e alcançar o resto do mundo e, assim, identificar onde a chegada do rúgbi ao Brasil se localiza dentro do contexto geral.

2.3. Os caminhos da bola oval pelo mundo

De suas origens dentro da Rugby School nas primeiras décadas do século XIX à não adesão de seus clubes à *Football Association* de 1863 e à formação da *Rugby Football Union inglesa*, em 1871, o rúgbi nasceu, assim como o futebol, orientado pela pedagogia vitoriana, em um momento no qual a transição do trono inglês de Jorge IV para Guilherme IV, em 1830, e depois para a Rainha Vitória, em 1837, isto é, a transição das chamadas Era Georgiana para a Era Vitoriana trazia consigo não apenas mudanças institucionais, mas profundas transformações culturais¹²⁹. O *Reform Act* de 1832 trouxera modificações importantes na distribuição de cadeiras da Casa dos Comuns no parlamento inglês, destinando assentos a representantes das cidades emergentes, que incharam durante a Revolução Industrial, dando novo espaço político à ascendente burguesia citadina, a mesma classe social que inflava as *public schools*, como a *Rugby School*. A preocupação com a educação das classes mais abastadas exigiu reformas no sistema educacional, atendendo aos anseios pela construção do caráter dos pupilos, pelo controle da violência

¹²⁸ HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, pp. 1-14.

¹²⁹ HARVIE, Christopher. "Revolution and the rule of war". In: MORGAN, Kenneth (ed). *The Oxford History of Britain*. London: Oxford Press, 2001, pp. 470-517.

nas relações pessoais¹³⁰ e, ao mesmo tempo, pelo zelo pela saúde dos jovens, preocupação essa marcante do período¹³¹.

A partir dos anos 1860 e da publicação de *A Origem das Espécies* (1859), de Charles Darwin, o conceito de sobrevivência do mais forte foi apropriado para a vida social e, somado aos ideais do liberalismo de livre concorrência, a necessidade de uma educação (para os homens) que unisse a construção moral e o condicionamento físico se propagaram com grande velocidade, sendo incorporadas por instituições de ensino não apenas na Inglaterra, mas em outras partes do Império Britânico. Era a formação de uma classe dirigente comprometida com a construção de um império que estava em questão no período vitoriano.

Nesse contexto, futebol e rúgbi, tomaram rumos separados em 1863, quando da fundação da *Football Association*. A formação de clubes de *football* ou de equipes universitárias por ex alunos das *public schools* por toda a Inglaterra a partir dos anos 1850 criou uma situação nova. Não obstante o desejo dos alunos que se formavam nas escolas de seguirem praticando o *football* – agora como uma atividade não mais compulsória para alguns, mas como um desejo individual – a prática para se tornar possível dependia do encontro com ex alunos da mesma escola ou de escolas que praticavam o *football* com as mesmas regras – ou então do aceite pessoal de jogar com regras desconhecidas, praticadas por outras escolas. A necessidade de se encontrar regras comuns, que permitissem o melhor desfrute do passatempo entre indivíduos de origens de escolas diferentes, se tornou premente, e se somou à crescente vontade das próprias escolas em realizarem partidas contra outras escolas, o que se tornava cada vez mais possível pela evolução na malha de transportes britânica¹³². O desafio de criar regras comuns já havia sido reiteradas vezes assumido dentro da Universidade de Cambridge, com a criação e revisão de regras acontecendo com alguma recorrência entre 1837 e 1863. Entretanto, divergências sobretudo entre ex alunos dos colégios de Rugby e Eton eram recorrentes, marcados, sobretudo, pela diferença social entre as duas escolas. Enquanto os alunos de Eton eram oriundos de uma aristocracia longamente estabelecida (cuja opção pelo jogo com os pés, de drible e com menos contato físico se fez determinante na fundação posterior das regras

¹³⁰ DUNNING, Eric. SHEARD, Kenneth. *Barbarians, Gentlemen and Players. A sociological study of development of rugby football*. 2ª edição. London: Routledge, 2005, pp. 57-68.

¹³¹ HOLT, Richard. *Sport and the British: a modern history*. Oxford: Clarendon Press, 1992, p. 87.

¹³² DUNNING, Eric. SHEARD, *Op. cit.* pp. 91-94.

da *Association Football*, o futebol), os alunos de Rugby provinham de uma classe média emergente, de aburguesamento mais recente¹³³.

Justamente em 1863, uma série de reuniões entre representantes de clubes da elite inglesa tiveram lugar para o estabelecimento de regras comuns e a fundação da *Football Association*. A unanimidade não aconteceu, com a recusa do representante do *Blackheath Football Club*, praticando do *football* sob as regras de Rugby, em aceitar a eliminação do jogo do ato de se usar as pernas (e pontapés) para se deter os adversários, o que era usado mormente para encerrar os longos *scrums*¹³⁴. Ironicamente, em 1871, a formação da *Rugby Football Union* levou à abolição dessa jogada. A divergência primordial não se fez quanto ao manejo da bola com as mãos, pois o próprio *Association* o permitia nas primeiras regras, com restrições. Tal oposição se faria posteriormente, quando o *Association* aumenta as restrições do uso das mãos em suas regras.

A difusão do rúgbi para além-mar fora ainda mais proeminente, e passou a desempenhar papel importante nos *White Dominions*, em especial África do Sul, Austrália e Nova Zelândia, onde a comunidade de imigrantes oriundos do Reino Unido era larga. Os três casos, entretanto, diferem enormemente entre si por seus contextos distintos, ainda que o resultado tenha sido o estabelecimento do rúgbi como parte essencial tanto da identidade nacional forjada nessas três regiões, de formas bem distintas, como na transformação dos três países em três potências do rúgbi dentro de campo.

No contexto sul-africano, o rúgbi ganhou aderência maciça da comunidade bôer, especialmente com a derrota e sua subsequente submissão ao Império Britânico, em 1902. A presença bôer se tornou majoritária dentro do rúgbi sul-africano, forjando um senso identitário forte a partir da prática do rúgbi – e de seus valores de masculinidade – dentro da comunidade africânder, expresso tanto por sua oposição entre bôeres e britânicos dentro das competições nacionais como pela formação da seleção nacional, apelidada de *Springboks*, restrita aos brancos – e, portanto, excluindo as parcelas negra, mestiça e

¹³³ Ibidem, p. 90.

¹³⁴ O *scrum*, como é atualmente conhecida a formação que é usada para repor a bola jogo após uma infração não intencional e que opõe oito atletas de cada lado, que se entrelaçam a para a disputa da bola, difere notavelmente do *scrum* praticado no século XIX, cujo número de atleta variou ao longo do tempo, chegando a contar com até vinte jogadores de cada lado. Os *scrums* eram à época a principal forma de condução da bola adiante no campo e poderiam durar longos minutos, sendo formados após a bola ser chutada, em uma longa sucessão de chutes e *scrums*. In: MACRORY, Jennifer. *Running with the ball: birth of Rugby Football*. London: Harper Collins Willow, 1991, pp. 103-5.

asiática da população da representação da nação sul-africana no exterior, como um poderoso discurso de segregação racial – e poderosa no cenário internacional, cujas partidas diante da seleção neozelandesa e da seleção britânica se apresentaram, antes da criação da Copa do Mundo (apenas em 1987) como a disputa pela supremacia internacional do esporte¹³⁵.

Na Nova Zelândia, da mesma maneira que na África do Sul, o rúgbi se apresentou desde a virada do século XIX para o XX como um poderoso instrumento de expressão de uma identidade nacional, tanto internamente como no exterior. Entretanto, ao contrário do ocorrido na África do Sul, na Nova Zelândia o rúgbi encontrou difusão cedo tanto entre a população branca, mormente de origem britânica, como entre a população nativa maori, cujas guerras contra os colonos britânicos se prolongaram até os anos 1870. Como aponta Greg Ryan, a adoção do rúgbi pelos maoris no fim do século XIX se fez primeiramente por meio das escolas que educavam as elites maoris desejosas de assimilação por se incorporarem na cultura dominante britânica, proposição reforçado pelo fato dos primeiros jogadores maoris a defenderem a seleção neozelandesa – bem como os pioneiros do célebre *tour* de 1888 de uma seleção batizada de *New Zealand Natives* à Europa, a primeira equipe da colônia a se apresentar na metrópole – serem de origem mestiça. A adoção do rúgbi pela comunidade maori se intensificou ao longo dos primeiros anos do século XX, mas impacto maior no prestígio do rúgbi dentro da sociedade neozelandesa foi sentido com a viagem da seleção nacional à Europa em 1905-06, quando os *All Blacks*, apelido dado à equipe justamente durante essa viagem, venceram trinta e quatro de suas trinta e oito partidas realizadas, incluindo vitórias sobre as seleções inglesa, escocesa, irlandesa e francesa¹³⁶.

Em contraste com os contextos sul-africano e neozelandês, na Austrália a prática do rúgbi fora marcada pela oposição de classes sociais a partir do século XX. O desenvolvimento prematuro das práticas de *football* entre os colonos britânicos na região das minas de ouro de Vitória, marcada pela rápida urbanização da cidade de Melbourne, permitiu o desenvolvimento de uma modalidade autóctone de *football*, chamada posteriormente de *Australian Rules Football*, “Aussie Rules”, ou simplesmente “Futebol

¹³⁵ BLACK David R; NAURIGHT, John. *Rugby and the South African Nation*. New York: Manchester University Press, 1998.

¹³⁶ RYAN, Greg (ed). *Tackling Rugby Myths. Rugby and New Zealand Society (1854-2004)*. Dunedin: University of Otago Press, 2005, pp. 89-104.

Australiano”, que, apesar da presença de contato físico e do uso de uma bola oval, pouco tem em comum com o rúgbi. Em oposição ao desenvolvimento de Melbourne, em Sydney a influência de ex alunos das escolas que praticavam o *Rugby Football* fora forte o bastante para promover desde os anos 1860, tendo início entre os alunos da Universidade de Sydney (fundada em 1850). A divisão da Austrália em áreas de influência de Sydney e Melbourne resultou em uma divisão entre os chamados esportes de inverno – no caso as formas football, em contraste com a unidade promovida pelo críquete, esporte de verão – com parte das províncias adotando o futebol australiano e parte adotando o rúgbi como modalidade mais difundida. O crescimento do rúgbi nas regiões de Sydney, capital de Nova Gales do Sul, e Brisbane, capital de Queensland, e sua massificação levaram no início do século XX a uma pressão pela permissão do profissionalismo, resultando na introdução do profissional *Rugby League*, que se tornou a forma dominante de rúgbi. Como resposta ao *Rugby League*, o recrudescimento do rúgbi (*Rugby Union*) na Austrália tornou a modalidade um reduto das escolas privadas e das classes mais abastadas¹³⁷.

A disseminação do rúgbi para fora das fronteiras do Império Britânico foi proeminente em três países nos primeiros anos do século XX: França, Japão e Argentina. Enquanto a França se tornou uma potência global central no mundo do rúgbi, a ponto de acumular três vice-campeonatos mundiais e vinte e cinco títulos do Torneio das Nações (incluindo o Cinco Nações)¹³⁸, e hoje contar com a mais rica liga de rúgbi do mundo, com públicos na casa das dezenas de milhares de espectadores, Argentina e Japão estiveram na “periferia” da modalidade até recentemente, excluídas dos processos decisórios de federação internacional de rúgbi, o *International Rugby Board*, até 1991, quando o conselho da entidade se alargou para além das oito nações que a controlavam (Inglaterra, Escócia, Gales, Irlanda, França, África do Sul, Austrália e Nova Zelândia).

Na França, o rúgbi chegou no final do século XIX e esteve ligado no início a um movimento de transformação das escolas de elite, após o trauma da derrota para os alemães na Guerra Franco-Prussiana em 1871. A conhecida resistência francesa à

¹³⁷ COLLINS, Tony. *The Oval World. A Global History of Rugby*. London: Bloomsbury, 2015, pp. 146-60.

¹³⁸ Nascido como *Home Nations Championship*, em 1883, envolvendo Inglaterra, Escócia, Gales e Irlanda. Em 1910, o torneio se tornou o *Five Nations Championship*, o “Torneio das Cinco Nações”, com a entrada da França. Em 2000, com a entrada da Itália, o torneio passou a se chamar *Six Nations*, sendo até hoje a mais importante competição europeia de seleções do rúgbi e considerado uma das mais importantes instituições do esporte. Até 2017, a França havia vencido a competição dezessete vezes sozinha e outras oito vezes dividiu o título com outras seleções, uma vez que até 1988, quando duas ou mais seleções terminavam o torneio empatadas em primeiro lugar no número de pontos o título era dividido.

incorporação de modelos exógenos, em especial os do norte da Europa, não resistiu à crise de consciência nacional que a guerra proporcionou. Clubes de ginástica se propagaram pela França, emulando e adaptando a seus próprios modelos a ginástica alemã, com ideais militaristas e revanchistas¹³⁹. O modelo educacional das *public schools* inglesas e a prática nelas dos jogos com bola se apresentou como um outro modelo concorrente e ganhou adeptos na elite francesa, entre eles o Barão Pierre de Coubertin, profundo admirador de Thomas Arnold e da pedagogia vitoriana¹⁴⁰. Coubertin, em sua juventude, fora cativado pela obra de Thomas Hughes, *Tom Brown's Schooldays*, tendo inclusive visitado a Escola de Rugby. Em seu retorno à França, Coubertin publicou *L'Education en Angleterre*, em 1886, no qual tratou do modelo arnoldiano de educação e de como ele poderia ser aplicado na França¹⁴¹. Para o barão, entre as qualidades do rúgbi estava a de desenvolver a capacidade de emulação, ideia social-darwinista forte entre a burguesia da época, que acreditava na natureza competitiva dos seres humanos, os quais buscariam sempre superar seus pares. Para Coubertin, o esporte associado ao nacionalismo ajudaria na criação de um ambiente de competitividade pacífica¹⁴², ideal defendido pelo Movimento Olímpico do barão.

A militância de homens como Coubertin a favor dos esportes britânicos foi pouco a pouco ganhando adeptos. Em 1882, alunos dos prestigiados liceus¹⁴³ Condorcet e Monge em Paris fundaram o *Racing Club de France*, ao passo que, em 1883, ex alunos do liceu (*lycée*) Saint-Louis, um dos prestigiados liceus imperiais, fundado por Napoleão Bonaparte, com o intuito de ensinar ciências à burguesia francesa¹⁴⁴, formaram outro clube, o *Stade Français*¹⁴⁵. Ambos se tornaram bastiões da prática esportiva, adotando uma miríade de modalidades, entre elas e com destaque o futebol e o rúgbi. O próprio

¹³⁹ DINE, Philip. *French Rugby Football: A Cultural History*. Oxford: Berg, 2001, p. 22.

¹⁴⁰ Idem, pp. 94-96.

¹⁴¹ COUBERTIN, Pierre de. *L'Education Anglaise*. *La Réforme Sociale*, 13: 632-652, 1887; _____. *L'Education en Angleterre: collèges et universités*. Paris: Hachette, 1888; _____. *L'Education Anglaise en France*. Paris: Hachette, 1889.

¹⁴² GAMBETA, Wilson. *A bola rolou. O Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol. 1895 – 1916*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014, p. 253-4.

¹⁴³ Instituições de ensino secundário que, até os anos 1930, por serem pagas, eram frequentadas por indivíduos de família abastadas.

¹⁴⁴ A origem abastada de seus alunos e seu contato com a comunidade britânica de Paris levou à disseminação da prática do rúgbi entre os alunos e a fundação do *Stade Français*, cujo nome já sugere uma inclinação nacionalista na proposta de fundação da agremiação.

¹⁴⁵ DINE, Philip. *French Rugby Football: A Cultural History*. Oxford: Berg, 2001, pp. 26-27.

Coubertin, entusiasta do rúgbi, foi o árbitro da primeira decisão do *Bouclier de Bennis*, o troféu que passaria a ser entregue ao campeão francês. A primeira disputa se deu em 1892, justamente entre *Racing Club de France* e *Stade Français*, terminando com o título dos *Racingmen*¹⁴⁶, 4 a 3.

Os dois clubes se tornaram símbolos da moderna juventude francesa e seu caráter poliesportivo era marca de ambos. Mas, tais clubes ainda desempenhariam papel crucial na disseminação dos esportes britânicos. Enquanto o Racing foi central na criação da *Union des Sociétés Françaises de Course à Pied*, entidade que organizou os clubes atléticos voltados às corridas, o *Stade Français* teve sua parte na fundação do *Comité pour la Propagation des Exercices Physiques*, um comitê voltado para a difusão da prática esportiva. As duas entidades, em 1891, se uniriam para formarem a USFSA, presidida por Coubertin e liderada por pedagogos e esportivas influentes com Georges de Saint Clair, Frantz Reichel¹⁴⁷, Jules Simon e o padre Henri Didon¹⁴⁸. No ano seguinte seria justamente a USFSA a promotora do *Bouclier de Brennus*¹⁴⁹, que traz inscrito os dizeres *Ludus Pro Patria* (Jogo para a Nação).

Em Bordeaux, no sudoeste do país, foi fundada em 1888 *La Ligue Girondine d'Education Physique*, por Philippe Tissié, que em seus primeiros anos difundiu o jogo de *barette*, um jogo semelhante ao rúgbi, mas sem contato físico, e logo se associou à USFSA. O rúgbi prosperou na região e a USFSA passou a ter influência também em Toulouse e Lyon, regiões que, como Bordeaux, faziam parte de uma importante rota de comércio de vinhos com a Inglaterra e contavam com um importante número de britânicos. A LGEP de Tissié não tardou a organizar competições entre liceus locais, expandindo a influência da USFSA no sul do país. Paralelamente, entretanto, as

¹⁴⁶ BODIS, Jean-Pierre. *Le Rugby en France*. Paris: Bibliotheque Historique Privat, 1993.

¹⁴⁷ Reichel fora atleta de rúgbi do Racing e secretário da USFSA, além de autor do verbete sobre futebol e rúgbi publicado no *L'Almanach des Sports*, de 1901. Ao tratar das diferenças entre as duas modalidades, Reichel defende a superioridade moral do rúgbi sobre o futebol, defendendo que o rúgbi seria “um esporte duro, muito duro, que exige dos seus adeptos qualidades de vitalidade moral e física consideráveis”, em contraste com o futebol, o qual, evitando o contato físico, seria “mais velocidade do que coragem e vigor”. In: Cf. REICHEL, Frantz. Le football. In: LEUDET, Maurice (org.). *L'Almanach des sports*, 1901. Paris: Soc. d'Éditions Littéraires et Artistiques, 1901, p. 367-369.

¹⁴⁸ VIGARELLO, G. Georges. *Du jeu ancien au show sportif*. Paris: Seuil, 2002, p. 57.

¹⁴⁹ *Bouclier de Brennus*, ou Escudo de Brennus, é até hoje o troféu dado ao campeão do Campeonato Francês de Rugby, tendo sido concebido pelo próprio Pierre de Coubertin, tendo seu nome vindo do artista Charles Brennus, que o esculpiu. Entretanto, mito corrente na França versa que a origem do nome seria em alusão ao chefe gaulês Brennus, que lutou contra os romanos no século IV d. C. e capturou Roma em 387 d. C. In: ESCOT, Richard, RIVIÈRE, Jacques. *Um siècle de Rugby*. Paris: Chalman-Lévy, 1997, p. 29.

organizações esportivas católicas também ganhavam impulso após a encíclica papal *Rerum Novarum*, de 1891. A fim de promover um “catolicismo social”, em resposta ao avanço da esquerda anticlerical, a Igreja estimulou a fundação de associações que se aproximassem das comunidades, e o esporte teve papel importante. A fundação da *Fédération gymnastique et sportive des patronages de France (FGSPS)* levou a uma disputa por poder e influência dentro do esporte francês, na qual a oposição de rúgbi e futebol assumiu aspecto central. Enquanto a laica USFSA identificara no rúgbi sua modalidade central, a FGSPS fora grande apoiadora do futebol, justamente em oposição à USFSA¹⁵⁰.

O sucesso prematuro dos clubes do Sudoeste francês no rúgbi, com o *Stade Bordelais* (de Bordeaux) acumulando seis conquistas do *Bouclier de Brennus* entre 1899 e 1909, seguido de uma hegemonia inquebrantável dos clubes da região nos anos seguintes – com Lyon, Toulouse, Bayonne e Perpignan levantando a taça antes da Grande Guerra eclodir – assegurou a rápida popularização do rúgbi no Sudoeste. A disputa paralela entre USFSA e FGSPS criou um sentimento de anticlericalismo dentro do rúgbi, ao mesmo tempo que as lideranças da USFSA e da LGEP se notabilizavam pelo patriotismo e o republicanismo apaixonados. O rúgbi no Sudoeste migrou das escolas de elite para os subúrbios da classe trabalhadora, e entrou no mundo rural, sendo abraçado pelas comunidades de pequenos agricultores, assumindo aspecto central na sociabilidade local, cuja tradição de um republicanismo radical e anticlerical era forte, mas, ainda assim, rompendo tais barreiras para ser vivamente incorporado desde os católicos bascos aos comunistas do Limousin¹⁵¹. O *rugby des villages* surge e se fortalece antes mesmo da Grande Guerra, sendo incorporado à vida comunitária da região, chamada até hoje de “Ovalie”, “a terra da ovalada”.

A entrada da França em 1910 para o Torneio das Cinco Nações¹⁵² foi também instrumental no processo de popularização do rúgbi na França, alimentando o nacionalismo entorno do esporte, ao mesmo tempo que as rivalidades regionais dentro do

¹⁵⁰ DINE, Philip. *French Rugby Football: A Cultural History*. Oxford: Berg, 2001, pp. 41-43.

¹⁵¹ Idem, pp. 48-49.

¹⁵² A presença da França na competição foi objeto de intenso debate entre os britânicos, alimentado tanto pela desconfiança acerca de práticas de profissionalismo ilegal adotadas pelos clubes franceses, em especial do Sudoeste do país, como pelas reclamações frequentes dos britânicos quanto à violência do jogo francês. Em 1932 a França seria expulsa do torneio e somente retornaria após a Segunda Guerra Mundial, no torneio de 1947.

Sudoeste e a posição ocupada cedo pelos clubes da região no cenário nacional fizeram do rúgbi uma forma central de expressão dos localismos e regionalismos¹⁵³.

Se na França o rúgbi teve seu pontapé inicial envolto pelas aspirações de uma elite dirigente ávida por implantar no país uma educação que servisse à formação de agentes para seu império em construção, no Japão a introdução do rúgbi seguiu as transformações conduzidas durante a Restauração Meiji, quando o projeto japonês de se tornar uma nação industrial foi acompanhado da adoção de um sistema educacional baseado no britânico¹⁵⁴ e pela ida de estudantes da elite japonesa para a Inglaterra no final dos anos 1890. A introdução do rúgbi nas universidades e escolas japonesas não tardou e, em 1899, o japonês Ginnosuke Tanaka, educado em Cambridge, formara o primeiro time na Universidade de Keio. Novamente, o rúgbi era parte importante de uma receita imperial.

Em 1926, quando a União Japonesa de Rugby (JRFU, a entidade máxima do rúgbi japonês) fora criada, nada menos que quinhentas equipes, entre escolas, universidades e clubes, existiam apenas na região de Kanto (onde se localiza Tóquio). Já em 1932, um público de aproximadamente 35.000 pessoas em Tóquio assistiu à primeira partida oficial da seleção japonesa contra outra seleção nacional, o Canadá. Entre os espectadores estava o irmão mais novo do Imperador Hirohito, o Príncipe Chichibu, anglófilo educado em Oxford e entusiasta do rúgbi. Públicos dessa natureza permaneceram uma constante no país, em especial nos confrontos finais do campeonato nacional universitários, em especial envolvendo universidades reputadas no esporte, como Keio, Meiji e Waseda¹⁵⁵.

Na Argentina, como aponta Tony Collins, a disseminação do rúgbi esteve fortemente ligada ao sistema de educação masculina das elites locais, de forte influência britânica. A presença do rúgbi na Argentina se fez em concomitância com a difusão inicial do futebol no país. Nos anos 1860, o *Buenos Aires Football Club* e o *Rosario Athletic Club* foram fundados pelas colônias britânicas locais para a prática de esportes e a prática do rúgbi neles data, pelo menos, desde anos 1880, quando os primeiros encontros entre as duas agremiações ocorreram. Clubes britânicos proliferaram nos anos finais do século XIX, com a população britânica contando mais de 40.000 indivíduos na década de 1910.

¹⁵³ BODIS, Jean-Pierre. *Le Rugby en France*. Paris: Bibliotheque Historique Privat, 1987.

¹⁵⁴ IKEDA, Keiko. "Ryedo-kembo, Liberal Education and Maternal Feminism under Fascism: Women and Sport in Modern Japan". In: *International Journal the History of Sport*, vol. 27, nº 3, 2010, pp. 537-52.

¹⁵⁵ COLLINS, Tony. *The Oval World. A Global History of Rugby*. London: Bloomsbury, 2015, pp. 332-35.

A ideologia do “Cristianismo Muscular” e a ação prosélita dos professores das escolas britânicas – munidos com seus livros de regras e exemplares do clássico *Tom Brown’s Schooldays* – deram impulso às modalidades de *football*. Enquanto a liga de futebol – o *Association* – largou em 1891, toda formada por clubes britânicos – a *River Plate Rugby Football Union* (a federação de rúgbi do Rio da Prata, transformada posteriormente em *Unión Argentina de Rugby*) e seu campeonato de rúgbi nasceram em 1899, com quatro clubes fundadores: os já citados *Buenos Aires F. C.* e *Rosario A. C.* e dois clubes que também foram fundadores da liga de futebol, o *Belgrano Athletic Club* e o *Lomas Athletic Club*. Todos, entretanto, controlados pelos britânicos, cuja influência mais duradoura no rúgbi contrastou com a rápida perda de influência dentro do futebol – após 1914, a Associação Argentina de Futebol jamais voltou a ter um presidente de origem britânica, com clubes ligados às colônias de imigrantes de outras nacionalidades, em especial italianos, proliferando, ao passo que o primeiro clube de rúgbi sem origens britânicas nasceu apenas em 1904, ligado às camadas mais altas da sociedade portenha, sendo que dos vinte primeiros presidentes da entidade máxima do rúgbi argentino somente seis não eram de origem britânica, compreendendo os cinquenta anos de predomínio britânico nas esferas de poder do rúgbi argentino¹⁵⁶.

Um ano antes do nascimento da *River Plate Rugby Football Union*, em 1898, o Ministro da Justiça e da Instrução Pública da Argentina passou um decreto estabelecendo que todas as escolas – públicas ou privadas – formassem associações esportivas para seus alunos e ex-alunos, como parte do programa de modernização – e europeização – do Partido Nacional Autonomista.

A influência britânica aumentou vertiginosamente na Argentina ao longo do século XIX. Entre 1840 e 1860, as exportações britânicas para o país triplicaram e, entre 1860 e 1913, quadruplicariam. A presença britânica operava em várias frentes, desde as redes comerciais e ao sistema bancário às obras de engenharia, com os britânicos assumindo o projeto de criação de um sistema de ferrovias, como ocorrido no Brasil. Em 1913, a Argentina correspondia a 41% de todo o investimento britânico na América Latina, ao passo que o Brasil correspondia a 22%, colocando a Argentina em valores comparáveis ao investimento realizado em colônias como Austrália e África do Sul. Cerca

¹⁵⁶ *Ibidem*, pp. 316-18.

de 2/3 dos investimentos estrangeiros no país eram britânicos, ao passo que 84% das empresas na Argentina nesse fim de século XIX eram estrangeiras.

Como aponta Alan Knight, o fim do século XIX em Buenos Aires fora marcado por uma profunda “anglomania”, que transcendia a comunidade Anglo-Argentina e tomava conta das aspirações das elites *criollas*, desejosas de incorporarem os modos britânicos, seja na educação, no esporte ou no consumo – digno de nota é o fato de Buenos Aires ter sido a primeira cidade fora da Inglaterra a contar com uma filial da famosa loja “Harrods”¹⁵⁷.

O questionamento acerca do conceito de “império informal” da Inglaterra deve levar em conta os profundos laços econômicos e culturais entre Inglaterra e Argentina, explicitados tanto pela presença das empresas britânicas em solo argentino e dos laços comerciais crescentes entre os dois países, que motivaram a instalação de uma grande comunidade britânica – formada, acima de tudo, por indivíduos de classe média, ainda que em número muito reduzido comparado com os mais de dois milhões de imigrantes europeus de outras procedências, mas em sua maioria italianos de classe trabalhadora – como pela aproximação cultural e ideológica. Se não houve ocupação territorial da parte da Inglaterra na Argentina no período, houve tanto um forte vínculo – quase uma dependência – econômica e, acima de tudo, um imperialismo de ideias, com o capitalismo inglês ganhando adesão e apoio dentro de setores das classes dominantes da capital argentina. Knight conceitua que “enquanto a América do Sul não verteu sangue em nome do Império Britânico, ela produziu riqueza e, enquanto as oligarquias anglófilas liberais estivessem no poder, demonstrou simpatia política-cultural que, durante os 1900s, contribuiu para uma ‘Orientação Atlântica’ da grande estratégia britânica”¹⁵⁸.

A posição da Argentina dentro das redes britânicas de comércio também promoveu contato com outras partes do Império Britânico. Como Collins apresenta, “Buenos Aires fora parte de uma rede imperial que atraiu homens de outras partes do ‘Mundo Britânico’, especialmente da África do Sul”, lembrando a influência de Barry Heatlie¹⁵⁹, jogador dos *Springboks* (a famosa seleção sul-africana, formada

¹⁵⁷ KNIGHT, Alan. “*Britain and Latin America, 1800-1914*”. In: *The Oxford History of the British Empire*, Volume 3, *The nineteenth century*. Oxford: Oxford Press, 1999, p. 133.

¹⁵⁸ Idem, p. 137.

¹⁵⁹ Heatlie se notabilizou no rúgbi como também um inovador tático, sendo um dos pioneiros da formação 3-4-1 do *scrum*, na época em voga.

exclusivamente por brancos), um dos grandes nomes da primeira seleção da África do Sul que uma série de partidas contra a Seleção Britânica (os *British and Irish Lions* atuais), em 1903, que participou ativamente do rúgbi do *Gimnasia y Esgrima* de Buenos Aires, sendo treinador até 1915¹⁶⁰. Não por acaso, a Argentina recebeu visitas da Seleção Britânica em 1910, 1927 e 1936, e dos *Junior Springboks* (o segundo quadro da seleção da África do Sul), em 1932, além de ser destino frequente de visitas de clubes estrangeiros – com o Brasil virando eventualmente ponto de parada em tais turnês (como nos casos de 1932 e de 1936).

As visitas britânicas demonstram a mudança sensível dentro da composição social do rúgbi argentino, que acompanhou um processo de abandono do futebol em prol do rúgbi nas primeiras décadas do século XX da parte de clubes exclusivistas de Buenos Aires, concomitantemente à expansão do futebol entre a classe trabalhadora da cidade. Em 1910, o quadro da seleção argentina era composto inteiramente por britânicos e descendentes – incluindo Arnaldo Watson Hutton, filho do escocês Alexander Watson Hutton, uma das principais figuras no processo de introdução do futebol na Argentina. Em 1927, mais da metade da seleção era composta por indivíduos de sobrenome latino¹⁶¹.

Nos demais países sul-americanos, entretanto, o rúgbi teve uma dispersão em escala muito menor. Mesmo do outro lado do Rio da Prata, no Uruguai, onde o rúgbi fora jogado pelo menos desde 1865, pelos britânicos do *Montevideo Cricket Club*, a disseminação para a população hispânica demorou. Somente em 1951 foi fundada a *Unión de Rugby del Uruguay*, e ainda assim com forte influência das escolas britânicas, com dois dos clubes mais fortes do país tendo nascido dentro de escolas de elite anglófilas, ainda que frequentadas por uma elite não-britânica: o *Old Boys*, da tradicional instituição *The British Schools of Montevideo*, e o *Old Christians*, do colégio cristão *Stella Maris College* – até hoje dois dos três maiores campeões do país. No Chile, a primeira entidade nacional, a *Federación Chilena de Rugby*, foi fundada antes, em 1935, mas a influência das escolas britânicas também se fez fortemente presente¹⁶², com o *Old Grangonian Club* (chamado também de *Old Boys*), fundado em 1938 em Santiago por alunos da *The Grange School*. A ele se somam na fundação da federação o *Prince of Wales Country Club*, fundado em 1925 como o clube da comunidade britânica, fundado

¹⁶⁰ COLLINS, Tony. *The Oval World. A Global History of Rugby*. London: Bloomsbury, 2015, p. 319.

¹⁶¹ Idem, p. 319.

¹⁶² COLLINS, Tony. *The Oval World. A Global History of Rugby*. London: Bloomsbury, 2015, p. 340.

pelo próprio Príncipe de Gales – e futuro Eduardo VIII – e o *Stade Français*, da comunidade francesa da capital chilena.

Mesmo dentro da Argentina, ao contrário da França, o rúgbi não fez nesse momento sua incursão dentro da classe trabalhadora. Para Archetti, apesar de sua difusão, o rúgbi não tomou parte na construção de uma identidade nacional argentina e sua projeção somente ganhou um papel maior no final do século XX. Tal papel coube ao futebol, que ganhou a classe trabalhadora em meio a seu processo de difusão e profissionalização – e ao polo, esporte equestre ligado ao campo argentino¹⁶³. Alabarces, por sua vez, relativiza a condição de esporte de classe média como empecilho a construção do rúgbi como um elemento de construção nacionalista e aponta o reduzido sucesso internacional da Argentina como uma das principais desvantagens da bola oval¹⁶⁴ – ao menos até o recente sucesso dos *Pumas*¹⁶⁵ nos anos 2000.

A adesão do futebol pelos trabalhadores, evidentemente, foi igualmente crucial no Brasil. “O processo de democratização do futebol em São Paulo ocorreu, principalmente, através dos times de várzea e dos clubes de fábricas”¹⁶⁶, como aponta Fátima Antunes.

É diante desse contexto de difusão restrita do rúgbi fora do Império Britânico, em contraste com a ampla difusão do futebol no mesmo período, que a introdução do rúgbi em São Paulo, tema do próximo capítulo, deve ser entendida.

¹⁶³ ARCHETTI, Eduardo. P. *Transforming Argentina: Sport, Modernity and National Building in the Periphery*. Revista Antropolítica: Antropolítica : Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência. Niterói : EdUFF, 1995, pp. 41-60.

¹⁶⁴ ALABARCES, Pablo. “Fútbol, leonas, rugbiers y pátria: El nacionalismo deportivo y las mercancías”. In: Revista Nueva Sociedad. Nº 248. Barcelona: Ofers Internacionals, 2013, pp. 28-42.

¹⁶⁵ Apelido dado à seleção argentina de rúgbi desde da turnê argentina à África do Sul em 1965, quando o símbolo do rúgbi argentino, a Onça Pintada (*Jaguar*, em espanhol), estampado na camisa da equipe, foi erroneamente confundido com um *Puma* (a Onça Parda). *Los Pumas* alcançaram a fase de quartas de final da Copa do Mundo de Rúgbi (competição criada em 1987) pela primeira vez em 1999. A melhor colocação argentina foi o terceiro lugar obtido em 2007, com vitória sobre a França, país sede da competição naquele ano. As semifinais foram novamente alcançadas pela Argentina em 2015, com o quarto lugar, sendo que o título não foi conquistado até o momento.

¹⁶⁶ ANTUNES, Fátima. *Futebol de Fábrica em São Paulo*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH-USP, 1992, p. 21.

3. Ingleses, franceses, paulistas: o rúgbi na Primeira República

3.1 – O rúgbi e a São Paulo das oligarquias

Paulo do Rio Branco da Silva Paranhos, um dos cinco filhos de José Maria da Silva Paranhos Júnior, o Barão do Rio Branco, fora talvez o mais famoso jogador de rúgbi que o Brasil tivera em gramados europeus. Nascido em Paris, em 1876, Paulo do Rio Branco fora introduzido desde cedo nos círculos sociais mais elevados da capital francesa. Seu percurso dentro do esporte francês se confunde com o próprio estabelecimento dos esportes britânicos na França.

O filho do diplomata brasileiro engrossara ainda jovem as fileiras do *Stade Français*, defendendo o clube logo na segunda final da história contra o *Racing*, em 1893. Paulo do Rio Branco defendeu sua agremiação em campo com apenas 17 anos de idade e já como titular. A vitória por 7 a 3 garantiu o primeiro de muitos títulos franceses para o *Stade Français*. Com Paulo do Rio Branco sempre entre os titulares da equipe – como aclamado *fullback* – o *Stade Français* levantou a taça outras cinco vezes, em 1894, 1895, 1897¹⁶⁷, 1898 e 1901.

Irmão mais velho de Paulo, Raul do Rio Branco também estivera envolvido com o rúgbi, antes de seguir a carreira do pai na diplomacia. Raul, que fora posteriormente Ministro do Brasil na Suíça (embaixador), capitaneou e presidiu a equipe de rúgbi do Liceu Henrique IV, liderando-o ao bicampeonato do torneio interescolar da Universidade de Paris. Já na Suíça, Raul do Rio Branco recebeu de Pierre de Coubertin a incumbência de levar adiante o projeto de formação do *Comitê Olímpico Brasileiro*¹⁶⁸ (chamado naquele momento de *Comitê Olímpico Nacional* – CON¹⁶⁹), formando uma delegação junto de seu irmão Paulo e de Alberto Kingolhofer. A fundação do Comitê, com o objetivo de realizar trabalho preliminar de articulação das entidades esportivas do país, se deu em 08 de junho de 1914 – vinte dias antes do assassinato do Arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do trono do Império Austro-Húngaro, em Sarajevo, e da escalada

¹⁶⁷ Paulo do Rio Branco foi considerado um dos grandes destaques do torneio.

¹⁶⁸ Cf. *Gazeta dos Sports*, 03 de junho de 1914.

¹⁶⁹ NETO-WACKER, Márcia de Franceschi. *A participação do Brasil no movimento Olímpico Internacional*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho, 1999.

das tensões entre as potências europeias que levariam à declaração de guerra da Áustria-Hungria à Sérvia, em 28 de julho, levando à Europa à Grande Guerra.



Imagem 2 – Selecionado francês contra Escócia – Paulo do Rio Branco de pé, primeiro à esquerda. Fonte: Chiesi, Z. *The Sketch*. Paris, 22 de Abril de 1896.

Primeiro brasileiro membro do *Comitê Olímpico Internacional* (COI), Raul do Rio Branco simbolizava as aspirações modernizantes da elite brasileira. Criado no exterior, Raul entrara em contato cedo com as ideias olímpicas e com “o renascimento da cultura física”, como ele próprio cita em carta circular a representantes de entidades esportivas no país¹⁷⁰. Seu relacionamento pessoal com Pierre de Coubertin não parece ter sido a única motivação de Raul para aceitar o convite de ingressar no Movimento Olímpico, como aponta Márcia Franceschi. O ideal de prestar “verdadeiro serviço à pátria”, ressaltado em sua carta, e sua crença nos valores olímpicos¹⁷¹, certamente se conectam com os ideais de *sportsman* da elite brasileira da época, desejosos em difundir

¹⁷⁰ Ibidem, p. 72

¹⁷¹ Ibidem, p. 73

– ao menos entre seus “iguais” – as práticas esportivas, em acordo com a tendência europeia do momento.

O resultado de sua carta de 1914¹⁷² foi a fundação do *Comitê Olympico Nacional* (CON), constituído por representantes do Automobilismo, Hipismo e Equitação, “Ginástica, Peso e Alteres”, Turismo, Aviação, Sports Athléticos, “Natação e Remo” e Tiro, tendo eleito como seu presidente Fernando Mendes de Almeida, nascido no Rio de Janeiro, formado pela Faculdade de Direito de São Paulo, senador pelo Maranhão (de 1910 a 1921), fundador do Automóvel Clube do Brasil (em 1907), jornalista e diretor do *Jornal do Brasil*¹⁷³.

O CON manteve relações formais e de cooperação com a *Federação Brasileira de Sports* (FBS), fundada na mesma reunião, e com a *Confederação Brasileira de Sports* (CBD), que sucedeu a FBS em 1916, passando a ser incumbida da organização de possíveis delegações brasileiras que fossem aos Jogos Olímpicos – o que estava previsto para ocorrer em 1916, em Berlim, caso a Grande Guerra não tivesse eclodido. Com sua inatividade, o CON não teve função prática até os anos 1920. Um boletim do COI de 1923 atesta a existência de um *Comitê Olímpico Brasileiro* (e não mais Comitê Olympico Nacional), baseado na Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro, já com Arnaldo Guinle (diretor do Fluminense F. C., presidente da CBD de 1916 a 1920 e membro do COI desde 1923), como presidente. Entretanto, como argumenta Márcia Franceschi, a existência real de um COB naquele momento é colocada sob dúvida inclusive pelo fato de Guinle ter participado da fundação (ou refundação) do COB em 1935. Nesse caso, Guinle teria apenas assumido uma responsabilidade formal sobre o Comitê depois de Fernando Mendes de Almeida¹⁷⁴. Quando da primeira participação brasileira nos Jogos Olímpicos, em 1920, em Antuérpia (Bélgica), coube à CBD a responsabilidade sobre a delegação do país.

O que importa aqui sobre o CON/COB é justamente suas relações com as elites paulistas. Em 25 de janeiro de 1924, o jornal *O Estado de São Paulo* noticiou o rompimento de Antônio da Silva Prado Júnior, presidente do *Club Athlético Paulistano*

¹⁷² NETO-WACKER, Márcia de Franceschi. *A participação do Brasil no movimento Olímpico Internacional*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho, 1999, p. 75.

¹⁷³ Fernando Mendes de Almeida foi redator-chefe dos jornais *A Vanguarda*, em 1882, *Diário de Notícias*, em 1888, *Diário do Comércio*, de 1888 a 1901, e *Jornal do Brasil*, a partir de 1894. LOPES, Raimundo Hélio. In: *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 1984.

¹⁷⁴ NETO-WACKER, Márcia de Franceschi. *Op. cit.*, p. 79.

(CAP) à época, com a seção paulista do *Comitê Olímpico Nacional*¹⁷⁵, em desacordo com a entidade pela ausência de atletas paulistas¹⁷⁶.

Tal rompimento se dera em um momento de conflitos entre as entidades esportivas de Rio e São Paulo, notadamente as divergências entre a carioca LMDT (Liga Metropolitana de Desportes Terrestres) e a paulista APEA (Associação Paulista de Esporte Amadores) no tocante ao *status* do atleta de futebol, em uma disputa entre uma visão mais rígida sobre a questão, do lado carioca, e mais branda, do lado da entidade paulista, levando à proibição em 1923 de jogadores paulistas defenderem a seleção brasileira¹⁷⁷. Entre 1924 e 1925, tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo viveram cisões em suas entidades máximas do futebol, com a AMEA (Associação Metropolitana de Esportes Amadores) nascendo no Rio de Janeiro e a LAF (Liga de Amadores de Futebol) surgindo em São Paulo, liderada justamente pelo CAP, em um movimento que Anatol Rosenfeld entende como um “conflito de classes”, dado o caráter que as disputas envolvendo o profissionalismo tomavam naquele momento¹⁷⁸. Tais disputas políticas na primeira metade da década dos anos 1920 em torno do esporte são certamente essenciais para se buscar um entendimento sobre o desenvolvimento posterior do rúgbi em São Paulo, durante a segunda metade da década. Entretanto, antes é preciso olhar para as tensões que o antecederam.

Instalada no Brasil no início do século XVIII, a família Prado se tornara uma das mais influentes na política brasileira após a Independência, com a ascensão política de Antônio Prado, o terceiro com esse nome, nomeado o “Barão de Iguape”, que fez fortuna como coletor de impostos, comerciante de escravos e de açúcar, chegando a carreira política. O Barão teve dois filhos, Veríssimo e Veridiana, a última que se tornara uma das mulheres mais influentes de sua época¹⁷⁹. Veridiana fora mãe de Antônio Prato, o quarto, enviado à Europa pela mãe para estudar, em 1862. Em seu retorno ao Brasil, Antônio Prado subiu nos escalões da política nacional. Foi ministro da agricultura, comércio, obras públicas e das relações exteriores, conselheiro do Império, membro do partido

¹⁷⁵ Chamado novamente de “Nacional”, e não de “Brasileiro”.

¹⁷⁶ NETO-WACKER, Márcia de Franceschi. *A participação do Brasil no movimento Olímpico Internacional*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho, 1999, p. 78.

¹⁷⁷ CALDAS, Waldenyr. *O Pontapé Inicial Memória do Futebol Brasileiro (1894-1933)*. São Paulo: Ibrasa, 1990, pp. 117-120.

¹⁷⁸ ROSENFELD, Anatol. *Negro, Macumba e Futebol*. S. Paulo: Perspectiva, 1993, p. 49.

¹⁷⁹ LEVI, Darrelln E. *A Família Prado*. São Paulo. Cultura 70 – Livraria e editora AS. 1977, pp. 58-59.

conservador e abolicionista. Após a proclamação da República, continuou na política elegendo-se deputado constituinte e, em 1899, tornou-se prefeito de São Paulo, empenhando-se na remodelação urbana da cidade. Como aponta Renato Lanna,

“Os Prados se envolveram no processo de europeização do Brasil, em suas viagens procuravam modelos de progresso entre as nações. O envolvimento de seus membros com as tendências europeias ajudaram a lhe dar uma aura de modernidade responsável pelo aumento de seu status como uma importante família paulista, principalmente pelo estilo de vida que passaram a representar”¹⁸⁰

O conselheiro Antônio Prado fora fundador, em 1875, do *Club Paulistano de Corridas*, mais tarde, em 1881, rebatizado como *Jockey Club de São Paulo*. A construção do primeiro hipódromo na cidade de São Paulo se deu a partir dos investimentos dos sócios do *Jockey Club*, que adquiriram um terreno plano e amplo na rua Bresser, no campo da Mooca, uma antiga chácara que pertencera ao Senador Feijó. O novo estabelecimento, bancado por membros das mais ricas famílias paulistas, atendia a seus anseios de modernidade, estimulando a competição isonômica entre seus sócios, dentro de um espaço socialmente restrito.

Para homens como Prado, educados na Europa do último quartil do século XIX, a conceituação de *sportsman* “não era atribuída a um atleta, a alguém que praticasse atividades físicas, mas sim aos abastados que se envolviam com as corridas, os criadores e patrocinadores. O típico *sportsman* era um dono de cavalos parelheiros que assistia aos páreos da tribuna de honra e recebia aplausos ao desfilarem ao lado da sua cria vencedora. Nesses moldes Antonio Prado era considerado um dos mais ilustres representantes dos *sportsmen* paulistas, sem nunca precisar montar e suar a sobrecasaca¹⁸¹”.

Dessa forma, a associação do conselheiro Prado ao esporte estava acima de tudo em sua imagem como fomentador da modernidade e nas relações pessoais dadas dentro

¹⁸⁰ FERNÁNDEZ, Renato Lanna. *A concepção de esporte em Antonio Prado Junior: o amadorismo como princípio civilizatório e regenerados*. XVIII Simpósio Nacional de História. Lugares dos Historiadores: velhos e novos desafios. Florianópolis, 2015, p. 3.

¹⁸¹ GAMBETA, Wilson Roberto. *A bola rolou. O Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol. 1895 – 1916*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014, p. 41.

de associações que uniam as famílias mais poderosas da cidade. Essencialmente, a política oligárquica não separava o público do privado. As relações políticas eram forjadas pelas relações pessoais mais íntimas, dentro de núcleos familiares extensos, que trocavam favores, associavam-se em empreendimentos econômicos, disputavam e negociavam cargos políticos e outras honrarias¹⁸². O espaço de vida social – e, portanto, político – oferecido pelos clubes esportivos era parte essencial para a ritualização de uma igualdade entre as famílias notáveis, emulando comportamentos das elites com as quais conviveram seus mentores na juventude, enquanto estudavam na Europa.

Nos anos finais do Império, as ideias republicanas provocaram divisões dentro das parentelas paulistas. Enquanto o conselheiro Antonio Prado fora monarquista, seu irmão Martinico entrara em contato com as ideias republicanas ainda quando aluno da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, ingressando no Partido Republicano. A cisão dentro da família e o enfraquecimento de uma reação monarquista após a primeira década de republicanismo levaram a uma reaproximação das facções. O próprio Antonio Prado ingressaria no Partido Republicano Paulista, retornando à política, após um afastamento inicial, assumindo a prefeitura de São Paulo em 1899¹⁸³.

Mais próximo ainda dos esportes europeus estava seu filho, Antônio Prado Junior, nascido em 1880 e também educado na Europa, em Paris. Prado Júnior foi grande entusiasta do ciclismo, sendo campeão sul-americano e representando o Brasil no *Tour de France*. O primeiro clube ciclístico em São Paulo nascera em 1892, o *Clube Olympico Paulista*, que recebera apoio justamente da família Prado, com o clube sendo rebatizado e reformulado em 1894, como o *Veloce Club Olympico Paulista*. A nova febre das bicicletas contaminara o Antonio Prado, em momento que as corridas de turfe já perdiam seu prestígio. O estímulo veio justamente de seu filho, Antonio Prado Júnior, que entrou em contato com as corridas ciclísticas na França, ajudando a fomentar a nova febre no Brasil, ainda que muito jovem. Para a realização das provas em pista fechada, o conselheiro Prado iniciou a construção de seu velódromo, que seria inaugurado em 1895

¹⁸² QUEIROZ, Maria I. P. V. “O coronelismo numa interpretação sociológica”. In: FAUSTO, Boris (org.). *História geral da civilização brasileira*. v. 8, t. 3. São Paulo: Difel, 1985, p. 165-171.

¹⁸³ GAMBETA, Wilson Roberto. *Op. cit.* pp. 32-34.

e concluído em 1896¹⁸⁴, quando suas arquibancadas estiveram “repletas de distintas famílias da sociedade paulista¹⁸⁵”.

Prado Júnior esteve também ligado ao automobilismo, como fundador do *Automóvel Clube de São Paulo*, e ao tênis, além de ser membro do COI. Obsessões esportivas ligadas ao gosto pela modernidade. Mas, talvez Prado Júnior seja mais conhecido no esporte brasileiro por sua condução como presidente do CAP, entre 1906 e 1909 e de 1916 a 1954. É tido como o grande responsável em transformar um clube de estrutura esportiva rústica em uma instituição de influência extraordinária na sociedade paulistana, como aponta Lanna¹⁸⁶.

A fundação do CAP se deu um ano após o início do governo do conselheiro como prefeito de São Paulo (1899-1910). Entre seus fundadores estavam os filhos de Martinico Prado, Plínio, Martinho Neto, Fabio e Cassio. No mesmo ano, a nova agremiação negociou justamente com a firma de exportações *Prado Chaves & Companhia*, cujo um dos sócios era justamente o conselheiro Antônio Prado, a utilização do velódromo, que vivia momento de declínio do público em suas competições.

Já em 1899, Prado arrendara o velódromo ao italiano Andréa Guglielmini, que o transformara em um espaço multiuso, com “corridas premiadas de velocípedes, tiro ao alvo e aos pombos, ginástica panorama, teatro de variedades, música e concertos, jogos lícitos, café e restaurante, festas venezianas, em suma divertimentos elegantes à escolha¹⁸⁷”. A atividade de apostas se intensificou dentro da instalação e logo Prado encontrara novo uso para o espaço.

O *Clube Atlético Paulistano* nascera como um clube poliesportivo (sem a pretensão inicial de desenvolver o futebol), mas o futebol logo fora incorporado em 1901 e já em 1902 o CAP participara da inaugural *Liga Paulista de Football*. O clube dos filhos das ilustres famílias paulistas ganharia cedo projeção na bola redonda, acumulando três vices campeonatos estaduais nos três primeiros anos da competição, até romper alcançar

¹⁸⁴ GAMBETA, Wilson Roberto. *A bola rolou. O Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol. 1895 – 1916*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014, p. 74.

¹⁸⁵ Cf. *O Estado de São Paulo*, 22 de junho de 1896, p. 2.

¹⁸⁶ FERNÁNDEZ, Renato Lanna. *O Jogo da Distinção: C.A. Paulistano e Fluminense F.C. - Um estudo da construção das identidades clubísticas durante a fase amadora do futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro (1901 – 1933)*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2016, p. 147.

¹⁸⁷ Cf. *Correio Paulistano*, 22 de janeiro de 1900, p. 2; *O Estado de São Paulo*, 5 de fevereiro de 1900, p. 3.

o título em 1905 e em 1908. Em resumo histórico publicado pelo próprio clube em 1918, o CAP reclama para si os primeiros passos para a popularização do futebol na cidade¹⁸⁸.

Como sugere o historiador Victor de Melo, o campo esportivo teria seguido transformações em um ritmo não linear e sempre dialogando com os aspectos locais. Em um primeiro momento, os esportes teriam mantido suas conexões com a ruralidade, com o uso de animais e uma exposição menor do corpo. Seguidamente, a exposição do corpo humano ganharia o foco, com o movimento corporal ganhando destaque, em modalidades como o remo ou a natação. Posteriormente, os desafios ao corpo humano dariam espaço à provação da tecnologia, em celebração à modernidade, como é o caso do ciclismo e do automobilismo. E, por fim, são as modalidades coletivas que se delineiam melhor, inserindo de vez o esporte nas culturas de massa¹⁸⁹. O percurso dos Prado dos cavalos, ao automobilismo e, por fim, ao futebol, decerto perfazem tal roteiro de incursão no mundo esportivo.

Dentro desse campo de disputados pelo capital esportivo, Antônio Prado Júnior esteve também à frente, em 1913, do grande racha sofrido na *Liga Paulista de Football – LFP* – que levou à formação naquele ano da *Associação Paulista de Sports Athleticos – APSA*, posteriormente denominada APEA, *Associação Paulista de Esportes Atléticos* – tendo Prado Júnior como presidente.

Naquele momento, a ascensão de um futebol proletário, de clubes fortes, rivalizando com os clubes de elite, levou a um claro mal-estar dentro do futebol paulista, o que sugere, nas palavras de Wilson Gambeta, que “a fundação da APSA, com acentuado discurso moralizador, foi o modo encontrado pelas parentelas fazendeiras para recuperar o controle sobre os espetáculos de futebol¹⁹⁰”. A competição contou em seu primeiro ano com somente três participantes, seus fundadores: o *Clube Atlético Paulistano*, a *Associação Atléticas das Palmeiras* e a *Associação Atlética Mackenzie College (AAMC)*. “A reação contra o profissionalismo mascarado e a preocupação de barrar os clubes de

¹⁸⁸ CLUB ATHLETICO PAULISTANO. *Resumo Histórico do Club Atlético Paulistano*. São Paulo: Seção de obras d’O Estado de S. Paulo, 1918. In: GAMBETA, Wilson (org.). *Primeiros passos: documentos para a história do futebol em São Paulo (1897-1918)*. São Paulo: Edições LUDENS, 2014, pp. 183-241.

¹⁸⁹ MELO, Victor Andrade de. “Corpos, bicicletas e automóveis: outros esportes na transição dos séculos XIX e XX”. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de (org.). *História do Esporte no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2009, pp. 72-73.

¹⁹⁰ GAMBETA, Wilson Roberto. *A bola rolou. O Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol. 1895 – 1916*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014, 329-330.

futebol informal que tentavam ingressar nas exibições públicas acentuou o tom esnobe do discurso [...]os dirigentes da APSA pareciam querer voltar ao esporte praticado por estudantes da elite fazendeira”¹⁹¹.

A retomada de um passado recente, vivo na memória dos próprios atores envolvidos na crise deflagrada em 1913, obriga revisitar os primeiros anos da organização do futebol em São Paulo, posicionando-o dentro da prática esportiva na cidade nos primeiros anos da República Velha, a fim de identificar o espaço e as barreiras encontradas pelo rúgbi dentro daquela sociedade.

3.2 O incipiente rúgbi britânico na São Paulo da modernidade (1891-1914)

A já citada carta de Hans Nobiling a Paulo Várzea evidenciando a prática do rúgbi entre os ingleses em São Paulo não precisa até que ano o rúgbi fora disputado entre os quadros do *São Paulo Athletic Club* e da *São Paulo Railway*, apenas sugere que quando da chegada do alemão a São Paulo, em 1897, as disputas do rúgbi seriam anuais, não podendo, certamente, datarem de antes de 1894, ano que Miller retorna ao Brasil a atesta a inexistência do *football* na cidade e o fato dos ingleses do SPAC se voltarem à prática do críquete. A inexistência de qualquer indício no momento de prática do rúgbi em São Paulo anterior a tal data serve de marco delimitador para o debate aqui empreendido.

Em 1918, o jornalista Antônio Figueiredo publicou o primeiro livro a abordar a história do futebol paulista, a *História do football em São Paulo*¹⁹². Sem citar fontes, o jornalista afirmou que:

“Em 1894, chegou ao Brasil Charles Miller [...] Instalado em São Paulo, entrou para o São Paulo Athletic Club, e começou com outros sócios a organizar torneios de *football*. Não tinham graça, naturalmente, torneios desses. Um antagonista precisava surgir. E surgiu: foram os empregados

¹⁹¹ Ibidem, p. 330.

¹⁹² Nascido de uma família de portugueses, da classe trabalhadora, e com inclinações socialistas. Antônio Figueiredo trabalhou desde jovem no jornal *O Estado de S. Paulo*, tendo longa convivência com a família Mesquita que, posteriormente, estaria envolvida do lado da dissidente Associação Paulista de Sports Athléticos, a APSA, em 1913, mas que se reconciliaria com a Liga Paulista de Football em 1917, o que certamente influenciou nas motivações para Figueiredo escrever essa primeira obra, em 1918, de acordo com Wilson Gambetta. In: GAMBETTA, Wilson (org.). *Primeiros passes: documentos para a história do futebol em São Paulo (1897-1918)*. São Paulo: Edições LUDENS, 2014, pp. 25-26.

da São Paulo Railway, que, às pressas, formaram um *team*. O primeiro match era para ser de *rugby*; mas, por estarem indispostos alguns funcionarios da Estrada, assentou-se, parece que mesmo no campo, disputar uma partida de *Association Football*. Esta partida realizou-se em meados de 1896”¹⁹³

O rúgbi foi, no mínimo, jogado por mais um ano no clube paulistano após o relato de Nobling, como revela nota do *The Rio News* de 1898, também já citada. Ainda que a publicação seja de um jornal carioca, é plausível assumir que tenha sido igualmente publicada em São Paulo.

O mesmo jornal publicou no ano seguinte, no dia 02 de maio, uma nota acerca de sua cobertura da temporada de críquete no Rio de Janeiro, sugerindo também a prática do beisebol e ponderando sobre a relação desfavorável do clima carioca com a prática do rúgbi e do futebol:

“Partidas de Football, tanto Rugby com Association, são comentadas, mas tememos que nossos amigos paulistas fiquem com elas, pois o clima no Rio é muito desafiante para o Football”¹⁹⁴

O autor da notícia, desconhecido, porém sugestivamente de origem britânica, tocou em uma visão corrente entre os britânicos acerca da prática das formas de *football*. O rúgbi, assim como o futebol, era entendido como um esporte de inverno no Império Britânico. Tal conceito apresenta-se em sintonia com o fato do críquete ser entendido como um esporte de verão, uma vez que a prática do críquete se faz impraticável durante os períodos de chuva ou neve, de modo que nas Ilhas Britânicas é o inverno a estação chuvosa e o verão a seca. Tal distinção foi replicada em outras partes do Império

¹⁹³ FIGUEIREDO, Antônio. *História do Football em São Paulo*, 1918. In: GAMBETA, Wilson (org.). *Primeiros passes: documentos para a história do futebol em São Paulo (1897-1918)*. São Paulo: Edições LUDENS, 2014, pp. 257.

¹⁹⁴ Cf. *The Rio News*, 1899. Original: “Football matches, both Rugby and Association, are spoken of, but we fear our Paulista friends will have that to themselves, as the weaher in Rio is too trying for football”.

Britânico, em especial na África do Sul, Austrália e Nova Zelândia, ainda que o padrão pluviométrico varie enormemente de região para região¹⁹⁵.

Nenhuma outra referência sobre a prática do rúgbi na capital paulista foi identificada na imprensa entre a referida notícia de 1899 – que apenas sugere ainda haver rúgbi em São Paulo em tal data – e o ano de 1905.

Em 1896, iniciara-se no Colégio Mackenzie a prática do futebol, introduzido pelo professor e missionário presbiteriano Augustus Shaw, que chegava dos Estados Unidos, formado em Yale, onde a cultura dos jogos com bola já era forte naquele momento. Shaw iniciara a prática do basquete e ensaiara a realização de atividades de rúgbi, mas logo optaria pelo trabalho com o futebol. Em 1898, os alunos de Shaw e outro membros da comunidade presbiteriana, entre eles seu cunhado René Vanorden, de origem holandesa, fundaram a AAMC para ser outro clube atlético na capital paulista. No mesmo ano ainda foram formadas duas outras agremiações esportivas que viriam a desempenhar papel central da difusão do futebol – mas não do rúgbi. O *Sport Club Internacional* (SCI), que também nascera como clube poliesportivo, de forte influência alemã, mas com sócios oriundos das famílias paulistas, que tinha no início grande apreço pela prática da ginástica e da esgrima, e o *Sport Club Germania* (SCG), fundado dias depois do Internacional a partir de uma cisão dentro do clube recém fundado. Entre os fundadores do Germânia estava Hans Nobiling, que liderou a ruptura em nome de uma manutenção da identidade alemã.

Entre os patronos do Internacional estava o influente fazendeiro Antonio de Souza Queiroz, cuja família tinha estreitos laços com a cultura alemã, pela predileção de enviar seus filhos ao país para estudos. O pai de Antonio, o Barão de Souza Queiroz, fora pioneiro na importação de mão de obra alemã para suas fazendas, ao passo que o próprio Antonio fizera seus estudos em Hamburgo¹⁹⁶.

¹⁹⁵ Na Austrália, o verão é a estação chuvosa nas áreas tropicais, ao passo que na África do Sul o padrão também se inverte entre o litoral e as terras altas, com o interior apresentando invernos secos e verões chuvosos. Em contrapartida, no Subcontinente Indiano, a disparidade pluviométrica entre a estação chuvosa, no verão (a estação das monções), e a estação seca, no inverno¹⁹⁵, e a constância das temperaturas elevadas favorecem a inversão do padrão, com o críquete sendo largamente praticado no inverno. A difusão do rúgbi na Índia, Paquistão e Bangladesh foi tímida. Apenas no Sri Lanka o rúgbi teve maior profusão. Para mais: MAJUMDAR, Boria; MANGAN, J. A. *Sport in South Asian Society*. London, Routledge, 2005.

¹⁹⁶ QUEIROZ, Luiz R. S. e FAGUNDES JÚNIOR, Carlos E. U. *Álbum de família: Souza Queiroz*. São Paulo: ABSQPIJ, 2007, p. 30-37.

Da mesma maneira que o Internacional, o Germânia pretendia-se como um clube poliesportivo, no qual a ginástica alemã (a *turnverein*) era desenvolvida sem entrar em conflito com o futebol, esporte britânico, que ainda não gozava de grande popularidade na Alemanha, mas que já era difundido em cidades portuárias como Hamburgo, de onde vinha Nobiling, empregado no ramo do comércio exterior, assim como parte da comunidade alemã de São Paulo¹⁹⁷. Na Alemanha, tanto o futebol como o rúgbi tiveram uma recepção de profunda desconfiança, em um momento de crescente nacionalismo.¹⁹⁸. O rúgbi ganhou maior profusão somente na cidade universitária de Heidelberg, onde havia estudantes britânicos, e na cidade da Hanover (de laços íntimos com a monarquia inglesa até 1837¹⁹⁹).

Em 1902, o CAP conquistara uma inédita vitória no futebol sobre o SPAC, em partida que fora celebrada anos mais tarde pelo próprio clube como um “divisor de águas” para a história do CAP, pois a equipe formada pelos filhos das elites paulistanas havia sido capaz de derrotar os ingleses da cidade, que até então eram vistos como imbatíveis²⁰⁰. Para Wilson Gambetta, os efeitos daquela vitória inicial do CAP sobre o SPAC são ingredientes para a explosão de interesse em São Paulo que o futebol teria naquele início de século:

“Não é descabida a ideia de que o interesse do público pelo futebol tenha mudado a partir de 1902. Nos anos anteriores o futebol fora recebido com muita frieza na cidade. Sem dúvida, a situação se inverteu a partir do

¹⁹⁷ CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro*. São Paulo: IBRASA, 1990, p. 24.

¹⁹⁸ Segundo Udo Merkel, a favor do futebol esteve um discurso presente no fim do século XIX de ligar suas características a jogos tradicionais germânicos, que teriam justificado uma origem alemã para a prática, ao passo que o rúgbi seguiu sendo tido eminentemente como uma prática importada da Inglaterra. Tal hipótese carece de melhor entendimento. Mais: MERKEL, Udo. “The hidden social and political history of the German football association (DFB), 1900–50”. In: *Soccer and Society*. London: Routledge, 2000, pp. 171-74.

¹⁹⁹ A casa real inglesa até 1901 era a Casa de Hanover. A união das coroas do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda e do Reino de Hanover, no entanto, acabou em 1837 com a ascensão ao trono britânico da Rainha Vitória, que não poderia assumir o trono de Hanover pela restrição à sucessão feminina. Vitória foi a última monarca britânica da casa de Hanover e a região manteve durante seu reinado uma proximidade com a Inglaterra. MERKEL, Udo. *Op. Cit.* pp. 169-70.

²⁰⁰ CLUB ATHLETICO PAULISTANO. *Resumo Histórico do Club Atlético Paulistano*. São Paulo: Seção de obras d'O Estado de S. Paulo, 1918. In: GAMBETA, Wilson (org.). *Primeiros passes: documentos para a história do futebol em São Paulo (1897-1918)*. São Paulo: Edições LUDENS, 2014, pp. 10-11. Provavelmente, o texto é de autoria de Mario Cardim, pois ele era o secretário do clube e, na mesma época, jornalista e bibliotecário d'O Estado de São Paulo, pelo qual a obra foi editada.

primeiro campeonato quando o fenômeno do clubismo apareceu nos espetáculos paulistanos”²⁰¹

Fazendo uso do conceito de Roberto Da Matta, do futebol como dramatização e ritual²⁰², Gambetta explora os anos iniciais do futebol na LFP pela chave de um teatro de expressões nacionais que se prestava a posicionar a elite paulistana dentro do rol das nações “modernas”. A LPF, fundada no final de 1901, organizou o primeiro campeonato no ano seguinte com apenas cinco clubes, intimamente ligados às nacionalidades de seus participantes. O CAP se apresentou como o clube dos legítimos filhos da terra, inequivocamente brasileiro. O SPAC era o clube inglês, ao passo que o SCG o alemão. A AAMC, por sua vez, era formada por estudantes brasileiros ou filhos de imigrantes, mas representava uma instituição norte-americana, o *Mackenzie College*, subordinada à Igreja Presbiteriana e à Universidade de Nova Iorque. Tratava-se, portanto, de uma teatralização esportiva, na qual os “paulistas” enfrentariam as nações industrializadas, ditas modernas. Apenas o SCI, que se entendia como um clube “aberto”, fugia à caracterização nacionalista, mas mesmo assim tratava do combinado internacional diante dos brasileiros. Gambetta observa ainda que os maiores contingentes estrangeiros presentes na cidade – italianos, portugueses e espanhóis – não estavam representados por times nessa primeira liga, reforçando que o que estava em jogo eram justamente uma “cruzada nacionalista” de autoafirmação das famílias dirigentes perante o mundo da modernidade²⁰³.

Em 17 de agosto de 1905, o *Jornal do Brasil* publicou nova notícia sobre a o rúgbi em São Paulo:

“Realisa-se hoje no Velódromo, às 4 horas da tarde, a primeira reunião dos fundadores do Rugby em S. Paulo.

A essa reunião devem comparecer os representantes do S. Paulo Athletic Club, do Club Atlético Paulistano e de outros clubs, além de se

²⁰¹ GAMBETA, Wilson Roberto. *A bola rolou. O Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol. 1895 – 1916*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014, p. 127.

²⁰² DA MATTA, Roberto. "Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro". *Revista USP. Dossiê Futebol*, 22, São Paulo, 1994.

²⁰³ GAMBETA, Wilson Roberto. *Op. Cit.* pp. 164-65.

estabelecerem as bases para a formação dos respectivos *teams*, dias de exercício, etc”²⁰⁴

A notícia da reunião é significativa por três motivos: primeiro, houve uma tentativa de se organizar a prática do rúgbi; segundo, ao chamar de “primeira reunião dos fundadores do Rugby em S. Paulo”, o redator – e, possivelmente, seus informantes, isto é, provavelmente participantes da reunião – demonstra ou desconhecer a prática anterior do rúgbi, com Miller, ou, mesmo a conhecendo, a julgou efêmera; e, terceiro, ao nomear dois clubes participantes e deixar os possíveis “demais” como “outros clubs” sugere vagamente haver um interesse maior pelo esporte além dos dois clubes.

Entretanto, uma segunda nota fora publicada, essa n’*O Malho*, dois dias depois, afirmando que “Na sede do Paulistano, em S. Paulo, houve uma reunião para fundar-se um club para o jogo de Rugby”²⁰⁵.

O indicativo de que atividades de rúgbi tenham acontecido ainda nesse período está na única menção posterior feita no boletim interno do Clube Atlético Paulistano sobre o rúgbi praticado em 1905. No boletim de 1979, o autor (desconhecido) relembrou que em 1905 “já eram notórias as disputas de pelo e ‘rugby’²⁰⁶”. A adjetivação de “notório” implica crer que atividades, de fato, se desenrolaram nesse período e com algum destaque, ao menos interno junto aos sócios da agremiação. No *Resumo Histórico do Clube Athletico Paulistano*, de 1918, a única menção ao rúgbi está contida no capítulo “Tennis e Outros Sports”,

“As famílias paulistas, as principaes, tinha enviado os seus filhos para a Europa e os Estados Unidos, e elles, quando voltaram, achavam uma sensaboria correr numa bycicleta. Queriam coisas novas, mais empolgantes, e que, a um tempo, os tornassem fortes e entusiasmassem o povo. Assistiram a grandes torneios, não só de *football*, como *base-ball*,

²⁰⁴ Cf. *Jornal do Brasil*, 17 de agosto de 1905.

²⁰⁵ Cf. *O Malho*. 19 de agosto de 1905.

²⁰⁶ Cf. *Boletim do Club Athletico Paulistano*, 1979.

rugby, tennis, e S. Paulo, para esses rapazes, estava na altura de possuir campeões nesses generos de sport”²⁰⁷

Nesse sentido, é preciso ainda diferenciar a posição social dos sócios tanto de SPAC como de CAP. Como aponta Gambetta,

“É preciso que se evite confundir os futebolistas ingleses com a elite fazendeira paulista, como às vezes ocorreu. Entre os nomes de famílias fazendeiras constavam, de fato, alguns de origem inglesa, como Whitaker, Cotching e Ellis, assimilados através de casamentos com estrangeiros em gerações passadas. O conselheiro Prado tinha, por exemplo, uma cunhada de sobrenome Rudge, descendente de um inglês que desembarcou no Brasil no início do século XIX. Porém, a fundação do SPAC não partiu desse estrato social, ainda que as relações com os imigrantes ingleses existissem e fossem amistosas. O clube foi formado por funcionários de companhias inglesas de transporte, fornecimento de gás e energia elétrica, bancos e técnicos de indústrias. Ele contava com associados oriundos das classes trabalhadoras e médias”²⁰⁸

Aqui, fica claro que a presença do rúgbi entre os ingleses do SPAC tinha natureza distinta de sua presença no CAP – e isso é válido tanto para a primeira experiência de rúgbi no CAP como para a experiência posterior, que será mais adiante abordada. Mas, o fato de em 1905 os jogos de futebol entre CAP e SPAC – e deles com as demais agremiações da liga – terem ganho uma projeção muito além das partidas em si, com o fomento de uma rivalidade entre “paulistas” e “estrangeiros” no seio das elites paulistanas torna até natural encontrar no CAP um breve interesse pelo rúgbi, ainda mais pelo fato do esporte da bola oval não ser um desconhecido para muitos dos filhos das famílias

²⁰⁷ CLUB ATHLETICO PAULISTANO. *Resumo Histórico do Club Atlético Paulistano*. São Paulo: Seção de obras d'O Estado de S. Paulo, 1918. In: GAMBETA, Wilson (org.). *Primeiros passes: documentos para a história do futebol em São Paulo (1897-1918)*. São Paulo: Edições LUDENS, 2014, p. 29.

²⁰⁸ GAMBETA, Wilson Roberto. *A bola rolou. O Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol. 1895 – 1916*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014, pp. 166-67.

paulistas que faziam suas temporadas de estudos na França ou na Inglaterra. Entretanto, tal familiaridade pelo rúgbi não era carregada pelas demais nacionalidades.

A iniciativa de 1905 não foi adiante e, em 1910, tanto a imprensa carioca como a paulista saudaram com cautela o que fora chamado de “pela primeira vez nesta capital um match de football-rugby, jogado entre um team carioca e a equipe do cruzador inglês Amethyst²⁰⁹”.

Entretanto, nenhuma evidência da prática do rúgbi em São Paulo fora identificada nesse ano, condição essa atestada pelo clube inglês da cidade, o SPAC (São Paulo Athletic Club), que, em livreto publicado em 1938, em comemoração ao seu cinquentenário afirma que “em 1911, o Clube levantou o Campeonato da Liga [de Futebol Association], enquanto o ‘Rugby’, que havia caído no esquecimento, ressurgiu²¹⁰”. Ao menos no clube que fora o primeiro fomentador da prática do rúgbi, sua ausência é significativa no período.

O retorno do rúgbi em 1911 à capital paulista se manifestou com a realização do jogo interestadual²¹¹ entre as representações de São Paulo e Rio de Janeiro. A partida, ainda que fora realizada no campo do *Fluminense Football Club*, na rua da Guanabara, no Rio de Janeiro, evidencia que, de fato, as atividades de rúgbi aconteciam de alguma forma em São Paulo, assumidamente no SPAC pela comunidade anglo-saxã, pressuposta pela documentação do clube. A composição do elenco paulistano para a partida, como já citado aqui anteriormente, era inteiramente de britânicos ou descendentes.

“Back²¹²: Hinds

²⁰⁹O *Amethyst* aportara no Rio de Janeiro em setembro de 1909 e se tornara célebre na literatura sobre o futebol por ter realizado partidas [de *Association*] contra Botafogo e Fluminense²⁰⁹. A partida de rúgbi foi disputada em 1910, no dia 25 de julho, tendo sido chamada de “o primeiro ‘match’ de rugby jogado no Rio” pelo *O Paiz*²⁰⁹. *O Estado de S. Paulo* tratou em tom positivo a partida. Cf. *O Estado de S. Paulo*, 25 de julho de 1910.

²¹⁰ Cf. *São Paulo Athletic Club – 1888-1938*. Acessado no Clube Atlético São Paulo.

²¹¹ O *Correio Paulistano* chama de 2º, em 18 de julho de 1911, mas *A imprensa* chama de 1º, 15 de julho de 1911.

²¹² Para tornar clara a disposição dos atletas no campo, o “Back” era o atleta que ficava mais ao fundo do campo, hoje conhecido como “Fullback” (em Portugal, traduzido com “Defesa”, mas no Brasil costumeiramente chamado até hoje pelo seu nome em inglês), dono no rúgbi atual da camisa 15. Os “Three Quarters”, ou “Três Quartos” são os atletas que atualmente vestem as camisas 11, 12, 13 e 14, sendo o 11 e o 14 os “pontas” (“wings”, em inglês) e o 12 e o 13 os “centros” (“centres, no Reino Unido, ou “second five-eighth”, para o camisa 12, e “center”, para o 13, no Hemisfério Sul anglófono). Esses quatro atletas e o “fullback” são as cinco posições que requerem velocidade no rúgbi e habilidade tanto no jogo de passes

¾ backs, Williams, Banks, Wyatt e Swaine

½ backs, Rushton, T. Morrow

Forwards: O. Morrow, Burns, Colston, Reed, Montandon, Smith, Tomkins, A.
N. Other”²¹³

Em 1911, a retomada do rúgbi no SPAC teve como paralelo o sucesso do clube inglês no futebol. Naquele ano, o SPAC, que já não contava mais com Charles Miller, aposentado um ano antes, se sagrara campeão pela última vez da *Liga Paulista de Football*, em ano turbulento na liga. Entre os atletas registrados pelo SPAC na LFP de 1911, aparecem, apenas os sobrenomes Morrow, Smith, Tomkins, Colston e Banks²¹⁴, sobrenomes que também aparecem no jogo de rúgbi daquele ano. Montandon também é citado posteriormente entre os campeões pelo SPAC no futebol de 1911²¹⁵.

com as mãos como nos chutes. Os “halves”, ou “half-backs”, são os atletas considerados de criação, rápidos e hábeis com pés e mãos, responsáveis pela ligação entre as chamadas “duas unidades” do rúgbi: os “forwards” e os “backs” (“backs”, muito posteriormente traduzidos ao português como a “linha”, são aqui entendidos como os centros, os pontas e o “fullback”). Atualmente portador da camisa 9, o “scrum-half” (em Portugal chamado de “médio de formação”, mas no Brasil conhecido hoje como “meio scrum” ou simplesmente “scrum-half”) joga ao lado do “fly-half”, hoje portador da camisa 10 (e conhecido em português atualmente como “abertura” ou “médio de abertura”). Por fim, os “forwards” (ou “avançados”, termo pouco usado, mas existente no rúgbi brasileiro atual) são os atletas em geral de maior porte físico, cuja função primordial é lutar pela posse da bola na base do contato físico. No total, os “forwards” são oito atletas, que atualmente vestem as camisas de 1 a 8, sendo o 1 e o 3 os “pilares” (“props”, em inglês), o 2 o “hooker” (chamado de “hooker” no Brasil e “talonador” em Portugal), o 4 e o 5 os “segundas linhas” (“locks”, em inglês), o 7 e o 6 os “asas” (“flankers” ou “wing forwards” em inglês) e o 8 o “oitavo” (“number eight”). O conjunto de “pilares” e “hooker” é chamado de “primeira linha” (“front row”) e o conjunto de “asas” e “oitavo” a “terceira linha” (“loose forwards” ou “back row”). A história da numeração das camisas do rúgbi vem desde o fim do século XIX, com diferentes formas de se atribuir números às posições sendo usadas, sem uniformidade. Em alguns casos célebres, como dos clubes ingleses Leicester RFC e Bristol RFC, letras ao invés de números eram usadas na identificação das camisas. Foi apenas em 1967 que a federação internacional padronizou a numeração de 1 a 15, o modelo “franco-irlandês”, sendo o camisa 1 o “pilar fechado” (“loosehead prop”) e o 15 o “fullback”. Tal modelo é adotado no mundo inteiro, inclusive no Brasil, ainda que em jogos amadores haja alguma flexibilidade.

²¹³ Cf. *Correio Paulistano*. 17 de julho de 1911.

²¹⁴ RIBEIRO, Rubens. *O Caminho da Bola. 100 anos de História da FPF: 1902-1952*. São Paulo: CNR, 2000, p. 95.

²¹⁵ MILLS, John Robert. *Charles Miller: o pai do futebol brasileiro*. São Paulo: Panda Book, 2005, pp. 123-25.



Imagem 3 - São Paulo Athletic Club – 1911. Fonte: Acervo do Clube Atlético São Paulo (SPAC)

Colston e Banks, que defenderam o SPAC no futebol até 1905, transferiram-se ao CAP em 1906²¹⁶, e retornaram ao SPAC, tendo ambos defendido o clube campeão estadual em 1911. A participação do SPAC na LFP se encerrou justamente no ano seguinte ao último título. O clube inglês se retirara da liga em 1912, no momento em que a LFP se debatia acerca do profissionalismo, após acusações que recaíam sobre o Sport Club Americano²¹⁷.

Em 1911, a prefeitura paulistana, de Raimundo Duprat, iniciava uma série de reformas urbanas, com a vinda do arquiteto e urbanista francês Joseph Bouvard. Entre as ações do Plano Bouvard estavam o saneamento de áreas centrais, a abertura de avenidas e a construção de bairros planejados para as elites por companhias estrangeiras, como a *Companhia City*, fundada em Londres com investimentos ingleses e franceses, e na

²¹⁶ CLUB ATHLETICO PAULISTANO. *Resumo histórico do Club Athletico Paulistano*. In: GAMBETA, Wilson (org.). *Primeiros passes: documentos para a história do futebol em São Paulo (1897-1918)*. São Paulo: Edições LUDENS, 2014, p. 26-27.

²¹⁷ Desde seu ingresso na LFP em 1906, o Americano, clube fundado em Santos, buscava atrair atletas por meio de convites e ofertas de emprego. Em 1911, o clube transferiu sua sede para São Paulo, em um movimento que buscava aproximar dos espetáculos futebolísticos do Velódromo, alimentando a crise no futebol paulista que levou ao racha na LFP e fundação da APSA. GAMBETA, Wilson Roberto. *A bola rolou. O Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol. 1895 – 1916*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014, p. 323.

criação de bairros vilas operárias e de loteamentos clandestinos para as camadas mais pobres, deslocadas pelos novos empreendimentos²¹⁸. A ampliação do fornecimento de energia elétrica e a expansão da malha de bondes foram feitas com investimentos estrangeiros, garantia um fluxo de mão de obra qualificada nesse momento que trazia consigo interesses esportivos. Tais intervenções urbanísticas foram amplificadas durante a prefeitura subsequente de Antonio Prado.

No Rio de Janeiro, da mesma forma que o rúgbi teve atividades reportadas ininterruptamente de 1910 a 1913. Em 1912, o *Jornal do Brasil* noticiou atividades entre Paysandu e Fluminense²¹⁹ e a possibilidade de um torneio de rúgbi²²⁰, evidenciando alguma consistência nas atividades naquele momento na capital. Em 1913, a cidade voltou a receber uma partida envolvendo a tripulação de um navio britânico. O cruzador *New Zealand* aportara na cidade. O jornal *A Imprensa* ressaltou que:

“No Rio é muito pouco conhecido esse jogo, não obstante existirem aqui excelentes *players* de *rugby*, quasi todos membros das colônias inglesa e norte-americana. Para jogarem o *rugby* já foram convidados cerca de 40 jogadores dos melhores aqui existentes, incumbindo da organização dos *trains* o senhor Tom Robinson, o excelente *center half-back* do Paysandu C. C.”²²¹

Em São Paulo, os ecos da partida de 1911 certamente não sobreviveram muito tempo e a Grande Guerra, decerto, não deixara sobreviver uma prática regular da atividade entre a comunidade britânica radicada em São Paulo ou mesmo no Rio de Janeiro, onde após a partida de 1913 a descontinuidade das atividades de rúgbi parece ter novamente sido sentida. O fim da participação ativa do SPAC no futebol paulista não levou a uma migração de seus futebolistas ao rúgbi, ainda que muitos de seus atletas,

²¹⁸ SOUZA, Maria Adélia Aparecia de. “Metrópole e paisagem: caminhos e descaminhos da urbanização”. In: PORTA, Paula (org). *História de São Paulo. A cidade na primeira metade do século XX: 1890-1954*. São Paulo: Paz e Terra, 2004. pp. 532-533.

²¹⁹ Cf. *Jornal do Brasil*, 23 de maio de 1913.

²²⁰ Cf. *Jornal do Brasil*, 13 de junho de 1913.

²²¹ Cf. *A Imprensa*, 30 de setembro de 1913.

como mostrado acima, tiveram militância nas duas modalidades. John Mills aponta para um florescimento do tênis no clube inglês após a saída da LPF²²².

Inversamente à situação vivida pelo SPAC, outra agremiação britânica prosperara brevemente no período da Grande Guerra. Em 1912, a tecelagem escocesa J. & P. Coats decidiu abrir uma unidade em São Paulo, no bairro do Ipiranga, enviando ao Brasil um grupo de técnicos escoceses, entre eles Archie McLean, que possuía experiência no futebol profissional de seu país, oriundo da cidade operária de Paisley, na região de Glasgow²²³. Em 1914, os escoceses fundaram o *Scottish Wanderers*, que disputou competições até sua dissolução em 1917, em meio a acusações de profissionalismo, denotando um importante choque cultural entre o meio profissional do futebol escocês e o futebol amador controlado pelas elites paulistas²²⁴.

Os efeitos da Grande Guerra no rúgbi vem sendo tema de pesquisas sobretudo no mundo britânico²²⁵. Inúmeros clubes ingleses orgulham-se de terem contribuído com soldados e oficiais para o exército britânico e as taxas de mortandade dos jogadores de rúgbi se mostravam elevadas, dada a prevalência de oficiais no Exército Britânico que também eram jogadores de rúgbi – algo esperável pelo caráter amador do esporte e sua profusão dentro das classes médias. Nada menos que 160 jogadores que vestiram a camisa da seleção inglesa lutaram na Grande Guerra, com 16,9% deles tombando em combate ou posteriormente em razão dos ferimentos, número esse compatível com outras estatísticas, como a de oficiais oriundos de Oxford e Cambridge mortos no conflito²²⁶. Nesse sentido, a Grande Guerra não representara excepcionalmente uma “carnificina” para o rúgbi, mas caracterizou-se como uma guerra de alta mortalidade entre as altas patentes do exército, e não apenas nas baixas patentes como era mais recorrente, o que

²²² MILLS, John Robert. *Charles Miller: o pai do futebol brasileiro*. São Paulo: Panda Book, 2005, p. 174.

²²³ Na Escócia, a divisão de classe entre rúgbi e futebol é patente, com o futebol ganhando a classe operária, sobretudo na grande região industrial de Glasgow, ao passo que o rúgbi se tornou o esporte das *public schools* da capital Edimburgo, ligada às relações político-comerciais dentro do Império Britânico. HOLT, Richard. *Sport and the British: a modern history*. Oxford: Clarendon Press, 1992, p. 253.

²²⁴ BROWN, Matthew; LANCI, Glória. “Football and Urban Expansion in São Paulo, Brazil, 1880-1920”. In: *Sport in History*. Vol. 36. London: Taylor & Francis, 2016, pp. 162-189.

²²⁵ O *World Rugby Museum*, museu do estádio de Twickenham, mantido pela RFU inglesa, organizou em 2015 e 2016 a exposição “Lest We Forget: Rugby and the First World War”, tematizando a Primeira Guerra Mundial e seu impacto no rúgbi inglês. Entre os trabalhos, ver: COLLINS, Tony. “English Rugby Union and the First World War” In: *The Historical Journal*, 45(4). Cambridge: Cambridge University Press, 2002, pp. 797-817.

²²⁶ COLLINS, Tony. *A Social History of English Rugby*. London: Routledge, 2009, p. 61.

levara a um consequente prejuízo imediato ao rúgbi²²⁷. Mas, não duradouro. Collins mostra como o rúgbi utilizara sua imagem patriótica e, acima de tudo, sua imagem de esporte formador de caráter e valorizador de atributos como coragem, liderança, disciplina e masculinidade.

3.3 Transformações do pós-Guerra: o mundo oval, as Olimpíadas e o Brasil (1919-1924)

O período entre 1919-25 levava a uma “corrida pelo rúgbi” nas escolas britânicas que não tinham anteriormente sua prática, valorizando-a por seu caráter pedagógico supostamente superior ao do futebol ou do *Rugby League*, alicerçada, sobretudo, pela ideologia do amadorismo e pela oposição a uma alegada “degeneração” produzida pelo profissionalismo – discurso vigente mesmo trinta anos após a adoção do profissionalismo pelo futebol. Na véspera da Segunda Grande Guerra Mundial, o rúgbi se tornara o esporte dominante nas *public schools* britânicas. A retórica do rúgbi da Grande Guerra estava sedimentada na sociedade britânica²²⁸.

Dentro da colônia britânica radicada no Brasil, os efeitos da Grande Guerra foram também obviamente sentidos. O SPAC registra trinta e seis sócios que se alistaram no Exército Britânico durante a guerra, dos quais cinco perderam a vida, entre eles C. P. Tomkins, provavelmente o mesmo sócio que participara da partida de rúgbi de 1911. O clube inglês passara por dificuldades financeiras nesse período justamente pela saída de sócios, mas aponta para um crescimento rápido da colônia britânica nos anos seguintes à guerra, com reformas sendo realizadas em suas dependências já em 1921, fruto da melhora financeira da associação²²⁹.

Em texto do *Times of Brazil* de 1926, fora relatado o impacto da Grande Guerra na participação esportiva britânica no Brasil:

“Devido ao pequeno tamanho da colônia britânica, este entusiasmo inicial [da época de Charles Miller] por um bom jogo não foi mantida. Pouco

²²⁷ Cerca de 17% dos oficiais de alta patente do Exército Britânico tombaram na guerra, contra 12% dos soldados de baixa patente.

²²⁸ COLLINS, Tony. *A Social History of English Rugby*. London: Routledge, 2009, pp. 65-71.

²²⁹ Cf. *São Paulo Athletic Club – 1888-1938*. Acessado no Clube Atlético São Paulo.

antes da guerra, o rúgbi havia sido novamente discutido e alguma prática foi realizada, mas nenhuma partida foi jogada. Durante a guerra, quando o futebol e o críquete britânicos desapareceram do Brasil era, é claro, impossível pensar no rúgbi, que nunca havia firmado o pé no país”²³⁰

Os ecos da Grande Guerra se fizeram com a proliferação de estabelecimentos industriais em São Paulo, em um movimento de substituição de importações (em decorrência da diminuição da circulação de moeda estrangeira e do abalo sofrido pela própria indústria europeia nesse momento)²³¹, e no contínuo aumento da população da cidade²³², que levaram a rápidas transformações na paisagem urbana.

Os discursos acerca da transformação da capital paulista em uma metrópole industrial moderna ganharam a imprensa e a formação de uma imagem de São Paulo como uma cidade em constante movimento se sedimentou no período de 1919-20. Nas palavras de Nicolau Sevcenko,

“Verifica-se, pois, o início de uma tomada de consciência tanto de um sentido de identidade, quanto de uma manifestação de destino da cidade. Cortado do passado pelo seu modo de desenvolvimento abrupto, São Paulo, tal como era figurada pelos seus cronistas, aparecia insistentemente refletida num improvável espelho do futuro”²³³

A cidade em constante movimento, traduzida sob os valores do esforço de guerra vivido internacionalmente, assumia a feição de uma coletividade em movimento, cujo sentido social se sobreporia ao individual e no qual a metáfora da luta constante dentro da sociedade ao redor de ideais estaria na ordem do dia. Nesse sentido, a valorização do

²³⁰ Cf. *Times of Brazil*, 15 de maio de 1926.

²³¹ SAES, Flávio. “São Paulo republicana: vida econômica”. In: PORTA, Paula (org). *História de São Paulo. A cidade na primeira metade do século XX: 1890-1954*. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 235.

²³² A população paulistana saltou de cerca de 340 mil pessoas em 1907 a quase 530 mil em 1918. IBGE. Anuário Estatístico de 1974 *apud* SOUZA, Maria Adélia Aparecia de. “Metrópole e paisagem: caminhos e descaminhos da urbanização”. In: PORTA, Paula (org). *História de São Paulo. A cidade na primeira metade do século XX: 1890-1954*. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 520.

²³³ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 37.

esporte como prática física, moralizante e disciplinadora se revigorou nos anos 20, numa São Paulo que respirava ares de uma metrópole em formação, criada a partir de um espaço urbano em constante transformação e de uma vida social ao mesmo tempo vibrante e regulada²³⁴.

A guerra havia terminado em 1918, mas começava um novo tipo de mobilização coletiva, a ritualização dos movimentos de massa - nos esportes, no carnaval e nas grandes festas, nos hábitos urbanos e nas grandes manifestações políticas. A retomada dos Jogos Olímpicos em 1920, em Antuérpia, na Bélgica, ainda ajudou a alimentar a mobilização ao redor dos esportes, sendo que a presença de atletas militares marcou a primeira edição do pós-Guerra²³⁵.

Em 1919, o desenvolvimento intenso e plural de modalidades esportivas em São Paulo fora exaltado reiteradamente pela imprensa, que advogava a favor da “adesão em massa aos rituais de desempenho físico²³⁶”. Com aponto Sevcenko,

“Antes da Guerra, a ideia de que os corpos orquestrados e suas potencialidades físicas representassem uma dimensão mais significativa da realidade, do que aquela expressa pela imaterialidade buliçosa das mentes, era minoritária e chocante, embora ascendente. Após a Guerra ela era dogma, consagrado pelos exércitos nos campos de luta, confirmado por novas correntes das ciências sociais, assumido pelas gerações mais jovens de líderes políticos e flertado pelas tendências mais agressivas das artes modernas”²³⁷

O futebol naquele momento vivia em efervescência. Naquele ano, a APSA alegava contar com mais de 15 mil atletas e 150 clubes²³⁸. Mas, mais importante ainda

²³⁴ Ibidem, pp. 41-43.

²³⁵ RÚBIO, Kátia. “Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização”. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 55-68, 2010a.

²³⁶ Como atesta Nicolau Sevcenko, exemplificando a partir de uma série de artigos públicos n’ n’ *O Estado de S. Paulo*. SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, pp. 43-46.

²³⁷ Idem, p. 45

²³⁸ Cf. *O Estado de S. Paulo*. 06 de dezembro de 1919, p 5.

estava um patente processo de consolidação do futebol dentro do imaginário nacional, não apenas em São Paulo.

Apesar da proliferação nas práticas esportivas relatada pelos cronistas em São Paulo, a ausência do rúgbi é notável no início dos anos 1920. Nenhum registro da prática do rúgbi fora encontrado na capital paulista até 1925²³⁹. A realidade na capital do país, no entanto, era distinta para o rúgbi após a Guerra.

Em 1919, o Rio de Janeiro recebeu pela primeira vez o Campeonato Sul-Americano de Futebol²⁴⁰, para o qual fora erguido o novo Estádio das Laranjeiras, o maior da América do Sul, de propriedade do *Fluminense F.C.*, de Arnaldo Guinle, mas financiado com recursos públicos²⁴¹, numa altura em que a capital do país também vivia sua “febre esportiva”²⁴². Em meio a tal febre esportiva carioca, a presença britânica na capital no pós-Guerra frutificara no ressurgimento do rúgbi. Três equipes de rúgbi ativas em 1921 foram mencionadas pelo *Jornal do Brasil*²⁴³: o RCAA²⁴⁴, clube da comunidade britânica, a equipe da *Light*²⁴⁵, empresa de origem canadense, e o *Sport Club Brasil*, fundado em 1912 na Urca²⁴⁶.

O Campeonato Sul-Americano de Futebol voltou ao Rio em 1922, como parte das celebrações do Centenário da Independência, que incluíam a Exposição Internacional e uma série de outros eventos esportivos, entre os quais jogos militares e competições

²³⁹ O *Jornal do Brasil* de 31 de agosto de 1930 traz um artigo sobre o Estádio Palestra Itália comentando que o estádio seria adequado para a prática do rúgbi.

²⁴⁰ SANDER, Roberto. *Sul-americano de 1919. Quando o Brasil descobriu o futebol*. Rio de Janeiro: Maquinaria, 2009.

²⁴¹ DRUMMOND, Maurício; MELO, Victor Andrade de; SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; “Celebrando a Nação nos Gramados: o Campeonato Sul-Americano de Futebol de 1922”. In: *História: Questões & Debates*, n. 57. Curitiba: UFPR, p. 151-174, 2012.

²⁴² SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnicas, ritos e ritmos do Rio. In: _____ (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. p. 568.

²⁴³ Cf. *Jornal do Brasil*, 06 de maio de 1921.

²⁴⁴ No entanto, Vitor e Patrícia Iorio, em obra de referência acerca da história do *Rio Cricket*, concordam que o rúgbi só tivera prática regular no Brasil a partir de 1925 e não precisam a existência de uma equipe de rúgbi em 1921 no clube. IORIO, Patrícia e Vítor. *Rio Cricket e Associação Atlética: Mais de um século de paixão pelo esporte*. Rio de Janeiro: Independente, 2008, p. 65.

²⁴⁵ A *Light* iniciara suas operações no Brasil em 1899. Em São Paulo, a *Light* entrou com o intuito de instalar os bondes elétricos e a iluminação pública, chegando ao Rio de Janeiro nos anos seguintes. Para mais: McDOWALL, Duncan. *The Light. Brazilian Traction Light and Power Co Ltd. 1899-1945*. Toronto: University of Toronto Press, 1988.

²⁴⁶ O *Sport Club Brasil* foi fundado em 1912 no bairro da Urca, contando também com a prática do futebol e do basquete, no qual foi campeão carioca em 1928.

internacionais de remo, natação, polo aquático, boxe, esgrima, tiro, hipismo, tênis, basquete e atletismo, os chamados “Jogos Olímpicos Latino-Americanos”, ou “Jogos Olímpicos do Centenário”²⁴⁷, chancelados pelo Comitê Olímpico Internacional.

Como defende Maurício Drummond, os jogos esportivos celebrados em 1922 fizeram parte tanto de um projeto de demonstração de modernidade como na tentativa de construção de uma unidade nacional em um momento de cisão das oligarquias²⁴⁸. O papel do esporte em tal projeto é notável naquele momento, reforçando a tese da centralidade do esporte na vida social, capaz de agir como um elemento de representação da nação.

Precedido pelo *Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais*, criado em 1922 com o intuito de promover a integração do país pelo futebol e oferecer espaço aos estados fora do eixo Rio-São Paulo, o Campeonato Sul-Americano de Futebol e mais um título da Seleção Brasileira de Futebol seriam o ápice das festividades e a prova da sedimentação da popularidade do futebol e sua capacidade de forjar uma unidade nacional. O Brasil ainda sairia vitorioso das competições de basquete, polo aquático e tênis, mas seria a memória do futebol que se sedimentaria no imaginário coletivo.

Se o novo impulso dado ao esporte pela Guerra não serviu de impulso ao rúgbi, as celebrações do centenário da Independência em 1922 tampouco modificaram de imediato a situação da bola oval no Brasil. Em São Paulo, o rúgbi permanecera invisível, ao passo que no Rio de Janeiro sua prática incipiente não fora impulsionada pelo momento único do esporte na cidade.

O fim da Grande Guerra também tivera como consequência imediata o retorno da realização dos Jogos Olímpicos. Na Bélgica, em Antuérpia, o rúgbi retornou ao programa olímpico em 1920²⁴⁹, mas de forma discreta, com apenas dois países inscritos²⁵⁰ e uma

²⁴⁷ DRUMMOND, Maurício; SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia (orgs.). 1922. *Celebrações esportivas do Centenário*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012, p. 16.

²⁴⁸ Em 1921, o candidato governista Artur Bernardes tivera a forte oposição do bloco da Reação Republicana, de Nilo Peçanha, que congregava as facções dissidentes das oligarquias de estados periféricos da política “café com leite”. As celebrações do Centenário viriam como evento chave para a reafirmação de uma nova unidade nacional no governo de Bernardes. Idem 15-17

²⁴⁹ BUCHANAN, Ian. “Rugby Football at the Olympic Games”. In: *Journal of Olympic History*, 1997.

²⁵⁰ O *Correio da Manhã* publicou no dia 02 de julho uma nota divulgando a data máxima de inscrição de vários esportes, entre eles o rúgbi, para os Jogos Olímpicos, que aconteceriam em setembro daquele ano. Romênia e Tchecoslováquia, casos onde o rúgbi ganhava impulso foram do Império Britânico, haviam se inscrito, mas desistiram do torneio. A ausência das nações britânicas já apontava para um completo desinteresse pelos Jogos Olímpicos da parte de suas federações de rúgbi. É importante notar a centralidade para o rúgbi britânicos das seleções das chamadas *Home Nations*, isto é, Inglaterra, Gales, Escócia e Gales, que não possuíam autonomia dentro do Comitê Olímpico Internacional.

partida única, quase esquecida, entre França e Estados Unidos, encerrada com uma inesperada vitória americana por 8 a 0²⁵¹. Antuérpia fora a primeira edição de Jogos Olímpicos após a Grande Guerra e um forte sentimento nacionalista tomou conta de algumas provas, assim como a fusão entre esporte e política já era evidente. No futebol, por exemplo, a final entre Bélgica e Tchecoslováquia teve invasão de campo e o time tcheco chegou a abandonar o campo por desacordo com a arbitragem²⁵².

O retorno do rúgbi aos Jogos Olímpicos seria breve, mas deixaria sua marca em 1924, em Paris. A ausência de nações do Império Britânico no torneio de rúgbi novamente marcou o torneio, que seguiu com baixa aderência de seleções, em especial quando comparado ao torneio paralelo de futebol, que contara em 1920 com 14 participantes e em 1924 com 22, sendo tido como verdadeiro Mundial da categoria, antes da criação da Copa do Mundo pela FIFA.

A derrota no rúgbi em 1920 decerto incomodara as autoridades francesas. O esporte vivia um momento de explosão em número de clubes e praticantes na França²⁵³ e a seleção nacional participava desde 1910 do Torneio das Cinco Nações²⁵⁴. A derrota para uma equipe da “periferia” do rúgbi deixara suas feridas e em 1923 o Comitê Olímpico Francês convidou formalmente os Estados Unidos para disputarem o torneio de rúgbi de

Por outro lado, o combinado dos *British and Irish Lions*, formado periodicamente reunindo jogadores das *Home Nations* para visitarem as seleções mais fortes do império, notadamente Nova Zelândia, Austrália e África do Sul, somente atingiu sua maturidade e prestígio nos anos 1950, quando passou a representar os melhores atletas britânicos e a ser controlado por um comitê específico. Em 1920, o combinado estava inativo, não tendo sido formado nenhuma vez entre 1910 e 1924. Acrescente-se ainda o movimento de independência da Irlanda, cuja luta contra o domínio britânico, que se estendeu dos anos iniciais da década de 1910 até o Tratado Anglo-Irlandês de 1922 que reconheceu a independência do Estado Livre Irlandês, e o quadro de não envolvimento britânico no rúgbi olímpico nesse período se torna mais completo.

²⁵¹ Naquele momento, o rúgbi nos Estados Unidos estava em franco declínio, com a expansão do futebol americano. A Califórnia se tornara o último reduto do rúgbi, mas que não resistiria aos anos 1920. A chegada da seleção medalhista de ouro de volta aos Estados Unidos foi acompanhada do fim da equipe, que não teria mais atividades até as vésperas dos Jogos Olímpicos de 1924. COLLINS, Tony. *The Oval World. A Global History of Rugby*. London: Bloomsbury, 2015, pp. 162-63.

²⁵² GIGLIO, Sérgio Settani. *COI X FIFA: a história política do futebol nos Jogos Olímpicos*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, p. 144.

²⁵³ DINE, Philip. *French Rugby Football: A Cultural History*. Oxford: Berg, 2001, pp. 41-59.

²⁵⁴ O *Home Nations Championship* foi a primeira competição entre selecionados nacionais no rúgbi envolvendo mais de duas seleções. Sua criação está intimamente ligada também ao início de organização do *International Rugby Board*, pela iniciativa de Irlanda, Escócia e Gales, em 1886 e posterior adesão inglesa no ano seguinte. Sua expansão em 1910 para a França fora acompanhada de grandes públicos nos estádios, em um momento em que o rúgbi francês vivia uma explosão de popularidade no Sul, com o centro de poder da modalidade no país passando nesse momento de Paris para as regiões de Toulouse e Bordeaux. DINE, Philip. *French Rugby Football: A Cultural History*. Oxford: Berg, 2001, pp. 48-49.

1924 em Paris. A explosão de públicos nos jogos de rúgbi na França certamente fazia o convite mais do que atraente para os organizadores, que ainda ganharam a aderência de um terceiro participante, a francófila Romênia, onde o rúgbi se desenvolvia sob influência do sistema educacional francês e com o apoio da realeza²⁵⁵.

Ainda que curto, o torneio de rúgbi de 1924 atraía as atenções em Paris pelo decorrido dentro e fora de campo. A expectativa para o encontro entre americanos e franceses teve ecos inclusive na imprensa brasileira. No dia 11 de janeiro, ao abordar o porvir dos Jogos Olímpicos, a *Folha de S. Paulo* já categorizara o rúgbi como um dos eventos mais importantes:

“A abertura dos Jogos está marcada para o dia 25 de janeiro. Mas as grandes provas só começam, em Paris, com o ‘rugby’ a 3 de Maio e com o futebol a 15 do mesmo mez, continuando as olympiadas até 27 de Julho”²⁵⁶

A abertura do rúgbi se deu, na realidade, no dia 4, com a França enfrentando e vencendo a Romênia por 61 x 03. A segunda partida ocorreu no dia 11 com os Estados Unidos vencendo os romenos por 37 x 0, diante de um clima hostil no estádio, com o comportamento dos torcedores franceses presentes. O time americano fora escolhido de improviso, com os organizadores do selecionado realizando na Califórnia *trials* para atletas de futebol americano interessados em fazer parte da equipe, uma vez que o rúgbi já não era mais praticado com regularidade desde 1920²⁵⁷.

²⁵⁵ O rúgbi começou a ser desenvolvido na Romênia apenas na década de 1910, com filhos das elites romenas que costumavam realizar seus estudos na França. O esporte se fortaleceu pelo apoio primeiro da casa real e, depois da revolução comunista, pelo estado. No pós Segunda Guerra Mundial, com o apoio do governo de Nicolae Ceaușescu, a Romênia se tornou uma força importante dentro do cenário europeu e mundial, sendo a única seleção europeia de fora do Torneio das Cinco Nações capaz de fazer frente às principais equipes do continente. Tal cenário mudou nos anos 1990, com a queda do regime e com a ascensão da Itália no cenário do rúgbi europeu. COLLINS, Tony. *The Oval World. A Global History of Rugby*. London: Bloomsbury, 2015, pp. 292-93.

²⁵⁶ Cf. *Folha*, 11 de janeiro de 1924.

²⁵⁷ Dos vinte e três selecionados, apenas seis haviam feito parte da equipe medalhista de ouro em 1920. Quinze atletas de 1924 era das universidades de Stanford, Santa Clara e California Berkeley. COLLINS, Tony. *The Oval World. A Global History of Rugby*. London: Bloomsbury, 2015, pp. 162-63.

Cerca de quarenta mil torcedores apinharam o Estádio de Colombes no dia 17 de maio para a final entre França e Estados Unidos. Com 3 x 0 para os visitantes no intervalo, os ânimos se acirraram nas arquibancadas e uma briga entre torcedores franceses e americanos irrompeu e se alastrou inclusive para o campo. No fim, aos Estados Unidos coube nova inesperada vitória, agora por 17 x 3. Porém, fora a notícia da violência da partida que se propagara pelo mundo. O jornal *O Paiz* noticiara o incidente, esclarecendo a natureza da briga²⁵⁸, atribuindo-a à presença de universitários americanos e ressaltando o pedido de desculpas do Comitê Olímpico Francês. A *Revista da Semana*, por outro lado, pesou o incidente contra o rúgbi, afirmando que “no infeliz *rugby olympico* mais vale não pensarmos, e eis por que atribuímos o *football* como abertura digna e brilhante dos Jogos Olympicos Internacionaes²⁵⁹”.

Nos dois casos, independente do tom escolhido pelas reportagens, a prova do rúgbi em 1924 fora entendida como significativa dentre o quadro de provas realizadas e digna de nota. Certamente, o aspecto político que o futebol ganhara já em 1920 teve ecos no rúgbi também em 1924, dado o tom nacionalista que a “revanche” francesa contra os americanos tomou, significativo após um conflito mundial que levava à França a pesadas perdas humanas e econômicas e que teve como desfecho o auxílio americano tanto para a vitória como para a reconstrução do país²⁶⁰. De alguma maneira, havia uma questão de orgulho francês ferido diante de uma supremacia americana também em um esporte tão caro aos franceses. As manifestações nacionalistas no esporte foram exacerbadas no período pós-Guerra, como aponta Dietschy²⁶¹.

O período de 1913 a 1936, para Kátia Rúbio, é o momento de afirmação dos Jogos Olímpicos, tomando sua periodização das transformações sofridas pelos Jogos Olímpicos ao longo de sua história. Trata-se de um momento no qual os Jogos “já haviam superado a condição de uma aventura de nobres e aristocratas excêntricos e se convertido em um importante evento internacional. Já era palco de exposição das tensões internacionais e como poucos eventos de sua envergadura sobreviveu ao período entre guerras²⁶²”.

²⁵⁸ Cf. *O Paiz*, 15 de setembro de 1924.

²⁵⁹ Cf. *Revista da Semana*. 26 de junho de 1924, p. 30.

²⁶⁰ HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Impérios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 253-55.

²⁶¹ DIETSCHY, Paul. *Histoire du Football*. Paris: Éditions Perrin, 2010.

²⁶² RÚBIO, Kátia. “Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização”. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 55-68, 2010a.

Os Jogos de 1924 foram os últimos sob a condução do barão Pierre de Coubertin, que deixara o cargo de presidente do COI em 1925. O período que se estende entre a saída de Coubertin e os Jogos Olímpicos de 1928 foi de intenso debate sobre o amadorismo, com um “conflito de culturas” já profetizado por Coubertin entre a cultura do ideal britânico de amadorismo mais restritivo colidindo com o ideal latino mais flexível, em um momento de crescimento de competições esportivas em todo o mundo, estimuladas pelo desenvolvimento de federações internacionais de cada esporte²⁶³. Em meio a um ambiente competitivo internacional e ao debate acirrado sobre o amadorismo em ascensão, a ausência britânica e de seus Domínios²⁶⁴ no rúgbi olímpico dos anos 1920 é reveladora de seu desinteresse pela internacionalização do rúgbi, que colocaria em risco o próprio estatuto amador da modalidade.

Do outro lado do Canal da Mancha, como referido anteriormente, os anos 1920 assistiram no Reino Unido a um *boom* da prática do rúgbi nas escolas. A retórica moralizante do rúgbi no período da Guerra alastrou verdadeira hemorragia na prática do futebol nas *grammar schools* inglesas²⁶⁵, que migraram em massa para o rúgbi. Em um espaço de dez anos, de 1919 a 1929, o número de *grammar schools* que adotaram a bola oval e se filiaram à RFU inglesa quase quintuplicou a ponta de tornar o rúgbi nos anos 1930 a modalidade dominante nas escolas da classe média inglesas²⁶⁶. Como argumentam Dunning e Sheard, tal movimento de difusão do rúgbi nas *grammar schools* ainda levou à formação de clubes de ex alunos (“*old boys*”) nas décadas seguintes e à consolidação do rúgbi como esporte majoritariamente de classe média, refletido desde aquele momento na procedência social dos atletas da seleção inglesa²⁶⁷.

²⁶³ GLEAVES, John; LLEWELLYN, Matthew P. “Ethics, Nationalism, and the Imagined Community: The Case Against Inter-National Sport”. *The Journal of the Philosophy of Sport*, (Vol 41, No 1), 2014, pp. 1-20.

²⁶⁴ Os “Domínios” constitucionalmente eram as ex colônias britânicas que desfrutavam de autonomia interna, mas que se mantinham atreladas à Coroa nas relações exteriores. Eram os casos, no período em questão, de Austrália, Nova Zelândia, África do Sul e Canadá.

²⁶⁵ As *grammar schools* eram escolas secundárias privadas, para alunos de 11 a 18 anos geralmente, selecionados a partir de testes e voltadas ao ensino acadêmico. As *grammar schools* muitas vezes se baseavam no ensino das *public schools*, mas eram voltadas a alunos oriundos das classes médias, ao contrário das *public schools* muito mais elitistas. Em 1918, o *Fisher Act* do Parlamento Britânico tornou obrigatório o ensino até os 18 anos de idade. LAWSON, John; SILVER, Harold. *A Social History of Education in England*. London: Routledge, 2013, pp. 366-90.

²⁶⁶ COLLINS, Tony. *A Social History of English Rugby*. London: Routledge, 2009, p. 68.

²⁶⁷ DUNNING, Eric. SHEARD, Kenneth. *Barbarians, Gentlemen and Players. A sociological study of development of rugby football*. 2ª edição. London: Routledge, 2005, p. 189.

A expansão do rúgbi dentro do Reino Unido reverberaria fora dele, decerto, em um período de pressão dos Domínios dentro do *International Rugby Board* para maior representatividade²⁶⁸. A hegemonia de Nova Zelândia e África do Sul consolidara-se no período²⁶⁹, ao passo que o rúgbi ganhava novo fôlego na Europa continental, com a explosão no número de clubes no sul da França²⁷⁰ e o acirramento de suas rivalidades. O sucesso em campo também chegava aos franceses, que alcançaram pela primeira vez o vice-campeonato do Torneio das Cinco Nações, em 1921. Sucesso que, todavia, seria acompanhado da desconfiança britânica, seja pela alegada violência das equipes francesas²⁷¹, seja pela crescente pressão por um afrouxamento das leis do amadorismo da parte francesa, com o empresariado local associando-se recorrentemente ao rúgbi e os casos de práticas profissionais proliferando. As disputas envolvendo as práticas de remuneração nos clubes franceses desencadearam uma crise, levando à exclusão da França do Torneio das Cinco Nações após a temporada de 1931. Em 1934, a França lideraria um movimento de internacionalização do rúgbi com a criação a FIRA (*Federação Internacional de Rugby Amador*), independente do *International Rugby Board*, entretanto, reafirmando seu compromisso com o amadorismo²⁷². Excluída dos embates com os britânicos, a França se voltaria à Europa continental, que já vivia uma tímida expansão do rúgbi, com desenvolvimentos na Alemanha, Espanha e na Itália²⁷³.

²⁶⁸ RICHARDS, Huw. *A Game for Hooligans. The History of Rugby Union*. Edinburgh: Mainstream Publishing, 2007, p. 112.

²⁶⁹ Em 1921, a África do Sul realizou uma célebre turnê pela Oceania, que ganhou o título de “The World Championship of Rugby” (o “Mundial de Rugby”), pela qualidade das equipes. O resultado dos encontros entre *All Blacks* (a seleção da Nova Zelândia) e *Springboks* (a seleção da África do Sul) naquele ano fora de uma vitória para cada lado e um empate. Em 1924-25, os neozelandeses realizaram outra célebre turnê pela Europa, vencendo todos os seus jogos e ganhando o apelido de “Os Invencíveis”. COLLINS, Tony. *The Oval World. A Global History of Rugby*. London: Bloomsbury, 2015, pp 229-44.

²⁷⁰ De 260 clubes registrados em 1920, a França chegaria a 1923 com 880. DINE, Philip. *French Rugby Football: A Cultural History*. Oxford: Berg, 2001, pp. 41-60.

²⁷¹ O famoso “Rugby de Muerte”, conceituado por Paul Voivenel, médico e jornalista francês que desempenhou papel importante na construção de uma tradição francesa de cronistas de rúgbi. O “Rugby de muerte”, cujo nome vem da influência espanhola no sudoeste francês, preocupava as autoridades franceses, com uma série de casos de violência entre atletas, em um momento de fortalecimento de identidades locais e chauvinismos de uma França do pós-Guerra. DINE, Philip. *Ops. Cit*, p. 69.

²⁷² Em 1935, a Itália receberia em Roma o primeiro Troféu da FIRA e, em 1936, a competição fora reeditada em Berlim, sendo chamada de “a mais bem organizada e mais internacional competição de rúgbi até hoje realizada”. LAGET, Serge. “Rugby: Olympic Tackles and Scrums” *In: Olympic Review*. International Olympic Committee, 1991, pp. 288/289.

²⁷³ Foram fundadores da FIRA: França, Itália, Romênia, Alemanha, Bélgica, Holanda, Portugal, Espanha e Catalunha, que logo seria excluída pela ditadura franquista. A recorrência de países de governos autoritários é notável, com Alemanha, Itália, Portugal e Espanha desempenhando papel importante na organização da FIRA nesse primeiro momento. Como defende Phillip Dine, a aproximação das lideranças do rúgbi francês naquele momento com tais governos não seria um acaso, com a aproximação posterior com o governo

Contudo, o momento ainda trazia outra tensão para dentro do rúgbi francês, com o *Rugby League* (ou *Rugby à Treize*, para os franceses), difundindo-se como real competidor de seu irmão amador e oferecendo uma alternativa abertamente profissional de se jogar a bola oval no coração da *Ovalie*²⁷⁴.

Em Buenos Aires, o mesmo período foi de constante aumento no número de clubes, com 29 clubes e 650 jogadores sendo registrados em 1926²⁷⁵. Com públicos crescentes para os jogos entre clubes e com a vinda de uma segunda turnê do selecionado britânico à Argentina em 1927 o assunto da cobrança de entradas para os torcedores se colocara como uma questão importante no rúgbi local. Nos tradicionais duelos entre “Argentinos” e “Estrangeiros” promovidos em Buenos Aires, e que também se tornaram comuns também em São Paulo, como será mostrado, o predomínio dos selecionados de argentinos, quase inteiramente formados por jogadores sem ascendência britânica, já era sentido, com os “nacionais” vencendo por 38 a 0 em 1927. Em 1928 a primeira federação do interior argentino fora fundada, enquanto em 1929 o número de agremiações argentinas filiadas à federação local já chegava a 49, com 1100 jogadores. Em 1929, a

colaboracionista de Vichy durante a ocupação nazista da Segunda Guerra Mundial, tendo por intuito combater a expansão do *Rugby League* em território francês. DINE, Philip. *French Rugby Football: A Cultural History*. Oxford: Berg, 2001, pp. 95-108.

²⁷⁴ O banimento da França em 1931 levou imediatamente a *Rugby Football League* inglesa a ambicionar expansão na *Ovalie* (termo dado à região Sudoeste da França), região de notória concentração de clubes de rúgbi com ampla difusão entre a classe trabalhadora. Entre 1933 e 1934 foram organizados jogos de exibição do *League*, prontamente combatidos pela Federação Francesa de Rugby (FFR), com banimentos de atletas e dirigentes dos clubes envolvidos, o que não barrou o movimento. Regiões como a Catalunha Francesa (Perpignan), o Aude (Carcassonne) e Albi (centros históricos dos cátaros, notório movimento de contestação religiosa no século XIII) abraçaram o *League* com prontidão, celebrando a rebeldia do movimento contra o poder central da FFR. Em Paris, o movimento *Treiziste* (isto é, de promoção do “Rugby à 13”, o *League*) captou o apoio de bairros de classe operária e organizações estudantis, em momento de ascensão do *Front Populaire*, frente de esquerda que ganhara as eleições francesas de 1936. A hemorragia do *Rugby Union* fora dramática e, às vésperas da eclosão da Segunda Guerra Mundial, o Union registrava apenas 471 clubes (caindo dos 891 registrados em 1924), contra 434 da modalidade de 13 jogadores. A resposta dos *Quinzistes* (os defensores do Union) foi justamente a criação da FIRA e o recrudescimento da filosofia amadora. Um dos efeitos fora a migração do centro de poder da modalidade de 15 jogadores, que com a perda de força de suas potências do Sudoeste assistiu ao crescimento de clubes na região central do país, antes à sombra do Sudoeste, como em Lyon e Clermont-Ferrand. Com a Segunda Guerra Mundial e a Ocupação Nazista, o *Rugby à 13* perdeu sua base de sustentação e sofreu dura perseguição política, com o governo pró-nazista do Marechal Pétain dissolvendo a *Ligue Française de Rugby à Treize* (LFRT, a liga francesa), com o intuito de romper os laços da liga com a Inglaterra e combater setores da esquerda francesa que haviam aderido ao “outro” rúgbi. Entre os maiores apoiadores do combate ao *League* estava justamente o jornalista Voivenel, conservador crítico ao *League*. Com o fim da guerra, o *Rugby à 13* recuperaria sua legalidade na França, mas já muito reduzido, com um número muito menor de clubes, após as perseguições, e sem o direito de usar o nome “rugby”, passando a adotar a denominação “Jeu à XIII”, o “jogo de 13”. DINE, Philip. *Opus Cit*, pp.86- 117.

²⁷⁵ 1899-1999. *100 Años. Unión Argentina de Rugby*. Buenos Aires: Manrique Zago Ediciones, 1999, pp.48-51.

vitória dos “Argentinos” sobre os “Estrangeiros” fora assistida por mais de 10.000 pessoas²⁷⁶. O golpe de estado de 1930 contra o presidente Yrigoyen e a ascensão do regime autoritário de Uriburu, de forte caráter nacionalista, levaram ao rúgbi à mudança de nome da então *River Plate Rugby Football Union* para *Unión de Rugby del Río de la Plata*, em 1931, quando o rúgbi argentino já era majoritariamente “nacional”.

3.4. O rúgbi “*coffee and milk*” (1925-1929)

A presença britânica no Brasil após a Grande Guerra tivera um abalo nos anos imediatamente após a guerra, pela desvalorização dos mil-réis, que fizeram cair as margens de lucro das empresas britânicas no país, em especial dos bancos e das ferrovias²⁷⁷. Com a queda nas importações durante o período de conflito, sobretudo pelos desafios à navegação impostos pelas hostilidades, o tema da criação de uma indústria de base no Brasil ganhara força dentro de setores das oligarquias, com um crescente discurso dito modernizante sobre a necessidade de transformação da economia nacional²⁷⁸, ainda que o fim da guerra tenha levado ao aumento sensível das exportações imediatamente entre 1919 e o início de 1920. Entretanto, com as economias das principais potências se recuperando da Guerra e adotando medidas protecionistas, as economias latino americanas, que haviam crescido imediatamente após a guerra, foram rapidamente atingidas, por sua dependência no mercado agroexportador, entrando em recessão²⁷⁹.

Durante o governo de Epitácio Pessoa (1918-22), uma das principais querelas em torno da política econômica foi o contrato da “Itabira Iron”, que tinha por objetivo estabelecer uma indústria siderúrgica no Brasil a partir do investimento externo, com capital britânico. Tal tentativa foi barrada pelo governo mineiro de Artur Bernardes, governador de Minas Gerais quando Pessoa assinou em 1920 contrato de exploração do minério de ferro com a *Itabira Iron Ore Company*. Quando da eleição em 1922 de Bernardes para presidente do Brasil a questão da Itabira Iron se tornou um dos eventos

²⁷⁶ Idem, pp. 52-53.

²⁷⁷ ABREU, Marcelo de Paiva. “British Business in Brazil: Maturity and Demise (1850-1950)”. Rio de Janeiro: Revista Brasileira Economia, vol.54, n.4, 2000, pp.383-413.

²⁷⁸ SILVA, Ligia Osório. “A crise política no quadriênio Bernardes: repercussões políticas do “Caso Itabira Iron”. In: COSTA, Wilma Peres; LORENZO, Helena Carvalho de (org.). *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: Editora UNESP, 1997, pp. 20-22.

²⁷⁹ FRITSCH, Winston. *External Constraints on Economic Policy in Brazil, 1889–1930*. London: Palgrave Macmillan, 1988, p. 53.

principais de polarização do debate política nacional. As oposições entre intervenção estatal na economia e o apoio ao capital externo, protecionismo econômico contra livre-cambismo e industrialismo versus agrarismo permearam as disputas²⁸⁰, em um ambiente de turbulência política acirrado pelo movimento tenentista²⁸¹.

Dentre as medidas da política econômica de Bernardes, protecionistas e nacionalistas em face da recessão enfrentada e da dívida pública acentuada, estava o plano de defesa do café, ainda tido como central para a economia nacional. Dentre os mecanismos encontrados por Bernardes para levar a cabo sua política econômica estava a criação do Banco Central, com o objetivo de reduzir o prejuízo do governo com relação a eventuais perdas. Entretanto, a dívida seguiu sendo um obstáculo ao governo, que em 1923 apelou para os banqueiros de Londres, não obtendo crédito imediato como esperava. A resposta britânica foi a imposição de uma cartilha a ser seguida pelo governo brasileiro em sua política econômica para que os empréstimos fossem concedidos. Para tal, uma missão de financistas britânicos foi formada, a “Missão Montagu”, sob orientação da Casa Rothschild²⁸², para analisar a economia brasileira e estabelecer as condições. Entre a quais estava o afastamento do governo central da política do café, solucionada com a política de defesa do café sendo transferida para o governo do estado de São Paulo, transferindo-a para o Instituto Paulista de Defesa Permanente do Café, criado em 1922²⁸³.

²⁸⁰ SILVA, Ligia Osório. “A crise política no quadriênio Bernardes: repercussões políticas do “Caso Itabira Iron”. In: COSTA, Wilma Peres; LORENZO, Helena Carvalho de (org.). *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: Editora UNESP, 1997, pp. 25-27.

²⁸¹ Como coloca Raymundo Faoro, “na madrugada de 05 de julho de 1922, governando Epitácio Pessoa e já eleito Artur Bernardes, os disparos do Forte de Copacabana anunciam o fim da República Velha. Os jovens militares antecipam, m dois quadriênios, uma data necessária, embora não irremediável nos termos em que aconteceria”, demarcando as dificuldades de manutenção da ordem vigente na República Velha, cujo desfecho se viria em 1930. FAORO, Raimundo. *Os donos do poder*. Porto Alegre: Editora Globo, 1958, p. 663.

²⁸² “O chefe da missão, Edwin Samuel Montagu, era o antigo secretário das Finanças do Tesouro e secretário de Estado para a Índia, coautor das reformas constitucionais do pós-Primeira Guerra naquele país. Os outros membros eram Charles Addis, diretor do Banco da Inglaterra e presidente do Hong-Kong and Shanghai Bank; Lord Lovat, homem com interesses em terras e plantações de algodão; Hartley Withers, antigo editor de *The Economist*, e Sir William McLintock, sócio de uma das maiores firmas inglesas de contabilidade e auditoria. Por outro lado, Sir Henry Lynch, industrial inglês e representante permanente dos Rothschild no Rio de Janeiro, atuou como elemento de ligação entre a missão e o governo brasileiro, servindo de intérprete durante as negociações”. Missão Montagu. In: *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 1984.

²⁸³ SARETTA, Fausto. “A Política Econômica no Brasil na Década de 1920”. In: COSTA, Wilma Peres; LORENZO, Helena Carvalho de (org.). *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: Editora UNESP, 1997, pp. 227-31.

Entretanto, apesar da influência dos banqueiros britânicos na política econômica brasileira, sua participação dentro da economia nacional seguiria em declínio ao longo dos anos 1920. A política de defesa do café em São Paulo levou também ao crescimento da atividade bancária, que se transformou ao longo da década. O crescimento dos bancos nacionais, em especial paulistas, voltados às operações de crédito para o mercado interno, levou à redução da participação britânica no setor, ainda que as atividades bancárias constituíssem ainda o principal setor de interesse britânico no Brasil²⁸⁴.

Entre 1922 e 1924, o governo de Bernardes foi assolado por primeiros levantes militares que demarcariam o início de uma reação tanto ao governo do presidente mineiro como contra o sistema de domínio dos setores hegemônicos das oligarquias paulista e mineira na política nacional. Em julho de 1924, a mobilização de militares de patentes médias contra o poder estabelecido foi levada aos extremos em São Paulo, com a cidade sendo tomada por uma guerra civil, que durou até quase o fim do mês, resultando na saída dos “tenentes” da cidade²⁸⁵. Os dias de combate levaram a capital paulista ao isolamento, em meio às bombas e à confusão nas ruas, paralisando as atividades, com o Palácio dos Campos Elíseos, sede do governo estadual, e a Estação da Luz sendo ocupados²⁸⁶.

Como coloca Wandenyr Caldas, “enquanto capengava a política nacional dirigida pelo presidente Artur Bernardes; enquanto a cidade de São Paulo e depois o interior do Estado vivam um clima tenso e de insegurança, causado pelo que os historiadores chamam de ‘Revolução de 24’, a APEA inseria-se nesse quadro”²⁸⁷.

Não seria antes do segundo semestre de 1924 que o rúgbi ganharia espaço na capital paulista, apenas poucos dias após a derrota dos revolucionários de 1924. E também não seria exclusivamente pelas mãos inglesas. No dia 07 de agosto, a *Folha de S. Paulo* publicou nota curiosa:

²⁸⁴ SAES, Flávio Azevedo Marques de. “Crescimento e consolidação do Sistema Bancário em São Paulo.”. In: COSTA, Wilma Peres; LORENZO, Helena Carvalho de (org.). *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: Editora UNESP, 1997, pp. 206-12.

²⁸⁵ FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: historiografia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, pp. 57 a 69.

²⁸⁶ FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano – O tempo do Liberalismo Excludente: Da proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

²⁸⁷ CALDAS, Waldenyr. *O Pontapé Inicial Memória do Futebol Brasileiro (1894-1933)*. São Paulo: Ibrasa, 1990, p. 123.

“Com o louvável intuito de tentar a implantação em S. Paulo do rugby, outros dos mais popularizados esportes europeus, notadamente na Inglaterra e na França, a Federação Paulista de Athletismo resolveu promover um encontro do emocionante esporte, para o que já conta com o concurso de numerosos elementos da colonia inglesa e norte-americana domicilliadas nesta capital, os quaes já praticaram e conhecem os segredos do violento esporte.

É essa uma tentativa. Talvez a Federação seja bem sucedida em seus intuitos, iniciando os passos a mais uma das modalidades esportivas que ainda não são praticadas no Brasil. Ademais, como em futebol estamos em elevado grau de adiantamento, não será difficil admitir que se generalize, após algumas experiências, a prática do rubgy [sic], que é uma variação do futebol.

O campo onde se deve realizar a competição será o Parque Antarctica, tendo sido já organizada uma commissão com o fim de dirigi-la. São membros della os srs. Amadeu da Silveira Saraiva, dr. Mario Teixeira de Freitas, dr. Jorge Corbisier, Taciano de Oliveira e Mauricio Verdier”²⁸⁸



rugby, pôdem os jogadores segurar os adversarios. A gravura acima mostra-nos como se protege o elemento que quer passar o balão, sem os empurrões dos adversarios

Imagem 4 - Futebol Americano retratado como rúgbi. Cf. Folha da Manhã, 03 de dezembro de 1925.

²⁸⁸ Cf. Folha, 07 de agosto 1925.

Os desenvolvimentos seguintes se deram apenas no final do ano, já com clara participação inglesa. Em outubro, a *Folha de S. Paulo* publicou nota da Associação Atlética das Palmeiras:

“A A. A. das Palmeiras tenciona, muito em breve, inaugurar mais uma seção, a de Rugby, cuja direção será entregue a esportistas competentes e conhecedores profundos do bellissimo esporte²⁸⁹”.

Pouco depois, a redação da *Folha* entrevistou um brasileiro radicado na Suíça, o dr. Henrique de Aguiar Vallim, que capitaneava um clube de Genebra, para dar explicações acerca do rúgbi²⁹⁰ – utilizando como ilustração uma foto provavelmente de futebol americano (explícito na foto acima)²⁹¹. Henrique de Aguiar Vallim fora nome forte na esgrima brasileira, tendo disputado os Jogos Olímpicos de 1936. A parentela Aguiar Vallim, do Vale do Paraíba, fora uma das mais influentes em tempo do Império e muitos de seus integrantes fizeram temporadas de estudos na Europa²⁹², reforçando a ligação do rúgbi com família tradicionais de São Paulo, e não exclusivamente com a comunidade britânica. A AAP ainda organizara encontros de rúgbi ao longo do final de 1925, incluindo nos dias 13²⁹³ e 27 de dezembro²⁹⁴. Naquele momento, a AAP contava com 1600 sócios e seções de futebol, remo, polo aquático, natação, esgrima, tiro e basquete²⁹⁵.

²⁸⁹ Cf. *Folha*. 29 de outubro de 1925.

²⁹⁰ Cf. *Folha*. 03 de dezembro de 1925.

²⁹¹ A separação do rúgbi e do futebol americano fora gradual, com a separação das regras ocorrendo com uma série de modificações promovidas pelas universidades americanas nos anos 1880, quando ainda não havia uma entidade internacional reguladores zelando pela unicidade das regras de cada forma de *football* (*Rugby* ou *Association*) em todo o mundo. O principal indicativo de que a fotografia pertence à modalidade americana é a presença generalizada de capacetes. Apesar da obrigatoriedade do uso de capacetes no futebol americano ter ocorrido apenas nos anos 1940, desde os anos 1920 eles já eram usados com regularidade. COLLINS, Tony. *The Oval World. A Global History of Rugby*. London: Bloomsbury, 2015, pp. 162-72.

²⁹² MARQUESE, Rafael de Bivar. “O Vale do Paraíba cafeeiro e o regime visual da segunda escravidão: o caso da fazenda Resgate”. In: *Anais do Museu Paulista. História e Cultura Material*. vol.18 no.1 São Paulo, Janeiro/Junho, 2010.

²⁹³ Cf. *Folha*. 07 de novembro de 1925.

²⁹⁴ Cf. *Folha* 05 de dezembro de 1925.

²⁹⁵ Como comparação, a *Folha* destaca que o Paulistano contava com 2000 sócios e o Germânia com 1400. Tais números foram citados Cf. *Folha*. 23 de novembro de 1926.

A ligação inicial do rúgbi com o atletismo não parece óbvia no contexto paulista, mas sua ligação está justamente na política interna da APEA (antiga APSA), que organizava as competições de futebol e de outros esportes, como o atletismo até 1924. Em janeiro de 1924, em meio já às tensões crescentes dentro da APEA acerca do profissionalismo no futebol, deu-se a fundação da *Federação Paulista de Atletismo* (FPA), em reunião convocada por Antônio Prado Júnior, desmembrando das atribuições da APEA o atletismo apenas cinco dias após o mesmo Antônio Prado Junior ter rompido com o Comitê Olímpico, como citado no início deste capítulo²⁹⁶. O fato do atletismo ser modalidade central dentro dos Jogos Olímpicos, que ocorreriam em julho em Paris (com o Brasil participando pela primeira vez das disputas do atletismo), conferiu importância maior à criação de entidades amadoras para a modalidade, desassociando-a do campo de disputas do futebol em torno do profissionalismo. O rúgbi, modalidade estritamente amadora, era compatível com tal combate ao profissionalismo.

A FPA estendeu suas pretensões (ou melhor, o projeto em curso do qual fazia parte central) inclusive ao basquetebol, mas a proposta, discutida em abril de 1924, não foi levada adiante²⁹⁷. No mesmo mês, a *Federação Paulista de Basquete* foi criada, tendo entre seus clubes fundadores o CAP²⁹⁸. A proposta original ia ao encontro da situação do basquete internacional, cuja jurisdição até o início dos anos 30 estava nas mãos da Federação Internacional de Atletismo (IAAF, que significa, em inglês, *Federação Internacional Amadora de Atletismo*), sendo uma seção dela (entre outras seções de outros esportes coletivos, como voleibol e handebol). A FIBA, *Federação Internacional de Basquetebol Amador*, fora fundada apenas em 1932²⁹⁹, reforçando o estatuto amador da modalidade, em consonância com os ideais olímpicos³⁰⁰.

²⁹⁶ O atletismo também passava por um momento de desenvolvimento inicial, tendo criado seu primeiro campeonato brasileiro justamente em 1925.

²⁹⁷ Cf. *O Estado de S. Paulo*, 17 de abril de 1924.

²⁹⁸ Além do Paulistano fundaram a FPB o Clube Espéria, o Palestra Itália, a Associação Atlética de São Paulo e a Associação Cristã de Moços, recebendo logo depois as filiações do Clube de Regatas Tietê, a Associação Portuguesa de Desportos, o Clube Atlético Antártica, o Sport Club Americano, o Sport Club Corinthians Paulista e o Sport Club Sírio. A seção de basquete do CAP era encabeçada por Alberto Byington Junior, um dos pioneiros da indústria cinematográfica brasileira e empresário do ramo da engenharia elétrica. NICOLINI, Henrique. *Tietê, o Rio dos Esportes*. São Paulo: Phorte Editora, 2001, pp. 188-89.

²⁹⁹ A FIBA fora fundada com o nome de Federação Internacional de Basquete (FIBB) por Argentina, Tchecoslováquia, Grécia, Itália, Letônia, Portugal, Romênia e Suíça.

³⁰⁰ O basquete foi incorporado aos Jogos Olímpicos em 1936.

A fundação da LAF, rompendo com a APEA, se deu em 1925, mas as tensões envolvendo o CAP e a APEA se arrastavam desde 1921, tendo como fato central a renúncia de Antonio Prado à presidência da APEA, sob pressão de um movimento liderado por Corinthians e Palestra Itália³⁰¹. O estopim para o CAP romper de vez com a APEA veio em 1925, após perder o título do futebol para o São Bento, em jogo de arbitragem polêmica³⁰².

Caldas argumenta que a oposição da direção do CAP à APEA seguiu motivos semelhantes ao de Flamengo, Fluminense, Botafogo, América e Bangu no Rio de Janeiro, que no ano anterior haviam promovido igual ruptura dentro do futebol carioca, sendo que o movimento antiprofissionalíssimo andava junto nos dois estados, com os líderes dos principais clubes em constantes conversas³⁰³. Ao CAP e aos demais clubes que o seguiram na criação da LAF – Britânia, Germânia, Internacional, Palmeiras, Corinthians, Antártica e Atlético Santista – o que estava em jogo não era somente manter o amadorismo (ou o falso amadorismo), mas evitar a quebra de seu exclusivismo social.

Lanna insere a dissidência em um conflito justamente dentro da própria concepção de profissionalismo, em transformação em um momento de expansão do futebol. Aqui, torna-se importante atestar que, como aponta o autor, “diferentemente da AMEA [do Rio de Janeiro], a APEA nunca criou nenhuma comissão de sindicância e nem adotou a súmula para ver se o jogador era ou não alfabetizado o que aumentava a possibilidade de ocorrer o falso amadorismo”³⁰⁴. A nova LAF, por outro lado, nasceu com o propósito, expresso pelo próprio Antonio Prado, de averiguar criteriosamente se os atletas eram amadores segundo seus critérios – e, paradoxalmente, isentando os árbitros das regras do amadorismo, defendendo que os mesmos fossem remunerados. E o nível de controle e autoridade exercida pela liga sobre seus afiliados era muito maior que a exercida pela APEA, como ressalta Lanna: “estrutura da nova entidade era muito rígida, inclusive tendo

³⁰¹ SALUN, Alfredo Oscar. *Palestra Itália e Corinthians: Quinta coluna ou tudo buona gente?*. São Paulo: Tese de Doutorado USP. 2007.

³⁰² FERNÁNDEZ, Renato Lanna. *O Jogo da Distinção: C.A. Paulistano e Fluminense F.C. - Um estudo da construção das identidades clubísticas durante a fase amadora do futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro (1901 – 1933)*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2016, p. 319.

³⁰³ CALDAS, Waldenyr. *O Pontapé Inicial Memória do Futebol Brasileiro (1894-1933)*. São Paulo: Ibrasa, 1990, pp. 124-126.

³⁰⁴ FERNÁNDEZ, Renato Lanna. *O Jogo da Distinção: C.A. Paulistano e Fluminense F.C. - Um estudo da construção das identidades clubísticas durante a fase amadora do futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro (1901 – 1933)*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2016, p. 320.

o direito de intervir nas escolhas dos dirigentes dos próprios clubes, afrontando contra a autonomia administrativa destes, a Liga concentrava todos os poderes e não era possível recorrer das suas decisões³⁰⁵”.

À fundação da LAF se seguiram as disputas dela com a APEA pelo reconhecimento oficial de representantes do futebol paulista junto à CBD. Como defende Lanna, “a LAF protagonizara o momento de maior divisão do futebol paulista, durante quatro anos LAF e APEA travaram uma batalha pelo reconhecimento de quem seria o verdadeiro representante do futebol paulista perante a CBD e a FIFA, usando o amadorismo como foco do conflito, o que se viu foi uma luta política pelo controle do futebol paulista, que envolvia mais do que amadores e profissionais³⁰⁶”.

Se por um lado a LAF era a reação à gestão da APEA no tocante ao profissionalismo, a nova liga nos anos seguintes se propôs a expandir as fronteiras de seus associados, incorporando agremiações do interior³⁰⁷. No tocante à internacionalização, o primeiro movimento da LAF fora receber a seleção argentina de futebol amador³⁰⁸ para enfrentar seu selecionado, com o objetivo de persuadir a CBD de que deveria ser reconhecida como a verdadeira representante paulista, vivendo sua “campanha por legalização³⁰⁹”. Mais que isso, a LAF encampara um discurso que, se de um lado atribuía uma “decadência” do futebol à presença de indivíduos “desqualificados”, causadoras de violência e da desvirtuação do futebol amador rumo a um profissionalismo indesejável, por outro ela mantinha claro em seus estatutos seu caráter aberto a todas as “raças e classes sociais”, almejando, destarte, seu reconhecimento como entidade abrangente³¹⁰. Para tal, a LAF lançava mão de uma doutrina liberal de “defesa ao mérito”, enxergando no futebol um modo de, pelo esforço individual, se superar a “adversidade” da cor³¹¹.

³⁰⁵ FERNÁNDEZ, Renato Lanna. *Op. Cit.* p. 324.

³⁰⁶ FERNÁNDEZ, Renato Lanna. *Op. Cit.* p. 325.

³⁰⁷ CALDAS, Waldenyr. *O Pontapé Inicial Memória do Futebol Brasileiro (1894-1933)*. São Paulo: Ibrasa, 1990, p. 130.

³⁰⁸ Em um momento em que a Argentina também vivia disputa acirrada entre os defensores do amadorismo e do profissionalismo em seu futebol, que levava à criação em 1931 de uma liga profissional dissidente.

³⁰⁹ CALDAS, Waldenyr. *O Pontapé Inicial Memória do Futebol Brasileiro (1894-1933)*. São Paulo: Ibrasa, 1990, p. 127.

³¹⁰ *O Estado de São Paulo*, 13 de maio de 1927. Álbum de recorte de jornais do CAP - 1926, s/p.

³¹¹ Sem entrar em profundidade no tema, a discussão acerca de uma identidade brasileira e da presença do negro e do mestiço permeiam as preocupações dos discursos moralizando e higienistas ligados ao esporte naquele momento, sendo centrais no debate entre amadorismo e profissionalismo.

Como aponta Lanna, os dirigentes da LAF organizaram vários jogos amistosos entre jogadores negros e brancos, com ares de festas cívicas³¹². Em 1927, em São Paulo, em comemoração ao aniversário da Lei Áurea,

“A razão da simpatia que encontrou nesta capital a lembrança dos diretores da Liga hoje efetivada, não está tanto no sentir dos brasileiros, fundamentalmente avessos às distinções de família e de cor, guiando-se mais pelo grau de mérito individual, como por que vale a oportunidade para uma resposta indireta, mas incisiva e cabal, aqueles poucos esportistas que, nos centros náuticos, principalmente, têm pretendido estabelecer exclusivismo odioso, tentando votar regras que deixem à margem os que desejando praticar o esporte do remo no nosso estado, não tenha a sorte de possuir pigmentação impecavelmente caucasiana”³¹³

Nesse sentido, o autor ainda ressalta que:

“A possibilidade da existência de um selecionado de “homens de cor” comprova ao menos que jogadores negros faziam parte dos times da Liga, o que contradiz o argumento racial [...] visão que atribuía à LAF um caráter antipopular deve ser relativizada. O objetivo dessas partidas era o de tentar popularizar a entidade, a disputa de um jogo entre dois times formados com negros e brancos era comum, a novidade era exatamente a diferença na coloração de cada time, isso é que chamava a atenção e estimulava o confronto”³¹⁴

³¹² FERNÁNDEZ, Renato Lanna. *O Jogo da Distinção: C.A. Paulistano e Fluminense F.C. - Um estudo da construção das identidades clubísticas durante a fase amadora do futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro (1901 – 1933)*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2016, pp. 330-31.

³¹³ *O Estado de São Paulo*, 13 de maio de 1927. Álbum de recorte de jornais do CAP - 1926

³¹⁴ FERNÁNDEZ, Renato Lanna. *O Jogo da Distinção: C.A. Paulistano e Fluminense F.C. - Um estudo da construção das identidades clubísticas durante a fase amadora do futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro (1901 – 1933)*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2016, p. 331.

Tal pretensão de busca de abrangência e representatividade em conjunção com o proselitismo de valores do amadorismo aproximava, decerto, a LAF dos discursos encampados tanto pelo COI como pelo próprio rúgbi no mundo britânico. A associação dos britânicos que almejavam a prática do rúgbi à LAF era mais do que natural nesse contexto. Longe de se fechar, o rúgbi britânico do período entre guerras viveu um significativo crescimento dentro das camadas médias e, ainda que se mantivesse distante da classe operária em boa parte do Império³¹⁵, o rúgbi assumia uma composição social mais heterogênea com seu avanço pelas *grammar schools* (ocupadas em geral por setores mais baixos das camadas médias)³¹⁶, estimuladas por um sentimento anti-futebol e pró-rúgbi criado com a Primeira Guerra Mundial entre as camadas médias mais patrióticas³¹⁷. Não é de se estranhar, portanto, que com uma heterogeneidade maior na composição social do esporte Inglaterra, o afrouxamento dos valores do amadorismo fosse uma consequência e, conseqüentemente, um desejo de recrudescimento³¹⁸ dos valores do amadorismo estivesse presente igualmente. Tais anseios, decerto, casavam com os anseios da LAF brasileira em um contexto diferente, porém igualmente de defesa ferrenha do *ethos* amador.

O ânimo com a primeira temporada do rúgbi dentro dos círculos da LAF era reforçado em 1926 pelo clima de euforia em São Paulo com a eleição de Washington Luís para a presidência do Brasil, deixando para trás os anos turbulentos de Artur Bernardes. Washington Luís era aliado de Antônio Prado, que fora eleito naquele ano prefeito do Rio de Janeiro.

Em 1925, a retomada do rúgbi em São Paulo³¹⁹ se fez sem a participação direta do SPAC. Naquele momento, o clube inglês não possuía estrutura física para a prática do

³¹⁵ No Reino Unido, a prática do rúgbi manteve seus enclaves operários de todo modo, sendo o mais notório o Sul de Gales, mas também áreas do West Country inglês, a Scottish Border (região fronteira da Escócia com a Inglaterra) e a região portuária de Limerick, em Munster, sul da Irlanda. Mais: COLLINS, Tony. *The Oval World. A Global History of Rugby*. London: Bloomsbury, 2015.

³¹⁶ DUNNING, Eric. SHEARD, Kenneth. *Barbarians, Gentlemen and Players. A sociological study of development of rugby football*. 2ª edição. London: Routledge, 2005, pp. 187-97.

³¹⁷ COLLINS, Tony. *A Social History of English Rugby*. London: Routledge, 2009, pp. 67-69.

³¹⁸ Um reflexo do recrudescimento nos conceitos sobre o amadorismo dos setores dirigentes do rúgbi nesse período esteve no processo de expulsão da França do Torneio das Cinco Nações. DUNNING, Eric. SHEARD, Kenneth. *Barbarians, Gentlemen and Players. A sociological study of development of rugby football*. 2ª edição. London: Routledge, 2005, p. 32.

³¹⁹ Em 1925, o rúgbi estava ativo no Rio de Janeiro. Em julho, o Rio Cricket organizara uma partida entre os membros da colônia inglesa em Niterói, com duas equipes formadas por funcionários de empresas britânicas na cidade: a Western Telegraph e a City Improvements. No entanto, a reportagem do *Correio da Manhã* sobre o duelo afirmara que “dada a raridade com que esse sport britânico é aqui praticado, não é

futebol – e, conseqüentemente, do rúgbi. A sede da agremiação na região da Consolação contava somente com espaço para tênis e *bowls*. Em 1924, a falta de um campo próprio para futebol e críquete levava alguns sócios do SPAC a fundarem um novo clube, o *Britannia Athletic Club*³²⁰. A perda de sócios obrigara o SPAC a estudar possibilidades de encontrar um novo terreno, o que se realizou somente em 1928, com o campo cedido pela *São Paulo Railway* em Pirituba³²¹.

A comunidade britânica de São Paulo assumiria em 1926 papel fundamental na condução das atividades de rúgbi na AAP. Em janeiro, o *Correio Paulistano* publicou notas sobre treinamentos de rúgbi no clube, que se estenderiam nos meses seguintes, sob o comando de Gordon Rule³²²³²³. As atividades do rúgbi no clube se intensificaram e ganharam continuidade que até então não havia sido verificada na prática do esporte na cidade.



Imagem 5 - São Paulo entrando em campo contra Santos. Platéia em cadeiras de praia. 1926 - Arquivo LUDENS - Leon William Rheims.

de estranhar que reine algum interesse entre seus apreciadores e que haja, amanhã, grande affluencia ao Rio Cricket”. Cf. *Correio da Manhã*, 11 de julho de 1925, p. 8.

³²⁰ O *Britannia* voltaria a se fundir ao SPAC em 1932. Cf. *São Paulo Athletic Club – 1888-1938*. Acessado no Clube Atlético São Paulo.

³²¹ Inicialmente, o campo de Pirituba era exclusivo para a prática do críquete, mas a partir de 1932 o futebol passou a ser permitido, enquanto o rúgbi ainda não havia retornado ao clube. Cf. *São Paulo Athletic Club – 1888-1938*. Acessado no Clube Atlético São Paulo.

³²²Cf. *Correio Paulistano*, 22 de janeiro de 1926.

³²³ No dia 19 de março de 1926, o *Correio Paulistano* publicou sobre a realização do “primeiro treino” sob o comando de Rule e Castier.

A participação de Rule na construção da equipe é relatada em artigo do dia 15 de maio do *Times of Brazil*, que atribui a Rule e Bensuzan, do *Santos Athletic Club (SAC)*³²⁴, a organização da primeira partida entre as representações de São Paulo e Santos. De acordo com o artigo, durante uma partida de golfe em 1925 os dois teriam acertado a realização de um amistoso entre as cidades em 1926, assim como jogos com a seleção do Rio de Janeiro, onde já existia rúgbi, no RCAA, também fomentado pela colônia britânica³²⁵.



Imagem 6 – São Paulo e Santos, 1926. Arquivo LUDENS – Leon William Rheims.

Com o intuito de preparar o escrete paulista, a AAP promoveu atividades preparatórias internas no clube. No dia 09 de maio, enfrentaram-se na AAP os “XVs”³²⁶ de W. J. Jenkins e de Cannon Morrey-Jones, dois britânicos que faziam parte do comitê de organização da equipe, ficando incumbidos de selecionar suas equipes para um desafio antes da partida de São Paulo contra Santos. Ambas, como pode ser observado abaixo, era predominantemente, mas não exclusivamente, formadas por jogadores de sobrenomes

³²⁴ Fundado em 1889, o Santos Athletic Club era o clube da comunidade britânica em Santos. A criação do clube se deu um ano após à do São Paulo Athletic Club, tendo no críquete seu principal esporte. A presença de uma equipe de rúgbi é atestada apenas em 1925, sob a influência do australiano Bensuzan. O clube se fundiu com o Anglo American Club em 1932.

³²⁵Cf. *Times of Brazil*, 15 de maio de 1926.

³²⁶ No rúgbi, a denominação “XV” é comumente utilizada para se referir a uma equipe, que conta com 15 jogadores.

em inglês, com algumas notáveis exceções. O desafio fora feito por Jenkins por meio de uma carta vinculada no *Times of Brazil*, do dia 04 de maio, na qual ele próprio escolheu Morrey-Jones para jogar por sua equipe, curiosamente, além dos irmãos Rule, sendo composta por:

“Morrays-Jones

Miller – Litteel – Verdier – Munday

C. Rule – G. Rule

Fielding – Crewe – Evans – Robinson – Cruickshank – Langley – Soares –
Brooke”³²⁷

O time de Jenkyns jogou com o nome de “Colours” (Cores), enquanto o de Morrey-Jones atuou como “Whites” (Brancos), em alusão às vestimentas. O duelo, que levou “bom público” ao campo, foi apertado e terminou com a vitória do XV de Jenkins, Já o XV formado por Morrays-Jones contava com Jimmy McIntyre³²⁸:

“McIntyre

Gibson – D. Hallawell – Stallard – K. Paris – Acher

Bennett³²⁹ – Matthews

Wright – Rowe – Birkinshaw – King – Flemming – Halawell Jr. – Saad – Holland³³⁰ –
Studd”³³¹

³²⁷ Cf. *Times of Brazil*, 04 de maio de 1926.

³²⁸ Cf. *Times of Brazil*, 15 de maio de 1926.

³²⁹ Arthur Bennett era secretário da Câmara de Comercio Americana em São Paulo. Cf. *Folha da Noite*, 16 de novembro de 1955.

³³⁰ A família Holland teve dois dos primeiros *footballers* do SPAC, Charles James e William, que também defenderam o Scottish Wanderers. A ligação deles com o rúgbi não é clara, mas plausível. In: BROWN, Matthew; LANCI, Glória. “Football and Urban Expansion in São Paulo, Brazil, 1880-1920”. In: *Sport in History*. Vol. 36. London: Taylor & Francis, 2016, pp. 162-189.

³³¹ Dezesete atletas foram listados na véspera da partida. Cf. *Times of Brazil*, 04 de maio de 1926.



Imagem 7 – Gordon Rule e Bensuzan. Capitães de São Paulo e Santos, 1926. Arquivo LUDENS – Leon William Rheims.

No dia 16 de maio de 1926, o *Correio Paulistano* noticiou a chegada a São Paulo dos “rapazes ingleses pertencentes ao Sport Club Rugby Santista”³³², chamado no mesmo jornal no dia seguinte de “Clube Atlético Santista”³³³, o SAC. Anunciado ao longo da semana pela maioria dos periódicos nacionais, em especial os de língua inglesa, o tão aguardado duelo entre AAP e SAC teve lugar no campo da Floresta³³⁴, em partida que abria o triangular entre os dois clubes paulistas e a representação do Rio de Janeiro.

O *Correio Paulistano* relata que os dois clubes eram formados por “elementos ingleses, franceses, norte-americanos e brasileiros”, sendo “a primeira partida demonstrativa do novo sport instituído nesta capital pela veterana agremiação da Floresta”.

³³² Cf. *Correio Paulistano*, 16 de julho de 1926.

³³³ Cf. *Correio Paulistano*, 17 de julho de 1926.

³³⁴ Terreno que depois seria incorporado ao Clube de Regatas Tietê, fechado em 2012. Em 2014, a área foi transformada em parque municipal, o Centro Esportivo e de Lazer Tietê.



Imagens 8 e 9 – Equipes do Rio de Janeiro (acima) e São Paulo (abaixo), pela Taça Beilby Alston de 1926. Arquivo LUDENS – Leon William Rheims.

A publicação em inglês *Times of Brazil*, ao contrário do *Correio Paulistano*, enunciou o duelo como o primeiro jogo em trinta e um anos em São Paulo, lembrando das atividades desenvolvidas no fim do século anterior por Charles Miller, como comentado já no capítulo anterior³³⁵. Acerca do jogo, o jornal exaltara que fora uma “limpa e científica exposição desse esplêndido jogo”, ressaltando o clima de hospitalidade da partida e a boa recepção dada ao Santos – em clara referência aos valores de

³³⁵ Cf. *Times of Brazil*, 15 de maio de 1926.

cavalheirismo característicos do proselitismo do rúgbi. “Repórteres e câmeras estava em forte presença”, reforçando a presença da imprensa, comprovada por fotos que a *Folha da Manhã* tirara do evento³³⁶. O cônsul britânico em São Paulo, Mr. Abbott, fora uma das presenças ilustres que assistiram à vitória paulistana por 24 a 0. O relato revela um nível técnico elevado para uma primeira partida, com jogadas de mãos envolventes, como o *try* de Littell, recebendo de Sydney Smith, no começo da segunda etapa, ressaltado pelo *Times of Brazil* pela beleza da linha de passes. O último *try* parece ter sido ainda mais plástico, de novo de Littell, após o capitão Gordon Rule fazer uma jogada de alto nível, chutando a bola adiante em velocidade para apanhá-la, aplicar um drible (*dummy*) no defensor e servir Littell para o *try*³³⁷.

São Paulo entrara em campo com:

“Back – Morrey Jones

Three Quarters – Gibson, Litell, S. Smith, Hallawell

Scrum-half – Bennett

Fly-half – G. Rule (capitão)

Forwards – Evans, Brooke, Langley, Cruikshank, Crewe, Verdier, Wright,
Soares³³⁸

RESERVAS

Three quarters – Munday, Archer

Half – C. Rule

Forwards – Saad³³⁹, Fielding, Rodriguez, King”

³³⁶ Cf. *Folha*. 17 de maio de 1926.

³³⁷ Entende-se como jogo de mãos no rúgbi a troca de passes como recurso para se progredir no campo.

O “dummy” é uma jogada na qual o atleta que corre com a posse da bola finge um passe com as mãos, mas retém a bola e segue sua corrida, ludibriando o oponente.

³³⁸ Ao menos quatro nomes sugerem atletas que não eram de origem britânica ou norte-americana: Maurício Verdier (paulistano, de ascendência francesa), Francisco Soares (pernambucano), Rodriguez e Jorge Saad. Cf. *Folha*, 19 de junho de 1926.

³³⁹ A pesquisa não revelou a identidade de Jorge Saad. Nascido em 1890 e tendo se mudado para São Paulo em 1924, vindo de Monte Azul, Jorge João Saad fora o pai de João Jorge Saad (nascido em 1919), posteriormente o fundador do Grupo Bandeirantes de Rádio e Televisão. Para ter jogado rúgbi em 1926, Saad deveria ter 36 anos, o que provavelmente invalida a tese. De qualquer modo, a presença árabes ou

O time santista, por sua vez, entrou em campo com uma equipe toda composta por nomes anglo-saxões, incluindo a presença ilustre do cônsul britânico Marlow:

“Back – Marlow

Threequarters – B. McNeill, J. Bensusan, T. Smith, R. W. Colpan

Half-backs – R. H. Dickens, J. E. Montgomery

Forwards – C. Richardson, R. Baker, C. J. Schulman, R. Barham, W. A. P. de Saone, F. Cox, J. Cooper, R. E. King”³⁴⁰

JULY

FIRST "RUGGER" MATCH EVER IN SÃO PAULO

SÃO PAULO Vs. SANTOS

PALMEIRAS GROUND

May 16, 1926

X Still seen around.

<u>SÃO PAULO</u>	Score	<u>SANTOS</u>
	24 - 0	
X G. F. Rule - Captain		X B. Bensusan - Captain
X Sydney Smith		X R. McNeill
X A. Bennett		? Cooper
X E. Lettell		? Richardson
X D. Hallowell		J. S. Baker
X F. Langley		Charles Schulman
X G. Brooke		Fred Cox
X P. Verdier		Billy de Saone
X L. Morrey-Jones Rio		Marlow - Consul
A. Evans		Terry Smith
J. Cruickshank		Dickson
G. Crewe		Montgomery
J. B. Wright		R. Barham
? . Soares		2 Others
? . Gibson		

Imagem 10 - Ficha de São Paulo contra Santos, 1926 - Arquivo LUDENS – Leon William Rheims.

Em ficha contida no arquivo de Bill Rheims, os atletas das duas foram marcados de acordo com sua permanência no Brasil. A data e a autoria da ficha não são conhecidas, mas o fato do time santista praticamente inteiro não ter permanecido no Brasil vai ao encontro da constatação da falta de regularidade das atividades da equipe de rúgbi do

descendentes sugere que a comunidade britânica praticante de rúgbi estava aberta a inclusão de membros de outras nacionalidades.

³⁴⁰ Cf. *Folha*, 20 de maio 1926.

SAC, cujas atividades eram intermitentes, ao contrário da AAP, cuja equipe seguira plenamente ativa. No mesmo artigo da *Folha da Manhã* onde se encontra a escalação santista é relatado público ao redor dos dois mil espectadores para a partida.

Como ressalta João Malaia, é importante atentar que os públicos registrados nas partidas de futebol nesse período não representavam o número de sócios das agremiações, pois custava muito caro se tornar sócio de muitos dos clubes da primeira divisão do futebol³⁴¹.

A partida teve como árbitro E. S. Young, cujo currículo fora ressaltado pelo *Times of Brazil* por ter atuado na Inglaterra pelo tradicional *Sale RFC* (atual *Sale Sharks*), um dos clubes mais importantes da Inglaterra, da região de Manchester. O nível técnico relatado da partida, assim como a procedência destacada do árbitro, aponta para a esperada revelação de que todos – ou quase todos – os participantes tinham experiência prévia no jogo no exterior. O que é significativo em 1926, pois a ruptura com as atividades anteriores na cidade fica clara. A partida de volta que deveria ter ocorrido no dia 4 de julho não teve lugar por conta do tempo seco³⁴², que tornou o campo impraticável³⁴³.

No final de semana seguinte, a equipe de São Paulo viajou a Niterói para enfrentar no RCAA a representação do Rio de Janeiro, sendo derrotada por 23 a 3³⁴⁴.

O jogo de volta foi realizado na AAP, com E. S. Young novamente como árbitro, no dia 25 de julho. A partida foi chamada pelo *Correio Paulistano* de primeiro duelo interestadual realizado em São Paulo e levou a campo cerca de mil torcedores. O cônsul britânico esteve presente, mas quem deu o pontapé inicial para a partida, como parte da

³⁴¹ HOLLANDA, Bernardo B. Buarque de; MELO, Victor Andrade de; SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; TOLEDO, Luiz Henrique de. *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2012, p. 57.

³⁴² Note-se que a cidade vivera no período de 1924-25 uma das piores secas da história, tendo como paralelo apenas a seca vivida recentemente entre 2014 e 2015. In: VICTORINO, Valério Igor P. “Uma Visão Histórica dos Recursos Hídricos na Cidade de São Paulo”. In: *Revista Brasileira de Recursos Hídricos*, Volume 7, número 1, jan/mar de 2002, pp. 51-68.

O jogo de rúgbi se desenvolve com muito contato e atrito dos atletas com o campo de jogo e a falta de grama e o endurecimento da terra podem ser perigosos para sua prática. Certamente sua prática pode ter sido desencorajada no período de mais estiagem. Entretanto, em publicação do editorial anglófono da *Folha de S. Paulo* no dia 10 de julho ressalta que o percalço não retirara o ânimo dos praticantes, que realizaram treinamentos no campo onde a partida deveria ter sido disputada.

³⁴³ Cf. *Folha*, 07 de julho de 1926.

³⁴⁴ A partida de ida teve sensivelmente menos cobertura jornalística do que o jogo realizado em São Paulo. A única fonte do primeiro jogo foi a *Folha* no dia 27 de maio de 1926.

cerimônia, fora Gastão Rachou, presidente da AAP³⁴⁵, e, como revela Gambetta, membro de uma das tradicionais parentelas paulistas³⁴⁶. O público fora de cerca de 2 mil pessoas, com ingressos sendo vendidos, imprensa sendo convidada e presença majoritária da colônia britânica³⁴⁷.

O jogo foi considerado pelo jornal “a mais brilhante demonstração prática de rugby que já tem presenciado o nosso meio esportivo”. Os cariocas venceram a partida por 24 a 0, mostrando atletas “muito avantajados em physico, possuem os predicados necessários a uma desenvoltura dos golpes violentos do próprio jogo”³⁴⁸. O time paulista, que segundo o jornal ainda tinha “muito que aprender de seus companheiros da capital”, utilizou uma formação “neozelandesa” e entrou em campo com:

“Morrey-Jones

Smith – Little³⁴⁹ – Gibson – Hallawell

Bennet – G. Rule

Evans – Langley – Wright – Verdier – Brooke – Cruikshank – Harris – Soares

Reservas – Shelton – Paris – Gwinuer – Fielding – Saad”

A formação “neozelandesa” nos anos 1920 compreendia o uso de sete *forwards*³⁵⁰. O uso de *scrums* com sete homens era uma inovação neozelandesa daquele momento, colocando dois jogadores na primeira linha da formação, três na segunda linha e dois na terceira linha, o 2-3-2, em oposição ao tradicional 3-2-3. O oitavo *forward*, chamado de *rover*, raramente formava nos *scrums* e se posicionava fora da formação, a fim de proteger o *scrum-half* e permitir uma rápida saída da bola da formação para os *backs*, permitindo um jogo de passes mais rápido. Tal formação ficou célebre por ser usada pela Nova

³⁴⁵ Cf. *Correio Paulistano*. 28 de julho de 1926.

³⁴⁶ GAMBETTA, Wilson Roberto. *A bola rolou. O Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol. 1895 – 1916*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014, p. 355.

³⁴⁷ Cf. *Folha*. 27 de julho de 1926.

³⁴⁸ Cf. *Correio Paulistano*. 26 de julho de 1926.

³⁴⁹ Provavelmente Littell, com a grafia equivocada.

³⁵⁰ Cf. *Folha*, 27 de julho de 1926

Zelândia com sucesso em 1905, quando os *Original All Blacks*³⁵¹ derrotaram Escócia, Irlanda e Inglaterra em turnê pelas Ilhas Britânicas, perdendo somente para Gales³⁵². Em 1928, o ex capitão inglês William Wavell Wakefield, um dos atletas mais influentes de sua época (e posteriormente parlamentar, oriundo de família nobre) publicou uma influente obra sobre táticas e técnicas de rúgbi, “Rugger - The History, Theory and Practice of Rugby Football”³⁵³, na qual ele elogia o uso da formação 2-3-2. Tal debate sobre o uso do *scrum* era, portanto, do conhecimento dos anglo-brasileiros.

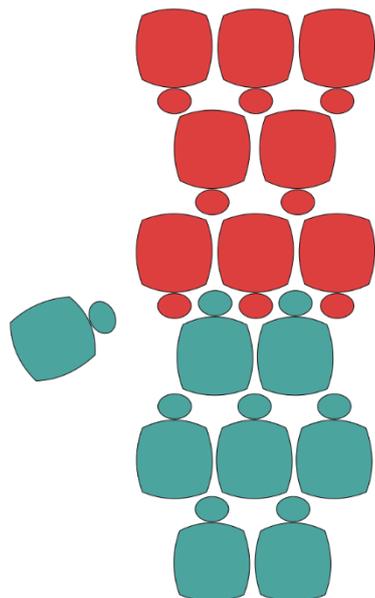


Imagem 11 - Acima, a formação mais comum de 3-2-3 do scrum. Abaixo, como se posicionava a formação 2-3-2 diante da 3-2-3. Fonte: GALLAHER, David. STEAD, William. *The Complete Rugby Footballer on the New Zealand System*, 1906.

A presença isolada da equipe da AAP nesse momento levou a um artifício comum em clubes sociais de colônias³⁵⁴, a realização de jogos internos entre os sócios, agrupados sob critérios reveladores de suas posições sociais. No dia 21 de junho, a agremiação promoveu um duelo entre “Brasileiros” e “Estrangeiros”, vencido pelos estrangeiros por 10 a 0, em partida que “as peripécias no novo sport agradaram geralmente a

³⁵¹ A primeira seleção neozelandesa apelidada de “All Blacks”. Mais: COLLINS, Tony. *The Oval World. A Global History of Rugby*. London: Bloomsbury, 2015, pp. 229-230.

³⁵² Outras formas de *scrum* existiam naquele momento, como o sul-africano 3-4-1. Hoje, apenas a 3-2-3 é usada.

³⁵³ Reeditado em 2016. WAKEFIELD, W. W. *Rugger - The History, Theory and Practice of Rugby Football*. London: Hesperides Press, 2016.

³⁵⁴ A prática era recorrente inclusive em clubes de futebol no início da prática desse esporte no país.

assistência”³⁵⁵. Para a partida houve inclusive uma chamada na Folha convidando brasileiros a participarem dos treinamentos³⁵⁶.

A categorização de “brasileiros” e “estrangeiros” fora feita com base no local de nascimento. Como esperado, muitos anglo-descendentes compunham o quadro de brasileiros:

“Brasileiros:

Gibson

Haddad – Smith – C. Rule – Salim

G. Rule – Bennett

Rodrigues – Camargo – Soares – Verdier – Crewe – Wright – Harris – Saad³⁵⁷

‘Estrangeiros’:

M. Jones

Stallard – Littell – Hallawell – Archer

Gwinner – McIntyre

Rowe – Fielding – Rooke³⁵⁸ – Evans – Cruickshank – Langley – Paris – A. Nother³⁵⁹

No dia 14 de agosto, entraram em campo no campo da AAP o combinado *The Sailors* (“os marinheiros”) e o *The Rest* (“os demais”), cuja lista de atletas aponta para os

³⁵⁵ Cf. *Correio Paulistano*. 21 de junho de 1926.

³⁵⁶ Cf. *Folha* 12 de junho de 1926.

³⁵⁷ A *Folha* informou ainda o local e nascimento de cada jogador brasileiro, porém a escalação publicada na prévia difere aquela listada ao final do jogo. Arthur Bennett era nascido no Rio Grande do Sul, ao passo que Francisco Soares era pernambucano. Hallawell e Lockley, que não acabou não jogando essa partida, mas apareceu em escalações seguintes, eram santistas, enquanto todos os demais eram paulistanos. Cf. *Folha*, 19 de junho de 1926.

³⁵⁸ Provavelmente houve um erro no texto e o nome certo era “Brooke”, jogador que já vinha jogando na posição.

³⁵⁹ Talvez tenha havido um erro na redação e “A. Nother” não seja um jogador e sim “An other”, isto é, “outro jogador”, alguém não identificado. Cf. *Folha*, 21 de junho de 1926.

mesmos que já defendiam a AAP³⁶⁰. Tal encontro se deu após o lançamento de um desafio feito no jornal por membros do *Sailing Club* de Santo Amaro³⁶¹ de forma bem-humorada por seus sócios aos “resto do mundo”, sendo respondido pelos membros da AAP, que alegaram que as mensagens de telégrafo enviadas à Grã-Bretanha desafiando as seleções inglesa e escocesa não puderam ser respondidas e que a AAP aceitaria o desafio no lugar deles³⁶². A piada torna-se clara sobretudo pelo fato de muitos dos jogadores que defenderam o *Sailing Club* serem também jogadores da AAP. A partida foi vencida pelos marinheiros por apenas 3 a 0, com o “Resto” (no fundo, os sócios da AAP que não defenderam o clube náutico) tendo jogado com um jogador a menos no primeiro tempo³⁶³.

“SAILORS

Smith, Littell, King, Lockley,

Holland, Pirie

Brooke, Evans, Wright,

Langley, Rowe,

Brooke, Strathern, MacDarmind

Reserves: George, Du Puy, Rowe, La Porte, MacNeill

THE REST

Morrey-Jones

Hallawell, Gibson, Gwinner, Munday,

G. Rule, McIntyre,

Soares, Fielding, Verdier, Harris,

Cruickshanks, Haddad, Saad, Salem"

³⁶⁰ Não foi listado o “back” dos Sailors. Cf. *Folha*, 12 de agosto de 1926.

³⁶¹ O *São Paulo Sailing Club* foi fundado em 1917 e mais tarde seria rebatizado como São Paulo Yacht Club (SPYC, nome que carrega até hoje).

³⁶² Cf. *Folha*, 07 de agosto de 1926.

³⁶³ Cf. *Folha*, 22 de agosto de 1926.

Em 04 de setembro, fora jogada uma partida entre Banks (“Bancos”, formada sugestivamente por jogadores que trabalham em instituições financeiras britânicas, de forte presença em São Paulo³⁶⁴) e “The Rest”, isto é, os demais sócios (o que leva a crer uma proporção considerável de sócios ligados aos bancos), com os bancários, que colocaram apenas 11 jogadores em campo, contra 15 do “Resto”, acabando superados por 20 a 0³⁶⁵.

A despeito dos efeitos da seca sobre o jogo, a temporada de 1927 seguiu o padrão de jogos entre o outono e a primavera, com os treinos se iniciando em março³⁶⁶.

O rúgbi, àquela altura, já se colocava como uma das principais modalidades da AAP³⁶⁷ e o reaparecimento do rúgbi dentro do CAP fora o desenvolvimento subsequente mais significativo ao florescimento então visto da modalidade dentro da AAP. Em 21 de maio, voltou a ser realizado o encontro entre “Brasileiros” e “Estrangeiros”, com:

“Brasileiros” – Back – A. Gibson

3/4s – Stanley Smith – F. Salem – R. Rodrigues – C. Milles

1/2s – G. Rule (capt) – A. Bennett

Dianteiros – J. Wright – W. Soares – J. Rodrigues – F. Fonseca –

O. Holland – P. Haddad – J. Mill – C. Hampshire

Reservas – Machado – S. Boock

‘Estrangeiros’ – Back – Ferris

3/4s – Calvert – E. Littell – R. McNeill – Stallard

1/2s – McIntyre – Pirie

³⁶⁴ A principal instituição financeira britânica em São Paulo nos anos 20 era o *Bank of London & South America*, resultado da fusão do *London & Brazilian Bank* e do *London & River Plate Bank*, que já tinha presença anterior na cidade. Ainda havia o canadense *Royal Bank of Canada*. SAES, “São Paulo republicana: vida econômica”. In: PORTA, Paula (org). *História de São Paulo. A cidade na primeira metade do século XX: 1890-1954*. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 239.

³⁶⁵ Cf. *Folha*, 04 de setembro de 1926.

³⁶⁶ Cf. *O Estado de São Paulo*, 11 de março de 1927.

³⁶⁷ Cf. *Diário Nacional*, 26 de agosto de 1927.

Dianteiros – A. Evans – F. Langley – C. Richardson – C. Brooke –
J. Cruickshank – Page – H. Moore – La Pougche – N. Rowe
Reservas – Ch. Brooke”³⁶⁸

Depois, no dia 28 de maio, os quadros dos dois clubes, AAP e CAP, se enfrentaram no campo do CAP com o clube da casa vencendo por 14 a 9³⁶⁹. As escalações dos dois times mostram a fluidez dos jogadores entre os clubes sociais.

“PALMEIRAS: E. Gibson, J. McIntyre, Calvert, Holland, Stanley Smith, G. F. Rule, A. Bennett, J. Evans, C. Brooke, W. Soares, Richardson, Robinson, La Pougche, J. Mill, Machado e Hampshire

PAULISTANO: V. Nicol, B. S. Sarmento, Sydney Smith (capt), R. Rodrigues, F. Salem, E. Littell, C. Muller, F. Langley, F. Fonseca, J. Wright. N. Rowe, Miles Smith, A. Salem, Raul Queiroz e O. Amaral”³⁷⁰

Dos que atuaram pelo CAP em 1927, quatro – Sydney Smith, Littell, Langley e Wright – haviam jogado no ano anterior pela AAP, enquanto Rowe atuou pelo Sailors Club em 1926, sendo que apenas Smith e Wright eram nascidos no Brasil. Nesse sentido, o início do rúgbi no CAP foi em parte fomentado justamente por jogadores da AAP, todos ou estrangeiros ou de famílias britânicas.

³⁶⁸ Cf. *O Estado de S. Paulo*, 20 de maio de 1927.

³⁶⁹ O jornal afirmou “os pontos foram marcados, do vencedor: Sydney, 3 pontos; Wright; C. Muller, 5 – Total: 14. Do Palmeiras: Holland, 3 pontos; Mc. Intyre, 3; Calvert, 3 – Total: 9”. À época, o *try* valia 3 pontos, a conversão 2, o chute de penalidade 3, o *drop goal* e o *goal from mark* 4. A conta do lado do Paulistano, no entanto, está errada. Cf. *São Paulo Sportivo* 30 de maio de 1927.

³⁷⁰ Cf. *Anglo-Brazilian Chronicle*, 28 de maio de 1927.

THE SÃO PAULO RUGBY FOOTBALL CLUB (affiliated to the A.A. Palmeiras)
Statement of Cash Receipts & Disbursements to the 10th February 1927.

<u>DANCE ACCOUNT.</u>		<u>SUNDAY EXPENSES :-</u>	
<u>Proceeds of sale of tickets :-</u>		<u>Paid Kami - 2 Orchestras 600\$000</u>	
1. By Sundries	2:760\$000	Extra for 1 hour's centn.	150\$000
2. At Door	530\$000	Paid Trianon - Rent	550\$000
		Extra for 1 hour's centn.	100\$000
		Refreshments for Bands	50\$500
		Floral Decorations	200\$000
		1. Cava - "Alta-1-gours"	54\$000
		Adverts: "Times of Brasil" 25\$000	
		"Angle Bram. Chr" 10\$000	55\$000
		2 taxis to & from S.P. with flags	10\$000
		Household for Committee	10\$000
		Tips to Trianon Staff	15\$000
		Tips to Cava's Men	12\$000
		Balance deposited in Royal Bank	1:466\$500
	Rs. 3:290\$000		Rs. 3:290\$000
<u>GENERAL ACCOUNT</u>		<u>Balance in the Royal Bank of Canada</u>	
Balance b.f. from 1926.	64\$000	as per Pass Book	1:936\$500
Deposits in Royal Bank :-			
2/12/26 - Subscriptions	240\$000		
3/1/27 - Do.	126\$000		
11/1/27 - Do.	20\$000		
5/2/27 - Do.	20\$000		
Balance of Dance Account Bt. Pd.	1:466\$500		
	Rs. 1:936\$500		Rs. 1:936\$500

Audited and found correct.
W. Chambers
Sydney Smith
Honorary Auditors.

THE SÃO PAULO RUGBY FOOT-BALL CLUB
STATEMENT OF GENERAL ACCOUNT AS AT 20TH SEPTEMBER 1927

Balance brought forward from 10th February 1927.....	1:936\$500	Expenses of Rio Trip as per Statement....	2:497\$500
Profit on 2nd Dance as per Statement	808\$000	Expenditure:-	
Profit on 3rd Dance as per Statement	874\$000	Shirts.....	400\$000
Subscriptions received, less commissions	311\$000	Less:- Received from Palmeiras.	200\$000
Bank Interest to 31st July 1927.....	35\$600	Stockings	240\$000
		Less:- Sales	120\$000
		Lecker Rent.....	80\$000
		Less:- Recuperated	70\$000
		Receipt Stamps	\$600
		Balances:-	
		Proceeds of 3rd. Dance still to be collected	230\$000
		Balance with Royal Bank Canada	967\$000
	6		1:217\$000
	Rs: 4:045\$100		Rs: 4:045\$100

AUDITED AND FOUND CORRECT.
W. Chambers
Sydney Smith

Imagem 12 - Contas do São Paulo Rugby Football Club em 1927 - Arquivo LUDENS - Leon William Rheims

Em junho, a AAP anunciou treino para novatos, avisando os atletas convidados pelo jornal³⁷¹, com vistas para o jogo “Possíveis contra Prováveis”³⁷². Nas despesas

³⁷¹ Foram chamados “B. Sarmiento, Raul Queiroz, Oswaldo Amaral, G. P. Barros, Durval de Abreu, F. Fonseca, Sylvio de Campos, J. L. R. Salles, Alcindo L. Costa, Gastão Motta, Fabio Amaral, Sylvio Martins”. E “já foram pessoalmente avisados : Palmeiras – La Pougche, Machado, Sylvio Book, Soares Fonseca e A. Salem”. Cf. *O Estado de São Paulo*, 04 de junho de 27.

³⁷² “Possíveis contra Prováveis” é um jogo cujo conceito era comum em terras britânicas em jogos para selecionar equipes para partidas internamente nas agremiações.

listadas oficialmente pelo clube, estão com os jornais, mas não com os jornais em português, onde o chamamento para os treinos fora feito, e sim aos jornais anglo-brasileiros (*Times of Brazil* e *Anglo-Brazilian Chronicle*), em um total de 55\$000 pelas coberturas, sugerindo uma preocupação com a divulgação do rúgbi dentro da colônia anglófona. Por outro lado, a presença dos anúncios em português revela uma dupla preocupação também em publicitar as atividades dentro do público leitor, em um estado cuja taxa de analfabetismo, ainda que inferior à média nacional, era de cerca de 75%³⁷³.

O embate entre AAP e CAP ecoou certamente dentro dos clubes paulistanos. Já em julho, o *Clube Atlético Ypiranga* anunciou a criação de um time de rúgbi, iniciado pelos jovens J. Saraiva e Carlos Paela, saudando a AAP pelo pioneirismo³⁷⁴.

Em julho, novamente a seleção paulista foi formada para viajar ao Rio de Janeiro e enfrentar no RCAA o selecionado local. São Paulo teve em campo:

“Back – Ferris,

Três Quartos – McNeill – Littell – Syd. Smith – McIntyre

Meios – G. Rule (capt) – Bennett

Dianteiros – Brook – Evans – Cruickshank – Richrdson – Robinson – Langley –
Wright – Harris

Reservas – C. Rule e H. McDiarmid”³⁷⁵

A partida fora vencida pelo time do Rio por 29 a 3 e tivera a presença do prefeito de Niterói (Nictcheroy, na época) e “regular assistência”, com “inúmeros convidados e curiosos”³⁷⁶. O duelo inaugurou a nova taça *Beilby Alston*, batizada em homenagem ao embaixador britânico no Brasil, oferecida pelo próprio³⁷⁷, que fora embaixador no Brasil de 1925 até sua morte em 1929.

³⁷³ FERRARO, A. R. “História quantitativa da alfabetização no Brasil”. In: RIBEIRO, V.M. (org.) *Letramento no Brasil: Reflexões a partir do INAF 2001*. 1ed. São Paulo: Global, 2003, p.195-207, 2004.

³⁷⁴ Cf. *Folha*, 26 de julho de 1927.

³⁷⁵ Cf. *Folha*, 22 de julho de 1927.

³⁷⁶ Cf. *Diário Nacional*, 26 de julho de 1927.

³⁷⁷ Cf. *Folha*, 22 de julho de 1927.

Em novembro de 1927, o *Diário Nacional* afirmara que o rúgbi deverá começar a ser jogado por Germânia, Palestra Itália³⁷⁸ e Antártica³⁷⁹. E em 1928 o rúgbi fora incorporado a novas a novas agremiações.



Imagem 13 - Taça Beilby Alston de 1927 - Arquivo LUDENS - Leon William Rheims

Ainda que em 1927 o Paulistano tenha sido representado em partida contra a A. A. das Palmeiras, em maio de 1928 o sócio do clube Lancelot Vivan Nicol fizera convite aos demais sócios para formar uma equipe no clube³⁸⁰. Nicol era britânico e lutara da guerra antes de vir ao Brasil³⁸¹. O primeiro treino fora realizado no dia 21 daquele mês, com algumas dezenas de sócios sendo convidados via jornal³⁸² - entre eles o futuro historiador Caio Prado Junior, que se formou na Faculdade de Direito em 1928³⁸³. No jornal interno do CAP, os eventos de rúgbi do clube foram considerados junto dos do atletismo como “pontos de

³⁷⁸ Também no dia 01 de julho de 1928 foi citado no *Diário Nacional* que o Palestra Itália formaria uma equipe de rúgbi “futuramente”.

³⁷⁹ Cf. *Diário Nacional*, 04 de novembro de 1927.

³⁸⁰ *Revista Mensal do Club Atlético Paulistano*. Ano 2, Número 5, Maio/1928, p. 28.

³⁸¹ Nicol colecionara ferimentos durante a guerra, o que é ressaltado pela Revista do Paulistano, ao pontuar que Nicol entrara em campo contra a AAP para que houvesse número suficiente de jogador do CAP. *Revista Mensal do Club Atlético Paulistano*. Ano 2, Número 9, Setembro/1928, p. 14.

³⁸² Cf. *Correio Paulistano*, 21 de julho de 1928.

³⁸³ PERICÁS, Luiz Bernardo; WILDER, Maria Célia. “Caio Prado Júnior”. In: PERICÁS, Luiz Bernardo; SECCO, Lincoln (orgs.). *Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados*. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 194.

elegância e distinção nos quaes as nossas consocias dão a nota do chic e da graça³⁸⁴, referindo-se com alegria à presença feminina na assistência desses esportes.

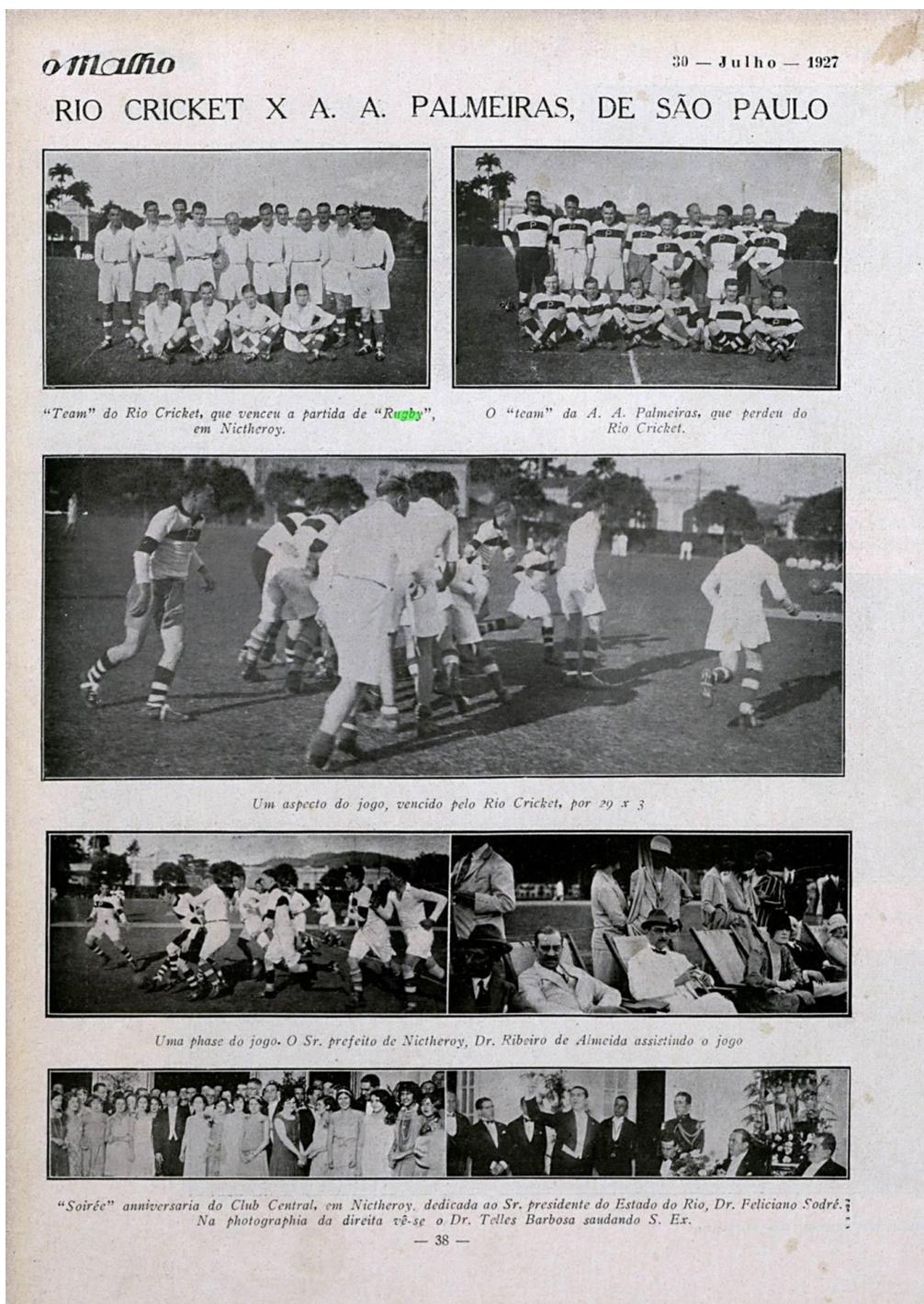


Imagem 14 – O Malho, 30 de julho de 1927.

³⁸⁴ Revista Mensal do Club Atlético Paulistano. Ano 2, Número 9, Setembro/1928, p. 3.

O *Sailing Club* de Santo Amaro voltara a colocar em campo uma equipe em julho, para reeditar o encontro com a AAP. Antes, em maio, a AAP já havia realizado sua primeira partida no ano, em um amistoso contra um combinado de oficiais britânicos dos navios de guerra “Amazon” e “Ambuscada”, no Campo da Floresta, vencendo os visitantes por 12 a 0³⁸⁵. Tal visita revela a persistente importância, mesmo com a aparição de novas equipes, das visitas de navios para a prática do rúgbi no país.

Em agosto, a AAP deveria ter também enfrentado a *Associação Atlética São Bento*, cuja equipe de rúgbi era recém-formada³⁸⁶. O jogo, pelo jornal, fora transferido para o dia 15 de agosto, mas sua realização não fora confirmada.

A Faculdade de Direito do Largo São Francisco seria outra a entrar para o rúgbi, com um “selecionado” sendo formado em setembro para enfrentar o CAP³⁸⁷, no Jardim América, com “os sócios do Paulistano que, acompanhados de suas famílias, enchiam as arquibancadas”³⁸⁸. O combinado universitário (composto basicamente por estudantes) estava formado por:

“Paulo Martins – Sylvio – Sydnei – Fernandinho – Sibas – Castier – Willie Davids.

Adhemar – Humberto – Paulo Ayres – Luciano – Octavio – Abílio – Roco – Turenne”³⁸⁹

Foram dez tries para os universitários, sendo seis de Sydnei, dois de Vidigal, um de Espíndola e um de Romeu. *O Estado de S. Paulo* ressaltou a falta de conhecimento das regras por boa parte dos jogadores da partida, com muitos impedimentos³⁹⁰, sendo que nenhum dos jogadores listados na equipe da Faculdade de Direito reaparece nas listas

³⁸⁵ Cf. *Folha*, 17 de maio de 1928.

³⁸⁶ Cf. *Folha*, 05 de agosto de 1928.

³⁸⁷ Cf. *Correio Paulistano*, 22 de setembro de 1928.

³⁸⁸ Cf. *O Estado de S. Paulo*, 25 de setembro de 1928.

³⁸⁹ Cf. *Diário Nacional*, 21 de setembro de 1928.

³⁹⁰ Cf. *O Estado de S. Paulo*, 25 de setembro de 1928.

de partidas seguintes de outras equipes. A equipe, na verdade, era formada por sócios do próprio CAP e não voltaria a ser formada³⁹¹.

Já o time que representou o próprio CAP teve uma escalação com mais da metade dos jogadores com experiência prévia em jogos no Brasil³⁹², atuando com:

“Eros, Calvert, Moreira, Gomm, Gustavo, Gwnner, S. Smith, Rowe 1º, Durval, Antonio Flavio, Piza, Cruickshank, Lauro, Gordo”

Logo após a partida, o *Diário Nacional* publicou uma nota otimista acerca do futuro do rúgbi, asseverando que;

“No anno vindouro, já é possível instituir-se um campeonato de rugby em S. Paulo. Haverá quadros do C. A. Paulistano, Faculdade de Direito, A. A. das Palmeiras e, provavelmente, E. C. Germania e Guarda Civil de S. Paulo. Esse esporte, como se vê, promente desenvolver-se bem entre nós”³⁹³

É importante observar que o *Diário Nacional*, era um jornal paulista lançado no dia 14 de julho de 1927 explicitamente como um “instrumento de ação” do Partido Democrático (PD) de São Paulo³⁹⁴. Defensor do amadorismo, o jornal se manifestava contrário ao processo de profissionalização do futebol e em tom saudoso da época amadora da LPF³⁹⁵.

³⁹¹ *Revista Mensal do Club Atlético Paulistano*. Ano 2, Número 9, Setembro/1928, p. 13.

³⁹² Sendo eles Gwinner, Sydney Smith, Cruickshank, Calvert e Rowe.

³⁹³ Cf. *Diário Nacional*, 25 de setembro de 1928.

³⁹⁴ “Diário Nacional”. In: *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 1984.

³⁹⁵ Em 28 de abril, o jornal compara os tempos de LPF e o presente e ressalta que o futebol fora escolhido pela juventude paulistana, evidentemente pelos jovens das classes dominantes, para ser seu esporte principal, mas que qualquer outro esporte poderia ter sido escolhido, listando o remo, o rúgbi, o basquete, o tênis e a natação como candidatos.

Ademais, *O Estado de S. Paulo* ainda profetizou a criação de uma liga, afirmando ser “quase certo termos no anno vindouro quadros da Faculdade Medicina, da Polytechnica, Mackenzie e outros collegios”³⁹⁶.

O ensaio para a criação da liga foi a “Taça Wilson”³⁹⁷ em setembro de 1928, disputada entre AAP e CAP. A vitória coube à AAP, que venceu por 11 a 8, com “vultosa assistência” no Jardim América. As equipes que entraram em campo foram:

“Palmeiras – Langley, Haddad, Wilmot, Caley, Lawton, Owins, Holland, Hollnagel, Haynes, Robinson, Henderson, Bateman, Pryor, Evans (cap.), Gibbons;

Paulistano – Nicol (cap.), Espinola, Sid. Smith, Gustavo Paes de Barros, A. Bennet (vice cap), E. Littell, Paulo Martins Queiroz, Fabio Fonseca, Pedro Assumpção, B. Gomm, S. Verdier, Bob Rowe e Mortari”³⁹⁸



Imagem 15 - Equipe do Club Atlético Paulistano vencedora da Taça Wilson de 1928 - Arquivo LUDENS - Leon William Rheims

³⁹⁶ Cf. *O Estado de S. Paulo*, 25 de setembro de 1928.

³⁹⁷ A origem do nome da taça não foi devidamente compreendida.

³⁹⁸ Cf. *O Estado de S. Paulo*, 04 de setembro de 1928.

Faltaram na reportagem mais dois nomes do CAP, A. Groub e Stanley Smith, ambos identificados abaixo em ficha arquivada no acervo pessoal de Bill Rheims, que ressalva a não participação SPAC no rúgbi da AAP naquele momento (uma vez que o SPAC era o clube da colônia britânica) e o fato do time do CAP ser mesmo formado por sócios do clube. Entre os sócios do CAP relacionados para a partida estão indivíduos de parentelas importantes da elite dirigente, como a família Paes de Barros, de relação íntima com a parentela Prado.

FIRST ATTEMPT TO "NATIONALIZE" RUGBY IN BRAZIL

FIRST MATCH AGAINST C. A. PAULISTANO

PAULISTANO GROUND

SEPTEMBER 1, 1928

<u>PALMEIRAS</u> §§	Score	<u>C.A. Paulistano</u> §§
	11-8	
A. Evans - Captain		R.V.Nicol - Captain
X R. M. Prior		X Sydney Smith
X F. Langley		X A. Bennett
X P. Haddad		X E. Littell
X G. Holland		X P. Verdier
X B. Hollnagel		X Harry Elias Gomm
G. Wilmet		X Fabio Ralston da Fonseca
H.P. Caley		F. Spindola
G.N. Lawton		Gustavo Pais de Barros Filho
G. Haynes		Paulo Martins Queiroz
J.B. Robinson		Pedro Assumpção
A.P. Henderson		Aldo Mortari
A.J. Barteman		Robert Rowe
H. J. Gibbins		A. Groube
? Owens		Stanley Smith

§§

§§ The Palmeiras team was self supported receiving at the time no help from SPAC.

§§ All the above were members of the Club Atlético Paulistano.

Imagem 16 - Ficha técnica do jogo entre Palmeiras e Paulistano de 1928 - Arquivo LUDENS - Leon William Rheims

A Taça Beilby Alston também seguiu suas disputas, com São Paulo, representado pela AAP, derrotando em casa o Rio de Janeiro, representado pelo RCAA, por 8 a 6 em 05 de agosto, em partida conduzida pelo árbitro C. W. N. Richardson, “educado no collegio onde se começou a jogar Rugby”. As equipes entraram em campo com:

“Palmeiras’ – C. E. Ferris (cap.), A. Evans, G. Vilmot, Sydney Smith, H. P. Carley, P. Haddad, L. A. Gwinner, Stanley Smith, A. J. Bateman, A. B. Henderson, B. Hollnagel, J. B. Robinson, P. J. Pryor, G. Haynes e H. J. Gibbons.

‘Rio Cricket’ – McKay, Weekes, Crocker, Handasyde, Smith, Baden-Smith, Brooke, Campbell, D. Allen, T. Allen, Morrey-Jones, Coyle, Baglehole, Baker e Penn”³⁹⁹

Como era prática naquele momento nas partidas de rúgbi, houve cobrança de ingressos, com valores variando entre 2\$000 e 4\$000 – compatível com alguns preços praticados naquela época no futebol por Palestra Itália e Corinthians, por exemplo⁴⁰⁰, mas muito superior à média da primeira divisão paulista de futebol, que era de \$500 em 1922 para as “gerais”, e de cerca de 1\$000 para as arquibancadas⁴⁰¹, evidentemente estabelecendo um filtro social com relação a quem adentrasse no estádio. No caso de um esporte pouco conhecido pelas massas, é possível especular que o pagamento de entradas diminuiria ainda o acesso de curiosos. Segundo o cronista do OESP que cobriu a partida, a partida teve “muitas famílias que davam uma impressão saudosa de nossas arquibancadas nos velhos tempos dos bons jogos de futebol”⁴⁰², reforçando a ideia de que o jogo não atraía a assistência das camadas mais pobres.

O saudosismo reporta com clareza ao futebol da época da LPF da primeira década do século, em consonância com o momento de luta pela manutenção do amadorismo encampado pela LAF. Não fortuitamente a partida teve a presença do cônsul britânico Arthur Abbott e a AAP convidou o prefeito de São Paulo (na época José Pires do Rio) e os clubes da LAF. Tal posição se distingue da *Folha de S. Paulo*, cuja proposta era de ser

³⁹⁹ Cf. *O Estado de S. Paulo*, 04 de agosto de 1928.

⁴⁰⁰ Em setembro do mesmo ano, o duelo entre Palestra Itália e Corinthians teve ingressos para a geral no valor de 2\$000 e para a arquibancada a 3\$000. Cf. *Folha*, 22 de setembro de 1928.

⁴⁰¹ João Malaia ainda aponta que cerca de 1\$000 era o valor de um ingresso de cinema na época e 1\$500 de uma refeição popular. ⁴⁰¹ HOLLANDA, Bernardo B. Buarque de; MELO, Victor Andrade de; SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; TOLEDO, Luiz Henrique de. *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2012, p. 58.

⁴⁰² Cf. *O Estado de S. Paulo*, 07 de agosto de 1928.

um jornal que se aproximasse das classes populares e, portanto, que não trazia consigo o mesmo saudosismo do início do futebol⁴⁰³.



Imagens 17 e 18 – Taça Beilby Alston de 1928. Acima, o time de São Paulo e abaixo do Rio de Janeiro. Arquivo LUDENS – Leon Williams Rheims

Em 1929, a temporada do rúgbi se iniciou em março com a visita do navio de guerra inglês H. M. S. Despatch, que disputou sua primeira partida de rúgbi em solo brasileiro diante de um combinado baiano, “formado por jogadores que não conheciam este esporte”, vencendo por 42 a 0. A embarcação chegou ao litoral paulista e desafiou o combinado paulista, formado por membros do CAP e da AAP, em partida realizada no Jardim América. Com a pompa de ser “o que melhor se conseguiu organizar atualmente

⁴⁰³ CAPELATO, Maria Helena; MOTA, Carlos Guilherme. *História da Folha de S. Paulo: 1921-1981*. São Paulo: Impres, 1981, pp. 25-27.

nesta capital”, o time paulista, “formado de última hora” e que jogara “sem treino”⁴⁰⁴ era formado por:

“Zagueiro⁴⁰⁵: C. E. Ferris (CAP)

Três Quartos: G. Wimot (AAP), L. P. Caley (AAP), Sydney Smith (CAP).
P. Haddad (AAP)

Médios: A. Bennett (CAP), L. A. Gwinner (AAP)

Dianteiros: L. Haynes (AAP), J. B. Wright (CAP), R. M. Pryor (AAP),
Marsh (AAP), Bastin (AAP), A. Henderson – captain (AAP), A. Bateman
(AAP), Paulo M. Queiroz (CAP)

Reservas: MacIntyre (AAP), E. Littell (CAP), B. Hollnagel (AAP) e F.
Espíndola CAP)”

Ao contrário do ocorrido em 1928, o jogo de 1929 teve entrada franca e convite para “estudantes das nossas escolas superiores para conhecerem a technica do rugby”⁴⁰⁶. O confronto foi vencido pelos marinheiros por 9 a 6, com Haynes e Bennett fazendo os *tries* paulistas⁴⁰⁷, diante de “numerosa assistência”⁴⁰⁸.

Em junho de 1929, o rúgbi aparecera, como antes cogitado, no *Sport Club Corinthians Paulista*, com a notícia de um treino realizado no intervalo de uma partida de sua equipe “extra” de futebol⁴⁰⁹. A prática do esporte no clube da Zona Leste da cidade se confirma com outra nota, de outubro, na qual o “diretor esportivo de rugby” do clube convoca treino no Parque São Jorge⁴¹⁰.

⁴⁰⁴ Cf. *O Estado de S. Paulo*, 15 de março e 1929.

⁴⁰⁵ “Zagueiro” é uma tradução para *Back* emprestada do futebol, mas não mais utilizada no Brasil, tendo designando os jogadores que atuam na última linha de defesa. Em países de língua espanhola o termo também existe no rúgbi, sendo, contudo, pouco usado atualmente.

⁴⁰⁶ Cf. *O Estado de S. Paulo*, 13 de março de 1929.

⁴⁰⁷ Cf. *Correio Paulistano*, 15 de março de 1929.

⁴⁰⁸ Cf. *Folha*, 15 de março de 1929.

⁴⁰⁹ Cf. *O Estado de S. Paulo*, 16 de junho de 1929.

⁴¹⁰ Cf. *O Estado de S. Paulo*, 26 de outubro de 1929.



Imagem 19 - Fotografia do combinado paulista contra o navio Despatch, 1929. Cópia cedida por Mário Freire. Arquivo do CAP.

Antes, em março, a partida entre brasileiros e ingleses fora novamente realizada na AAP, dividindo seus sócios como já havia se tornado tradicional. O time formado por brasileiros conseguiu uma grande vitória por 25 a 9, com as equipes entrando em campo com:

“Brasileiros

A. Reeves,

Wilmot, G. Smith, Espíndola e Haddad

Bennett

Saad e Holland

Fonseca, Wright e Rowe

Inglezes

Cranfield,

Lawton, Melville, Littell e MacIntyre

Caley

Bryon e Chapmann

Townsend, Gibbins e Langley e Ravis”

Nenhum dos lados teve quinze jogadores e Caley ainda disputou um tempo por cada time para garantir a igualdade⁴¹¹, denotando certa informalidade à partida, livrando-se da rigidez das regras do esporte institucionalizado, uma vez que o ambiente permitia. A maleabilidade encontrada nas regras para tornar possível o jogo pode ser relacionado ao conceito de bricolagem do futebol, tratado por Arlei Damo. Para ele, a prática do futebol pode ser entendida a partir de quatro matrizes principais: as formas espetacularizada, bricolada, comunitária e escolar. Sem entrar em detalhes, conquanto a federação internacional (a FIFA) tenha o controle do futebol espetacularizado, competitivo, que faz uso de suas regras, ela não controla formas que fogem de suas regras. Em outras palavras, as formas bricoladas são os jogos análogos ao futebol que não usam das regras da FIFA com rigor, como as peladas, partidas adaptadas às necessidades locais, pelo prazer⁴¹². No caso do rúgbi, a ausência de uma federação nacional no Brasil vinculada a uma federação internacional criava condições para que tais partidas de rúgbi ocorressem também de forma bricolada. E tal situação não era específica do Brasil⁴¹³.

Em agosto teve lugar mais uma vez a disputa da partida interestadual entre paulistas e carioca, a *Taça Beilby Alston*, competição de caráter mais “espetacularizado” de rúgbi no país, que, pela alternância de sedes, voltara a ser disputada em Niterói. O Rio recuperou a posse da taça vencendo por 16 a 5. Os times entraram em campo com:

⁴¹¹ Cf. *Folha*, 09 de junho de 1929.

⁴¹² DAMO, Arlei Sander. *Do Dom à Profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005, pp. 32-35.

⁴¹³ Aqui, é importante a reflexão de que o rúgbi não tinha nesse momento uma federação que regesse o rúgbi internacionalmente da maneira com que a FIFA fazia para o futebol. O *International Rugby Board* não contava com países filiados além de seus oito membros controladores (Inglaterra, Escócia, Gales, Irlanda, França, Nova Zelândia, Austrália e África do Sul). Embora o rúgbi fora desses países contasse a partir dos anos 30 com a francófila FIRA – Federação Internacional de Rúgbi Amador – a modalidade teve um percurso de construção de suas disputas internacionais bem distinto do futebol. Clubes com maioria dos sócios britânicos ao redor do mundo buscavam manter uma associação com a RFU inglesa. No Congresso do Centenário da RFU, em 1970, mais de 40 países enviaram delegados, incluindo o Brasil, com Jimmy McIntyre indo a Londres. TITLEY, U. A; MCWHIRTER, A. R. *Centenary History of the Rugby Football Union*. London: Redwood Press, 1970, p. 215.

“São Paulo

W. H. Crainfield

Sydney Smith, L. P. Caley, R. M. Pryor, J. P. MacIntyre.

L. A. Gwinner, Stan. Smith

V. Marsh, A. P. Henderson (capt.), H. A. Gibbins

J. Melville, V. P. Bastin,

B. Hollnagel, J. D. Wright, P. Haddad

Rio

G. H. Handasyde (Capt.), R. J. Smith, J. A. T. Crocker

O. J. E. Graystone, A. Brooking,

A. V. Mackay, C. M. Brooke, R. Weekes,

J. A. Maitland, D. F. J. Baglehole,

R. N. Kennard, A. E. Segrue, R. G. Betts, A. Ellison,

W. S. Ellicott”⁴¹⁴



Imagem 20 - Taça Beilby Alston de 1929 - Equipe de São Paulo. Arquivo LUDENS - Leon Williams Rheims

⁴¹⁴ Cf. *Anglo-Brazilian Chronicle*, 11 de agosto de 1929.

O registro da *Taça Beilby Alston* foi feito pelo jornal da colônia inglesa *Anglo Brazilian Chronicle*, com o rúgbi perdendo espaço na imprensa em língua portuguesa. E, se o CAP participou da organização da partida contra o navio *H. M. S. Despatch*, a partida anual contra a AAP não fora registrada, o que abre a possibilidade para que de fato ela não tenha sido disputada em 1929.

A consulta aos periódicos do CAP revela a ausência da modalidade nos meses seguintes à partida contra o *Despatch*. Em abril, o jornal interno do clube apresenta um levantamento das atividades nos primeiros meses do ano e não inclui o rúgbi, que também não é citado ao longo de todo o ano⁴¹⁵.

O rúgbi no CAP chegara a seu fim. Assim como o futebol. Em 24 de outubro de 1929, o mundo parou perplexo para os acontecimentos em Nova York, pela Quebra da Bolsa, cuja impacto nas exportações de café foi logo sentida. Muito associado às famílias dos grandes cafeicultores, o CAP sentiu em suas finanças também a crise econômica. A decisão de abandonar o futebol seria rápida. Sem fôlego para seguir financiando a LAF, o CAP retirou-se da bola redonda ao final do ano, fazendo sua última partida por sua liga no dia 15 de novembro⁴¹⁶.



Imagem 21 - *Taça Beilby Alston* de 1929 - Equipe do Rio de Janeiro. Arquivo LUDENS - Leon Williams Rheims

⁴¹⁵ Cf. *Revista Mensal do Club Atlético Paulistano*. Ano 3, Número 4, Abril/1929.

⁴¹⁶ FERNÁNDEZ, Renato Lanna. *O Jogo da Distinção: C.A. Paulistano e Fluminense F.C. - Um estudo da construção das identidades clubísticas durante a fase amadora do futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro (1901 – 1933)*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2016, pp. 346-47.

Se para o jornalista Mazzoni e para os intérpretes que seguiram sua visão a desistência do CAP do futebol teria sido o aceite da vitória do movimento pró profissionalismo, para o discurso oficial dos sócios era a desistência contra um futebol já não mais jogado pela pureza dos valores do amadorismo. Entretanto, como demonstra Lanna, a justificativa dos ideais amadores apenas será colocada de forma oficial pelo clube em 1930⁴¹⁷. Como analisa o historiador, a defesa do amadorismo poderia ter justificado a retirada do clube da liga, mas não o fim da modalidade no clube, que poderia seguir sendo praticada entre os sócios. O que ocorreu após 1929 foi o fim imediato do futebol inclusive como modalidade praticada entre os sócios, com desdobramentos inclusive sobre o campo de futebol da agremiação, que viria a ser destruído⁴¹⁸.

O futebol ainda causara perdas financeiras importantes nos últimos anos para o CAP, como demonstra Lanna, com os gastos aumentando sensivelmente no período da LAF⁴¹⁹. Nesse sentido, a defesa do amadorismo contra o profissionalismo ajudara a elevar os gastos do clube, que tivera no mesmo período uma diminuição no número de associados. A superioridade do CAP no cenário do futebol – cujo ápice fora talvez tenha sido a viagem à Europa em 1925, sendo aclamado pela imprensa local – durou enquanto o poderio econômico do clube permitia manter uma estrutura superior a de seus rivais, incluindo a contratação de técnicos estrangeiros. A crise econômica de 1929, a Revolução de 1930 e o movimento de 1932, que impactaram a família Prado e muitos de seus outros associados são, decerto, fatores importantes muito além do simples combate ao profissionalismo nas explicações para o fim do futebol no clube⁴²⁰.

O desinteresse entre os sócios do CAP pelo futebol poderia também justificar a decisão, sendo apenas a quinta modalidade mais procurada entre seus associados (variante entre 122 e 143 interessados). Tais números ainda assim são bem superiores ao rúgbi, tendo o CAP colocado em campo apenas 27 jogadores com a camisa do clube nas partidas que identificamos, além de não fazer parte do rol de modalidades levantadas pelos relatórios de trabalhos sociais do CAP. Com o fim do futebol e do campo por ele utilizado, a permanência – e o interesse por isso – de manutenção de atividades de rúgbi sofreu um

⁴¹⁷ Idem, p. 348.

⁴¹⁸ Idem, p. 350.

⁴¹⁹ Idem, pp. 351-2.

⁴²⁰ FERNÁNDEZ, Renato Lanna. *O Jogo da Distinção: C.A. Paulistano e Fluminense F.C. - Um estudo da construção das identidades clubísticas durante a fase amadora do futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro (1901 – 1933)*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2016, pp. p. 354.

evidente revés, com o rúgbi não sendo identificado como alternativa ao futebol para os sócios.

3.5 O rúgbi ainda mais britânico em tempos de mudança

O ano de 1930 se iniciou com o fim da LAF. Em assembleia extraordinária no dia 8 de janeiro, por decisão da maioria de seus membros, a LAF foi dissolvida⁴²¹, já em meio a outro processo que se iniciava, o da reconfiguração do futebol da alta sociedade paulistana. Endividada, a AAP serviu de alicerce, ainda em janeiro, para a fundação do São Paulo Futebol Clube, em conjunto com sócios do CAP que se opuseram ao fim do futebol no clube.

Como efeito, o rúgbi da AAP logo voltou a adotar sua velha denominação, *São Paulo Rugby Football Club*, trilhando seu caminho agora de forma autônoma. A saída do rúgbi do clube social foi acompanhada de brusca queda no número de notícias nos jornais sobre o esporte. Em parte, certamente porque o clube parou de pagar por anúncios nos jornais, prática que era frequente nos anos anteriores.

Em julho, São Paulo voltou a enfrentar Santos, vencendo por 19 a 05, em partida que fora preliminar do duelo de futebol entre o SAC e o Juventus, de São Paulo, realizado no campo do clube santista⁴²². A prática do rúgbi no litoral paulista arrastara-se nos anos 20 de forma intermitente e sempre atrelada à comunidade britânica de Santos. Experiências de rúgbi ainda foram relatadas no interior paulista nos anos 20, em Ribeirão Preto⁴²³ e em Pirassununga⁴²⁴ dentro de colégios, assim como em outras cidades do país fora do eixo Rio-São Paulo⁴²⁵, mas sem desenvolver atividades em conjunto com as equipes da capital paulista e da capital federal, o que coloca em dúvida inclusive a ciência dos próprios praticantes sobre atividades ocorridas fora dos dois centros.

⁴²¹ RIBEIRO, Rubens. *O Caminho da Bola. 100 anos de História da FPF: 1902-1952*. São Paulo: CNR, 2000, pp. 330-32.

⁴²² Cf. *Folha*, 22 de julho de 1930.

⁴²³ Cf. *Correio Paulistano*, 05 de outubro de 1927.

⁴²⁴ Cf. *Correio Paulistano*, 21 de setembro de 1929.

⁴²⁵ Em Porto Alegre, por exemplo, o rúgbi foi jogada em 1920, como noticiado pelo jornal *A Federação*, com presença no Sport Club Internacional: “Amanhã na chácara dos Eucalyptus, terá lugar o anunciado “match” amistoso entre a marujada do “Petersfield” e “Internacional”. Antes haverá uma demonstração de ‘football rugby’”. Cf. *A Federação*, 24 de novembro de 1920.



Imagens 22 e 23 – São Paulo e Santos, 1930. Arquivo LUDENS – Leon Williams Rheims.

Em agosto, a *Taça Beilby Alston* foi disputada na Água Branca, no campo da São Paulo Railway⁴²⁶, em São Paulo, e teve vitória do Rio por 11 a 8⁴²⁷, com os times escalados assim:

⁴²⁶ Trata-se do atual campo do Nacional Atlético Clube.

⁴²⁷ Cf. *Times of Brazil*, 08 de agosto de 1930.

“Rio de Janeiro: D. F. Coyle; H. T. Ogden, R. G. Betts, L. A. Maitland e R. J. C. Hunt; A. E. Segrue e W. R. Reynolds; F. E. Trilsbach, R. J. Smith, O. J. E. Graystone, G. C. Hamilton, C. F. Weekes, M. R. W. McGilchrist, W. G. Clarke e A. V. Mackay.

São Paulo: C. E. Ferris; Sydney Smith, F. B. Fussell, R. M. Pryor e J. C. McIntyre; J. S. Baker e W. E. Bell; J. B. Wright, N. A. Abdalla, D. T. Bastin, B. Hollnagel, H. C. Murdock, H. J. R. Gibbins, J. M. Harvey e T. Morton”⁴²⁸

A composição das equipes no primeiro jogo após o fim do rúgbi na AAP e no CAP não teve grandes mudanças. A grande maioria dos jogadores seguiu sendo da comunidade anglo-brasileira, sendo que sete dos jogadores de São Paulo já haviam jogado antes o torneio. O Rio de Janeiro, por sua parte, seguiu a tendência dos anos anteriores, com a sua equipe sendo formada pelos atletas do RCAA. No caso do time fluminense, a continuidade é a marca, uma vez que o fenômeno decorrido em São Paulo da introdução do rúgbi em clubes sem origens britânicas não foi replicado consistentemente no Rio nos anos 20.

Para longe dos campos esportivos, 1930 marcou o fim da velha ordem da Primeira República. Em março, as eleições para presidente do país culminaram com a vitória da ordem vigente. O Partido Republicano Paulista, do presidente em exercício Washington Luís, voltava a vencer as eleições, com Júlio Prestes sendo eleito em março, com posse marcada para outubro. O grupo político dos grandes cafeicultores paulistas triunfava brevemente em um momento de turbulência econômica e de contestação política. E o cenário se mostrava já instável para a continuidade de seu projeto político. Com o assassinato de João Pessoa, vice da chapa derrotada encabeçada por Getúlio Vargas, no fim de julho, uma articulação político-militar para impedir a sucessão de Washington Luís se desencadeou levando ao impedimento da posse de Prestes em outubro e à formação de um governo provisório presidido por Vargas.

Ideologias concorrentes tornaram progressivamente mais complexas as articulações políticas nos meses imediatamente posteriores à Revolução de 30 entre os

⁴²⁸ Cf. *Anglo-Brazilian Chronicle*, 08 de Agosto de 1930.

grupos vitoriosos no movimento – mas também com os grupos derrotados, que buscavam se rearticular. A Aliança Liberal coligava setores das oligarquias regionais que estavam fora do grupo de poder do PRP com alas insatisfeitas do Partido Republicano Mineiro (pela não indicação de um sucessor mineiro a Washington Luís) e com o Partido Democrático, fundado pelas dissidências paulistas do PRP (tendo como seu primeiro presidente o conselheiro Antônio Prado, já em seus últimos anos de vida, emprestando seu capital político ao grupo) de discurso liberal e modernizante. Tal rearranjo político no interior das classes dominantes recebia o apoio de amplos setores insatisfeitos das classes médias, heterogêneos, que pressionavam por reformas sociais, políticas e econômicas⁴²⁹.

Os eventos do final de 1930 parecem sem efeitos diretos sobre o rúgbi, que em 1931 iniciou sua temporada à semelhança de 1930, tendo os duelos entre São Paulo e Santos e São Paulo e Rio de Janeiro como suas atividades centrais.

Paulo Martins Queiroz, sócio do CAP e jogador até 1929, publicou em março de 1931 um artigo na *Folha de S. Paulo* lembrando a prática do rúgbi e analisando o porquê de sua derrocada⁴³⁰:

“Já se praticou, em S. Paulo, com alguma evidência, uma das modalidades de esporte mais querido não só na Europa com também, e principalmente, na América do Norte: o futebol “rugby”.

Um dos factores principaes por que não é jogado mais o “rugby” em S. Paulo é a fama de pretensa brutalidade que lhe emprestam os avessos à prática da cultura physica.

É verdade que o futebol “rugby”, jogado nos Estados Unidos⁴³¹, é deveras violento; entretanto, não acontece o mesmo quanto ao que se jogar na

⁴²⁹ FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: historiografia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, pp. 92-111.

⁴³⁰ O mesmo Queiroz ainda escreveria em maio de 1931 outro artigo na *Folha* sobre o esporte e a mulher, desaconselhando o rúgbi para as mulheres. Cf. *Folha*, 15 de maio de 1931.

⁴³¹ Notável ainda é a persistência em se chamar o futebol americano de rúgbi. Até o final do século XIX era possível encontrar a denominação *rugby* para o futebol americano, mesmo após as alterações nas regras nos Estados Unidos já terem separado as modalidades, com a mudança na denominação ocorrendo paulatinamente. No Canadá, entretanto, o termo *rugby* para designar o futebol canadense persistiu, com a Canadian Rugby Football Union, a entidade que primeiro organizou o rúgbi no país e, depois, alterou suas regras, mantendo sua denominação. Com isso, o termo *rugby* seguiu por muitos anos significando futebol

Inglaterra, que é adoptado em todos os países da Europa e América do Sul. Muita diferença existe entre ambos, principalmente no que se refere ao ‘tackle’, termo inglês que exprime o acto de pegar e derrubar o adversário.

Os nossos vizinhos do Prata jogam o ‘rugby’ com bastante habilidade e desenvolvimento, existindo mesmo um campeonato. É um jogo emocionante, provam-no as grandes assistências que conseguem na América do Norte e Europa.

No Brasil, existia uma taça a ser disputada anualmente entre Rio e S. Paulo. Ainda em 1920, tivemos jogos de importância, nos quais não nos mostramos maus jogadores.

Um seleccionado Palmeiras-Paulistano disputou um encontro internacional, com os oficiais do exército inglês ‘Despatch’. O resultado foi deveras animador. Perdemos por 9 a 6. Apenas um ‘try’ de diferença, o que dá ao ‘rugby’ paulista um grande valor, pois que os ingleses venceram em uma partida efectuada em Bahia, por 40 a 0...

Renasça o ‘rugby’ para conquistar mais glórias para S. Paulo”⁴³²

O rúgbi não fora realmente interrompido em São Paulo. Em julho, São Paulo voltou a enfrentar Santos e Rio de Janeiro. Primeiro, contra os santistas, no campo do Americano, em Santos, a vitória foi do time da capital por 33 a 06⁴³³, e depois no duelo em Niterói contra o Rio, válido pela *Taça Beilby Alston* (que prosseguiu normalmente), houve derrota paulista por 27 a 8⁴³⁴. As equipas carioca e paulista entraram em campo com:

“São Paulo: Ferris, Davies, Smith, Baker, Norris, Fussell, Dickson, Kettlewell, Abdalla, McNeill, Tulley, Harvey, Murdoch, Wright e Pryor

canadense, modalidade muito próxima do futebol americano, com algumas diferenças nas regras. Somente em 1958 a entidade, refundada como Canadian Football League, abandonou o termo *rugby*.

⁴³² Cf. *Folha*, 14 de março de 1930.

⁴³³ Cf. *Times of Brazil*, 17 de julho de 1931.

⁴³⁴ Cf. *Times of Brazil*, 31 de julho de 1931.

Rio: Ellicott, Hunt, Betts, Davies, Hughes, Hunting, Tiplady, Weekes, Trilsbach, Hamilton, Handasyde, Brooking, Mackay, Clark e McGilchrist”⁴³⁵

Entre 1929 e 1930, as listas de jogadores das partidas do selecionado paulista e dos tradicionais encontros entre “brasileiros” e estrangeiros” apontam para um retorno de jogadores de origem inglesa que eram membros do rúgbi do CAP para o SPRFC, sucessor no rúgbi da AAP. Nomes como Sydney e Stanley Smith, Gwinner, Pryor e Bennett seguem praticando o esporte agora novamente vestindo a camisa da agremiação anglo-brasileira. Por outro lado, nomes como Paulo Marins Queiroz ou Pedro Assumpção deixam de aparecer nas listas. Alguns jogadores “brasileiros”, no entanto, reaparecem em 1929 jogando a partida “brasileiros” contra “estrangeiros”. São os casos de Fábio Fonseca e Espíndola.



Imagem 24 - Selecionado do Rio de Janeiro de 1930 - Taça Beilby Alston - Arquivo LUDENS - Leon William Rheims

⁴³⁵ Cf. *Anglo-Brazilian Chronicle*, 01 de agosto de 1931.

A partir de 1930 voltam a predominar por absoluto os jogadores de origem britânica, ao passo a *Taça Beilby Alston* sai dos jornais em língua portuguesa a partir de 1931. A visita de um selecionado sul-africano ao Brasil em 1º de agosto de 1932, com vitória dos visitantes por 73 a 00, foi marcado pela ausência de atletas paulistas, por conta da Revolução de 32⁴³⁶. O jogo acabou ocorrendo em Niterói e foi brevemente noticiado pelo *Diário Nacional*, que chamou a equipe de “Springboks”⁴³⁷, ainda que não fosse oficialmente a equipe principal da África do Sul⁴³⁸.



Imagem 25 - Junior Springboks em Niterói em 1932 - Arquivo LUDENS - Leon William Rheims

Em 1932, a *Taça Beilby Alston* foi cancelada justamente por conta da Revolução de 32, retornando às disputas apenas em 1933, com vitória paulista por 3 a 0.

Comparando o perfil dos jogadores que participaram por equipes paulistas dos principais jogos de rúgbi no período de 1926 a 1929, isto é, as partidas entre Rio e São

⁴³⁶ As informações estão contidas no programa da partida entre o Selecionado Brasileiro e o Selecionado Britânico de 1936, com autor anônimo. Disponível no Arquivo do LUDENS.

⁴³⁷ Cf. *Diário Nacional*, 03 de julho de 1932.

⁴³⁸ 1899-1999. 100 Años. *Unión Argentina de Rugby*. Buenos Aires: Manrique Zago Ediciones, 1999.

Paulo, entre RCAA e AAP, São Paulo e Santos, AAP e CAP, CAP e Faculdade de Direito ou AAP e *Sailing Club*, além dos duelos entre “estrangeiros” contra “brasileiros”, com os atletas listados em 1931 constata-se que a experiência nacionalizante do rúgbi em São Paulo chegou ao fim com os eventos de 1929-32. Em 1936, a constatação feita de dentro da comunidade deixava claro a situação:

“Infelizmente até o momento, o rúgbi [*Rugger*] não é popular entre nossos amigos brasileiros. Alguns dos clubes de futebol [*Soccer*] demonstraram interesse no jogo, e em diversas ocasiões partidas de exibição entre os Quinze⁴³⁹ ingleses locais foram disputadas em campos brasileiros de futebol antes de partidas importantes, mas o jogo de rúgbi não teve apelo. Mas as esperanças não estão totalmente perdidas, pois recentemente um dos maiores clubes do Rio requereu ao Rio Club⁴⁴⁰ para treiná-los no rúgbi e também em uma partida interestadual recente membros da equipe de futebol vieram assistir. Um ou dois de nossos amigos brasileiros já estão jogando rúgbi e com poucos jovens ingleses vindo ao Brasil nos últimos tempos nós esperamos que mais brasileiros se interessem e se tornem em breve tão proficientes [com a bola oval do rúgbi] como já são com a bola redonda [do futebol]. De tempos em tempos, jogos vem sendo jogados com os franceses e os japoneses, mas infelizmente equipes regulares não vem sendo mantidas⁴⁴¹”

O clube brasileiro de futebol em questão no Rio de Janeiro é provavelmente o Vasco da Gama, que inaugurou uma seção de rúgbi em 1937, de vida curta⁴⁴², durando até 1939⁴⁴³. Sem entrar no cenário do rúgbi no restante da década, com algum envolvimento irregular agora das comunidades francesa e japonesa, o testemunho da

⁴³⁹ “Quinzes” traduzido de “Fifteens”, sinônimo para equipe de rúgbi, por contar com quinze jogadores.

⁴⁴⁰ A seção de rúgbi do Rio Cricket.

⁴⁴¹ Programa oficial da partida “British Rugby Touring Sides versus Brazilian Selection XV”, do Santos Athletic Club. Disponível no Arquivo LUDENS.

⁴⁴² Cf. *Diário de Notícias*, 01 de agosto de 1937; Cf. *Jornal dos Sports*, 09 de dezembro de 1937.

⁴⁴³ A direção do rúgbi vascaína era de Álvaro Loureiro, que convocou treinos em São Januário entre 1937 e 1940. Cf. *Jornal dos Sports*, 29 de julho de 1937.

conta de que a experiência de “nacionalização” do rúgbi com os clubes paulistas não teve continuidade de fato, deixando o rúgbi novamente nas mãos dos estrangeiros radicados no país – e sujeitos às oscilações nos fluxos migratórios, ligados às relações comerciais exteriores do Brasil na era Vargas – de orientação nacionalista e protecionista.



Imagem 26 - The British Rugby Touring Side versus Brazil Selection XV - 1936 - Arquivo LUDENS - Leon William Rheims

A citada presença japonesa, a não ser justamente pela citação em questão, não foi identificada na pesquisa. Entretanto, é bom salientar que a colônia japonesa terá participação importante a partir dos anos 1960, com participação no *São Paulo Rugby Football Club*, no *Nippon Country Club*, ambos em São Paulo, e no breve time de funcionários da USIPA, em Minas Gerais.

À instalação do governo provisório de Vargas em 1930, seguiram-se as disputas internas à base de apoio a Vargas, empossado em novembro daquele ano. A resposta aos anseios por uma reconfiguração da ordem política foi a centralização, mas à margem da legalidade. Aos paulistas derrotados, a reação imediata foi a movimento pela constitucionalização da vida política do país, com a formação do movimento que levaria à Revolução Constitucionalista de 1932. No esporte, Vargas logo em 1931 incluía a

profissão de jogador de futebol entre as profissões que deveriam ser regulamentadas, abrindo caminho decisivamente para a regulamentação do futebol profissional⁴⁴⁴.

O que cabe agora analisar são os discursos e visões sobre o rúgbi em voga em todo o período já abordado, a fim de entender como o esporte era entendido e as transformações que sua imagem teve ao longo do tempo. O texto de Paulo Queiroz fora afirmativo sobre as razões para o rúgbi, apesar de ter ensaiado ganhar projeção ao menos dentro dos clubes das elites dirigente paulista, não teve sua expansão para fora da comunidade britânica consumada.

⁴⁴⁴ FRANCO JUNIOR, Hilário. *Dança dos deuses*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 76.

4. Rúgbi entre práticas e representações



Imagem 27 – Charge retratando o rúgbi. In: Revista Fon-Fon, 18 de fevereiro de 1933, p. 17.

4.1 As representações do rúgbi pela imprensa esportiva

A representação das práticas sociais pela imprensa escrita tem sua implicação nas próprias práticas, seja ela na conservação de determinada prática, na adoção ou apropriação de uma prática nova ou na recusa de outra prática, cuja barreira pode estar justamente na representação dela feita dentro das esferas de poder. Para a compreensão das possibilidades que a análise da representação traz ao historiador é interessante trazer Roger Chartier que, ao resgatar Marcel Mauss e Émile Durkheim, para a abordagem das relações entre representações e práticas sociais, postula que as “representações são matrizes de práticas construtoras do próprio mundo social”, entendendo que uma das abordagens possível para as representações entende que “a construção das identidades sociais é resultado da relação de forças entre as representações impostas por quem tem o poder de classificar, bem como da capacidade de aceitação ou resistência por parte da comunidade⁴⁴⁵”.

A análise das fontes permite identificar uma oscilação no teor dos discursos acerca do rúgbi por parte da imprensa. Nesse sentido,

⁴⁴⁵ CHARTIER, Roger. “O Mundo como Representação”. *Revista de Estudos Avançados*, vol. 5, nº 11, 1991, p.183.

“o fato de a mídia esportiva frequentemente estar ligada ou integrada a grandes grupos de comunicação ajuda a entender que usualmente a cobertura enfatize alguns aspectos do esporte [...] e evite (ou mesmo silencie) outros [...] Ela é sempre parte de um conjunto de forças e esferas que compõem a vida social”⁴⁴⁶

No caso em estudo, a relação da imprensa com o rúgbi pode ser entendida tanto pela sua presença – e pelo motivo de sua presença, calcado em julgamentos tanto sobre as virtudes de sua prática ou de seu espetáculo, como pelos aspectos nocivos do jogo – como pela sua ausência. Para Chartier, a “representação é a relação entre uma imagem presente e um objeto ausente, uma valendo pelo outro porque lhe é homóloga”⁴⁴⁷.

O rúgbi aparece apenas esporadicamente no noticiário esportivo e sua presença tem naturezas distintas. A quase totalidade dos artigos pode ser categorizada em:

- 1) Notícias de atividades de rúgbi no Brasil, relatado jogos ou treinamentos;
- 2) Notícias de atividades no exterior;
- 3) Artigos que tratam do futebol e o relacionam ao rúgbi de algum modo;

No primeiro caso, as notícias ligadas ao rúgbi nacional propriamente, como já exemplificado ao longo deste trabalho, se dividem entre os relatos das partidas realizadas e as atividades dos clubes. Ainda que o número de partidas noticiadas seja relativamente pequeno, sobretudo se comparado a outras modalidades esportivas, o registro das atividades de rúgbi nos principais jornais condiz com a condição social de seus praticantes, que faziam parte da camada da população que tinha acesso aos jornais, ainda que o número de praticantes sugestivamente não passasse de algumas dezenas.

A comparação com o futebol é central nesse aspecto. O futebol se tornou objeto do interesse popular desde cedo. Em 1910, o *Jornal do Brasil* já atribuía ao futebol ser o

⁴⁴⁶ FORTES, Rafael; MELO, Victor Andrade de; SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; TOLEDO, Luiz Henrique de. *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2012, p. 114.

⁴⁴⁷ CHARTIER, Roger. “O Mundo como Representação”. *Revista de Estudos Avançados*, vol. 5, nº 11, 1991, p. 185.

“esporte da moda”, com o público ganhando as arquibancadas para assistir aos jogos⁴⁴⁸. A popularidade dos espetáculos esportivos no Brasil é, no entanto, anterior ao futebol, com remo e turfe, por exemplo, atraindo as atenções desde finais do século XIX⁴⁴⁹. No caso paulista, o interesse pelas corridas e pelos jogos de azar tanto antecede como estimulou o gosto pelas competições futebolísticas posteriores⁴⁵⁰. A imprensa, nesses casos, já dedicava seu espaço às coberturas desses espetáculos e uma imprensa esportiva especializada ganhava forma na segunda década do século em São Paulo⁴⁵¹, bem como no Brasil todo⁴⁵².

O silêncio das fontes sobre a prática em muitos dos anos que abordamos e o silêncio sobre a prática do rúgbi fora dos clubes identificados, sem que fontes de outras naturezas tenham ajudado a lançar luz sobre uma prática eventualmente ignorada pelos veículos de imprensa, é igualmente significativo para se ter em conta no entendimento dos discursos sobre o rúgbi. Para o rúgbi, o silêncio não revela necessariamente a existência de uma prática corrente e significativa ignorada, mas reforça a tese de sua restrição, concluindo-se a partir de sua prolongada ausência.

A tabela abaixo lista o número de notícias sobre jogos ou treinos de rúgbi ocorridos no Brasil a partir de quatro dos jornais de maior circulação em São Paulo. Notícias em outros jornais, seja em veículos menores, seja em veículos em língua inglesa, também foram analisados ao longo deste trabalho, como já demonstrado, mas não estão contabilizados nas tabelas que se seguem, a fim de se restringir a análise aos veículos que têm um histórico de publicação longo e de alcance maior.

⁴⁴⁸ HOLLANDA, Bernardo B. Buarque de; MELO, Victor Andrade de; SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; TOLEDO, Luiz Henrique de. *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2012, p. 56.

⁴⁴⁹ MELO, Victor Andrade de. “Das touradas às corridas de cavalo e regatas: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil”. DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de (org). *História do Esporte no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2009, pp. 21-53.

⁴⁵⁰ GAMBETA, Wilson Roberto. *A bola rolou. O Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol. 1895 – 1916*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014, p. 59.

⁴⁵¹ RIBEIRO, André. *Os donos do espetáculo*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007, pp. 39-56.

⁴⁵² O desenvolvimento de uma imprensa esportiva, tendo no futebol o carro chefe, foi notável ao longo do período em questão, saltando de 5 para 58 o número de jornais dedicados ao esporte, de 1912 a 1930. “O Brasil atual: riquezas naturais, forças econômicas, progresso”. Rio de Janeiro, Departamento Nacional do Comércio, 1931, p. 210.

Tabela 1 -- Notícias sobre rúgbi no Brasil entre 1905 e 1933 em jornais brasileiros. Tabela própria.

	Notícias de jogos ou treinos de rugby no Brasil			
	1905-1913	1914-1924	1925-1929	1930-1932
<i>O Estado de S. Paulo</i>	1	0	28	1
<i>Folhas</i>	X	0	71	6
<i>Diário Nacional</i>	X	0	31	1
<i>Correio Paulistano</i>	1	0	68	0

X = não publicado no período

No primeiro período de prática esporádica do rúgbi, isto é, até a Primeira Guerra Mundial, a presença das atividades de rúgbi no Brasil teve uma divulgação bastante restrita dentro dos jornais de maior tiragem em língua portuguesa, exemplificados na tabela pelo *Correio Paulistano* e *O Estado de S. Paulo (OESP)*. Já durante os anos 20, como vimos, momentos de florescimento da modalidade dentro de clubes como a AAP e o CAP, a presença do rúgbi nos jornais foi significativa, sobretudo na proximidade das partidas. A presença maior de notícias entre 1925 e 1929 na *Folhas* é notável em um momento inicial do jornal, ainda que alguns dos artigos fossem duplicados entre as duas edições diárias do jornal⁴⁵³. Fundada em 1921, a *Folha* na sua década inicial se caracterizou como uma publicação feita para a classe trabalhadora e em oposição ao *OESP*, costumeiramente alinhado às classes dominantes. Nos anos 20, como apontam Mota e Capelato, o *OESP* assumira um caráter de representante das facções dissidentes da oligarquia agrária, com outros jornais sendo fundados na época com a mesma linha, entre eles o *Diário Nacional*, fundado em 1926 como porta voz da Aliança Liberal (para o qual escrevia Thomaz Mazzoni). A *Folha* alinhara-se a tais periódicos, mas se diferenciava por assumir um caráter de “jornal popular”⁴⁵⁴. A atenção dispensada pelas *Folhas* ao rúgbi era semelhante à dispensada pelo *Correio* e pelo *Diário*, mas, após a saída do rúgbi de CAP e AAP, apenas a *Folha* não se silenciou por completo quando ao rúgbi dos anglo-brasileiros, publicando ainda algumas notas sobre os jogos interestaduais, ao contrário dos demais jornais, que perderam por completo seu interesse pela ovalada.

⁴⁵³ A folha foi fundada em 1921 como *Folha da Noite*, como jornal vespertino. Em 1925, uma segunda publicação passou a ser editada pelo jornal, a *Folha da Manhã*. Depois, em 1949, uma terceira publicação, a *Folha da Tarde*, foi adicionada, sendo que os três títulos foram fundidos em um só em 1960, inicialmente mantendo as três publicações diárias. Na tabela acima, a denominação *Folhas* foi usada para expressar que a contagem se refere às duas publicações, *Folha da Manhã* e *Folha da Noite*.

⁴⁵⁴ CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria L. *O Bravo Matutino*. São Paulo: Editora Alfa-Romeu, 1980, p. 25.

O *OESP*, onde escrevia o jornalista Mário Cardim, sócio fundador do CAP, teve uma atuação mais tímida nos relatos do rúgbi nos anos 20, mas foi importante na divulgação inicial da modalidade entre 1905 e 1913, momento no qual Cardim exercera militância importante dentro de uma defesa do esporte cívico dentro do *OESP* e do CAP, sendo um dos fundadores da APSA, em 1913, e alinhado com o ideário do PRP do Conselheiro Prado⁴⁵⁵.

Sendo o rúgbi uma modalidade de prática diminuta e majoritariamente associada à comunidade anglo-brasileira, a preocupação em se dar voz às suas poucas atividades não é, decerto, um acaso. O rúgbi era notícia ao reunir num mesmo espaço jogadores que frequentavam clubes das classes dominantes, faziam parte de uma elite letrada e pretensamente moderna, exercitando em solo brasileiro uma atividade dita moderna, que carregava consigo valores cobiçados pelas camadas privilegiadas e associados fortemente aos homens que lideravam o maior império do planeta, cuja prática carregava consigo forte caráter ideológico, de formação física e moral de seus praticantes.

Cabe agora se voltar à segunda categoria de artigos, aqueles que referenciavam o rúgbi no exterior. Modalidade popular na Inglaterra e seu império e na França, além de ter dado origem ao futebol americano nos Estados Unidos, o rúgbi teve esporadicamente seus principais eventos internacionais noticiados em especial pelas *Folhas* e pelo *OESP* – e muito pouco pelo *Correio* e pelo *Diário*.

Tabela 2 - Notícias sobre rúgbi no exterior entre 1905 e 1933 em jornais brasileiros. Tabela própria.

	Notícias sobre rugby no exterior			
	1905-1913	1914-1924	1925-1929	1930-1933
<i>O Estado de S. Paulo</i>	12	1	8	12
<i>Folhas</i>	X	4	25	29
<i>Diário Nacional</i>	X	X	2	0
<i>Correio Paulistano</i>	0	0	2	0

X = não publicado no período

Nesse sentido, entre os anos 1905 e 1913, a defesa do esporte moderno pelo *OESP* e por Cardim, tomando a Europa como exemplo, tornam as publicações esporádicas sobre

⁴⁵⁵ GAMBETA, Wilson Roberto. *A bola rolou. O Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol. 1895 – 1916*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014, pp. 352-3.

algumas partidas importantes de rúgbi até esperada, incluindo publicações que mostram a popularidade do rúgbi na França e Inglaterra, ao passo que em a partir de 1925 as preocupações já são outras para o jornal. A *Folha*, por outro lado, noticia eventos no exterior em maior número, talvez como reverberação do impacto do rúgbi nos Jogos Olímpicos em 1924, noticiado pelo próprio jornal, que adotava posições políticas de valorização do nacionalismo⁴⁵⁶.

A imprensa reflete, claro, o pensamento hegemônico de determinados segmentos da sociedade, e não a sua totalidade. Quando nos debruçamos sobre os discursos dominantes acerca do rúgbi, a formação física e moral é eventualmente tema, constantemente em direta relação com o futebol. Os artigos relacionando as duas modalidades, a terceira das categorias propostas, são frequentes durante todo o período. No início, entre o fim do século XIX e a Primeira Guerra Mundial, o tema da origem do futebol – e sua íntima relação com o rúgbi – era popular, em meio aos primeiros passos das duas modalidades no país. Porém, outros temas de comparação entre rúgbi e futebol – ou outras modalidades – foram abordados: a questão da violência dos jogos (dentro de uma preocupação geral tanto de civilidade como de saúde) e, sobretudo nos anos 20, a questão dos valores associados ao amadorismo.

A preocupação com ambos e o teor das conclusões tomadas pela imprensa acerca do rúgbi nos dois assuntos são importantes indicadores de como a modalidade era vista por parte da sociedade e qual imagem era construída em cima dela. Aqui, o diálogo estabelecido por Chartier com Foucault é particularmente precioso ao entender "a apropriação social dos discursos como um dos procedimentos maiores através dos quais os discursos são dominados e confiscados pelos indivíduos ou instituições que se arrogam o controle exclusivo sobre eles⁴⁵⁷". Nessa perspectiva, o discurso sobre a violência do rúgbi é importante no entendimento de sua rejeição.

⁴⁵⁶ CAPELATO, Maria Helena; MOTA, Carlos Guilherme. *História da Folha de S.Paulo: 1921-1981*. São Paulo: Impres, 1981, pp. 34-36.

⁴⁵⁷ CHARTIER, Roger. "O Mundo como Representação". *Revista de Estudos Avançados*, vol. 5, nº 11, 1991, pp. 179-180.

4.2 Rúgbi: mais físico ou mais violento?

“Um esporte tem maiores possibilidades de ser adotado pelos membros de determinada classe social na medida em que não contradiz a relação com o corpo no que este tem de mais profundo e de mais profundamente inconsciente, ou seja, o esquema corporal enquanto depositário de uma verdadeira visão do mundo social, de uma verdadeira filosofia da pessoa e do próprio corpo⁴⁵⁸”

O contato físico intenso, central para o rúgbi – e caro à pedagogia vitoriana, dentro da perspectiva de formação física e moral do homem britânico que conduziria seu império transcontinental, com seus desafios pretensamente civilizacionais– encontrou no Brasil certamente a barreira da aceitação e, sobretudo, da valorização de sua fisicalidade e dinâmica.

Do ponto de vista da geografia humana, a difusão de uma prática estrangeira tende a encontrar barreiras culturais, que variam de região para região, respondendo às características das sociedades locais⁴⁵⁹. Ao trabalhar a difusão do futebol no Brasil, o geógrafo Gilmar Mascarenhas fez uso da teoria de Torsten Hagerstränd sobre a difusão espacial de práticas culturais, para a qual a necessidade de identificação dos “mecanismos retardadores⁴⁶⁰” é crucial. Para Mascarenhas, a resistência a uma nova corporeidade é aspecto chave em uma aversão inicial no Brasil ao futebol, pela mudança requisitada na relação entre indivíduos e o corpo. Por isso mesmo, a difusão de uma prática esportiva em locais onde já havia práticas anteriores tende a sofrer menor resistência⁴⁶¹.

Por outro lado, Mascarenhas defende que a quantidade de informação não condiciona a adoção do futebol em uma região em detrimento de outra – criticando, portanto, Hagerstränd, que acredita que a circulação de informação em abundância

⁴⁵⁸ BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp. Porto Alegre: Zouk. 2007, p. 205.

⁴⁵⁹ BALE, John. *Sports Geography*. Londres: Routledge, 2003.

⁴⁶⁰ HÄGERSTRAND, Torsten; PRED, Allan. 1967, p. 149. *Innovation Diffusion as a Spatial Process*. Chicago: The University of Chicago Press, pp. 149. *Apud*: MASCARENHAS, Gilmar. *Entradas e Bandeiras: a conquistado do Brasil pelo futebol*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2014.

⁴⁶¹ MASCARENHAS, Gilmar. *Entradas e Bandeiras: a conquistado do Brasil pelo futebol*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2014, p. 63.

minaria gradativamente a resistência (em uma visão evolucionista, que atribui a condição de superioridade de um conceito oriundo de regiões mais “desenvolvidas” ganharia, fatalmente, seu espaço em regiões “menos desenvolvidas”). Para o geógrafo, a adoção do futebol teria encontrado menos resistência em ambientes industriais e cosmopolitas primeiro, como em São Paulo, ainda que a presença de britânicos tenha sido abundante em alguns períodos em outras partes do país, o que não resultou, de imediato, na quebra das barreiras para a adoção do futebol⁴⁶², o que pode ser emprestado na análise para o rúgbi.

Nessa perspectiva, o processo de urbanização e industrialização correntes catalisavam mudanças, pois as cidades em crescimento na virada do século seriam ambientes de transformação das relações com o corpo, que acompanhavam as preocupações higiênicas e as mudanças relativas ao trabalho, em contraposição com a cidade colonial, escravista, de escassos espaços públicos para o lazer⁴⁶³, de preconceito sobre o trabalho manual e de refração ao exercício físico por parte das elites⁴⁶⁴.

A oposição ao futebol e, conseqüentemente, ao rúgbi também viria inicialmente de uma rejeição aos britânicos no Brasil, cuja ideia está calcada na obra de Gilberto Freyre, que apontava para uma resistência da “cultura luso-brasileira mestiça” no século XIX à cultura britânica, sobretudo da parte da elite agrária escravista, cujos interesses se opunham à Inglaterra naquele momento⁴⁶⁵. A anglofobia seria aspecto de resistência importante à difusão dos esportes britânicos em alguns países na virada do século XIX para o XX⁴⁶⁶ e certa aversão aos anglicismos é notável no Brasil nessa virada de século pela grande influência francesa na intelectualidade brasileira⁴⁶⁷, o que, porém, como já foi aqui abordado, não necessariamente levaria a uma rejeição do rúgbi, que ganhava seu espaço junto da elite parisiense no início do século XX. No Brasil, a cultura britânica, no entanto foi também entendida como símbolo de modernidade, o que acaba por invalidar já entrando no século XX tal premissa da anglofobia como barreira de resistência.

⁴⁶² Idem, pp. 68-69.

⁴⁶³ Ibidem, pp. 70-77.

⁴⁶⁴ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mocambos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951, pp. 171-72.

⁴⁶⁵ FREYRE, Gilberto. *Os ingleses no Brasil*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Topbook Univer Cidade, 2000.

⁴⁶⁶ GUTTMANN, Allen. *From Ritual to Record: the nature of modern sports*. New York: Columbia University Press, 1978.

⁴⁶⁷ SINGER, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo: Nacional, 1977, p. 54.

Por sua vez, a aversão à atividade física é tema recorrente quando se trata da elite agrária colonial e imperial. Ao analisar o início do remo em terras cariocas, Victor de Melo ressalta que a geração da elite brasileira que proclamara a República, à exceção dos segmentos militares, não valorizava as proezas físicas, prezando tipos físicos magros e franzinos. Foi somente no último quartel do século XIX que o padrão estético passou paulatinamente a mudar, com a estética corporal europeia sendo trazida a um meio que acabava de deixar a escravidão⁴⁶⁸.

Para George Vigarello, as preocupações corporais desse momento deixavam de ser moldadas pelos antigos códigos de decoro para passar a serem moldadas por padrão higiênicos e, ao passo que a imagem do corpo mudava, mudavam também os constrangimentos com o corpo⁴⁶⁹ – sendo preciso se considerar como o contato entre os corpos era percebido. Índice importante dessa relação com o corpo está no papel da educação física na infância. A desconexão da atividade física com a pedagogia nas escolas era latente no Brasil do fim do século XIX. Na província de São Paulo, no momento da proclamação da República, 77% da população era analfabeta, sendo que o índice na capital paulista era de 55%⁴⁷⁰ e somente em 1893 a educação física fora incorporada ao currículo escolar, com motivações cívico-militares⁴⁷¹. A construção de escolas públicas no período subsequente não levou em conta as atividades físicas lúdicas, pois os jogos não eram o foco dos exercícios⁴⁷². Tal situação se diferenciava da Argentina, por exemplo, onde a escolarização era muito maior na virada do século, com uma cultura atlética melhor definida, como já havia sido notado pelo próprio Mário Cardim⁴⁷³. No

⁴⁶⁸ MELO, Victor Andrade de. “Das touradas às corridas de cavalo e regatas: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil”. DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de (org). *História do Esporte no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p 56-57.

⁴⁶⁹ VIGARELLO, Georges. *Une histoire culturelle du Sport. Technques d’hier e d’aujourd’hui*. Paris: Lafond, 1988.

⁴⁷⁰ GAMBETA, Wilson Roberto. *A bola rolou. O Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol. 1895 – 1916*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014, pp. 141-42.

⁴⁷¹ Idem, p. 45.

⁴⁷² WOLFF, Silvia F. S. *Escolas para a República: os primeiros passos da arquitetura das escolas públicas paulistas*. São Paulo: EDUSP, 2010; CORRÊA, Maria E. P. *et. al. Arquitetura escolar paulista, 1890-1920*. São Paulo: FDE, 1991, *Apud*: GAMBETA, Wilson Roberto. *A bola rolou. O Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol. 1895 – 1916*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014.

⁴⁷³ CARDIM, Mario. A educação física na Argentina e no Uruguay. *Anuario do ensino do Estado de São Paulo*, 1918, p. 186-211, *Apud*: GAMBETA, Wilson Roberto. *A bola rolou. O Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol. 1895 – 1916*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014.

Brasil, é com o avanço da implantação de um projeto republicano que a atividade física ganha novas feições.

Para Victor de Melo, certa ecleticidade da sociedade brasileira seria uma dimensão chave para se entender a difusão do esporte moderno, bem como a predisposição anterior à incorporação de práticas culturais estrangeiras como manifestações de modernidade. Entretanto, isso não significaria uma acomodação de ideias, mas uma constante disputa dentro do campo esportivo⁴⁷⁴, como o caso do rúgbi e sua rejeição sugerem.

Em 1905, é significativa a publicação em português da obra *Sports Athleticos*⁴⁷⁵, do médico francês Ernest Weber, que se tratava de um manual sobre modalidades esportivas, publicado em português no Brasil em 1907 e reeditado em 1910, tendo se tornado uma obra de grande influência, sobretudo por conta de suas preocupações higienistas, caras em uma época de reformas urbanas. Justamente em 1907 o debate dentro da comunidade médica acerca dos benefícios e malefícios da prática esportiva estavam em seu ápice, com a realização naquele ano do 6º Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, em São Paulo⁴⁷⁶.

Entre os médicos brasileiros, havia uma corrente que se posicionava contra o “abuso dos exercícios físicos”, criticando sobretudo os esportes que envolviam competição e força e sua aplicação na educação física escolar. Entre os maiores críticos do esforço físico demasiado para os jovens estava o dr. Jorge de Sousa, que apresentou comunicação intitulada “Da educação física e inspeção médica nas escolas”, na qual defendia a introdução da educação física no meio escolar, ressaltando seus benefícios para a saúde, mas atacava os esportes competitivos, propriamente, em especial o futebol, que ganhava popularidade naquele momento e era tido como violento⁴⁷⁷. Para Jorge de Sousa, era preciso que fosse “cientificamente regulado o uso dos exercícios atléticos e de vários gêneros de *sports* violentos”, apontando para uma necessidade de se uma regulação do

⁴⁷⁴ MELO, Victor Andrade de. “Das touradas às corridas de cavalo e regatas: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil”. DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de (org). *História do Esporte no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p 46.

⁴⁷⁵ WEBER, E. *Sports Athleticos*. Paris: H. Garnier, 1905.

⁴⁷⁶ PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, pp. 80-82.

⁴⁷⁷ Jorge de Sousa, “Da educação física e inspeção médica nas escolas”, *Annaes do 6º Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia: 5 a 15 de setembro de 1907*, v. 2. São Paulo: Tipografia d’O Estado de S. Paulo, 1908, pp. 135-36, *Apud*: PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

poder público sobre tais práticas. O quadro pintado pelo médico ainda ressaltava o fato do futebol ser um esporte britânico, moldado para o clima frio, e não para o clima tropical brasileiro⁴⁷⁸.

Segundo Leonardo Pereira, a popularidade do futebol entre os jovens era tamanha que em 1907 já se discutia inclusive a criação de um Campeonato Brasileiro Infantil e que os defensores dos *sports* ganhavam força, a despeito do movimento de reação encampado pelo discurso higienista⁴⁷⁹.

Em sua edição de 08 de setembro de 1907, a *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, publicou um texto explicando ao leitor o que é o futebol, distinguindo os “dous gêneros de *football*: o Rugby e o Association”, sendo que, segundo o autor (desconhecido), o Rugby “não se joga aqui” e que “o Rugby é força bruta e violência; o *Association* exige habilidade. Agradou mais aqui”⁴⁸⁰.

Os discursos acerca do rúgbi variaram em tom ao logo da Primeira República, com aceitação, elogio ou reprovação de sua prática, alternando-se ao longo das décadas em estudo. Nesse contexto, a tradução da obra de Weber se prova ainda mais significativa, pois chega ao Brasil no momento mais acirrado das disputas pela legitimação da prática do futebol dentro de uma sociedade que se pretendia em vias de modernização. O livro dedica cinquenta e três⁴⁸¹ de suas trezentas e quinze páginas ao rúgbi, contra cinquenta e duas páginas para o futebol, sendo esses os dois esportes com mais longas explicações no manual. O autor considera que as formas de *football* são de grande valia à higiene:

“No ponto de vista higienico, o foot-ball rugby ou association, produz os mais felizes efeitos, pois determina o bom funcionamento de todos os órgãos. É um dos exercícios mais completos que existem”⁴⁸²

⁴⁷⁸ Idem, 154-266.

⁴⁷⁹ PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 83.

⁴⁸⁰ Cf. *Gazeta de Notícias*, 08 de setembro de 1907.

⁴⁸¹ Apenas a segunda edição da obra foi consultada.

⁴⁸² WEBER, E. *Sports Athleticos*. Paris: H. Garnier, 1905, p. 151.

Weber trata de apresentar as regras dos esportes e oferece dicas de técnicas e estratégias a serem usadas pelos jogadores, bem como de preparação física, além de se posicionar contra a prática de várias modalidades, entre elas o rúgbi, pelas mulheres. A influência de seu livro é atestada pelo fato de ter tido trechos seus reproduzidos pelos jornais comparando rúgbi e futebol até pelo menos até 1917. O trecho que mais constantemente fora reproduzido é a afirmação de que “o *Rugby* necessita mais força e o *Association* mais flexibilidade e destreza”⁴⁸³, que assumira o caráter de máxima sobre a diferenciação entre as duas modalidades. Se por um lado a obra fora usada em defesa da prática do futebol, ela tivera um impacto reduzido em prol da popularização do rúgbi no Brasil, ainda que o autor, pela popularidade do rúgbi na França, tenha tecido um discurso positivo acerca da bola oval.

O didatismo do manual acerca das regras do rúgbi e sua prática não permitem dizer que a juventude da elite paulista e carioca que tivera acesso ao livro desconhecesse, portanto, o rúgbi, ou tivesse dificuldades com relação às regras – ainda que em 1907 um abismo na difusão das duas modalidades já estava criado a favor da bola redonda. A cruzada higienista contra os *sports* que envolviam força física se apresenta como um dado muito mais significativo na análise sobre a não difusão da bola oval. Na própria distinção reproduzida entre as duas modalidades estava o caráter mais físico do rúgbi – e, se o futebol já causava polêmica sobre o esforço que implicava, o rúgbi certamente passava a linha do deglutível para os opositores dos *sports*.

A análise sobre as qualidades do rúgbi como modalidade a ser adotada no país ganhava as páginas da *Gazeta de Notícias* carioca, que naquele início de século se notabilizava como um jornal governista, mas com posições por vezes dissonantes, como em 1904, quando combatera a vacinação obrigatória e, entre 1905 e 1906, se posicionara contrário ao serviço militar obrigatório. O jornal advogava a favor dos esportes e discorrera mais de uma vez sobre a criação do futebol e sua relação com o rúgbi. Para a publicação, em 1905, o futebol era “mais moderno” que o rúgbi e, por isso, teria se difundido mais pelo mundo, mas a argumentação não avançou acerca das distinções. Em 1906, os benefícios à saúde das duas modalidades eram grandes e aconselháveis, com o rúgbi visto de forma positiva. “Ambos [rúgbi e futebol] por meios diversos põem em ação

⁴⁸³ Idem, p. 152

todos os músculos do corpo humano” e “asseguram o bom funcionamento de todos os órgãos”⁴⁸⁴.

No mesmo ano, o *Correio da Manhã*, jornal carioca de caráter mais popular, ia mais afundo na comparação entre as duas modalidades sobre o aspecto físico. Por outro lado, foi a violência do rúgbi o destacado pela publicação, que afirmava que “é quase impossível hoje na Europa jogar-se um match de rugby sem recolher alguns feridos após seu termo” e que, por isso, “tem-se reprovado o rugby pelos pequenos acidentes, raros, é verdade, quando os jogadores estão treinados”. Nesse sentido da necessidade dos jogadores estarem devidamente preparados, o jornal ainda analisa que “um neófito precisa de três a quatro anos para ser notável no *Association*”, ao passo que para o rúgbi seriam precisas “duas ou três temporadas para se iniciar na tática”, sendo, portanto “um dos motivos porque [o rúgbi] não conseguiu domiciliar-se entre nós”⁴⁸⁵. O texto, assinado por “Cousin Henry” justifica a não difusão do rúgbi por conta da dificuldade em se compreender o jogo e pelos riscos físicos que ele impõe, o que favoreceria o futebol.

A ideia da recorrência de lesões no rúgbi e seus malefícios à saúde foram a tônica nos comentários acerca do rúgbi nos periódicos nessa primeira fase. Em 1910, o assunto ganha o *Correio Paulistano*, que, ao analisar a história do futebol, deixa claro que “tem-se reprovado o rugby pelos pequenos acidentes”, em contraste com uma “perfeição” do futebol, no qual os atletas poucos se tocariam, evitando acidentes. O “football [futebol] faz homens sãos e vigorosos, bem apresentáveis, equilibrados e ágeis”⁴⁸⁶, deixava claro o autor.

Porém, o próprio futebol seguia sendo alvo de discursos médicos recriminatórios – e nesse contexto o rúgbi é usado como comparação. Em 1916, o debate sobre a violência no futebol ainda era recorrente, em meio à disputas que se intensificavam sobre a democratização do futebol, a admissão de atletas negros, o acesso de clubes populares às ligas mais prestigiadas e as práticas profissionais. Em fevereiro daquele ano, no Rio de Janeiro, a formulação da “lei do amadorismo”, que originalmente discriminava diversos

⁴⁸⁴ Cf. *Gazeta de Notícias*, 23 de abril de 1906.

⁴⁸⁵ Cf. *Correio da Manhã*, 03 de novembro de 1906.

⁴⁸⁶ Cf. *Correio Paulistano*, 11 de janeiro de 1910.

tipos de trabalhadores comuns que não poderiam ser aceitos na condição de atleta amador esquentara o debate entre os setores dirigentes dos clubes e a imprensa⁴⁸⁷.

Entre setembro e outubro de 1916, o tema da violência do futebol levou às comparações com o rúgbi nos jornais. Em publicação de *O Paiz*, o rúgbi é apontado como o esporte violento, diferente do futebol: “o Rugby tem seus perigos e se compreende que o combatam, mas o ‘association’ é inofensivo”⁴⁸⁸. N’*A Noite*, o Dr. Plácido Barbosa desencoraja a prática do rúgbi para jovens, “dos sete anos aos 12, em que podem ser praticados todos os jogos com bola, menos o rugby”⁴⁸⁹.

Em paralelo, as notícias de acidentes ligados ao futebol americano nos Estados Unidos, ainda entendido por muitos autores como rúgbi, ganharam as páginas. Desde a virada do século a preocupação com a violência no futebol americano era latente nos círculos esportivos dos Estados Unidos, mas o estopim veio em 1905, quando uma temporada na qual faleceram 18 jogadores e mais de 150 lesões graves foram registradas e o governo de Theodore Roosevelt teve papel direto nas reuniões para se chegar a uma solução à situação naquele ano⁴⁹⁰. A legalização no ano seguinte do primeiro passe para a frente (o lançamento com as mãos, distintivo hoje do futebol americano) veio como resposta à crise, a fim de reduzir os aglomerados de jogadores e promover um jogo mais aberto, o que não fez cessarem naquele momento as críticas à modalidade, que passaria por novas revisões em suas regras. Morte seguiram sendo registradas e noticiadas inclusive no Brasil. Em 1928, a *Folha* anuncia 15 mortes na temporada do “rugby” nos Estados Unidos, referindo-se ao futebol americano⁴⁹¹.

Ainda que levantar tais discursos da imprensa acerca do rúgbi possa parecer relevante como evidência da imagem construída sobre a modalidade no universo esportivo, ou ao menos entre o restrito número de pessoas que tinham tido algum tipo de contato com ele, é preciso ter em mente que o rúgbi fora raramente objeto de interesse da imprensa nas duas primeiras décadas do século XX.

⁴⁸⁷ GAMBETA, Wilson Roberto. *A bola rolou. O Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol. 1895 – 1916*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014, pp. 377-78.

⁴⁸⁸ Cf. *O Paiz*, 19 de setembro de 1916.

⁴⁸⁹ Cf. *A Noite*, 05 de outubro de 1916.

⁴⁹⁰ WATTERSON, John. “The Gridiron crisis of 1905: Was it really a crisis?”. In: *Journal of Sport History*, vol. 27, nº 2, summer 2000, p. 294.

⁴⁹¹ Cf. *Folha*, 22 de maio de 1928.

É justamente o pequeno número de vezes em que o rúgbi fora citado que torna relevante a constância ao longo do período da imagem de esporte violento nas vozes de cronistas, médicos e esportistas⁴⁹². A imagem cristalizada sobre a modalidade e trazida de experiência do exterior, seja na Europa ou (o futebol americano) nos Estados Unidos, era forte e útil, sobretudo na defesa do futebol das elites, em meio aos ataques dos setores refratários às práticas esportivas dotadas de contato físico.

O tímido, breve, mas significativo desenvolvimento do rúgbi nos clubes da elite paulistana na segunda metade da década de 1920 foi acompanhado de um reavivamento nas discussões sobre a violência envolvida no jogo. A exibição de uma série de filmes “Proezas de Estudantes” (título original *The Collegians*), da *Universal Pictures*, que mostrava a vida atlética das universidades americanas, pode ter contribuído para solidificar um imaginário de esporte violento para o rúgbi, reproduzido na imprensa no período⁴⁹³. A série de curtas⁴⁹⁴ estrelava o ator George Lewis (famoso posteriormente pelos filmes de faroeste) e foi produzida e exibida nos cinemas entre 1926 e 1929, caracterizando-se por cenas de nudez atlética, algo ousado e atípico para a época, exaltando a juventude e o movimento. Em setembro de 1928, a exibição da série em matinê foi divulgada pelo *Correio da Manhã*, ressaltando que a produção mostrava “todos os tipos de esporte de atletismo, desde o violento football rugby até o violentíssimo e apaixonador jogo de box” e que os filmes seriam “um argumento destinado à juventude e, por isso mesmo, interessante para todas as idades”⁴⁹⁵.

O sucesso da série precisaria ser melhor estudado, mas a sequência de artigos tratando da violência no rúgbi coincide tanto com a exibição dos filmes no Brasil, em um momento de desenvolvimento da modalidade entre a elite paulistana. No mesmo mês, o jornal interno do CAP ressalta que “o ‘rugby’ é um jogo muito novo no Brasil e, devido à sua semelhança com o futebol americano, criou fama de muito violento e perigoso. No entanto, pode-se afirmar que o ‘rugby’ inglês é menos violento, perigoso e bruto que o

⁴⁹² Houve exceções ao discurso, como em artigo de 1913 da *Revista da Semana*, que trata da modalidade em tom positivo, como “o gênero de football que mais causa admiração”.

⁴⁹³ Cf. *Correio da Manhã*, 16 de setembro de 1928.

⁴⁹⁴ Ao todo foram produzidos 44 curtas da série, mas poucos foram preservados. BROWN, Shane. *Different from the others: A Comparative Analysis of Representations of Male Queerness and Male - Male Intimacy in the Films of Europe and America, 1912 - 1934*. Tese de Doutorado. University of East Anglia, 2014, p. 158.

⁴⁹⁵ A mesma chamada foi republicada em 1929. Cf. *Diário da Manhã*, 07 de setembro de 1929.

próprio futebol ‘Association’. É, sobretudo, um jogo científico, no qual o jogador tem que pôr á mostra todas as qualidades de esportista e cavalheiro⁴⁹⁶”.

Em novembro, o *OESP* saiu em defesa do rúgbi, com texto com o título “As Vantagens do Rugby – Porque o Rugby não pode ser tão popular como o Association – Como é imerecida a reputação de violento que lhe têm emprestado”⁴⁹⁷. Jornal próximo do CAP, pela figura de Cardim, o *OESP* critica a excessiva ênfase no futebol em detrimento de outras modalidades (e é bom ressaltar, em meio tanto às discussões sobre a profissionalização do futebol e logo após a desistência brasileira da participação nos Jogos Olímpicos de 1928⁴⁹⁸) e defende a prática do rúgbi. Na análise do autor do artigo (sem autoria conhecida) o rúgbi não teria se difundido da mesma maneira pelo mundo que o *Association* por ser, supostamente, um esporte mais caro, por precisar de mais jogadores, pela dificuldade em se manejar uma bola oval, por ter mais regras, dificultando sua compreensão, e por requerer aptidão física (“um Friedenreich, por exemplo, não faria nada no Rugby, pois lhe faltam estatura, peso e força”, nas palavras do autor). Na sequência, no entanto, são apresentadas as vantagens do rúgbi, como “indispensáveis à educação física”, exaltando “a impressionante beleza do espetáculo” de um jogo “mais variado que o Associação, muito mais movimentado” com “lances verdadeiramente heroicos”, finalizando com a constatação de que seria “tal imerecida fama de violento também concorreu muito o fato de se confundir o rugby com o futebol americano”⁴⁹⁹.

O texto explicita o efeito negativo da fama de jogo violento imposta ao rúgbi em sua difusão e busca inverter o discurso a favor da modalidade, em um momento em que sua prática dentro dos clubes de elite pedia uma defesa dele. O discurso, portanto, muda com as circunstâncias de sua prática. E tal mutação volta a ficar clara posteriormente. Já em 1930, com o abandono da prática do rúgbi dentro dos clubes sociais, a fama de jogo violento volta a recair sobre ele, já longe dos olhares. Na *Revista Fon-Fon*, a ideia em cima do rúgbi era justamente de um jogo violento⁵⁰⁰, enquanto a *Folha* usa da manchete apelativa “Onde nasceu a prática do Rugby – O violento esporte ganhará adeptos em São

⁴⁹⁶ Cf. *Revista Mensal do Club Atlético Paulistano*. Ano 2, Número 9, Setembro/1928, p. 13.

⁴⁹⁷ Cf. *O Estado de S. Paulo*, 14 de novembro de 1928.

⁴⁹⁸ O Brasil não enviou representantes aos Jogos Olímpicos de 1928 devido à falta de recursos financeiros. RÚBIO, Kátia. *Atletas Olímpicos Brasileiros*. São Paulo: SESI Editora, 2015, p. 32.

⁴⁹⁹ Cf. *O Estado de S. Paulo*, 14 de novembro de 1928, p. 10.

⁵⁰⁰ “O ‘Association’ é um ‘football de salão’, uma espécie de permufaria deante do violento ‘rugby’”. Cf. *Revista Fon-Fon*, 12 de julho de 1930, p. 22.

Paulo – A história do Rugby” na publicação de mais uma matéria explicando a origem da modalidade⁵⁰¹. Dois dias depois, a *Folha* ainda ironizou a ideia de que a prática do rúgbi deveria ser incentivada por trazer benefícios físicos, ideia que circulara nos anos anteriores, publicando uma nota sobre a seleção francesa visitar a Inglaterra levando em sua delegação “nada menos do que 20 barris de vinho. Será que o rugby, desta maneira, é também para a perfeição da raça? Porque se for, o Brasil, dentro de pouco tempo, estará com uma perfeitíssima raça”⁵⁰².

Porém, a mesma publicação trouxe em 1931 um interessante artigo que consistia em “dicas” para os jogadores paulistas de rúgbi para evitarem lesões, absolvendo as regras do jogo de serem responsáveis pelos números de lesões no exterior que vinham sendo relatadas e ponderando que o terreno de jogo e a imperícia ou despreparo dos jogadores fossem as mais prováveis causas dos acidentes. Para a *Folha*, “nós, como sensíveis latinos, atribuiremos, certamente, esse facto [as lesões fatais] à brutalidade do jogo [...] Na maioria destes casos a brutalidade nada tem a ver com o assumpto. Tudo é questão de casualidade, de terreno, da maior ou menor habilidade em evitar os golpes nas caídas, e também de decisão do indivíduo”, seguindo o argumento com uma análise das funções dos jogadores em campo⁵⁰³.

Se de um lado os olhares externos ao rúgbi são importantes de serem identificados, provendo uma ideia de qual era a imagem do esporte dentro da sociedade, por outro é necessário ir mais a fundo na compreensão da experiência estética oferecida pelo rúgbi a seu praticante. Para Arlei Damo, “o jogo possui uma estrutura, dita disjuntiva, que produz realidade, eventos/acontecimentos. Uma abordagem estética deve ter em conta essas premissas porque elas determinam uma certa perspectiva de encarar os jogos, uma sensibilidade que norteia a ação de atletas e torcedores”⁵⁰⁴. Portanto, é importante agora voltar o Norte à experiência proporcionada pelo rúgbi e seu conjunto de leis ao jogador.

⁵⁰¹ O texto publicado baseava-se em publicação francesa de P. K. Chevallier Boutell. Cf. *Folha*, 19 de fevereiro de 1930.

⁵⁰² Cf. *Folha*, 21 de fevereiro de 1930.

⁵⁰³ Cf. *Folha*, 06 de fevereiro de 1931.

⁵⁰⁴ DAMO, Arlei Sander. “Futebol e estética”. In: *São Paulo Perspectiva*. vol.15 no.3 São Paulo July/Sept, 2001, pp. 82-91.

4.3 Entre o espetáculo e o amadorismo

Se a fisicalidade do rúgbi se apresentou como motivo de debate no início do século XX, cabe analisar o rúgbi pelo viés do espetáculo proporcionado pelo jogo. É, pois, imprescindível às conclusões entender como era o jogo de rúgbi nesse momento.

As primeiras regras escritas do rúgbi, de 1845, careciam de clareza e se apoiavam significativamente nas tradições orais de sua prática na Escola de Rugby. Não por acaso, sua prática fora do ambiente da sua escola de origem frequentemente levava a variações em suas regras⁵⁰⁵. Nenhuma das 37 regras publicadas em 1845 previa um número fixo de atletas por equipe ou um tempo preciso para a disputa⁵⁰⁶ e a oralidade se manifestava na necessidade de sete regras para se esclarecer a questão do impedindo e seis para esclarecer o uso da força física, dada a controversa entre os praticantes que tais definições geravam⁵⁰⁷. Analisando-se as regras iniciais, fica claro que a dinâmica do jogo se baseava em trocas de chutes, com as corridas acontecendo após um atleta apanhar a bola chutada, lançando-se contra a equipe adversária. A bola, entretanto, só era apanhada em movimento (com o “*fair catch*”, isto é o ato de se apanhar a bola no ar, sendo central nas partidas, pois permitia que o chute fosse dado sem a pressão do oponente, com a “proeza” sendo recompensada)⁵⁰⁸. As repetições de escaramuças, o *scrummaging*, isto é, as formações de jogadores para a disputa da bola, eram aspecto central do jogo e tornavam a bola preocupação secundária, sendo o comportamento “ másculo” mais aceito e esperável da parte dos atletas naquele momento justamente o engajamento nas disputas corpo a corpo⁵⁰⁹.

Em 1863, nas reuniões para a fundação da *Football Association*, uma das principais características do rúgbi na defesa da não adesão às regras propostas era o desejo de manutenção do *hacking*, termo que pode ser traduzido por golpes desferidos

⁵⁰⁵ DUNNING, Eric. SHEARD, Kenneth. *Barbarians, Gentlemen and Players. A sociological study of development of rugby football*. 2ª edição. London: Routledge, 2005, p. 82.

⁵⁰⁶ No texto das regras de 1846 estava previsto que o jogo terminaria empatado quando chegava a cinco dias de disputas, ou a três dias, quando nenhum gol tivesse sido marcado. O número de cinco dias já era costumeiro nas disputas do críquete, cuja forma tradicional sem limite de número de lançamentos da bola prevê o encerramento das disputas após cinco dias de jogo.

⁵⁰⁷ DUNNING, Eric. SHEARD, Kenneth. *Op. Cit.*, pp. 68-9.

⁵⁰⁸ Regras de 1846 consultadas em: GODWIN, Terry; RHYS, Chris. *The Guinness Book of Rugby Facts and Feats*. London: Guinness Superlatives, 1981, pp. 30-31.

⁵⁰⁹ DUNNING, Eric. SHEARD, Kenneth. *Barbarians, Gentlemen and Players. A sociological study of development of rugby football*. 2ª edição. London: Routledge, 2005, p. 71.

intencionalmente com os pés contra o adversário, como uma rasteira ou um pontapé nas canelas, a fim de se derrubar o oponente. O *hacking* somente era permitido contra o jogador com a posse da bola e nenhum jogador poderia ser seguro e ao menos tempo golpeado. F. W. Campbell, representante do *Blackheath F. C.* nas discussões de 1863, defendera que o banimento do *hacking*, proposto pela *Association*, emascularia o jogo, considerado tanto os golpes contra o oponente como o ato de correr com a bola em mãos como centrais à dinâmica desejada para seu *football*⁵¹⁰.

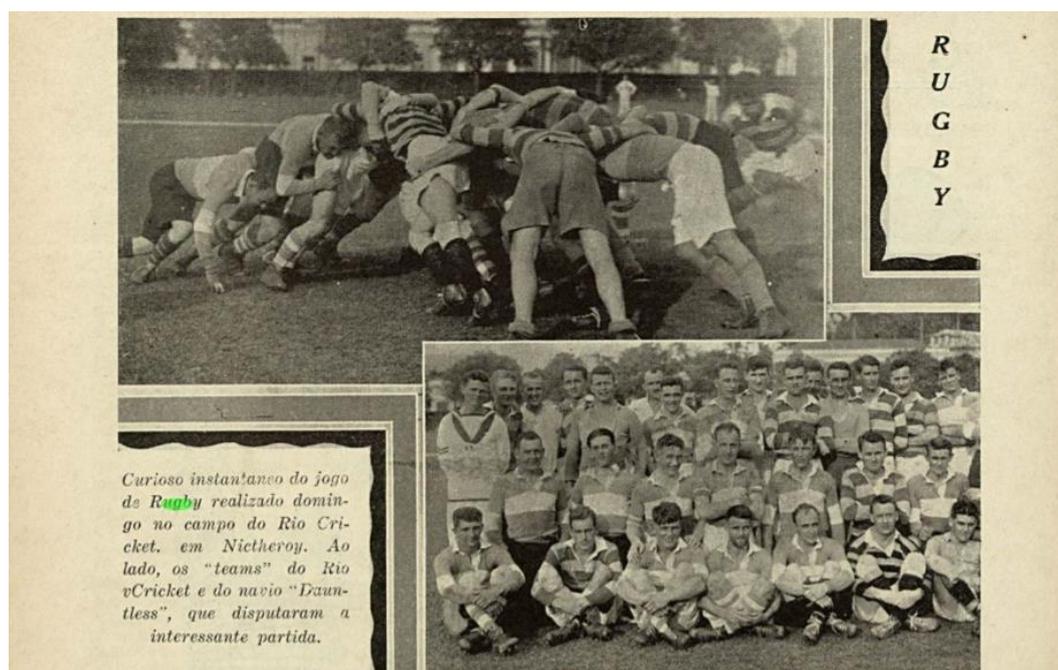


Imagem 28 - Ação de um scrum em 1932 em partida entre o Rio Cricket e o navio Dauntless – Cf. O Malho, 19 de novembro de 1932.

A formação em 1871 da *Rugby Football Union* (RFU) na Inglaterra levou a debates importantes sobre as “Leis do Rugby”⁵¹¹. As regras inicialmente adotadas eram fundamentalmente semelhantes às primeiras regras escritas em 1845, mas entre as diferenças estava um notável (e irônico) banimento: o *hacking* não eram mais permitido. O rúgbi de 1871 era jogado com vinte jogadores de cada lado, mas logo o número seria reduzido para quinze, em 1877. A abolição dos pontapés nos adversários levou a um prolongamento das formações e mudou substancialmente como que as jogadas dentro

⁵¹⁰ Idem, p. 91.

⁵¹¹ “*Laws of Rugby*”, como é chamado o conjunto de regras do rúgbi.

delas aconteciam⁵¹². Os chamados *scrummages* (os *scrums*) eram muito distintos dos *scrums* de hoje, sendo que o termo era válido para as jogadas que no *ruck* atual seriam entendidas como *rucks*⁵¹³, e não *scrums*⁵¹⁴. Nas leis de 1871, os *scrummages* eram disputas com os pés e aconteciam quando o jogador com a posse da bola colocava-a no chão para conduzi-la com os pés, enquanto a equipe adversária buscava barra-lo enquanto puxar a bola para seu lado⁵¹⁵. Dessa forma, o banimento das rasteiras, somado à redução do número de jogadores em campo⁵¹⁶, levou a uma especialização na forma com que os *scrummages* eram disputados, com os jogadores privilegiando curvarem-se e agarrarem-

⁵¹² MARTI, Roland. “Where Rules are Rules: On the Laws of Rugby”. In: GHOSH-SHELLHORN, Martina; MARTI, Roland. *Playing by the Rules of the Game*. Berlin, LIT Verlag, 2008, pp. 130-31.

⁵¹³ Nas “Leis do Rugby” atuais, o *ruck* é definido pela Lei 16: “Um ruck é uma fase do jogo onde um ou mais jogadores de cada equipe, que estão sobre seus pés, em contato físico, se agrupam ao redor da bola que está no solo. O jogo aberto termina”.

⁵¹⁴ O termo *scrummage* designava dois tipos de jogada: os *loose scrums*, mais próximos dos chamados posteriormente de *rucks*, e os *set scrums*, hoje chamados apenas de *scrums*. Tal distinção entre as duas categorias de *scrummage* só aparece nas Leis de 1905, com a separação entre o *loose scrum*, que ocorreria quando a bola fosse ao solo (e não necessariamente o jogador), e o *set scrum*, disputado para se recolocar a bola em jogo (como nos *scrums* atuais).

Nas “Leis do Rugby” atuais, o *scrum* é definido pela Lei 20: “O propósito do scrum é o de reiniciar o jogo de modo rápido, seguro e imparcial, depois de uma infração menor ou de uma detenção. Um scrum é formado no campo de jogo quando oito jogadores de cada equipe, amarrados em três linhas por cada equipe, se juntam com seus adversários de forma que as cabeças dos [atletas nas] primeiras linhas fiquem intercaladas. Assim se forma um túnel onde o meio scrum introduzirá a bola para que os jogadores das primeiras linhas possam disputar a posse hookeando [sic] a bola com qualquer pé”.

Os oito atletas em questão são os *forwards*, atletas “avançados”, numerados costumeiramente de 1 a 8, sendo que os atletas de 1 a 3 posicionam-se na primeira linha da formação e, por isso, são chamados de “primeiras linhas”. Os atletas 1 e 3 (e seus respectivos reservas) são chamados de pilares e entre eles posiciona-se o atleta de número 2 (ou seu reserva), chamado de *hooker*, em inglês, termo traduzido em Portugal por talonador (a partir do francês *talonneur*). O termo *hooker* vem da palavra *hook*, gancho, por conta do movimento com os pés que esse jogador faz para trazer a bola para o lado da formação de sua equipe. Atrás dos primeiras linhas posicionam-se os atletas que vestem as camisas 4 e 5 (ou seus reservas), chamados em inglês de *locks* (“cadeados”, por agarrarem-se no *scrum* aos primeiras linhas, nos espaços entre os pilares e o *hooker*) ou *second rowers*, no Brasil conhecidos apenas como segundas linhas. Atrás dos segundas linhas prendem-se os terceiras linhas, com os *flankers* (ou *loose forwards*, ou ainda, na Nova Zelândia, *wing-forwards*), em inglês, nos flancos, numerados entre os titulares com as camisas 6 e 7, sendo chamados em português de “asas”. O termo “asa” não deve ser confundido com a posição de *wing*, isto é, os atletas numerados 11 e 14, que em português são chamados de “pontas”. Entre os asas e posicionado atrás do espaço entre os dois segundas linhas fica o jogador chamado de “oitavo” (*number eight*, em inglês). O atleta designado como “meio scrum” é o camisa 9 (ou seu reserva), chamado em inglês de *scrum-half*, responsável por introduzir a bola no *scrum*.

⁵¹⁵ Nas “Leis do Rugby”, de 1871, o *scrummage* é descrito como: “Um scrummage acontece quando o detentor da bola, estando dentro de campo, coloca-a no chão à sua frente e todos à sua volta, dos dois lados, empenham-se em deslocar seus oponentes e chutar a bola adiante na direção da área de meta do adversário”. Tradução livre. Original: “A scrummage takes place when the holder of the ball being in the Field of play puts it down on the ground in front of him and all who have close round on their respective sides endeavour to push their opponents back and by kicking the ball to drive in the direction of the opposite goal line”.

⁵¹⁶ A redução de 20 para 15 jogadores em campo de cada lado teve como consequência a redução também no número de *forwards*, isto é, os atletas que tomavam parte nos *scrummages*, que caiu de 15 para 10, sendo posteriormente reduzido para 8, número atual.

se, a fim de investirem força sobre seus oponentes e terem maior campo de visão sobre a bola, ao invés de manterem uma posição ereta⁵¹⁷.



Imagem 29 - Apresentação de aspectos do jogo de rúgbi pela revista *Careta*, no Rio de Janeiro, em 1927. Cf. *Careta*, 23 de abril de 1927.

A última década do século XIX impôs novas questões sobre a forma com que o rúgbi era jogado, tanto pela pressão do profissionalismo como pela necessidade de uniformização de alguns aspectos do jogo, que seguiam variáveis com relação às tradições locais. Em 1891, a *International Rugby Football Board* (a federação internacional)⁵¹⁸ e a RFU unificaram os valores das formas de pontuação, alterando-as mais duas vezes até 1905.

⁵¹⁷ Tal movimento levou à distinção clara entre os *loose scrums* e os *set scrums*, já descrita nas Leis de 1892. In: MARTI, Roland. "Where Rules are Rules: On the Laws of Rugby". In: GHOSH-SHELLHORN, Martina; MARTI, Roland. *Playing by the Rules of the Game*. Berlin, LIT Verlag, 2008, p. 131.

⁵¹⁸ Fundada em 1886 e formada inicialmente apenas pelas uniões irlandesa (IRFU), galesa (WRFU) e escocesa (SRFU), após desacordo entre ingleses e escoceses sobre as regras nos anos iniciais das disputas do *Home Nations Championship*.

Tabela 3 – Valores da pontuação do rúgbi ao longo do tempo.

Período	Try	Conversão	Penalty Goal	Drop Goal	Goal From Mark
1890-1891	1	2	2	3	3
1891-1893	2	3	3	4	4
1893-1905	3	2	3	4	4
1905-1948	3	2	3	4	3
1948-1971	3	2	3	3	3
1971-1977	4	2	3	3	3
1977-1992	4	2	3	3	X
1992-hoje	5	2	3	3	X

Fonte: <http://www.rugbyfootballhistory.com>. Acessado em: 14/01/2017

Como mostra a tabela, foi somente na última década do século XIX que se tornou mais vantajosa a busca pelo *try*. Hoje, o *try* é a principal forma de pontuação do rúgbi e ocorre quando um jogador apoia a bola (devendo haver o contato simultâneo entre a mão do jogador, a bola e o chão) na área de *in-goal* do adversário, isto é, a área de meta⁵¹⁹. O *try* rende cinco pontos atualmente, mas seu valor variou ao longo dos anos. Nas regras de 1871, o *try* não valia pontos. Ele somente conferia à equipe a oportunidade de chutar a bola aos postes para marcar o gol (era a chance de uma tentativa de gol, *to try*, em inglês). O gol, no caso do rúgbi, era marcado ao chute que passasse entre as traves lateais e acima do travessão, diferentemente do *Association*, que premiava o chute abaixo do travessão. A partir de 1875, em caso de empate em número de gols, o *try* passou a ser usado como critério de desempate⁵²⁰. Regionalmente, o uso de sistemas de desempate variou. Na Copa do Yorkshire, no Norte da Inglaterra, por exemplo, eram contados para desempate os chamados *minors*, isto é, o número de *touchdowns* que uma equipe fez em seu próprio *in-goal*⁵²¹. Os gols também poderiam ser marcados sem a necessidade da obtenção do *try*, o que colocava a jogada de se avançar com a bola até o final do campo como algo marginal.

⁵¹⁹ O *in-goal*, definido pelas “Leis do Rugby atuais” é “a área entre a linha de meta e a linha de bola morta, e entre as linhas de lateral do *in-goal*. Inclui a linha de meta, porém não inclui a linha de bola morta ou as linhas de lateral do *in-goal*”.

⁵²⁰ MARTI, Roland. “Where Rules are Rules: On the Laws of Rugby”. In: GHOSH-SCHELLHORN, Martina; MARTI, Roland. *Playing by the Rules of the Game*. Berlin, LIT Verlag, 2008, p. 31.

⁵²¹ Em outras palavras, o número de vezes que uma equipe foi obrigada a apoiar a bola em seu próprio *in-goal*. No rúgbi, não existe o conceito de “*try* contra” e o ato de se apoiar a bola em seu próprio *in-goal*, chamado de *touch down*, é uma jogada defensiva. No futebol americano, o ato análogo ao *try* passou a ser chamado de *touch down*, sendo que no próprio rúgbi o termo deriva do ato de se apoiar a bola no final do campo. O termo *minor* não é mais usado pelo rúgbi. O futebol americano preservou o conceito de se atribuir valor à jogada de se impedir a equipe que está em seu campo de defesa de sair de sua própria área de meta.

A partir de 1886, um sistema mais complexo de pontuação foi introduzido, com o *try* passando a contar um ponto, enquanto os gols valeriam mais⁵²². Tal sistema foi consolidado na virada da década, como mostra a tabela de pontuação acima⁵²³. Todas as demais formas de pontuação consistem em chutes aos postes⁵²⁴. O chute de conversão é justamente o chute dado aos postes após o *try*⁵²⁵; o chute de penalidade é o chute dado aos postes após uma infração grave⁵²⁶; o *drop goal*, por sua vez, é marcado quando um jogador arrisca um chute com a “bola viva”, isto é, a qualquer momento no jogo aberto, através de um chute de bate-pronto⁵²⁷; enquanto o *goal from mark*, extinto nos dias de hoje, era o gol marcado a partir de um chute após um *fair catch*⁵²⁸, isto é, ao realizar um *fair catch* o jogador tinha a chance de arriscar um chute livre aos postes⁵²⁹.

A soma de *try* e conversão (o “*try* convertido”) deve ser considerada para se compreender o peso do *try* no jogo em cada momento. A soma de *try* e conversão passou a valer mais que os demais gols na última década do século XIX, mas seu peso representava pouco a mais que o *drop goal*, por exemplo. Somente após a Segunda Guerra o *try* convertido ganhou uma vantagem maior sobre o *drop goal*, mas a mudança real veio a partir dos anos 1970, com a elevação do valor do *try* (sem a conversão) para mais do

Trata-se da jogada de *safety*, que vale 2 pontos no futebol americano atual. O rúgbi, por sua vez, não premia tal jogada com pontos.

⁵²² Em 1886, o *try* deixava de valer ponto quando o chute após o *try* era convertido. Com isso, a pontuação se resumia a chutes valendo 3 pontos e a tries não convertidos valendo 1.

⁵²³ As datas e os valores dos chutes variam de acordo com a fonte, uma vez que a padronização das regras pelo mundo fora um processo demora.

⁵²⁴ Se após ser chutada, a bola toca o solo ou qualquer companheiro do chutador, não se pode validar o gol.

⁵²⁵ O chute de conversão pode ser executado tanto através de um *drop kick*, isto é, um chute de bate-pronto, como com a bola apoiada no chão. A conversão é executada sempre a partir de um ponto qualquer sobre uma linha imaginária que passe pelo local exato onde o *try* foi marcador (isto é, onde a bola foi apoiada no solo, portanto, o local onde houve o primeiro contato entre mão, bola e chão), sendo ela perpendicular à linha de meta. Cf. *Laws of Rugby*, 2017, Lei 9(B).

⁵²⁶ Uma série de infrações graves podem ser punidas por chutes a gol, sendo esses os chutes de penalidade. O chute de penalidade pode ser executado tanto através de um *drop kick*, isto é, um chute de bate-pronto, como com a bola apoiada no chão. Cf. *Laws of Rugby*, 2017, Lei 21.

⁵²⁷ O *drop goal* é executado através de um *drop kick* (bate-pronto), isto é, um chute no qual o chutador larga a bola até que ela toque o chão e, no momento do contato da bola com o chão o chute é executado.

⁵²⁸ O *fair catch* foi transformado posteriormente em apenas uma jogada de defesa. Atualmente, sua reminiscência é o *mark*, ou “marca” (Lei 18), um *fair catch* realizado entre a linha de meta e a linha de 22 metros do campo de defesa, que tem por objetivo proteger o defensor que apanha um chute e reduzir o número de chutes táticos da equipe atacante nas imediações do *in-goal*. A ação do *mark* estava presente no futebol (*Association*) nas regras de 1863, com a regra 7 permitindo a interceptação da bola no ar com as mãos (Lei 7).

⁵²⁹ O *goal from mark*, portanto, não dependia do time atacante apenas, pois sua construção era dependente de um chute descuidado da outra equipe, que resultasse no *fair catch*.

Nesse sentido, como argumentam Dunning e Sheard, o rúgbi era entendido apenas como um jogo orientado para o jogador (*player-oriented*), e não para o espectador (*spectator-oriented*). O jogo de rúgbi do final do século XIX tinha, claro, seu apelo ao espectador, e sua popularidade como esporte de espetáculo não deixa dúvida disso, mas sua característica “estática”, com longas sucessões de formações, teria efeitos em seu apelo àqueles que não estavam afeitos ao jogo na condição de jogadores⁵³¹. Não por acaso, no trecho já citado do *Correio da Manhã* de 1906⁵³², a dificuldade em se aprender a dinâmica do jogo foi levantada como aspecto importante para sua não adesão.

Tal aspecto, evidentemente, traz consigo a comparação clássica com o futebol, na medida em que um dos aspectos fundamentais para a popularização do futebol foi consagrado pela literatura como sendo sua simplicidade. Esse argumento, claro, traz seus problemas, pois a suposição de que a suposta dificuldade de um jogo inibe sua popularidade traz consigo inconsistências, seja pela popularidade alcançada pelo rúgbi entre a classe trabalhadora em Gales e no Sul da França, por exemplo, ou pelas ilhas do Pacífico Sul, ou ainda na própria América do Norte, onde dele derivou uma modalidade igualmente física e complexa na quantidade de regras⁵³³, como também pela popularidade no Subcontinente Indiano, no Caribe britânico ou na Austrália, entre as camadas mais pobres inclusive, do críquete, notório pela complexidade das regras aos olhos leigos⁵³⁴.

⁵³¹ DUNNING, Eric. SHEARD, Kenneth. *Barbarians, Gentlemen and Players. A sociological study of development of rugby football*. 2ª edição. London: Routledge, 2005, p. 111.

⁵³² “Em rugby, no contrário, se se pode ser mais rápido com a ajuda de treinos físicos, um jogador útil terá, pelo menos, duas a três temporadas de prática para se iniciar na tática do jogo”. Cf. *Correio Paulistano*, 03 de novembro de 1906.

⁵³³ As Leis do Rugby (*Laws of Rugby*, designadas “leis”, isto é, *laws* em inglês) contém 22 leis. O futebol, por sua vez, conta com 17 leis (também chamadas em inglês de *laws* pela *International Football Association Board* do futebol). No caso do futebol americano, as regras (designadas como “regras”, *rules* em inglês), variam entre as organizações do esporte, que possuem livros de regras distintos. A NFL, a liga profissional dos Estados Unidos, conta com 18 regras em seu livro oficial de regras, o seu *Official Playing Rules and Casebook of the National Football League*, ao passo que tanto a NCAA, a liga universitária dos Estados Unidos, com seu *NCAA Football Rules and Interpretations*, e a IFAF, a Federação Internacional de Futebol Americano, com seu *Football Rules and Interpretation*, contam com 12 regras. Entretanto, diferentemente do rúgbi e do futebol, o regramento do futebol americano conta com uma extensa jurisprudência, com uma longa seção sobre interpretações aceitas das regras.

⁵³⁴ As Leis do Críquete, *Laws of Cricket*, contam com 42 leis. O primeiro código escrito com o intuito de ser adotado universalmente era o código de leis de 1788, escrito pelo *Marylebone Cricket Club* (MCC). Distintamente do futebol e do rúgbi, o críquete atribuiu a um clube privado a condição de responsável pela regulamentação do jogo, ao invés de um órgão superior. Tal condição privilegiada do MCC durou até 1993, quando tal poder foi transferido para a federação internacional (o *International Cricket Council*). Ver: BIRLEY, Derek. *Social History of English Cricket*. London: Aurum Press, 2003.

A dificuldade de um esporte, por outro lado, pode também ser um atrativo, pois pode conferir o caráter de exclusividade e difundir uma modalidade dentro de um setor mais restrito da sociedade, formando um nicho⁵³⁵.

A rejeição do rúgbi ao espectador o coloca em uma relação bem distinta do que os discursos que o comparam ao futebol americano lhe atribuem. Na obra *Veneno Remédio*, José Miguel Wisnik, ao fazer uso de contraposições como recurso de análise, opõe em uma análise estética o futebol ao rúgbi em conjunto com o futebol americano, lançando ambas as modalidades em uma oposição ao futebol como se dividissem entre si muitos aspectos quanto às suas “lógicas”:

“[...] o futebol inglês e o rúgbi são, no campo da cultura de massas, o canto do cisne do império britânico. Essa invenção dupla se separa em duas correntes de destinos contrapostos: uma se constituiu, não sem razão, na base do futebol americano que comporá o imaginário dominante do novo império; a outra se espalhou pelo mundo inteiro fazendo emergir e desvelar os perfis de outras culturas, criando o seu multifacetado império lúdico, cujo domínio é disputado pelo império econômico. Sintomaticamente, os destinos dessa dupla corrente encontram os seus pontos extremos nos Estados Unidos e no Brasil: o futebol americano injetou no rúgbi um máximo de rendimento programado mensurável; o futebol brasileiro extraiu do futebol inglês um máximo de gratuidade e ‘diferença’ [...] Pode-se dizer que, no rúgbi e no futebol americano, trata-se de controlar e neutralizar ao máximo possível a ‘lógica dialética’ e a ‘lógica da diferença’: a primeira funciona, neles, em ações alternadas e dualistas, claramente contrapostas e separadas de ataque e defesa, sem o movimento contraditório e propriamente ‘dialético’ das funções entremeadas; a segunda carece de espaços para ações gratuitamente lúdicas e ‘improdutivas’”

⁵³⁵ Exemplo interessante de tal processo pode ser constatado no golfe. O historiador Luiz Burlamaqui entrevista Fábio Egypto, figura importante no golfe brasileiro, que comentou acerca de sua adesão ao esporte: “você começa a jogar e não quer mais largar, primeiro porque é sempre num clube maravilhoso, num ambiente lindo, e depois é um jogo difícil, sendo um jogo difícil encanta sempre aquele que pratica”. ROCHA, Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto. *A outra razão: os presidentes de futebol entre práticas e representações*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense, 2013, p. 44.

A comparação é completamente indevida. Ao opor o futebol ao rúgbi pelo aspecto da dispersão pelo mundo – e ainda ao fazer uso da noção de “destino” – o autor ignora o próprio “império lúdico multifacetado” do rúgbi, que assumiu “estilos”⁵³⁶ distintos entre seus países praticantes, em processo desencadeado justamente a partir da fixação de regras⁵³⁷ e, evidentemente, não se resumiu às alterações promovidas na América do Norte que originaram o futebol americano⁵³⁸.

⁵³⁶ Para Toledo, no futebol, “as regras não determinam ou instruem totalmente as maneiras de jogar, o que revela nas *formas* de jogo uma espécie de “segunda natureza” do esporte, ambas acopladas ainda a uma “terceira natureza”, identificada nas representações que consolidam as anunciadas “escolas”, “jeitos” ou “estilos”, categorias nativas em relação que determinam os modos de conceber e vivenciar o futebol praticado em várias partes do mundo, ou mesmo dentro de um mesmo país, como parece ser o caso brasileiro ao anunciar várias escolas, muitas vezes difíceis de serem tecnicamente distinguidas, mas que revelam disputas pela hegemonia do “jogar à brasileira”: a “escola paulista”, “carioca”, “gaúcha” e etc”. Ver: TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no futebol: dimensões simbólicas de um esporte nacional*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2000, p. 72. Para o rúgbi, o mesmo raciocínio é certamente válido e estilos particulares de se entender o jogo são atribuídos a países e regiões onde o rúgbi tem difusão, sendo frequentemente usados para caracterizar o rúgbi de cada país. As escolas ou estilo “sul-africano”, “fijiano”, “galês”, “neozelandês”, “francês”, “inglês” sugerem características bem específicas de se jogar rúgbi quando são citados, assim como distinções regionais, como na Argentina, entre um estilo “de Córdoba” ou “de Buenos Aires”, ou na África do Sul, como o distinto estilo “de Free State”. Os antagonismos entre os estilos marcam profundamente as discussões sobre as abordagens nas formas de se jogar. Por exemplo, pode-se falar em antagonismo entre uma escola “francesa” e uma escola “inglesa”, em uma distinção genérica ligado a ênfase maior no jogo de passes, do lado francês, ou do jogo de impacto físico, do lado inglês. Entretanto, dentro da “escola francesa”, Pociello propõe a existência de três estilos, que se misturam localmente, o *rugby panache* (o rúgbi de ênfase ofensiva e de habilidade individual no manuseio da bola, do improvisado), ligado a Paris, o *rugby des décisions*, tecnicista, e o *rugby de tranchées* (das trincheiras), combativo fisicamente e associado a uma expressão regional do Sudoeste. POCELLO, Christian. *Le rugby*. Paris: Presses Universitaires de France, 1988, pp. 63-70.

⁵³⁷ Bromberger atenta que o processo de regulamentação do jogo leva também à criação de diferenças na forma com que os praticantes se relacionam com as regras. BROMBERGER, Christian. *Le match de football: ethnologie d'une passion partisane à Marseille, Naples et Turin*. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1995, p. 123.

⁵³⁸ Assim como o rúgbi, o futebol americano criou seu próprio mito fundador, Walter Camp, estudante de Yale, oriundo de família rica de Connecticut. Em 1880, Camp propôs a abolição do *scrum*, inventando o *snap*, o passe dado a partir da linha de *scrimmage* (linha de jogadores chamada assim por derivar o *scrum* do rúgbi, na qual as duas equipes alinham jogadores frente a frente) para o atleta denominado *quarterback* (termo usado pelo rúgbi na Escócia para designar o *scrum-half*) que inicia as jogadas do futebol americano. A originalidade de Camp quanto a tal inovação é colocada sob questão uma vez que em 1875 a “Football Convention” canadense, reunião de clubes de *football* em Toronto que decidira pela adoção da prática do rúgbi pelas regras da RFU inglesa. Os clubes que haviam votado contra tal resolução haviam proposto justamente a abolição do *scrum*. Um ano depois foi fundada nos Estados Unidos a primeira associação de *football* universitária, formada por Columbia, Harvard, Princeton e Yales, e que também decidira pela adoção das regras da RFU. Em 1880, outra sugestão de Camp foi a redução do número de jogadores, de 15 para 11, o que acabou aceito e, em 1882, a introdução do conceito de *downs*, isto é, a troca de posse de bola após uma sequência de jogadas, daria ao futebol americano um aspecto bem distinto do rúgbi daquele momento. Ainda assim, como argumenta Collins, tais mudanças, bem como a liberação do bloqueio contra um jogador sem a posse da bola, já haviam aparecido em variações do rúgbi na Grã-Bretanha ou no Canadá anteriormente, criticando a criação do mito fundador de Camp. A legalização do passe para a frente, em 1906, seria a inovação que distinguiria definitivamente o futebol americano do rúgbi. COLLINS, Tony. *The Oval World. A Global History of Rugby*. London: Bloomsbury, 2015, pp. 165-8.

Ademais, a “lógica” do rúgbi não distingue ataque de defesa, tampouco apresenta-se como um jogo de mera alternância de ações sem circulação da bola. No jogo de rúgbi, desde o século XIX, não existe qualquer cisão de funções entre os atletas no jogo aberto, uma vez que todos os jogadores em campo disputam a bola seja no ataque ou na defesa, aproximando-se do futebol nesse sentido, em uma disputa contínua pela posse da bola somente interrompida em caso de pontuação ou infração⁵³⁹.

“Além do mais, o rúgbi e o futebol americano não são jogos ‘de circulação da bola’, mas, ao contrário, jogos em que o essencial é o combate físico entre os homens pelo domínio territorial. A bola não é circular, mas ovóide, bicuda com um míssil apto a ser lançado à distância, além de ser carregada aos trancos, sem deslizar pelo chão. Abrindo mão de sua esfericidade, ela não tem vida própria e se resume num ‘catalizador da luta’ pelo território, um ‘pretexto para se bater’ visando à progressão parcelada sobre o terreno até a destruição simbólica de sua posição”⁵⁴⁰

Aqui, novamente, há uma confusão entre o rúgbi e o futebol americano que invalida o argumento. No rúgbi, a bola é ovoide, mas não é utilizada “como um míssil”, uma vez que, ao contrário do futebol americano, ela não pode ser lançada para a frente em hipótese alguma. Não há no rúgbi lançamento da bola com as mãos, somente trocas de passes (sem efetuados para um jogador que esteja atrás ou na mesma linha do portador da bola) que mantém a bola em movimento constantemente e lhe dão “vida”. O formato ovoide da bola, o fato dela somente ser passada para trás, em um movimento “antinatural” (pois o jogador desfere o passe contra seu campo de visão “natural”), e o risco constante do jogador com a posse da bola receber uma colisão (ou ainda a divisão da atenção do jogador que esteja em vias de receber um passe entre o cuidado no manuseio da bola e a

⁵³⁹ No futebol americano, a interrupção do jogo aberto ocorre sempre que o jogador com a posse da bola é derrubado (quando recebe um *tackle*), a bola vai ao solo pós um passe incompleto ou quando sai de campo, ou ainda quando um ponto é anotado. A diferença central com relação ao rúgbi está no fato de um *tackle* que leve um jogador ao solo e de um passe incompleto não significarem a interrupção do jogo aberto. Nesse sentido, o tempo de bola em jogo no rúgbi é muito superior ao do futebol americano, aproximando-se da dinâmica do futebol “association”.

⁵⁴⁰ WISNIK, José Miguel. *Veneno Remédio. O futebol e o Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 2008, p. 145.

pressão em sofrer o contato físico) dificultam a troca de passes, criando imprevisibilidade constante em sua sequência. Caso a bola escape do controle do jogador e caia no chão, projetando-se para a frente, é marcada uma infração, o chamado *knock-on*, com a posse da bola trocando de lado, o que significa um risco a mais para seu manuseio⁵⁴¹. Ao “abrir mão” de sua esfericidade, a bola de rúgbi de forma alguma deixou de ter vida própria, ao contrário, se tornou objeto de incerteza e catalizadora do imponderável⁵⁴².

Ademais, como já apresentado, o jogo de chutes é característica importante do jogo de rúgbi, uma vez que a bola pode a qualquer momento da partida ser golpeada com os pés para a frente⁵⁴³, em distinção da proibição do lançamento da bola com as mãos para a frente. O recurso de se pontapear a bola é usado em uma gama de situações. Entre as várias opções de ordem tática, o chute pode ser dado com os objetivos de:

- Colocar um companheiro de equipe em posição favorável para marcar um *try*;
- Ganhar vantagem sobre um defensor, com o próprio chutador apanhando a bola a frente;
- Devolver a bola ao oponente, colocando-o sob pressão em seu campo defensivo, em situação perigosa em caso de erro na tomada de decisão ou mesmo na recepção da bola;
- Ocasionar uma disputa de bola que ofereça a chance de um ganho territorial significativo;
- Colocar a bola para fora do campo deliberadamente, com o mesmo intuito de colocar pressão sobre a equipe adversária em posição desfavorável no campo;
- Afastar uma situação de perigo no campo defensivo;

⁵⁴¹ A infração de *knock-on*, entretanto, não é assinalada instantaneamente, pois a “vantagem” é priorizada, isto é, o jogo não é paralisado caso a equipe que se beneficiaria do *knock-on* tome a posse da bola imediatamente após o erro do oponente.

⁵⁴² Na realidade, o rúgbi não “abriu mão” da esfericidade da bola. Dunning e Sheard sugerem que o formato oval é preferido pela ênfase em se carregar a bola, diferente do futebol, no qual conduzir e pontapear a bola dão maior sentido à esfericidade da bola. DUNNING, Eric. SHEARD, Kenneth. *Barbarians, Gentlemen and Players. A sociological study of development of rugby football*. 2ª edição. London: Routledge, 2005, p. 63.

⁵⁴³ Entretanto, somente os jogadores que estiverem atrás ou na mesma linha do chutador (entre os jogadores da equipe do chutador) estão em posição de disputar a bola que fora chutada. O jogador que estiver a frente do chutador deve aguardar ser ultrapassado pelo mesmo para passar a estar em condições de participar da disputa pela bola. Cf. *Laws of Rugby*, 2017, Lei 11.

- Buscar a posse da bola ou tirar a bola da posse da equipe adversário, através de um chute curto quando a bola cai ao solo;

O uso dos pés no rúgbi vai, portanto, muito além da obtenção de pontos (ou da disputa do *scrum*, já mencionada). E, claro, a forma ovoide da bola cria dificuldades também com os pés, assim como a pressão dos adversários, que podem tentar bloquear o chute ou derrubar o jogador que esteja em vias de desferir o pontapé.

Em novembro de 1928, *OESP*, como já referenciado, analisa os motivos da não difusão do rúgbi no Brasil e, no entanto, ressalta a beleza das partidas, sendo o jogo “mais variado que o Associação, muito mais movimentado”. Para o autor anônimo, “nada mais bello, com efeito, do que ver um dianteiro apoderar-se da bola e correr com ela em direção à meta inimiga, com risco de ser deitado por terra por um adversário mais rápido ou mais ágil ou mais forte”. O autor ainda considera ser atrativo do rúgbi o formato da bola, “são fases interessantíssimas, porque a forma da bola causa extraordinárias surpresas e porque as regras do jogo favorecem muito a iniciativa individual⁵⁴⁴”.

Nesse caso, o uso dos pés e a imprevisibilidade dos pontapés e do jogo de passes (no caso do rúgbi, a partir do manuseio com as mãos) não são exclusivos do futebol, ainda que o que diferencie o futebol do rúgbi seja justamente a interdição das mãos do lado da bola redonda, a despeito das exceções que o futebol tem (o arremesso lateral e a atuação de goleiro)⁵⁴⁵.

Aspecto importante ainda do jogo de rúgbi é a interdição do contato físico brusco com jogadores que não estejam da posse da bola, o que o difere do futebol americano. O

⁵⁴⁴ Cf. *O Estado de S. Paulo*, 14 de novembro de 1928.

⁵⁴⁵ A interdição das mãos no futebol foi um processo paulatino. Por exemplo, até 1905, o goleiro tinha permissão para usar as mãos fora da área. TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no futebol: dimensões simbólicas de um esporte nacional*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2000, p. 55.

Como pontua Tony Collins, o uso das mãos no século XIX era aspecto central de todas as formas de *football*, inclusive nas formas de *football* comumente atribuídas como as predecessoras do futebol (*Association*), no caso as regras de Eton, Cambridge ou Sheffield entre os anos 40 e 60. Collins aponta que o que distinguia o rúgbi não era o uso das mãos e sim o ato de correr com a bola em mãos. Entretanto, pelas Leis do Rugby de 1845, só era possível correr com a bola em mãos se ela fosse apanhada no ar, não sendo permitido correr com a bola se ela tivesse sido apanhada diretamente do chão. Ademais, em crítica à obra de Dunning e Sheard, Collins salienta a fluidez dos footballs e meados do século XIX e as notáveis diferenças do *football* de Eton com as regras de 1863 da *Football Association*, contestando a tese dos autores de uma relação de alteridade e diferenciação empreendida entre o *football* da Escola de Rugby com os *footballs* de escolas de condição social superior ao de Rugby. COLLINS, Tony. “History, Theory and the ‘Civilizing Process’”. In: *Sport in History*. Vol. 25, nº 2. London: Routledge, Agosto/2005, p. 293.

tackle, ou “placagem”⁵⁴⁶, em português luso, é a ação de se derrubar o jogador que tem a posse da bola, sempre com o uso dos braços e troncos (e jamais das pernas, desde a interdição do *hacking*), mas cuja forma de contato legal foi ajustada ao longo dos anos⁵⁴⁷. Em *Lógicas do Futebol*, Luiz Henrique de Toledo, ao comentar sobre as práticas aclimatadas do futebol na Rússia nos anos 1940, aponta que a ação dos zagueiros russos de se impedir por meio do contato físico brusco que os adversários chegassem à bola seria “uma estratégia de jogo ainda muito próxima àquela utilizada no rúgbi e em outros esportes semelhantes de intenso contato físico em que se deve afastar os adversários do companheiro de equipe que está de posse da bola⁵⁴⁸”. Tal ação, na realidade, é impossível no rúgbi pela interdição ao contato brusco com os jogadores sem a posse da bola dentro do jogo aberto, ou seja, nas situações fora das formações.

As modalidades que romperam com o rúgbi em busca pelo profissionalismo, isto é, tanto o *Rugby League*, na Inglaterra e na Austrália, como o Futebol Americano e seu irmão Futebol Canadense (*Gridiron Football*⁵⁴⁹), na América do Norte, enfrentaram nessa virada de século a mesma questão: como garantir mais jogo aberto ou, em outras palavras, como tornar o jogo mais “amigável” ao espectador? Se na América do Norte a inovação foi a adoção do passe para a frente⁵⁵⁰, no *League* a redução do valor dos chutes em comparação ao *try*, em 1897⁵⁵¹, e a redução do número de jogador, de 15 para 13, em

⁵⁴⁶ No Brasil o termo em inglês foi mantido, ao passo que em Portugal é comumente utilizado o termo *placagem*, análogo ao termo francês *plaquage*.

⁵⁴⁷ Pelas *Leis do Rugby* atuais, o *tackle* é definido na Lei 15 como:

“Um tackle ocorre quando o portador da bola é agarrado por um ou mais oponentes e levado ao solo;

Um portador da bola que não está agarrado não é um jogador tackleado [sic] e não houve tackle;

Aos jogadores oponentes que agarram o portador da bola e o derrubaram ao solo, e que também vão ao solo, denomina-se tackleadores [sic];

Os jogadores oponentes que agarram o portador da bola e não vão ao solo não são tackleadores [sic]”. Cf. *Laws of Rugby*, 2017, Lei 15.

⁵⁴⁸ TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no futebol: dimensões simbólicas de um esporte nacional*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2000, p. 60.

⁵⁴⁹ O termo “Gridiron Football” serve para designar as duas modalidades aparentadas, futebol americano e futebol canadense. O termo faz referência ao campo de jogo, cujas linhas lhe dão a aparência de grelha, isto é, “gridiron”, em inglês. *Cambridge English Dictionary & Thesaurus*. Cambridge University Press, Versão online. Acessado em 01/2017.

⁵⁵⁰ Em 1906, após a questão do excesso de fatalidades no futebol americano no ano de 1905 ganhar repercussão nacional a ponto de se tornar assunto de interesse político, com a presidência de Theodore Roosevelt pressionando para que as regras do esporte sofressem modificações com o intuito de tornar o jogo menos perigoso.

⁵⁵¹ Em 1897, o *Rugby League* reduziu o valor de todos os seus chutes a gol, com o chute de penalidade, o chute de conversão, o *drop goal* e o *goal from mark* passando a valer o mesmo, 2 pontos. Mudanças na pontuação ainda ocorreriam posteriormente no *League*, com a eliminação do *goal from mark*, em 1922, e a

1906, foram as soluções imediatas, acompanhadas ainda de uma mudança importante na definição do jogo contida em suas leis: “o objetivo do jogo é chutar a bola acima do travessão e entre os postes” para “o objetivo do jogo é cruzar a linha de meta do oponente para marcar tries e chutar a bola acima do travessão e entre os postes”⁵⁵².

O mesmo processo de transformação do jogo em favor do espetáculo mais corrido e aberto se deu no próprio futebol entre as décadas de 1870 e 1880, quando o jogo de dribles (o *dribbling game*), mais truncado, foi sendo abandonado em favor do jogo de passes (*passing game*), levando a um aumento do interesse do público pelas partidas e do número de praticantes⁵⁵³.

Entretanto, é bom compreender que, embora os valores das pontuações tenham sido mantidos inalterados no rúgbi (*Rugby Union*) entre 1905 e 1948, isso não significa que o jogo não tenha mudado. A partir dos anos 1950, uma série de alterações nas leis foram efetuadas para se privilegiar o jogo ofensivo e punir as táticas defensivas mais destrutivas. O momento pós Segunda Guerra Mundial no rúgbi foi de sua aproximação com o espetáculo, ainda que mantivesse seu *ethos* amador⁵⁵⁴.

No entendimento de Toledo sobre os motivos da expansão do futebol, a alteração das regras no final do século XIX e início do XX “conferiram um maior dinamismo e expectativa ao jogo, uma vez que o tempo de bola parada, de posse dos goleiros, foi diminuído, maximizando o segundo princípio, a fruição e o prazer⁵⁵⁵”. A busca pelo jogo aberto, portanto, seria de alguma forma comum às alterações das regras em todos os *football*, mas em cadências diferentes. Nesse sentido, a ideia da simplicidade das regras do futebol como fator a favor de sua popularização precisa ser entendida em conjunto com o jogo aberto, que facilita a visualização, compreensão e, portanto, fruição estética

redução do *drop goal* para 1 ponto, em 1971. COLLINS, Tony. *Rugby's Great Split: Class, Culture and the Origins of Rugby League*. London: Routledge, 2006, p. 164.

⁵⁵² ‘The object of the game shall be to kick the ball over the crossbar and between the posts’ to ‘the object of the game shall be to cross, an opponents goal-line to score tries and kick the ball over the crossbar and between the posts’. In: COLLINS, Tony. *Op. Cit*, p. 166.

⁵⁵³ RUSSELL, Dave. *Football and the English: A social history of Association Football in England, 1863-1915*. Preston: Carnegie Publishing, 1997, pp. 156-180.

⁵⁵⁴ DUNNING, Eric. SHEARD, Kenneth. *Barbarians, Gentlemen and Players. A sociological study of development of rugby football*. 2ª edição. London: Routledge, 2005, p. 197.

⁵⁵⁵ TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no futebol: dimensões simbólicas de um esporte nacional*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2000, p. 57.

das jogadas da parte do torcedor. A simplicidade aqui poderia ser entendida antes de mais nada pela orientação parcial das regras ao espectador, e não apenas ao jogador.

O que decerto se pode apreender ao se analisar o jogo de rúgbi esteticamente para o espectador nas três primeiras décadas do século XX é que, acima de uma suposta complexidade de regras ou de um “excesso” de contato físico, a característica mais saliente do rúgbi era justamente seu desinteresse pelo espectador e, portanto, pelo espetáculo, seja na formatação de suas regras (que quase exigiam alguma primeira imersão prática do espectador no jogo na condição de praticantes para lhe propiciar uma apreciação mais rica do jogo na condição de espectador), seja na sua própria atitude (importada do contexto britânico) com relação à sua espetacularização.

Tal desapego pelos grandes públicos, ao menos nos círculos dos clubes (uma vez que o mesmo não pode ser dito quanto aos jogos entre selecionados regionais e nacionais), no entanto, não significava que o rúgbi não fosse dotado de mecanismos de visibilidade que ofereciam a sua praticante distinção. Muito pelo contrário. O rúgbi amador mundo afora, nesse sentido, em nada se diferenciava do futebol amador, por exemplo, praticado e espetacularizado pelas elites paulistanas do início do século XX. Tomando o conceito de Elias das cadeias de interdependência, Dunning demonstrou como o conceito de amadorismo não se opõe ao da seriedade, isto é, que a dicotomia amador-profissional não seria correlata do par divertimento-seriedade. O esporte amador seria, portanto, permeado por forte componente de competitividade.

Igualmente, a inserção do esporte no currículo escolar das elites, tomando notável centralidade no mundo britânico desde seu nascedouro no século XIX, quebra com a noção de jogo como divertimento desinteressado. Para Dunning:

“(…) a tendência para nomear e promover pessoal de acordo com um critério desportivo mais do que segundo um critério acadêmico; 2) a seleção de professores, isto é, dos rapazes que assumiam os comandos nas escolas, com base, em especial, na capacidade demonstrada no desporto; 3) a elevação do desporto a uma posição dominante e, em certos casos, proeminente, no currículo; 4) a racionalização educativa do desporto, em particular das equipas, como um instrumento de treino do caráter; e 5), a

participação de membros do pessoal docente na organização e nos jogos dos seus alunos(...)⁵⁵⁶

A participação efetiva de docentes nos jogos e o uso desses como ferramentas pedagógicas de formação de caráter gestavam uma proeminência maior do esporte na vida futura dos estudantes. Para Toledo, a introdução desses valores de seriedade desde cedo já moldava a ética amador:

“Ali, o futebol ou o rúgbi já estavam gestados como possibilidades de ganho social e visibilidade evidentes antes do movimento de profissionalização. Esta prática amadora se transformaria e se cristalizaria numa ideologia contrária aos perigos do profissionalismo somente em contraste com o espraiamento dos esportes entre as camadas populares, que vislumbravam as possibilidades de recompensa e ganho, materiais e simbólicos, com os esportes. Portanto, esta ética amadora configurou-se mais como uma autodefesa de classe e de distinção social perante a possibilidade de ascensão social dos segmentos populares que, efetivamente, um esforço contrário ao processo de desencantamento do esporte praticado apenas por divertimento”⁵⁵⁷

Nesse sentido, o elogio ao amadorismo do rúgbi também seria mais do que esperável, a partir do momento em que a defesa do amadorismo perdia seu espaço no futebol, como já observado na metade final dos anos 20.

Apesar do fim do rúgbi na AAP e no CAP, houve em 1933 a primeira tentativa de se instituir um órgão regente do rúgbi no país, empreendida com a Federação Brasileira de Futebol (FBF), que colocou em suas prerrogativas ser a “suprema dirigente do futebol amador e profissional, e constituída por todas as Ligas ou Associações que em todo

⁵⁵⁶ DUNNING, Eric. “A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto”. In: DUNNING, Eric; ELIAS, Norbert. *Em busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992, p. 314.

⁵⁵⁷ TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no futebol: dimensões simbólicas de um esporte nacional*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2000, p. 246.

território nacional dirijam de facto e eficientemente o Association ou Rugby”⁵⁵⁸. Até então, a ausência de uma regulação nacional para o rúgbi persistia⁵⁵⁹.

A entidade fora fundada em outubro 1933 pela *Liga Carioca de Football* e pela *Associação Paulista de Esportes Atléticos* (APEA) pela recusa da *Confederação Brasileira de Desportos* (CBD) em aceitar o profissionalismo. Com o CAP já sem atividades de rúgbi e com a AAP extinta, a associação do rúgbi à entidade que regulava o esporte profissional destoava da defesa ávida do rúgbi pelo amadorismo em outras partes do mundo e, de qualquer modo, não teve maiores desdobramento, com os jogos entre os paulistas e fluminenses, com suas equipes majoritariamente britânicas, persistindo com a disputa da *Taça Beilby Alston* sem organização direta da entidade⁵⁶⁰.

No mesmo momento em que a FBF se organizava e se colocava como pretensa organizadora do rúgbi, vinham da França as notícias sobre o movimento de fundação da FIRA, concretizada em 1934. Como já mencionado, a FIRA nascera como uma resposta francesa à sua exclusão do Torneio das Cinco Nações, acusada de práticas profissionais, e se voltou à Europa Continental em um primeiro momento, onde até então não havia uma entidade supranacional para o rúgbi e da qual o IRB mantinha distância e pouco interesse. O movimento de fundação da FIRA ganhara o noticiário na *Folha*⁵⁶¹, o que significa que não passara despercebida mesmo não tendo o Brasil envolvido.

Já em outubro de 1933, com a campanha pelo profissionalismo no futebol vencida no Brasil, mas ainda com o debate ainda persistente acerca da questão, a *Folha* publicou um artigo elogiando os benefícios do profissionalismo ao futebol argentino, comentando na mesma nota a popularidade do rúgbi no país vizinho⁵⁶². O momento de fundação da FIRA se deu logo após a FIFA, no futebol, iniciar a realização de sua Copa do Mundo, e em um momento no qual o COI vivia uma intensa discussão sobre as práticas

⁵⁵⁸ Cf. *Folha*, 04 de outubro de 1933.

⁵⁵⁹ Em 01 de maio de 1929, o *Diário Carioca* sugerira tal ausência de regulação ao comentar a cessão do campo do Botafogo para o RCAA jogar rúgbi.

⁵⁶⁰ As fontes posteriores a 1933 brevemente analisadas que versam sobre os jogos de rúgbi são majoritariamente em inglês, dos jornais da comunidade anglo-brasileira, e não mencionam qualquer participação da FBF, que foi extinta em 1937.

⁵⁶¹ Cf. *Folha*, 06 de setembro de 1933.

⁵⁶² Cf. *Folha*, 18 de outubro de 1933.

profissionais, que levaram, por exemplo, à ausência do futebol nos Jogos Olímpicos de Los Angeles em 1932⁵⁶³.

Em 1934, o COI finalmente adotou sua definição de amadorismo a ser aplicada em quaisquer modalidades:

“Um amador é aquele que pratica esporte exclusivamente por amor esporte e para seu próprio prazer, sem qualquer intenção de um espírito de ganância de obter qualquer lucro direto ou indireto. Cada Federação Internacional deverá regular e controlar a aplicação deste princípio fundamental”⁵⁶⁴

Tal estabelecimento de regras mais claras para o princípio do amadorismo pelo COI levou tanto à volta do futebol aos Jogos em 1936, em Berlim, como a uma breve reaproximação do rúgbi, com a realização também na capital germânica naquele ano de um torneio internacional de rúgbi (não organizado pelo COI) envolvendo Alemanha, França, Itália e Romênia, em um primeiro movimento da FIRA de promover o espetáculo do rúgbi em sua roupagem amadora e inspirada no olimpismo. Tratam-se de movimentos concomitantes que, decerto, não ocorreram desconexos e delineiam as forças em jogo naquele momento.

Mas, para não fugir do período de análise aqui proposto e voltando a 1933, cabe destacar que, em outubro, em meio ao debate da adoção do profissionalismo, a *Folha* realizou uma entrevista com Charles Miller, na época com 59 anos de idade. Interrogado sobre o profissionalismo, Miller manifestou apoio reticente à prática e lembrou o papel da concorrência amadora do rúgbi:

⁵⁶³ Como analisa Sérgio Giglio, a FIFA retira de seu estatuto a definição sobre o amadorismo em 1932, deixando a cargo das federações nacionais suas resoluções sobre o assunto. Em meio às reformas estruturais nos Jogos Olímpicos promovidas pelo COI, que levaram a redução do tempo de realização dos Jogos para duas semanas e o reforço do estatuto amador dos atletas, o futebol optou por seguir o caminho de criar sua própria competição internacional e abandonar momentaneamente os Jogos. GIGLIO, Sérgio Settani. COI X FIFA: a história política do futebol nos Jogos Olímpicos. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, pp. 169-79.

⁵⁶⁴ *Bulletin Officiel du Comité International Olympique*, n. 26, outubro de 1934, p. 8-12. *Apud*: GIGLIO, Sérgio Settani. COI X FIFA: a história política do futebol nos Jogos Olímpicos. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013, p. 179.

“Reputo justa essa maneira de se praticar o futebol. Em verdade, para muitos, com a remuneração, o futebol deixará de ser praticado como esporte, mas sim como meio de vida, e, dahi, a sua prática não muito correta, porquanto deve ser realizado como exercício physico e não exclusivamente com o fito monetário. Por outro lado, considero justa a remuneração recebida pelos jogadores por uma razão muito simples: um jogador pobre, sujeito a empregos, não poderia, como é claro, estar se entregando como se faz necessário aos seus treinos e viagens para jogos fora da cidade que habita [...] O profissionalismo vem resolver esse problema [...] Na Inglaterra, o rugby está substituindo o futebol por uma razão muito simples: se não me engano, no rugby o profissionalismo não é permitido e, assim, nas universidades, para que seja evitada a entrada em seus quadros de jogadores remunerados, o futebol pouco é praticado, enquanto que o rugby é mais procurado”⁵⁶⁵

A partir da instituição do profissionalismo no futebol brasileiro, a relação de alteridade com o rúgbi certamente ganha outra faceta, uma vez que a oposição entre as relações sociais internas de cada modalidade tornava-se mais latente, pela oposição entre um amadorismo pouco flexível – e em momento de recrudescimento nos anos 30 ao redor do mundo “oval” – e um profissionalismo já legitimado.

Em 1934, brevemente, o rúgbi fora praticado no *Sport Club Germânia*⁵⁶⁶, com treinos sendo anunciados em março⁵⁶⁷ e com o clube enfrentando os britânicos do *São Paulo Rugby Football Club*, herdeiro do time da AAP, já em abril⁵⁶⁸. Mas o rúgbi, ao fim ao cabo, não encontraria mais em São Paulo terreno semelhante ao do fim dos anos 20 para ganhar seu espaço em clubes como o CAP, a AAP ou o próprio SCG. Com a promulgação da nova constituição brasileira, em julho de 1934, por Vargas, novas forças entraram em ação no esporte brasileiro e não caberão serem analisadas detalhadamente neste trabalho.

⁵⁶⁵ Cf. *Folha*, 25 de outubro de 1933.

⁵⁶⁶ A introdução do rúgbi no Germânia ocorre em um momento de alta do rúgbi alemão, prestes a receber o torneio da FIRA, realizado em maio.

⁵⁶⁷ Cf. *Folha*, 22 de abril de 1934.

⁵⁶⁸ Cf. *Folha*, 06 de abril de 1934.

Com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, o espetáculo esportivo passou a ganhar uma faceta de interesse de Estado, no fomento ao sentimento nacionalista⁵⁶⁹. Logo em 1932, Vargas ineditamente recebeu a seleção brasileira de futebol após vitória na Copa Rio Branco contra o Uruguai, com direito a desfile em carro aberto pelas ruas do Rio de Janeiro. Como defende Denaldo Alchorne de Souza, as disputas dentro do campo esportivo brasileiro no início dos anos 1930 transformaram a visão majoritária acerca da intervenção estatal nas questões do esporte, antes vista com refração pelos grupos dominantes, que prezavam o desenvolvimento autônomo e privado do esporte, tendo no movimento de profissionalização e a espetacularização do esporte, em especial do futebol, seu pivô. A aproximação naquele contexto do campo esportivo ao campo político teria por objetivo a “oficialização” do esporte, num movimento no qual o esporte seguiria nas mãos da iniciativa privada, mas ganharia reconhecimento e apoio governamentais, em contrapartida de uma atuação “patriótica” dos clubes esportivos, já nos anos do Estado Novo⁵⁷⁰.

Nesse contexto, a aproximação do governo às manifestações culturais populares era ferramenta essencial na construção do regime autoritário⁵⁷¹. A profissionalização do futebol em 1933, um ano antes da participação do Brasil na segunda Copa do Mundo, teria sido um primeiro passo nessa relação de troca de capital simbólico entre os campos esportivo e político com os objetivos de servir de propaganda política, de intermediar as relações entre Estado, juventude e classe trabalhadora e de criar um sentimento de coesão nacional, o que seria levado a cabo mais sistematicamente ao longo do regime do Estado Novo (1937-45)⁵⁷². Ainda que o rúgbi possa ter passado à margem de tais questões e ter seguido vinculado à comunidade britânica, não caberá aqui a análise dos anos que se seguiram.

⁵⁶⁹ Para Eric Hobsbawm, o espetáculo esportivo no Entreguerras se tornou um meio de fomento ao nacionalismo. Segundo o historiador, “a imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de onze pessoal com nome. O indivíduo, mesmo aquele que só torce, torna-se o próprio símbolo da nação. HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos: o Breve Século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 171.

⁵⁷⁰ SOUZA, Denaldo Alchorne de. *O Brasil entra em campo! Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-47)*. São Paulo, Annablume, 2008, pp. 39-48.

⁵⁷¹ GOMES, Angela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro, Iuperj Vertice, 1994, p. 178.

⁵⁷² DRUMOND, Maurício. *Estado Novo e Esporte: a política e o esporte em Getúlio Vargas e Oliveira Salazar (1930-1945)*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014, pp. 103-56.



Imagem 31 - Equipe britânica de 1936 - "The British Rugby Touring Side versus Brazil Selection XV - Arquivo LUDENS - Leon Williams Rheims



Imagem 32 - Equipe brasileira de 1936 - "The British Rugby Touring Side versus Brazil Selection XV - Arquivo LUDENS - Leon Williams Rheims

5. Considerações Finais

“Não restam dúvidas também que, em lugar do futebol, poderia ter sido introduzido em nosso paiz um outro esporte qualquer, como o rugby que domina em várias nações o ‘soccer’”⁵⁷³

Palavras acima do próprio Charles Miller, que são apropriadas para o encerramento deste trabalho. Se a ele foi atribuído postumamente o título indevido de fundador do rúgbi brasileiro e com ele este trabalho se iniciou, começando a análise da introdução do rúgbi no Brasil a partir do viés do mito fundador, por meio dele também parte a conclusão mais óbvia de que o rúgbi reunia elementos importantes para que tivesse ganho maior projeção no Brasil no início do século passado, mas sua difusão esbarrou em um conjunto intrincado de razões para que não se apresentasse como uma modalidade esportiva sedutora para a sociedade brasileira naquele momento, tomando São Paulo como estudo de caso.

A seletividade coletiva fez com que alguns esportes vingassem, enquanto outros fossem relegados a círculos restritos de praticantes. Os indivíduos agem em correlação uns com os outros e ensinar aos amigos as regras de um jogo importado não seria suficiente para sua popularização e espetacularização. O rúgbi e o caso de Charles Miller são exemplo disso. Nesse caso o interesse inicial pessoal de Miller pelo rúgbi não repercutiu com a mesma intensidade na coletividade como ocorrera com o futebol⁵⁷⁴.

Ainda que o rúgbi tenha uma matriz em comum com o futebol e a difusão das duas modalidades dentro da Grã-Bretanha e dela para o resto do mundo tenham se dado sempre em íntima relação, observou-se o insucesso repetido do rúgbi em se disseminar para além da comunidade de britânicos e anglo-descendentes de São Paulo no período da República Velha, precisando esperar o fim da Segunda Guerra Mundial para que a modalidade ganhasse novo impulso.

⁵⁷³ MILLER, Charles. Em entrevista à *Folha da Manhã*. Cf. *Folha*, 25 de outubro de 1933.

⁵⁷⁴ GAMBETA, Wilson Roberto. *A bola rolou. O Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol. 1895 – 1916*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014, p 14.

Longe de ter sua prática restrita a São Paulo, o rúgbi fora praticado de norte a sul do Brasil ao longo da Primeira República, o que, decerto, não surpreende. Onde havia britânicos ou brasileiros que estudaram na Europa, iniciativas de exercícios de rúgbi eram esperáveis, em um momento no qual o desenvolvimento de modalidades esportivas era tido como marca de modernidade e o associativismo (a constituição de clubes que reunissem indivíduos de interesses comuns, estabelecendo espaços de sociabilidade) ganhava impulso nos primeiros anos do regime republicano, de um Brasil que vivia transformações profundas com a imigração europeia, a industrialização e a urbanização crescentes. Nesse cenário, a restrição do trabalho ao contexto paulistano se fez necessário para tornar possível uma compreensão mais nítida de como o rúgbi se iniciou e quais foram as barreiras a seu desenvolvimento. A expressividade do desenvolvimento inicial do rúgbi em São Paulo, onde a bola oval foi jogada com maior regularidade com relação a outras partes do país, lançou a luz à capital paulista.

A escassez de pesquisas acerca do rúgbi no Brasil levou à necessidade primeira de um trabalho de identificação de fontes documentais para o período e o espaço delimitados, bem como do exercício de periodização, com a leitura das fontes permitindo a delimitação e caracterização de momentos distintos das atividades de rúgbi em São Paulo. Paralelamente, a identificação de um mito fundador para o rúgbi no país, Charles Miller, tornou interessante que o início da análise se voltasse justamente à crítica da construção desse mito, necessária à consolidação e justificativa da periodização proposta.

A questão do mito fundador se tornou ainda mais importante de ser problematizada justamente por estar associada ao rúgbi, modalidade que tem no culto a seu mito fundador, Willian Webb Ellis, característica importante na construção de sua cultura – isto é, na organização de suas experiências e na construção de suas ações simbólicas, tomando o conceito de cultura de Geertz⁵⁷⁵.

Nesse sentido, aspectos chave da formação de uma cultura do rúgbi estão intimamente ligados às suas origens nas *public schools* inglesas e sua ênfase na ideologia do amadorismo, para a qual a figura de William Webb Ellis é fundamental em sua afirmação. Entre o mito de Webb Ellis e o mito de Miller há em comum o distanciamento de sua afirmação com os eventos aos quais se relacionam, isto é, Webb Ellis não fora tomado como “fundador” do rúgbi nos anos iniciais da modalidade, do mesmo jeito que

⁵⁷⁵ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.

Miller não fora entendido como “fundador” do rúgbi brasileiro em seus anos iniciais. O mito de Miller, por outro lado, não serve aos mesmos propósitos de Webb Ellis, mas reforça o sentimento da comunidade do rúgbi de que sua origem é a mesma do futebol e que, portanto, sua modalidade poderia ter tomado um rumo diferente daquele que efetivamente tomou.

O percurso de difusão do rúgbi primeiro dentro das Ilhas Britânicas e depois pelo mundo no final do século XIX e início do XX aponta para uma identidade imperial muito forte da modalidade⁵⁷⁶, ligado à noção de britanidade⁵⁷⁷, mas que encontra algumas notáveis exceções na França, Japão e Argentina, nações de fora do Império Britânico que incorporaram fortemente o rúgbi, em um movimento de incorporação da pedagogia vitoriana dos jogos ingleses, entendido como elementos importantes na construção imperial.

É na trajetória das famílias da elite paulista nos primeiros anos da República e na ação dos britânicos que chegavam ao país representando interesses industriais e financeiros que estão as motivações iniciais para a adoção tanto do futebol como do rúgbi. Mas, ao contrário do futebol, o rúgbi não ganhou projeção junto das classes trabalhadoras e não foi incorporado por clubes sociais influentes dentro da elite paulistana. O processo de teatralização do futebol por clubes influentes (CAP, SPAC, SCG) visto nos primeiros anos do século XX não foi acompanhado pelo rúgbi antes da Primeira Guerra Mundial.

Como esperado, a Grande Guerra teve seus reflexos no rúgbi e os anos seguintes ao conflito foram de expansão da modalidade dentro do sistema educacional britânico e de projeção do rúgbi dentro dos Jogos Olímpicos, ainda que brevemente. Com os anos 20, as disputas pelo profissionalismo dentro do futebol e os debates acerca dos rumos do Movimento Olímpico não ecoaram imediatamente no rúgbi brasileiro, sendo sentidos apenas a partir de 1925 em São Paulo.

O período entre 1925 e 1930 marcou uma maior continuidade e novas perspectivas para o desenvolvimento da modalidade, sendo introduzida em clubes como o CAP e a AAP, aproximando-se dos núcleos de poder e servindo, dentro de disputas de um campo esportivo que incendiava diante da pressão pelo profissionalismo, como representação

⁵⁷⁶ COLLINS, Tony. *A Social History of English Rugby*. London: Routledge, 2009, pp. 166-74.

⁵⁷⁷ *Britishness*. Ver: HOLT, Richard. *Sport and the British: a modern history*. Oxford: Clarendon Press, 1992, pp. 262-79.

dos ideias do amadorismo, caros a uma elite que também se deparava com disputas importantes no campo político, na tentativa de manutenção das estruturas de poder da Primeira República. Por um breve momento, o rúgbi se mostrou uma modalidade sedutora para setores (timidamente, é verdade) da elite paulista que não eram de origem britânica, que foram entendidos dentro de um contexto maior de disputas dentro do campo esportivo e do campo político. O fim do futebol no CAP nos anos 30, a crise econômica e as mudanças no cenário político nacional embalsamaram o fim do rúgbi nos clubes sociais e sua volta à condição de modalidade da comunidade britânica.

Tal movimento de rejeição, adoção e rejeição do rúgbi pode ainda ser analisado pelo aspecto de suas práticas e representações. Para isso, tanto a análise dos discursos sobre o rúgbi – focados nos discursos da imprensa, mais acessíveis como fontes – como pelos debates internos da própria modalidade. A problematização da imagem de jogo violento – e a flutuação da natureza dos discursos sobre o tema – foi uma primeira e óbvia questão analisada, sobre a qual incidiram muito, mas as visões externas à comunidade de praticantes. Em uma sociedade que relia seu entendimento das expressões corporais, o extremado contato físico do rúgbi pode ser entendido como uma barreira, ainda que não determinante – afastando aqui uma visão determinista sobre as possíveis causas do baixo apelo do rúgbi.

Adiante, a discussão sobre o espetáculo esportivo – e a abordagem interna da modalidade sobre a relação de suas regras com a experiência do jogador e do espectador – e o amadorismo se apresentaram como mecanismos de refreamento da popularização do rúgbi, na medida em que a estética do jogo orientava-se, acima de tudo, em favor do jogador e muito pouco em favor do espectador, retomando as reflexões de Dunning e Sheard sobre o tema. A popularização do futebol pelo mundo contrasta com a menor difusão do rúgbi e tal diferença precisa ser entendida não pela chave da naturalização de uma suposta superioridade estética do futebol, mas pelas disputas ocorridas desde o contexto britânico em meio ao debate de profissionalização das duas modalidades, como defende Tony Collins⁵⁷⁸.

Nesse caso, o “muito britânico” e “muito amador” rúgbi oferecia pouco em favor da cultura de espetáculo desejada por forças importantes do campo esportivo paulistano da Primeira República, causava maior aversão dentro dos debates públicos sobre

⁵⁷⁸ COLLINS, Tony. *Sport in Capitalist Society*. London: Routledge, 2013.

atividade física e saúde e mantinha-se pouco acessível para ser desfrutado pelas camadas populares. Ademais, o rúgbi ainda não tinha por trás consideráveis forças externas que desejassem sua difusão ampla pelo mundo – ou melhor, para fora do Império Britânico, exemplificado pelo desinteresse pelo Movimento Olímpico, e pela ausência de uma federação internacional com um projeto globalizante para a modalidade.

Alguns temas possíveis, no entanto, passaram sem ser analisados atentamente. Um deles, como era esperável, foi a não identificação de menções à prática do rúgbi entre as mulheres, em um momento em que a prática do futebol feminino era repreendida e no qual o futebol permanecia um espaço majoritariamente masculino⁵⁷⁹. Da mesma forma, a problematização da participação de atletas negros no rúgbi não foi trazida ao debate, uma vez que as fontes quando trazidas à crítica não ofereceram elementos suficientes para tal abordagem, ainda que a mesma discussão para o período seja rica quando feita sobre outras modalidades esportivas – notadamente o futebol.

Outro tema que poderia ter sido mais explorado seriam possíveis formas “bricoladas” da prática do rúgbi, isto é, as alternativas de práticas análogas ao rúgbi que fugissem ao seu formato regulado pelas federações e que se apresentassem como versões locais recreativas.

Longe de se ter uma explicação fechada para a tímida difusão do rúgbi no Brasil, esta análise buscou, a partir do estudo específico do rúgbi em São Paulo, dar maior solidez na composição de um conjunto de elementos que possam contribuir à reflexão sobre a questão da rejeição ao rúgbi e da adoção ampla do futebol, seja trabalhando os efeitos da agência e de interesses individuais no processo, seja contemplando um quadro mais amplo de forças macro históricas e de elementos de ordem representacional.

O estudo do rúgbi em diálogo com os trabalhos sobre o futebol pode oferecer visões mais completas sobre temas importantes para uma história social do esporte, na medida em que o desafio de se criar narrativas analíticas sobre o esporte, em relação direta com as transformações na sociedade, passa também por ampliar o leque das abordagens⁵⁸⁰.

⁵⁷⁹ GOELLNER, S. V. “Mulheres e futebol no Brasil: entre sombra e visibilidades”. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. Vol. 19, nº 2, 2005, p. 147.

⁵⁸⁰ HOLT, Richard. “Historians and the History of Sport”. In: *Sport in History*. Vol 34, nº 1, 2014, p. 26.

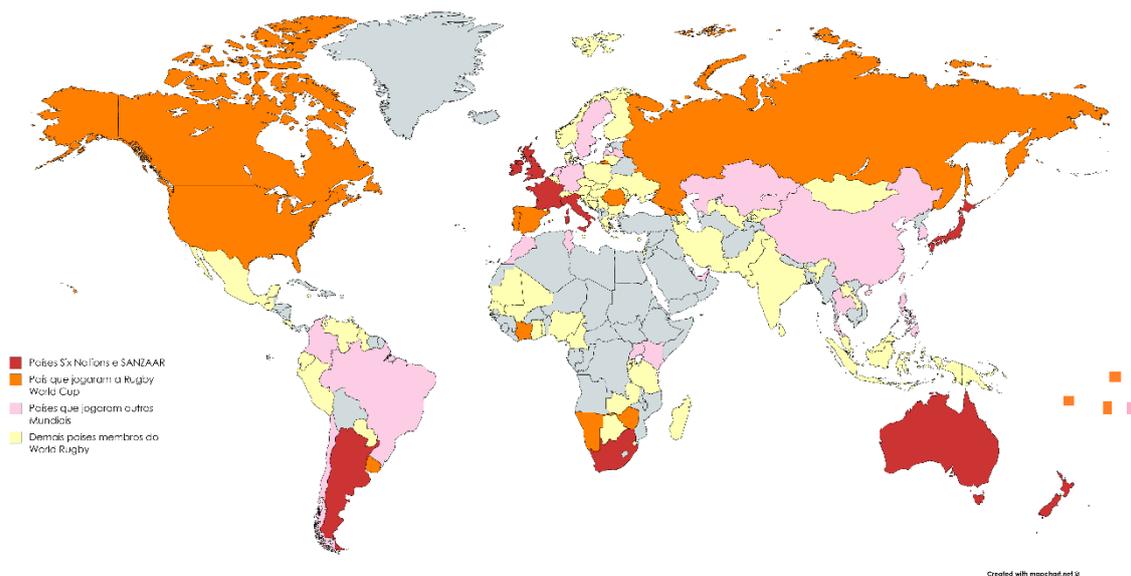
Sem entrar em detalhes sobre a história posterior do rúgbi, é importante ressaltar no encerramento deste trabalho que a modalidade manteve seu veto ao profissionalismo até o ano de 1995, quando ocorreu a terceira edição de sua Copa do Mundo⁵⁸¹. A competição foi realizada entre maio e junho na África do Sul, que acabava de sair do regime autoritário de segregação racial do *apartheid* e recebeu grande atenção internacionalmente pelo que significava. Em 26 de agosto, a federação internacional declarou o rúgbi uma modalidade aberta ao profissionalismo, justamente 100 anos após o cisma que levou à criação do *Rugby League* profissional. O *Rugby Union* (chamado ao longo deste trabalho apenas de “rúgbi”) e o *Rugby League* são hoje modalidades esportivas distintas e uma reaproximação não parece próxima.

Em 2016, o rúgbi retornou aos Jogos Olímpicos, com a disputa do *seven-a-side* no Rio de Janeiro⁵⁸². No início de 2017, o *World Rugby* (a federação internacional) contava com 121 países membros.

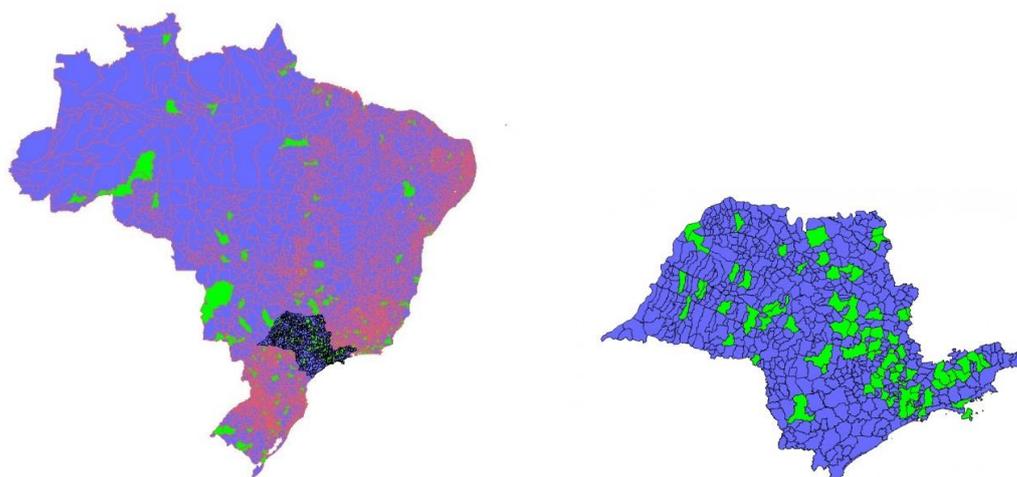
Uma modalidade esportiva hoje cada vez mais global como o rúgbi, cuja história, desde o século XIX, tem relações diretas com temas caros ao olimpismo, ao futebol ou a outras modalidades, apresenta-se como um campo rico de análises, de grande utilidade para pesquisadores que se voltam às práticas esportivas.

⁵⁸¹ A Copa do Mundo de Rúgbi (*Rugby World Cup*), competição masculina para o rúgbi de 15 jogadores, foi iniciada em 1987, resultado de um longo processo de negociação para a criação de uma competição do gênero, em um momento que o rúgbi ainda proibia o profissionalismo. A Copa do Mundo Feminina nasceu em 1991, mas sem o apoio do *International Rugby Board* (atual *World Rugby*), sendo que apenas em 1995, com a liberação do profissionalismo, a Copa do Mundo Feminino passou a ser organizada pela federação internacional, com a modalidade feminina entrando para a agenda da entidade. Em 1993, foi criada a Copa do Mundo de Rugby Sevens (*Rugby World Cup Sevens*), para a modalidade de sete jogadores, que somente em 2009 passou a contar com sua correspondente feminina.

⁵⁸² O *Seven-a-side*, ou *Rugby Sevens*, é a versão reduzida do rúgbi, disputada por duas equipes com 7 jogadores cada, em 2 tempos com 7 minutos. Pelo tempo reduzido, é costumeiro que o *Sevens* seja praticado ao longo de torneios que durem entre um e três dias (frequentemente dois dias, um final de semana), com a participação de várias equipes, permitindo a realização de mais de uma partida por equipe por dia. O *Sevens* foi inicialmente desenvolvido na Escócia, com sua criação atribuída ao *Melrose Rugby Football Club*, em 1883, e até hoje sua prática não ocorre de forma separada do rúgbi de 15 jogadores, pois os mesmos clubes e jogadores praticam as duas versões. Apenas com a profissionalização do rúgbi o fenômeno da especialização de jogadores e equipes para o *Seven-a-side* passou a ocorrer. O *Sevens* não foi comentado ao longo deste trabalho pela ausência de referência à realização de jogos da versão. Atualmente, o *World Rugby* regula em seu *Laws of Rugby*, além do rúgbi de 15 jogador e do *Sevens*, o *Tens* (*Ten-a-side*), isto é, o rúgbi de 10 jogadores, menos praticado, o rúgbi de areia (*Beach Rugby*), e as versões de contato físico reduzido, o *Touch Rugby* e o *Tag Rugby*.



Mapa 1 - Mapa mostrando a atual relação de forças no rúgbi mundial - Produção própria⁵⁸³



Mapa 2 - Dispersão do rúgbi no Brasil e em São Paulo - Autor: Gerson de Freitas⁵⁸⁴

⁵⁸³ O mapa mostra em vermelho os países integrantes do atual *Six Nations Championship* (França, Inglaterra, Gales, Irlanda, Escócia e Itália) e os países que participam das competições da SANZAAR (organização privada que rege as competições profissionais *The Rugby Championship*, torneio entre as seleções de Nova Zelândia, Austrália, África do Sul, desde 1996, e Argentina, desde 2012, e *Super Rugby*, liga com franquias dos quatro países e Japão); em laranja, os países que já jogaram a Copa do Mundo de Rúgbi (masculino); em rosa, os países que jogaram outros Mundiais adultos (Copa do Mundo Feminina e Copa do Mundo de *Sevens*) ou o rúgbi dos Jogos Olímpicos, mas não jogaram a Copa do Mundo masculina de rúgbi de 15 jogadores; e em amarelo os demais países membros do *World Rugby* (em janeiro de 2017).

⁵⁸⁴ O rúgbi está presente hoje em todos os estados brasileiros. Em 2015, a Confederação Brasileira de Rugby registrava 273 clubes em seu cadastro nacional. Concentração maior no estado de São Paulo. Dado: Cadastro Nacional de Rugby – 2015.

6. Referências Bibliográficas

- 1899-1999. *100 Años. Unión Argentina de Rugby*. Buenos Aires: Manrique Zago Ediciones, 1999.
- ABREU, Marcelo de Paiva. "British Business in Brazil: Maturity and Demise (1850-1950)". Rio de Janeiro: Revista Brasileira Economia, vol.54, n.4, 2000.
- AGOSTINO, G., *Vencer ou morrer. Futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro, Faperj/Mauad, 2002.
- AGUIAR, Rodrigo. *Os brutos também jogam*. Salvador: URBA, 2011.
- ALABARCES, Pablo . DI GIANO, Roberto Di Giano. FRYDENBERG, Julio. *Deporte y sociedad*. Buenos Aires: Eudeba,1998.
- ALABARCES, Pablo. "Fútbol, leonas, rugbiers y pátria: El nacionalismo deportivo y las mercancías". In: Revista Nueva Sociedad. Nº 248. Barcelona: Ofers Internacionals, 2013.
- ANTUNES, Fátima. *Futebol de Fábrica em São Paulo*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH-USP, 1992.
- ARCHETTI, Eduardo. P. *Transforming Argentina: Sport, Modernity and National Building in the Periphery*. Revista Antropolítica: Antropolítica : Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência. Niterói : EdUFF, 1995.
- ARCHETTI, Eduardo P. *Masculinities. Football, polo and the tango in Argentina*. Oxford: Berg Publishers, 1999.
- ARNAUD, Pierre. *Les origines du sport ouvrier em Europe*. Paris: Harmattan, 1994.
- BALE, John. *Sports Geography*. Londres: Routledge, 2003.
- BATH, Richard. *The Complete Book of Rugby*. London: Seven Oaks Ltd, 1997.
- BEZERRA, Maria Cristina Caminha. *Britânicos e alemães em Niterói: um estudo em migração urbana*. Tese de doutorado. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2015.
- BIRLEY, Derek. *Social History of English Cricket*. London: Aurum Press, 2003.
- BODIS, Jean-Pierre. *Le Rugby en France*. Paris: Bibliotheque Historique Privat, 1987.
- BODIS, Jean-Pierre. *Histoire mondiale du rugby*. Toulouse: Bibliothèque. Historique Privat, 1987.

- BLACK David R. NAURIGHT. *Rugby and the South African Nation*. New York: Manchester University Press, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983.
- _____. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk. 2007.
- _____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- _____. “Sport and Social Class”. In: *Social Science Information*, nº 17, 1978.
- BROMBERGER, Christian. *Le match de football: ethnologie d’une passion partisane à Marseille, Naples et Turin*. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l’Homme, 1995.
- BROWN, Matthew; LANCI, Glória. “Football and Urban Expansion in São Paulo, Brazil, 1880-1920”. In: *Sport in History*. Vol. 36. London: Taylor & Francis, 2016.
- BROWN, Shane. *Different from the others: A Comparative Analysis of Representations of Male Queerness and Male - Male Intimacy in the Films of Europe and America, 1912 - 1934*. Tese de Doutorado. University of East Anglia, 2014.
- BUCHANAN, Ian. “Rugby Football at the Olympic Games”. In: *Journal of Olympic History*, 1997.
- BURKE, Peter. *O que é história cultural?*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro (1894-1933)*. São Paulo: Ed. IBRASA, 1990.
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida. “Arquivos pessoais são arquivos”. In: *Revista do Arquivo Público Mineiro*, volume 45, número 2. Belo Horizonte: Arquivo Público Mineiro, 2009.
- CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria L. *O Bravo Matutino*. São Paulo: Editora Alfa-Romeu, 1980.
- CAPELATO, Maria Helena; MOTA, Carlos Guilherme. *História da Folha de S.Paulo: 1921-1981*. São Paulo: Impres, 1981.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CENAMO, Gabriel. *História do Rugby*. Trabalho de Conclusão de Curso. São Paulo: EEFÉ/USP, 2010.

- CENTRO BRASILEIRO BRITÂNICO. *Os Britânicos no Brasil. The British in Brazil*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa de São Paulo, 2001.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, Ed. Bertrand Brasil, 1990.
- CHARTIER, Roger. “O Mundo como Representação”. *Revista de Estudos Avançados*, vol. 5, nº 11, 1991.
- CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011.
- COAKLEY, J. J. *Sports in Society. Issues and Controversies*. McGraw-Hill, 2009.
- COAKLEY, J. J. DUNNING, Eric. *Handbook of sports studies*. New York: SAGE, 2000.
- COLLINS, Tony. “English Rugby Union and the First World War” In: *The Historical Journal*, 45(4). Cambridge: Cambridge University Press, 2002,
- _____. “History, Theory and the ‘Civilizing Process’”. In: *Sport in History*. Vol. 25, nº 2. London: Routledge, Agosto/2005
- _____. *Rugby League in Twentieth Century Britain*. London: Routledge, 2006.
- _____. *Rugby’s Great Split: Class, Culture and the Origins of Rugby League*. London: Routledge, 2006
- _____. *A Social History of English Rugby*. London: Routledge, 2009.
- _____. *Sport in Capitalist Society*. London: Routledge, 2013.
- _____. *The Oval World. A Global History of Rugby*. London: Bloomsbury, 2015.
- COSTA, Wilma Peres; LORENZO, Helena Carvalho de (org.). *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: Editora UNESP, 1997.
- COUBERTIN, Pierre de. L’Education Anglaise. *La Réforme Sociale*, 13: 632-652, 1887;
- _____. *L’Education en Angleterre: collèges et universités*. Paris: Hachette, 1888;
- _____. *L’Education Anglaise en France*. Paris: Hachette, 1889.
- DA MATTA, R. *Universo do futebol. Esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982.

DA MATTA, Roberto. "Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro". *Revista USP. Dossiê Futebol*, 22, São Paulo, 1994.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Hucitec: Anpocs, 2007.

DA SILVA, Francisco Carlos Teixeira; DOS SANTOS, Ricardo Pinto. *Memória social dos esportes. Futebol e política: a construção de uma identidade*.

DELANEY, Tim. MADIGAN, Tim. *The Sociology of Sports: An Introduction*. Jefferson, NC: McFarland & Company, Inc. Publishers, 2009.

DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de (org). *História do Esporte no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

DIETSCHY, Paul. *Histoire du Football*. Paris: Éditions Perrin, 2010.

DINE, Philip. *French Rugby Football: A Cultural History*. Oxford: Berg, 2001.

Dossiê futebol. Revista de História da USP. São Paulo: Editora USP, 1994.

DRUMMOND, Maurício; SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia (orgs.). *1922. Celebrações esportivas do Centenário*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

DRUMMOND, Maurício; MELO, Victor Andrade de; SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; "Celebrando a Nação nos Gramados: o Campeonato Sul-Americano de Futebol de 1922". In: *História: Questões & Debates*, n. 57. Curitiba: UFPR, p. 151-174, 2012.

DRUMMOND, Maurício. *Estado Novo e Esporte: a política e o esporte em Getúlio Vargas e Oliveira Salazar (1930-1945)*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

DUNNING, Eric. MALCOLM, Dominic. *Sport: The development of sport*. London: Routledge, 2003.

_____. *Barbarians, Gentlemen and Players. A sociological study of development of rugby football*. 2ª edição. London: Routledge, 2005.

ELIAS, Nobert e DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1991.

ESCOT, Richard, RIVIÈRE, Jacques. *Um siècle de Rugby*. Paris: Chalman-Lévy, 1997.

FADDA, Pierluigi. RAVAGNANI, Luciano. *Rugby. Storia del rugby dalle origini ad oggi*. Roma: SEP, 2004.

- FAORO, Raimundo. *Os donos do poder*. Porto Alegre: Editora Globo, 1958,
- FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: historiografia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- FERNÁNDEZ, Renato Lanna. *O Jogo da Distinção: C.A. Paulistano e Fluminense F.C. - Um estudo da construção das identidades clubísticas durante a fase amadora do futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro (1901 – 1933)*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2016.
- FERRARO, A. R. “História quantitativa da alfabetização no Brasil”. In: RIBEIRO, V.M. (org.) *Letramento no Brasil: Reflexões a partir do INAF 2001*. 1ed. São Paulo: Global, 2003.
- FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano – O tempo do Liberalismo Excludente: Da proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mocambos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.
- FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.
- FRITSCH, Winston. *External Constraints on Economic Policy in Brazil, 1889–1930*. London: Palgrave Macmillan, 1988.
- FIGUEIREDO, A; FONSECA, L; FONSECA, M; NOBILING, H; GAMBETA, W. (org). *Primeiros passes. Documentos para a História do Futebol em São Paulo (1897-1918)*. Edições Ludens: 2014.
- FORTES, Rafael; MELO, Victor Andrade de; SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; TOLEDO, Luiz Henrique de. *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2012.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FYDENBERG, Julio David. *Prácticas y valores em el proceso de popularización del fútbol. Buenos Aires 1900-1910*. Buenos Aires: *Entrepasados*, 1997. Año VI, Nº 12.
- GAMBETA, Wilson Roberto. *A bola rolou. O Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol. 1895 – 1916*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014.
- _____ (org.). *Primeiros passes: documentos para a história do futebol em São Paulo (1897-1918)*. São Paulo: Edições LUDENS, 2014.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.

GHOSH-SCHELLHORN, Martina; MARTI, Roland. *Playing by the Rules of the Game*. Berlin, LIT Verlag, 2008.

GIGLIO, Sérgio Settani. COI X FIFA: a história política do futebol nos Jogos Olímpicos. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013.

GLEAVES, John; LLEWELLYN, Matthew P. “Ethics, Nationalism, and the Imagined Community: The Case Against Inter-National Sport”. *The Journal of the Philosophy of Sport*, (Vol 41, No 1), 2014.

GODWIN, Terry. RHYS, Chris. *Guinness Book of Rugby Facts and Feats*. London; Guinness World Records Limited, 1981.

GOELLNER, S. V. “Mulheres e futebol no Brasil: entre sombra e visibilidades”. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. Vol. 19, nº 2, 2005.

GOLDBLATT, David. *The ball is round*. London: Penguin Books, 2007.

GOMES, Angela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro, Iuperj Vertice, 1994.

GUARINELLO, Norberto. “Memória coletiva e história científica”. In: Espaço Plural, *Revista Brasileira de História*, ANPUH, 1994, volume 14, número 28.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol – dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GUEDES, Simoni Lahud. *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói: EDUFF, 1998.

GUTTMANN, Allen. *From Ritual to Record: the nature of modern sports*. New York: Columbia University Press, 1978.

HAMILTON, Aidan. *Um jogo inteiramente diferente!; Futebol: A maestria brasileira de um legado britânico*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.

HARVEY, Adrian. *Football: the first hundred years*. London: Routledge, 2005.

HELAL, Ronaldo, SOARES, Antonio Jorge e LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HOBBSAWM, Eric. *Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo* (1968) Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1979.

_____; RANGER, Terence. (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

_____. *A Era dos Extremos: o Breve Século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. *A Era dos Impérios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009

HOLLANDA, Bernardo B. B.; MELO, Victor A. *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

HOLLANDA, Bernardo B. Buarque de; MELO, Victor Andrade de; SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; TOLEDO, Luiz Henrique de. *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2012.

HOLT, Richard. "Historians and the History of Sport". In: *Sport in History*. Vol 34, nº 1, 2014.

HOLT, Richard. *Sport and the British: a modern history*. Oxford: Clarendon Press, 1992.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

IKEDA, Keiko. "Ryedo-kembo, Liberal Education and Maternal Feminism under Fascism: Women and Sport in Modern Japan". In: *International Journal the History of Sport*, vol. 27, nº 3, 201.

IORIO, Vitor; IORIO, Patrícia. *Paissandu Atlético Clube*. Rio de Janeiro: PAC, 2001.

IORIO, Patrícia e Vítor. *Rio Cricket e Associação Atlética: Mais de um século de paixão pelo esporte*. Rio de Janeiro: Independente, 2008.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. "Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro", In *Estudos históricos – Esporte e lazer*. Vol. 23. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro 1999.

KNIGHT, Alan. "Britain and Latin America, 1800-1914". In: *The Oxford History of the British Empire, Volume 3, The nineteenth century*. Oxford: Oxford Press, 1999.

LAGET, Serge. "Rugby: Olympic Tackles and Scrums" In: *Olympic Review*. International Olympic Committee, 1991.

- LEUDET, Maurice (org.). *L'Almanach des sports*, 1901. Paris: Soc. d'Éditions Littéraires et Artistiques, 1901.
- LEVI, Darrelln E. *A Família Prado*. São Paulo. Cultura 70 – Livraria e editora AS. 1977.
- LORENZO, Helena. COSTA, Wilma (orgs). A década de 20 e as origens do Brasil moderno. São Paulo, UNESP/FAPESP, 1997.
- LOVISARO, Martha e NEVES, Licy Consuelo Neves (org). *Futebol e sociedade um olhar transdisciplinar*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2005.
- LUCA, Tânia Regina. “A história dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. 2º Ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- LUCENA, Ricardo de Figueiredo, *O esporte na cidade: Aspectos do esforço civilizador brasileiro*, Campinas, SP: Autores Associados, chancela editorial CBCE, 2001.
- MACHADO, Giancarlo M. C. *De “carrinho” pela cidade: A prática do street skate em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, 2011.
- MACRORY, Jennifer. *Running with the ball: birth of Rugby Football*. London: HarperCollinsWillow, 1991.
- MAJUMDAR, Boria; MANGAN, J. A. *Sport in South Asian Society*. London, Routledge, 2005.
- MARQUESE, Rafael de Bivar. “O Vale do Paraíba cafeeiro e o regime visual da segunda escravidão: o caso da fazenda Resgate”. In: *Anais do Museu Paulista. História e Cultura Material*. vol.18 no.1 São Paulo, Janeiro/Junho, 2010.
- MASCARENHAS, Gilmar. *Entradas e Bandeiras: a conquistado do Brasil pelo futebol*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2014.
- MASON, Tony (ed.). *Sport in Britain, a social history*,. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- MAZZONI, Tomás. *História do Futebol no Brasil*. Edições Leia, 1950.
- McDOWALL, Duncan. *The Light. Brazilian Traction Light and Power Co Ltd.1899-1945*. Toronto: University of Toronto Press, 1988.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; WITTER, José Sebastião. *Futebol e cultura: coletânea de estudos*. Imprensa Oficial, Arquivo do Estado, 1982.

MELO, Victor Andrade de. *História da educação física e do esporte no Brasil: panorama e perspectivas*. São Paulo: IBRASA, 1999.

_____. *Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2001.

_____. *Dicionário do esporte no Brasil: do século XIX ao início do século XX*. Campinas, SP: Autores Associados; Rio de Janeiro, 2007 (coleção educação física e esportes).

MERKEL, Udo. “The hidden social and political history of the German football association (DFB), 1900–50”. In: *Soccer and Society*. London: Routledge, 2000.

MILLS, John Robert. *Charles Miller o pai do futebol brasileiro*. São Paulo: Panda Books, 2005.

_____. *Charles William Miller, Memoriam SPAC*. São Paulo: Price Waterhouse, 1994.

MORENO, Tomás. SOUZA, Paulo Henrique Xavier de. *O rugby catarinense e sua trajetória*. Florianópolis, 2011.

MORGAN, Kenneth (ed). *The Oxford History of Britain*. London: Oxford Press, 2001.

NETO-WACKER, Márcia de Franceschi. *A participação do Brasil no movimento Olímpico Internacional*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho, 1999.

NICOLINI, Henrique. *Tietê, o Rio dos Esportes*. São Paulo: Phorte Editora, 2001.

NOGUEIRA, Cláudio. *Futebol Brasil memória; De Oscar Cox a Leônidas da Silva (1897 – 1937)*. Rio de Janeiro: Ed. Senac Rio, 2006.

ODALIA Nilo; CALDEIRA, João Ricardo de Castro (orgs). *História do Estado de São Paulo. A Formação da Unidade Paulista. Vol 2. República*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

OLIVEIRA, Eduardo A. *Orígenes de los deportes británicos en el Río de la Plata*. Buenos Aires: Talleres Gráficos Argentinos, 1932.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footbalmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902 –1938)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PERICÁS, Luiz Bernardo; SECCO, Lincoln (orgs.). *Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados*. São Paulo: Boitempo, 2014.

- PAMPLONA, Marco A. *Revoltas, repúblicas e cidadania: Nova York e Rio de Janeiro na consolidação da ordem republicana*. Rio de Janeiro, Record, 2003.
- LANNA, A; LIRA, J; PEIXOTO, F; SAMPAIO, R. A. (orgs). *São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades*. São Paulo: Alameda, 2011.
- POCIELLO, Christian. *Le rugby*. Paris: Presses Universitaires de France, 1988.
- PORTA, Paula (org). *História de São Paulo. A cidade na primeira metade do século XX: 1890-1954*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- QUEIROZ, Maria I. P. V. “O coronelismo numa interpretação sociológica”. In: FAUSTO, Boris (org.). *História geral da civilização brasileira*. v. 8, t. 3. São Paulo: Difel, 1985.
- QUEIROZ, Luiz R. S. e FAGUNDES JÚNIOR, Carlos E. U. *Álbum de família: Souza Queiroz*. São Paulo: ABSQPIJ, 2007.
- RÉTHACKER, J.-P. e THIBERT, J. *La fabuleuse histoire du Football*. Paris, Nathan, 1990.
- RIBEIRO, André. *Os donos do espetáculo*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.
- RIBEIRO, Rubens. *O Caminho da Bola. 100 anos de História da FPF: 1902-1952*. São Paulo: CNR, 2000.
- RICHARDS, Huw. *A game for hooligans. The History of Rugby Union*. London: Mainstream Publishing, 2007.
- ROCHA, Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto. *A outra razão: os presidentes de futebol entre práticas e representações*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense, 2013.
- RODRIGUES FILHO, M. *O negro no futebol brasileiro*. Petrópolis, Ed. Fumo, 1994.
- ROSENFELD, Anatol. *Negro, Macumba e Futebol*. S. Paulo: Perspectiva, 1993.
- RÚBIO, Kátia. “Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização”. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 55-68, 2010a.
- RÚBIO, Kátia. *Atletas Olímpicos Brasileiros*. São Paulo: SESI Editora, 2015.
- RUSSELL, Dave. *Football and the English: A social history of Association Football in England, 1863-1915*. Preston: Carnegie Publishing, 1997.

- RYAN, Greg (ed). *Tackling Rugby Myths. Rugby and New Zealand Society (1854-2004)*. Dunedin: University of Otago Press, 2005.
- SALUN, Alfredo Oscar. *Palestra Itália e Corinthians: Quinta coluna ou tudo buona gente?*. São Paulo: Tese de Doutorado USP. 2007.
- SANDER, Roberto. *Sul-americano de 1919. Quando o Brasil descobriu o futebol*. Rio de Janeiro: Maquinaria, 2009.
- SANDS, Robert R. *Anthropology, Sport, and Culture*. South Hadley, MA: Bergin and Garvey, 1999.
- SANTOS, Joel Rufino. *História política do futebol brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- SANTOS NETO, José Moraes. *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- SEABRA, Odette. *Futebol: do ócio ao negócio*. In: DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira; MARTINS, Maria de Fátima Almeida; MARTINS, Sérgio, (org). *Infâncias na metrópole*. Belo Horizonte : Editora UFMG, 2008.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República* 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras 2003.
- _____. *Orfeu estático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo, Cia das Letras, 1992.
- _____ (Org.). *História da Vida Privada no Brasil: da Belle époque à era do rádio*. 3 ed. São Paulo: Comapnhia das Letras, 1998.
- SILVA,Francisco Carlos Teixeira. SANTOS, Ricardo pinto (Orgs). *Memória Social dos Esportes. Futebol e Política: A construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Ed. Mauad. 2006.
- SINGER, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo: Nacional, 1977.
- SOUZA, Denaldo Alchorne de. *O Brasil entra em campo. Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)*. São Paulo: Annablume, 2008.
- SOUZA, J. *Futebol-Arte. A cultura e o jeito brasileiro de jogar*. São Paulo, Empresa das Artes, 1998.

- SPIRING, P. R (org). *Rugby Football during the Nineteenth Century*. London: MX Publishing, 2010.
- TESCHE, L. *Turnen: transformações de uma cultura corporal europeia na América*. Ijuí: Unijuí, 2011.
- TITLEY, U. A; MCWHIRTER, A. R. *Centenary History of the Rugby Football Union*. London: Redwood Press, 1970.
- TOMLINSON, Alan. *Sport and Leisure Cultures*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2005.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. *Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira (1982-2002)*. In: *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*. São Paulo, 2001.
- _____. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.
- TOMLINSON, A; CHRISTOPHER, Y. *German football. History, culture and Society*. London: Routledge, 2006.
- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Coordenadoria de comunicação social. *Dossiê futebol*. São Paulo: Editora USP, 1994 (Revista USP).
- VASCONCELLOS, D. W. *Esporte, poder e relações internacionais*. Brasília. Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.
- VIGARELLO, Georges. *Une histoire culturelle du Sport. Techniques d'hier e d'aujourd'hui*. Paris: Lafond, 1988.
- VIGARELLO, G. Georges. *Du jeu ancien au show sportif*. Paris: Seuil, 2002.
- WAHL, A. *La balle au pied. Histoire du football*. Paris, Gallimard, 1990.
- WAKEFIELD, W. W. *Rugger - The History, Theory and Practice of Rugby Football*. London: Hesperides Press, 2016.
- WATTERSON, John. "The Gridiron crisis of 1905: Was it really a crisis?". In: *Journal of Sport History*, vol. 27, nº 2, summer 2000.
- WEBER, E. *Sports Athleticos*. Paris: H. Garnier, 1905.
- WISNIK, José Miguel. *Veneno Remédio. O futebol e o Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

Fontes

- Acervo privado de documentos que pertenciam a Leon William Rheims, ex presidente da *Associação Brasileira de Rugby* – disponível no LUDENS-USP;
- Arquivo do *Club Atlético Paulistano*;
- Arquivo do *São Paulo Athletic Club*;
- Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional;

Periódicos para o período 1891-1933:

A Federação

A Gazeta

A Imprensa

Anglo-Brazilian Chronicle

A República

Boletim do Club Atlético Paulistano

Brazil Herald Sunday

Correio da Manhã

Correio Paulistano

Diário da Manhã

Diário de Notícias

Diário Nacional

Folha de S. Paulo

Gazeta de Notícias

Gazeta dos Sports

Jornal do Brasil

Jornal dos Sports

O Estado de São Paulo

O Malho

O Paiz

Revista da Semana

Revista Fon-Fon

The Rio News

Times of Brazil

Periódicos posteriores

Revista ESPN (2010)

Rugby – Jornal da Associação Brasileira de Rugby (1982 a 1985)